

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

PLUTARCO

VIDAS PARALELAS

ALEXANDRE
E CÉSAR

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO
MARIA DE FÁTIMA SILVA & JOSÉ LUÍS BRANDÃO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Apresentação: Esta série procura apresentar em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caracterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão académica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

Breve nota curricular sobre os autores da tradução

Maria de Fátima Sousa e Silva é Professora Catedrática no Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra. A sua tese de doutoramento teve por tema *Crítica do Teatro na Comédia Antiga*. Desde então prosseguiu estudos nesta mesma área, vindo a publicar numerosos artigos. É também autora de traduções comentadas de nove das comédias de Aristófanes, e de um volume com a tradução das peças de Menandro e dos fragmentos mais bem conservados. Mais recentemente tem-se dedicado em particular aos estudos de receção.

José Luís Lopes Brandão, professor associado do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, dedica-se ao estudo da língua, cultura e literatura latina (epigrama, romance latino, biografia, historiografia), bem como da história de Roma. No que respeita ao teatro clássico, tem desenvolvido atividade relacionada com a tradução e produção dramática (ator, encenador e consultor) no grupo de teatro *Thiasos* e no Festival de Teatro de Tema Clássico (FESTEIA). IR do projeto BioRom: “Roma nosso lar: tradição (auto)biográfica e consolidação da(s) identidade(s)”.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

DIRETORAS PRINCIPAIS
MAIN EDITORS

Carmen Leal Soares
Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Silva
Universidade de Coimbra

Maria do Céu Fialho
Universidade de Coimbra

ASSISTENTES EDITORIAIS
EDITORIAL ASSISTANTS

Teresa Nunes
Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Adriane Duarte
Universidade de São Paulo

Frederico Lourenço
Universidade de Coimbra

Aurelio Pérez Jiménez
Universidad de Málaga

Joaquim Pinheiro
Universidade da Madeira

Graciela Zeccin
Universidade de La Plata

Lucía Rodríguez-Noriega Guillen
Universidade de Oviedo

Fernanda Brasete
Universidade de Aveiro

Jorge Deserto
Universidade do Porto

Fernando Brandão dos Santos
UNESP, Campus de Araraquara

Maria José García Soler
Universidade do País Basco

Francesc Casadesús Bordoy
Universitat de les Illes Balears

Susana Marques Pereira
Universidade de Coimbra

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

PLUTARCO

VIDAS PARALELAS

ALEXANDRE
E CÉSAR

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

MARIA DE FÁTIMA SILVA & JOSÉ LUÍS BRANDÃO

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

TÍTULO TITLE

Vidas Paralelas – Alexandre e César
Parallel Lives – Alexander and Caesar

AUTOR AUTHOR

Plutarco Plutarch

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

TRANSLATION FROM THE GREEK, INTRODUCTION AND COMMENTARY

Maria de Fátima Silva & José Luís Brandão

ORCID 0000-0001-5356-8386; 0000-0002-3383-2474

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto Contact

imprensa@uc.pt

Vendas online Online Sales

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Nelson Ferreira

Impressão e Acabamento Printed by

KDP

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-1745-9

ISBN Digital

978-989-26-1746-6

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1476-6>

FC**T**

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, DA CULTURA E DA TECNOLOGIA

POCI/2010



Obra publicada no âmbito do projeto
- UID/ELT/00196/2019.

Proj. *Rome our Home: (Auto)biographical Tradition and the Shaping of Identity(ies)*

(PTDC/LLT-OUT/28431/2017)

© Setembro 2019

Imprensa da Universidade de Coimbra

Classica Digitalia Vniversitatis

Conimbrigensis

<http://classica.digitalia.uc.pt>

Centro de Estudos Clássicos e

Humanísticos da Universidade de

Coimbra

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

PLUTARCO PLUTARCH

VIDAS PARALELAS – ALEXANDRE E CÉSAR
PARALLEL LIVES – ALEXANDER AND CAESAR

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO POR
TRANSLATION FROM THE GREEK, INTRODUCTION AND COMMENTARY BY
Maria de Fátima Silva & José Luís Brandão

FILIAÇÃO AFFILIATION

Universidade de Coimbra University of Coimbra

RESUMO

Alexandre da Macedónia merece a Plutarco a atenção devida a um génio da arte militar e da diplomacia na consolidação do poder. Num trajeto de vida que pouco ultrapassou os 30 anos, o jovem rei macedónio alterou o mapa político e cultural da época: colocou território europeu, africano e asiático sob a sua autoridade, promoveu uma globalização intercultural de modo a unificar um xadrez de povos dentro das fronteiras de um enorme império, deslocou o centro intelectual do mundo, de Atenas, para outras cidades do Oriente. Não sem que uma ambição crescente e desmesurada tivesse vindo, por fim, pôr em causa o sucesso de um projeto e a própria vida do seu autor.

Ao emparelhar César com Alexandre, Plutarco põe em relevo a fama de grande conquistador, o aspeto da personalidade que o biógrafo mais admira neste estadista romano. Mas a ambição (*philotimia*) que reiteradamente move César representa o lado negro que o conduzirá à morte, antes que ele possa colher os frutos do seu afã. Embora não transforme cabalmente César num tirano cruel (que ele não foi), esta *Vida* ilustra, contudo, uma crítica à ambição exacerbada e irracional de poder.

PALAVRAS-CHAVE

Biografia, Alexandre, César, competência militar, *philotimia*

ABSTRACT

Plutarch distinguishes Alexander king of Macedonia as a genius in military art and diplomacy to consolidate his power. During his life, just a little more than 30 years, the young king changed the political and cultural map of his time: he put a large European, African, and Asiatic space under his authority, promoted an intercultural globalisation to unify a multiplicity of peoples as a huge empire, and transferred the intellectual centre of the world from Athens to other oriental cities. But an unmeasured ambition harmed all his project and even its author's life.

By pairing Caesar with Alexander, Plutarch brings out the fame of a great conqueror, the aspect of personality that the biographer most admires in this Roman statesman. But the ambition (*philotimia*) that repeatedly moves Caesar represents the black side that will lead him to the death, before he can reap the fruits of his eagerness. Although not completely transforming Caesar into a cruel tyrant (which he was not), this *Life* illustrates, however, a criticism of the exacerbated and irrational ambition of power.

KEYWORDS

Biography, Alexander, Caesar, military competence, *philotimia*

AUTORES

Maria de Fátima Sousa e Silva é Professora Catedrática no Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra. A sua tese de doutoramento teve por tema *Crítica do Teatro na Comédia Antiga*. Desde então prosseguiu estudos nesta mesma área, vindo a publicar numerosos artigos. É também autora de traduções comentadas de nove das comédias de Aristófanes, e de um volume com a tradução das peças de Menandro e dos fragmentos mais bem conservados. Mais recentemente tem-se dedicado em particular aos estudos de receção.

<https://orcid.org/0000-0001-5356-8386>

José Luís Lopes Brandão, professor associado do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, dedica-se ao estudo da língua, cultura e literatura latina (epigrama, romance latino, biografia, historiografia), bem como da história de Roma. No que respeita ao teatro clássico, tem desenvolvido atividade relacionada com a tradução e produção dramática (ator, encenador e consultor) no grupo de teatro *Thiasos* e no Festival de Teatro de Tema Clássico (FESTEIA). IR do projeto BioRom: “Roma nosso lar: tradição (auto)biográfica e consolidação da(s) identidade(s)” (Ref.: PTDC/LLT-OUT/28431/2017): 2018-2021.

<https://orcid.org/0000-0002-3383-2474>

AUTHORS

Maria de Fátima Sousa e Silva is Full Professor in the Institute of Classical Studies at the University of Coimbra. Her PhD field of research was Ancient Greek Comedy (*Theatre criticism in Ancient Greek Comedy*). She has since been undertaking research in the same area and has published several articles. She has also published translations, with commentaries, of nine comedies by Aristophanes, and a volume with the translation of Menander’s plays and best-preserved fragments. More recently she worked in particular on the reception studies.

<https://orcid.org/0000-0001-5356-8386>

José Luís Lopes Brandão is associate professor at the Institute of Classical Studies of the Faculty of Arts and Humanities of the University of Coimbra

and researcher at the Center for Classical and Humanistic Studies. He is devoted to the study of the Latin language, culture and literature (epigraph, Roman novel, biography, historiography) as well as the history of Rome. As far as classical theatre is concerned, he has worked in the translation and dramatic production (actor, director and consultant) in the theatre group Thíasos and in the Festival of Classical Theatre (FESTEIA). PI at the project Rome our Home: (Auto)biographical Tradition and the Shaping of Identity(ies) (Ref.: PTDC/LLT-OUT/28431/2017): 2018-2021.
<https://orcid.org/0000-0002-3383-2474>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO À <i>VIDA DE ALEXANDRE</i>	13
Fontes para <i>A Vida de Alexandre</i>	13
A figura de Alexandre na <i>Vida</i> de Plutarco	14
Bibliografia	48
<i>VIDA DE ALEXANDRE</i>	51
INTRODUÇÃO À <i>VIDA DE CÉSAR</i>	173
1. Biografia de um homem de ação: entre Plutarco e Suetônio	174
2. A ambição e a consolidação do poder pessoal	181
3. A narrativa da morte: <i>ethos</i> e <i>pathos</i>	205
Bibliografia	213
<i>VIDA DE CÉSAR</i>	219
ÍNDICE DE AUTORES E PASSOS CITADOS	323
ÍNDICE TEMÁTICO	337

(Página deixada propositadamente em branco)

A VIDA DE ALEXANDRE

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

FONTES PARA A VIDA DE ALEXANDRE

São numerosas as fontes que Plutarco tinha disponíveis sobre a vida de Alexandre, abundância que criou, naturalmente, discrepâncias que foi preciso gerir.

Muitos dos historiadores da vida e campanhas de Alexandre foram também seus companheiros e testemunhas dos acontecimentos; o que não significa que as versões que produziram sejam uniformes, consensuais, igualmente credíveis ou obedecem a um mesmo grau de rigor. A elas vieram somar-se outros depoimentos, em géneros diversos, que ao longo do tempo foram enveredando por leituras mais fantasiosas, no que A. la Penna e D. Magnino¹ chamam uma progressiva ‘mitificação’ de Alexandre. Tanto mais justificada a observação de abertura (1. 1), em que o biógrafo se escusa de eliminar materiais menos oportunos de acordo com as regras do género que cultivava.

É muito visível, ao longo do texto, a insistência com que, através de um indeterminado λέγεται, ‘diz-se, conta-se, ao que consta’ (e. g., 2. 2, 37. 7, 46. 4, 48. 2, 52. 8, 59. 1), Plutarco se refere a fontes anónimas, mas decerto comuns e populares. Como não passa despercebido o número elevado de referências à correspondência do próprio Alexandre, tomada por vezes como prova da menor fidedignidade de outras fontes (e. g., 7. 6, 8. 1, 17. 8, 20. 9, 27. 8, 46. 3, 55. 6, 60. 11). Além disso, há mais de uma vintena de autores próximos do biografado que Plutarco

¹ *Plutarco. Vite Parallele. Alessandro. Cesare*, Milano, 1998, 5.

identifica: Anticlides (46. 2), Antígenes (46. 1), Aristobulo (15. 1, 16. 15, 18. 4, 21. 9, 46. 2, 75. 6), Aristóxeno (4. 4), Calístenes (27. 4, 33. 1, 10), Cares (20. 9, 24. 14, 46. 2, 54. 4, 55. 9, 70. 2), Clitarco (46. 1), Dínon (36. 4), Dúris (15. 2, 46. 2), Eratóstenes (3. 3, 31. 5), Filipe da Calcídica (46. 2), Filipe de Teângela (46. 2), Fílon (46. 2), Hecateu de Erétria (46. 2), Hegésias (3. 6), Heraclides (26. 2), Hermipo (54. 1), Istro (46. 1), Onesícrito (8. 2, 46. 1, 60. 7, 61. 1, 65. 1, 66. 3), Policlito (46. 1), Ptolemeu (9. 5, 46. 2).

Fora do círculo próximo de Alexandre, o próprio Plutarco, além da *Vida*, dedicou ao rei macedônio um tratado dos *Moralia* (327f-328a), *Sobre o destino e a excelência de Alexandre*. A cotejar com a versão de Plutarco são ainda as de Diodoro Sículo (séc. I a. C.), que se ocupou de Alexandre no Livro XVII da sua *Biblioteca Histórica*; Quinto Cúrcio Rufo (séc. I d. C.), autor de uma *História de Alexandre Magno* em dez livros, de que perdemos os dois primeiros; Justino (séc. II/III d. C.), transmissor das *Histórias de Filipe* de Pompeu Trogo; e, por fim, Arriano (séc. I d. C.), autor da *Anábase de Alexandre*, em sete livros, que é uma referência particularmente significativa.

A FIGURA DE ALEXANDRE NA *VIDA* DE PLUTARCO

De uma vida, em cujo capítulo de abertura Plutarco estabelece princípios de distinção entre historiografia e o género biográfico, nenhuma outra opção se poderia esperar que não fosse a do cumprimento das regras que estruturaram esta última. A elas se subordina também este nosso estudo introdutório.

São reconhecidas todas as omissões, desvios ou imprecisões que um historiador pode facilmente sublinhar na *Vida de*

Alexandre de Plutarco, de resto assumidos pelo próprio biógrafo grego e naturais dentro dos objetivos do género que cultiva. Não se lhe pode negar, no entanto, atrativo e uma fidelidade evidente a uma tradição de que Heródoto, o pai da História, foi o fundador: a par da narrativa dos factos, importa avaliar a tradição acerca deles. Para obter um efeito determinado – o de fazer da biografia um modelo literário que seja pedagógico e paradigmático –, Plutarco abdica de uma narrativa exaustiva, pormenorizada, ‘histórica’ em sentido moderno, para obter, como prioridade, o desenho – onde a ficção se mistura com o rigor, o idiossincrático ganha terreno ao coletivo – do carácter de um Homem.

1. *Linhagem e nascimento de Alexandre*

Na moldura que enquadra a *Vida de Alexandre* estão presentes os traços convencionais no género biográfico. Em primeiro lugar, é valorizado o ascendente mítico que, num homem predestinado para uma carreira militar de excelência e para a fundação de um império, não poderiam ser outros que não Hércules e Aquiles (2. 1). Em conformidade com o destino privilegiado que se lhe abria diante, o nascimento do futuro rei da Macedónia rodeou-se de maravilhoso; sonhos premonitórios e sinais do além (2. 3-4) sublinharam, dentro de uma tradição a que já Heródoto nos habituou, a natureza e a missão superiores do filho de Filipe e Olímpia. A efígie de um leão (2. 4-5), com que o pai anteviu a vinda de um herdeiro, não só convinha à expressão da chegada a este mundo de um homem poderoso, como antevia nele o vigor e a fúria próprios do ‘rei da selva’ (13. 2). De resto, Plutarco virá a transformar em realidade o que não passava de um presságio; era já Alexandre ‘o conquistador da Ásia’ quando, para manter a vitalidade – isto é, para preservar a sua *physis* superior perante a ameaça corruptora do luxo bárbaro

-, travou, numa caçada, um combate com um leão enorme; de uma testemunha que presenciou a luta escapou o comentário (40. 4): ‘Bela luta, Alexandre, a que travaste com esse leão para decidir quem é o rei’. O simbolismo deste episódio, uma espécie de consagração de Alexandre, ganha foros de eternidade quando tem registo em Delfos, numa representação em bronze dedicada a Apolo (40. 5).

Se esta imagem do ‘Alexandre em luta com um leão’ remete para um dos seus ascendentes, Hércules², Aquiles foi também uma marca genética que o acompanhou ao longo da vida. Os seus primeiros passos na Ásia, no início de um percurso que o conduziria à consagração, colocaram-no junto ao túmulo do Pelida, em Ílion (15. 7-9). Esta visita tomou o sentido de uma romagem feita à memória de um paradigma venerado. Foi, portanto, um gesto voluntário que se rodeou de rituais de inspiração épica; nos jogos e sacrifícios que lá realizou, Alexandre como que encarnou o papel de Aquiles nas homenagens prestadas ao seu mais dileto companheiro, Pátroclo. Ao vigor que, de certa forma, partilhava com Hércules, o herói da Ftia associava um sentido cultural e artístico; à excelência do guerreiro, juntou a mestria do tocador de lira, a que Alexandre procurou também associar-se como garantia da perenidade da glória³.

² Uma outra intervenção simbólica aproxima Alexandre do herói da força na narrativa de Plutarco; em sonhos, numa altura em que o cerco a Tiro se prolongava já por sete meses, Hércules apareceu ao conquistador, ‘do alto das muralhas, a estender-lhe a mão e a chamá-lo’ (24. 5), na atitude atenta e estimulante de uma entidade tutelar. Por fim, igualmente significativo é que, entre os sinais que anunciaram a morte iminente do conquistador, estivesse esta evidência incontornável (73. 6): ‘Um dos leões, o maior e mais pujante da sua criação, foi atacado por um mulo e escoicinhado até à morte’.

³ No seu artigo ‘Tragedy and epic in Plutarch’s *Alexander*’, *JHS* 108, 1988, 83-95, J. M. Mossman assinala ainda alguns episódios na saga de Alexandre que podem encontrar no Aquiles homérico uma referência; assim a abordagem de Alexandre, retirado no combate e refugiado na

O mesmo ascendente que a linhagem condicionava suscitou controvérsia em relação à paternidade de Alexandre. No seu relacionamento com Olímpia, Filipe teria detestado – conta a tradição – a concorrência de um ser superior que lhe ocupou o lugar no leito conjugal (2. 6). Uma marca física – a perda que Filipe sofreu de um olho em combate – foi tomada como estigma do castigo divino contra um mortal que, impiedosamente, espiou o encontro de um deus com Olímpia; e a própria mãe, a corroborar este processo, encontrou nele argumento para incentivar o jovem Alexandre a estar à altura do seu nascimento (3. 2-3). Numa sequência coerente, o dia do nascimento desta criança predestinada foi assinalado por um prodígio, o incêndio do templo de Ártemis em Éfeso (3. 5-7), como se os deuses encontrassem nesse recurso uma forma de testemunhar a sua presença ou atenção; de uma forma mais ingênua – que a deusa, ocupada com o parto de Alexandre, se teria distraído de salvar o seu templo -, ou mais avisada – ‘que uma desgraça calamitosa para a Ásia tinha nascido naquele dia’ -, a verdade é que os homens não deixaram de registar a mensagem e de antecipar-lhe as consequências. Este era o primeiro dia de uma nova era para o mundo tal como então se conhecia.

tenda (52), pelos companheiros, que tentam demovê-lo de um afastamento depressivo, lembra naturalmente a embaixada a Aquiles no Canto IX da *Iliada*; igualmente épica é a descrição das armas de Alexandre, antes do combate decisivo em Gaugamelos (32. 8-12), com sucessivas réplicas na *Iliada*, mas com brilho particular na descrição do famoso escudo de Aquiles, do Canto XVIII; do mesmo modo que a batalha contra os Malos representa uma espécie de *aristeia* épica (63. 2-10); ou que a dor experimentada pela morte de Heféstion, um companheiro dileto, e os sacrifícios feitos em sua homenagem (72. 2-5) lembram os que Aquiles dedicou a Pátroclo (*Il.* 23. 175 sqq.). A mesma autora, ‘Plutarch, Pyrrhus and Alexander’, in Ph. Stadter (ed.), *Plutarch and the historical tradition*, London and New York, 1992, 109, acrescenta que as características em comum com Aquiles constituem o lado positivo de Alexandre, enquanto o lado trágico – diríamos nós, dionisiaco – representa a sua face negativa.

Evidente na altura da concepção de Alexandre, a questão da paternidade regressa, com uma pertinência simbólica, na fase em que a trajetória de vida do conquistador se aproximava do seu clímax. Foi desta vez Âmon, no seu oráculo líbio, que atestou a origem divina do filho de Olímpia (27. 5, 9-11); por um simples *lapsus linguae*, o profeta do santuário, à saudação amigável de *paidion*, ‘meu filho’, substituiu *paidios*, ‘filho de Zeus’; sob forma de um erro involuntário, a verdade parecia impor-se pela boca do porta-voz divino. Real ou simplesmente especulativa, esta tradição, ao que diz Plutarco, converteu-se, nas mãos de Alexandre, numa ferramenta política, que usava com perícia; diante dos bárbaros, acostumados a venerarem o seu soberano como um deus, acentuava-a; perante os Gregos, racionais e democratas no entendimento da autoridade política, omitia-a. Este talvez tenha sido o primeiro sinal que Alexandre deu de sensibilidade perante as diferenças culturais. Embora, desta manipulação da lenda que o envolvia, Plutarco conclua (28. 6) que o rei macedónio ‘não estava muito marcado nem afetado pela sua origem divina; valia-se dela, isso sim, para se impor aos outros’, uma espécie de superstição pareceu invadir a alma de Alexandre a este propósito; na hora extrema do combate em Gaugamelos, o apelo que dirige aos deuses sublinha um teste, ‘se de facto descendia de Zeus’ (33. 1), fazendo dessa tradição um amuleto.

Por fim, na vida de Alexandre, Dioniso parece ter tido, na versão de Plutarco inspirada numa opinião corrente, o papel de um *daimon*, presente mas traiçoeiro. O consumo exagerado de vinho sem mistura, que fazia parte dos hábitos macedónios, ganhou, também ele, um estatuto transcendente. No empenho de Olímpia nos ritos báquicos (2. 7-9), muito populares na Trácia e na Macedónia, parecia residir a origem dessa influência do deus sobre o destino da corte e do seu

jovem rei. Plutarco concilia este lado ‘mítico’ da interferência de Dioniso na vida de Alexandre com uma tendência natural, ou mesmo cultural, do consumo do vinho. Reconhece a verdade dessa tradição, mas procura reduzir-lhe a importância à de um simples passatempo em momentos de ócio (23. 1-2), com um forte pendor social, pelas longas conversas a que dava motivo. Sem deixar, no entanto, de reconhecer que o excesso no consumo do álcool transformava um verdadeiro príncipe num militar viciado em grosserias de caserna (23. 7). Também o vinho, à partida um hábito sem maior relevo, potenciava, em Alexandre, atitudes de excesso, com consequências no futuro. Sobre a presença de Dioniso como um *kakodaimon*, que antecede o nascimento de Alexandre e o acompanha até ao seu momento derradeiro, dão conta alguns episódios cruciais na narrativa de Plutarco.

O primeiro desses momentos ocorre no banquete que celebrava o casamento de Filipe com uma jovem esposa, Cleópatra, que trouxe ao de cima o problema da sucessão. Um brinde imprudente de Átalo, tio da noiva, para que esta nova união fosse abençoada com um filho e herdeiro do trono, estabeleceu entre o pai e o filho de Olímpia uma fratura abrupta (9. 6-11). Plutarco introduz este episódio a seguir à referência a que Alexandre tinha sido regente da Macedónia na ausência de Filipe, o que parecia fazer dele, de resto com provas já dadas das suas qualidades excepcionais, o sucessor natural de Filipe⁴. Embriagado, o pai confrontou Alexandre, irritado com Átalo, com a espada desembainhada; e a ameaça só ficou frustrada porque o mesmo vinho fez tombar o agressor. Mas a rutura

⁴ E. D. Carney, ‘The politics of polygamy: Olympias, Alexander and the murder of Philip’, *Historia* 41, 1992, 169-189, aborda a questão relevante da insegurança da sucessão numa corte poligâmica como a da Macedónia.

de Filipe com o seu sucessor estava consumada. Sublinha muito a propósito J. Beneker (2009: 194) que este momento marca também uma viragem relevante no desenvolvimento da personalidade de Alexandre; até então retratado como sobretudo precoce, sensato, racional e pronto para governar, o jovem deixa aqui entrever o seu lado negativo – o da cólera – na altura precisa em que se discute a sucessão.

Na campanha que Alexandre primeiro empreendeu contra a Grécia, o ataque a Tebas teve particular significado; serviu de certa forma de exemplo aos restantes Gregos e desenrolou-se com uma violência também paradigmática. O próprio Alexandre teve a noção (13. 3-4) da repercussão que este tratamento da cidade natal de Dioniso teve posteriormente: ‘O assassinato de Clito, que Alexandre cometeu sob o efeito do vinho, e a recusa cobarde dos Macedónios sob seu comando em o seguir no ataque aos Indus, (...) atribuiu-os à cólera e à vingança de Dioniso’.

Cumprida já uma marcha ascendente até à consumação de um primeiro objetivo militar – a vingança sobre os Persas da anterior invasão que infligiram à Grécia –, seguiu-se, na vida do conquistador, um movimento de decadência, que teve como primeiros sintomas as divergências progressivamente mais graves entre o rei e os companheiros mais próximos. É neste momento que ocorre o homicídio de Clito, um companheiro próximo a quem Alexandre, aliás, devia a vida. Plutarco deixa bem claro (50. 2) que, nesta tremenda ocorrência, não houve propósito deliberado por parte de Alexandre; como se uma mão divina dispusesse dos acontecimentos, foi a fúria provocada pela embriaguez do rei, associada à má sorte de Clito, o que justificou o crime. As precauções tomadas – pelos subordinados e amigos – só vêm acentuar a inevitabilidade do desfecho; o pior acontece, apesar de todos os esforços humanos para o evitar. O próprio desafio de Clito à fúria do rei, com uma citação

trágica, torna patente o poder do destino. A autoflagelação que Alexandre se aplicou, arrependido do seu excesso, é reveladora do sentido deste golpe; ao vitimar um companheiro, agastado com a simpatia insultuosa que o rei parecia dedicar agora ao inimigo, o soberano revelava quebra de tato político, incapacidade de consolidar um verdadeiro império pela harmonia intercultural, por efeito de uma cólera que Dioniso nele insuflava. Vários estudiosos⁵ reconheceram a simetria que este episódio apresenta com o que confrontou Alexandre com o pai, na boda; não só Alexandre atua contra o amigo como antes Filipe contra ele próprio, como deixa perceber uma outra personalidade, onde as suas tendências menos positivas se vão impondo. Para que a aproximação entre as duas cenas seja mais evidente, Plutarco faz intervir em ambas a figura ponderada de Demarato de Corinto (9. 12-14, 56. 1); este, que antes sublinhara a vantagem de Alexandre sobre dois soberanos, Filipe e Dario, deixa agora, na altura de abandonar este mundo, a ideia de que já pode morrer porque viu Alexandre cumprir a trajetória anunciada, antes de ver chegado, também ele, o fim da vida.

O vinho serve ainda para desmontar a imagem organizada e eficaz do exército de Alexandre, responsável por tantos sucessos. Na travessia da Carmânia (67), escudos, elmos e lanças são substituídos por taças, copos e vasos; neste cortejo, onde ao vinho abundante se juntaram os brados orgiásticos e os gracejos obscenos, não deixou de se perceber a profunda semelhança com o *komos* dionisíaco (67. 6): 'A acompanhar este cortejo, desorganizado e disperso, sucediam-se as piadas atrevidas, como se o próprio deus estivesse presente e conduzisse a festa'. Não é a historicidade o que conta nesta marcha, mas um claro simbolismo de decadência.

⁵ Beneker 2009: 198-200; Mossman 1988: 88.

Mais do que destruidor da disciplina e do sucesso que ela garante, o vinho tornou-se também assassino. Quando, como programa de relaxe, Alexandre organizou na Pérsia um concurso de bebida, promoveu, através dos excessos cometidos, a morte inglória de dezenas de combatentes (70. 1-2). Depois de dizimar o exército e a sua *arete*, Dioniso concentrou-se na sua última vítima, o próprio rei. Porque foi depois de uma noite de orgia que sobreveio uma febre que, em poucos dias, iria render à lei da vida o Alexandre que a história consagrou como Magno (75. 4-6).

2. Hereditariedade e caráter

‘Alexandre era de compleição quente (θερμότης τοῦ σώματος), o que fazia dele um grande bebedor (ποτικόν) e um espírito colérico (θυμοειδῆ, 4. 7)⁶. É pois sobre a harmonia psico-somática – *physis* e *ethos* em sintonia – que Plutarco estabelece os alicerces da personalidade do rei. A esta matéria prima associava-se, paradoxalmente e em equilíbrio instável, um ‘autocontrole’ (σωφροσύνη) e uma moderação (μετὰ πολλῆς πραιότητος, 4. 8), capazes de contrabalançar o que de ‘impetuoso e arrebatado’ havia no seu caráter. Todo este potencial foi posto por Alexandre ao serviço de um objetivo, ‘o desejo de glória’ (φιλοτιμία), que ‘estimulava nele uma determinação e um bom senso (τὸ φρόνημα καὶ μεγαλόψυχον) excepcionais’. Estas são características que se mantêm permanentes e decidem, para o bem e para o mal, a trajetória do rei macedónio.

O *thymos* que o caracterizava tornou-se fonte de enormes façanhas, mas potenciou também rasgos de violência, sobretudo sob o efeito do vinho (Hércules e Dioniso combinados para

⁶ Muito de acordo com o símbolo do ‘leão’ que lhe acompanhou o nascimento.

proporcionar o desastre), ganhando terreno ao seu lado σώφρων; o tempo veio a revelar, no efeito destes pressupostos contraditórios, uma progressiva degradação; situações paralelas são reveladoras do modo positivo e negativo como eles intervieram na construção de um processo de vitória, mas foram também responsáveis pela queda que inevitavelmente se lhe seguiu.

O caráter excepcional de Alexandre não é, na fase inicial, avaliado – de acordo com a convenção das *Vidas* – por contraste com os companheiros da mesma idade; desta vez é o pai que lhe serve de paralelo; o que significa que se parte de um patamar superior e se sublinha a precocidade como um primeiro sinal de génio, por confronto com um rei adulto e plenamente instalado no poder. Alexandre partilha com Filipe, como um impulso natural, a procura da ‘fama’ (δόξα, 4. 9); mas logo os opõe o grau de exigência e a definição de um ideal; ao pai parece servir ‘qualquer fama ou uma fama conseguida a qualquer preço’, que nele toma a forma de uma vanglória ligeira, afirmada por truques de retórica e por vitórias desportivas sobre quaisquer rivais; em Alexandre, junto com a depreciação dos jogos, vai uma visão mais exigente de competição com os melhores - 4. 10: ‘Só se tivesse reis por adversários’ – e a preferência por concursos no plano intelectual, de poesia e música (4. 11). Alexandre excede as expectativas, apesar de jovem, enquanto Filipe, já maduro, fracassa em as alcançar, como bem enuncia Beneker (2009: 195).

Estabelecido o princípio – duas formas diversas de encarar a fama -, Plutarco utiliza o paralelismo de situações como sua repercussão prática. Não foi só no desporto que a competição se instalou entre pai e filho, mas desde logo no exercício da função régia. No que toca à diplomacia, relações externas e projetos políticos, o ainda muito jovem Alexandre deu provas

de excelência quando, na ausência de Filipe, se encarregou da recepção a uma embaixada persa na corte macedónia (5. 1-3); além do respeito pelo protocolo, soube, dando mostras de uma maturidade precoce, conduzir as conversações com um fito claro: interessou-se por conhecer as comunicações em território asiático e a capacidade bélica do Grande Rei; surpreendidos, os emissários de Dario exprimiram a inevitável comparação em desfavor de Filipe, reconhecendo no príncipe herdeiro uma excecional determinação e capacidade (ὄρμην καὶ μεγαλοπραγμοσύνην) para grandes projetos. Nesta espécie de ensaio de governação, fica em aberto uma nova era para a Macedónia baseada em planos de longo alcance. Quanto à capacidade indispensável a objetivos tão ambiciosos - os alvos de conquista e o comando militar -, Alexandre alimentou uma concorrência espontânea com os sucessos de Filipe (5. 4-6), ansiando por que alguns desafios sobrassem desse impulso conquistador do pai, que lhe fossem legados como herança.

O episódio da domesticação do Bucéfalo (6. 1-8), o cavalo que se irá tornar o aliado inseparável e o instrumento prioritário dos êxitos do futuro conquistador, é, simbolicamente, mais um contributo para a mesma emulação entre progenitor e descendente. Onde Filipe se mostrou incapaz de levar a bom termo a rentabilização de um animal de raça superior, mas indomável (como o próprio filho), Alexandre, não só com agilidade, mas sobretudo com perspicácia e inteligência, superou uma vez mais o pai. O mesmo confronto com os mais velhos lhe acentua a *arete* de cavaleiro, que uma vida inteira de combate nunca desmentiu. Desta vez o elogio, que se assumiu como uma espécie de presságio, veio do próprio pai (6. 8) – neste caso um bom avaliador do que via: ‘Arranja um reino à tua medida. A Macedónia é pequena demais para ti’. Destas palavras de Filipe sobressaía a assunção da derrota perante um concorrente que

se afirmava superior; sentimento que condiciona a forma como o pai passa a ‘domar’ o caráter obstinado do filho, dando à persuasão vantagem sobre a repressão (7. 1); e principalmente exprime-se pelo prazer com que passou a aceitar que Alexandre fosse chamado ‘rei’ e ele mesmo ‘general’ (9. 4). Deste embrião de uma existência fica patente que, para o grande objetivo que Alexandre veio a herdar do pai de conquistar a Pérsia, o jovem ‘rei’ tinha vantagem sobre o velho ‘general’; no projeto iria investir com a força, mas também com a inteligência e mostrar-se capaz de competir com os melhores, Dario neste caso.

Apesar da aceitação que Filipe demonstrou perante a *arete* de Alexandre, nem por isso, como vimos (*vide supra*), a sucessão se processou com naturalidade e sem atritos. É o que fica patente do episódio do casamento de Filipe com Cleópatra e também, em paralelo, da possível união de Alexandre com a filha de Pixódaro, sátrapa da Cária (10. 1-3). A hipótese que Alexandre coloca de realizar este casamento em concorrência com o irmão, Arrideu, a quem a proposta tinha sido dirigida, é a negação dos seus princípios; por isso Filipe, quando lhe reprova o projeto como aquém das suas legítimas ambições, está dentro da razão (10. 3). E deixa evidente que Alexandre, se contrariado, pode ceder à perturbação (διαταραχθείς) e tornar-se irracional; momentaneamente vemo-lo baixar ao nível de Filipe, desejo de conquistar fama e poder a qualquer preço.

A fase de acesso ao poder e de ascensão à glória vai pôr à prova as características até agora definidas como congénitas ou reveladas na infância ou adolescência. O estabelecimento de uma política para o reinado de Alexandre exigiu-lhe ‘determinação e ousadia’ (τόλμα καὶ μεγαλοφροσύνη, 11.4), face à controvérsia de opiniões entre uma visão modesta e circunscrita a uma autoridade meramente local ou a maiores ambições. Foi-lhe necessária ‘autoridade’ (φρόνημα) para dar cumprimento à

profecia de Filipe: ultrapassar os limites estreitos da Macedónia.

O ataque contra Tebas, pelo relevo que tem na narrativa de Plutarco, aparece como um teste decisivo à capacidade de Alexandre e às reações do seu carácter. Nessa campanha, o Macedónio jogou com uma violência extrema (11. 11) no objetivo de desanimar o adversário e de o convencer a uma rendição espontânea (tática que mais tarde voltou a utilizar na Ásia). De facto, as muitas ‘humilhações e atos de violência’ que vitimaram Tebas não excluíram uma atitude de respeito pela excelência dos vencidos, que o episódio de Timocleia documenta (12). Esta tolerância precede aquela outra que, no clímax do seu projeto de vingança contra a Pérsia, Alexandre viria a demonstrar para com as damas da corte, a mãe, esposa e filhas de Dario; perante essas aristocratas, agora cativas, Alexandre rendeu-se à solidariedade (ἐμπαθῆς γενόμενος, 21. 2) e foi, para com elas, de uma enorme cortesia e compreensão humana (χρηστοῦ φανέντος, τὰ τῶν ἔργων ἀπήντα φιλόανθρωπα, 21. 3). Esta atitude, de que nunca abdicou enquanto as mulheres persas estiveram à sua guarda, produziu um comentário oportuno quanto à face dupla do seu comportamento (30. 6): ‘Alexandre é tão gentil (χρηστός) depois da vitória, quanto terrível (δεινός) no campo de batalha’. O autodomínio (τὸ κρατεῖν ἑαυτοῦ, 21. 7-9) que então demonstrou esteve à altura do comportamento exigível à dignidade de um rei (βασιλικώτερον)⁷. Plutarco tem aqui a oportunidade de regressar ao desenho do carácter de Alexandre, no preciso momento em que ia consumir-se o seu grande sucesso como conquistador. Uma mesma moderação preside aos seus hábitos e comportamentos quotidianos: uma

⁷ Basta lembrar a arrogância do comandante trácio contra Timocleia para perceber que esta é uma dignidade que muitas vezes falta nos vencedores. Ao mesmo tempo que se consolida a simetria entre os dois episódios.

atitude sóbria e sensata (ἐγκρατείας καὶ σωφροσύνης, 21. 11) em matéria de sexo (cf. 22), igual austeridade no que se refere à alimentação (γαστρὸς ἐγκρατέστατος, 22. 7) são orçōes com que procura superar as condicionantes próprias da natureza humana e elevar-se ao nível de exceção (22. 6). Estes são capítulos que se sucedem à vitória sobre Dario e antecedem a progressiva cedência corruptora aos hábitos asiáticos.

Se é, por um lado, no tratamento dos vencidos que a superioridade de Alexandre se revela, em oposição aos impulsos violentos de que também não é isento, o convívio com os amigos mais próximos é igualmente muito expressivo⁸. É disso exemplo o episódio que confrontou um Alexandre gravemente doente com a solidariedade de Filipe de Acarnânia, o único médico que ousou correr todos os riscos na tentativa de lhe salvar a vida. Este é um caso paradigmático de uma *philia* autêntica (19. 4), que, apesar de uma denúncia de conspiração, não abala a confiança do rei no esforço sincero de um companheiro em seu benefício. Viviam-se a fase em que Alexandre dominava por completo os amigos e em que a teia de relações em sua volta se mantinha pura e sólida. Esta foi uma cena que Plutarco quis referencial e por isso apostou no que ela possuía de ‘fantástico e teatral’ (θαυμαστήν καὶ θεατρικήν, 19. 7). As relações sólidas com os companheiros são parte da marcha ascendente do chefe; primeiro Clito salva-o no campo de batalha, depois Filipe salva-o na doença.

Mas nem a mais pura *philia* escapou ilesa à corrupção de que o poder e a riqueza tudo contaminam. A própria generosidade de

⁸ Como bem salienta T. Whitmarsh, ‘Alexander’s Hellenism and Plutarch’s textualism’, *CQ* 52. 1, 2002, 183-184, os episódios que aproximam Alexandre dos Companheiros revelam, entre um e outros, uma rede complexa de relações e diferenças que contribuem para a caracterização das suas diversas, mas interativas, personalidades.

Alexandre para com os amigos, que se foi tornando excessiva e até imprudente, no ambiente luxuoso da Ásia, contribuiu para essa degradação. Embora a magnanimidade (μεγαλοδωρότατος) pareça formar com a gentileza (φιλοφροσύνη) uma harmonia perfeita (39. 1), a verdade é que o excesso nelas aplicado transformou virtude em vício. A própria generosidade fomentou, nos que dela beneficiavam, não tanto gratidão, quanto um orgulho tremendo e perigoso (39. 7-8). No papel de conselheiro sensato junto de um soberano poderoso – de que a historiografia de Heródoto consagrou o modelo –, Olímpia, entre outras vozes autorizadas, multiplicou-se em advertências, que não colheram a atenção do rei. Com a concordância passiva de Alexandre, sinais evidentes do efeito pernicioso desta generosidade foram crescendo, no quadro de um regime de vida faustoso que substituiu a austeridade da primeira fase de conquista (40). As admoestações do rei foram feitas ‘em tom gentil e razoável’ (πράως καὶ φιλοσόφως, 40. 2), acompanhadas do exemplo que continuava, cada vez mais isolado, a praticar. Não sem que indícios evidentes de descontrole e perda de autoridade se fizessem sentir nas críticas que passaram a visá-lo (41. 1-2, 42).

Em circunstâncias concretas, como por exemplo na aplicação da justiça, o acréscimo de problemas que a gestão de tão grande império já suscitava foi criando em Alexandre uma certa incapacidade de juízo e, com ela, também algum exaspero e reações de cólera (42. 3-4).

Aos primeiros sinais de mudança sucederam-se, em simetria, episódios de claro excesso, onde uma contestação ou indisciplina da parte dos Companheiros, aliadas à exasperação colérica a que o rei passou a ser mais suscetível, produziram um combinado explosivo. São disso exemplo os episódios de Filotas, Clito e Calístenes. Qualquer um deles deu mostras de ter ultrapassado o tempo da amizade e solidariedade com Alexandre e de se

permitir discordâncias ou até vislumbres de traição. Filotas (48-49) somou à valentia, determinação e generosidade por que era famoso, arrogância e um luxo excessivo. Foi nesse contexto que se tornaram audíveis as críticas que, sem pejo nem discrição, fazia a Alexandre, dando ao rei justificação para o acusar de cumplicidade numa conjura contra a sua vida e de o condenar. A cólera (49. 7-8) foi, neste caso, responsável pela decisão extrema do rei, que lhe ditou uma sentença exemplar. O temor foi-se substituindo, na relação com os companheiros, à *philia* (49. 14). Plutarco não omite a oposição que este episódio criou com o passado; ao estender a condenação de Filotas, em si mesma dúbia, ao pai, Parménion, por medida de prudência política contra qualquer retaliação, Alexandre fraturava alianças do passado; isso mesmo é sublinhado pelo biógrafo (49. 13): ‘Este (Parménion) era um homem que, no tempo de Filipe, tinha prestado serviços relevantes e que era o único – ou pelo menos o principal – dos amigos mais velhos de Alexandre a incentivá-lo à travessia para a Ásia’.

Pouco tempo depois, na realidade e na narrativa, somou-se a este o caso de Clito, em gravidade crescente (50. 1). Neste episódio o tom de abertura é ainda o de amizade e companheirismo, em volta da mesa onde os próximos do rei se reuniam ao jantar. O canto de um poeta que alegrava o convívio com poemas cáusticos sobre os generais macedónios foi o elemento detonador. Clito, senhor de ‘um génio azedo e impulsivo’ (50. 9), lançou o desafio, Alexandre respondeu com cólera (50. 2, 51. 1, 5, 10) e o desfecho indesejável aconteceu; totalmente fora de si, o rei trespassou o amigo a quem de resto devia a vida.

A última etapa desta sequência, a condenação de Calístenes, é precedida de uma reflexão filosófica sobre o assunto que os atos punham em causa: o exercício do poder. Para essa ponderação

são convocados dois filósofos, Calístenes e Anaxarco (52. 3), defensores de correntes de pensamento contraditórias. Sob a forma de palavras de consolação dirigidas a um Alexandre moído pelo remorso, isto é, insatisfeito com a sua atuação e hesitante sobre a melhor atitude a tomar, o que aconteceu junto do leito de Alexandre foi uma espécie de *agon* sobre o sentido da monarquia. De um modo ambíguo, Calístenes não desculpabilizou nem condenou Alexandre; escudou-se em ‘eufemismos e rodeios’ para lhe aliviar o sofrimento que o sentido da responsabilidade produz. Mais perentório, Anaxarco avançou com uma filosofia autoritária. Ao rei reconheceu o direito de corporizar a lei e a justiça, sendo sua, sem controvérsia, a prerrogativa de dominar e governar (52. 5-6). A influência desta filosofia foi, no momento, de um pragmatismo terapêutico, mas teve, no futuro, um efeito pernicioso, porque ‘lhe tornou o caráter, sob muitos aspetos, mais convencido e autoritário’ (χαυνότερον καὶ παρανομώτερον, 52. 7).

Deste momento, expressivo da mudança de atitude que se vinha acentuando em Alexandre, restou uma antipatia em relação a Calístenes, sobrinho de Aristóteles e por isso também uma presença com remissão para o passado. É certo que a austeridade natural em Calístenes não facilitava o convívio, apesar de louváveis e populares algumas das suas qualidades e opções de vida (53. 1, 54. 2); por todos apreciado como um homem honesto e independente, tornou-se incómodo por uma certa misantropia que praticava. Foi desta vez um exercício de retórica em que Calístenes era exímio – uma espécie de *dissoi λόγοι* encomendados pelo próprio rei, um elogio e uma censura dos Macedónios – o que despoletou a crise. Mas o conflito central teve de novo por motivo as prerrogativas da monarquia, sobre as quais Calístenes se mostra agora mais expressivo. A recusa do gesto simbólico da vénia ao soberano

(54. 3-6) exprimiu, desta vez sem sombras, o repúdio do filósofo pelo despotismo régio. Embora o repúdio por um gesto de subserviência fosse intimamente partilhado por muitos dos companheiros macedónios, só o sobrinho de Aristóteles teve a coragem de o denunciar de modo frontal, o que lhe custou a vida (54. 3). A rebeldia foi tomada por deslealdade (55), a liberdade por insubmissão e o castigo aquele com que Alexandre foi sucessivamente punindo os seus amigos, agora opositores: a morte.

Não deixa de ser significativo que, nesta trajetória de decadência, ocorra de novo um encontro com Demarato de Corinto, um amigo de há muitos anos (27. 7), que repetia diante de Alexandre a alegria única, para um grego, de o ver ocupar o trono de Dario. Apenas o elogio soa, neste momento, a canto fúnebre, em honra de alguém que terminou uma missão e cujo sucesso conhecia um desfecho.

3. Educação do 'rei filósofo'

A atenção dedicada à educação, um bloco convencional na biografia, inclui particularidades interessantes no caso de Alexandre. No que se refere aos mestres que o acompanharam na infância e adolescência, a sua intervenção é medida em si mesma e em relação com a influência paterna, o que prolonga, no plano humano, a mesma polémica que estabeleceu, em relação a Filipe, um rival divino. Por outro lado, os resultados dessa educação são um fator que acompanha a curva da existência de Alexandre, em sintonia com a fase de progresso primeiro e de decadência depois; numa palavra, a relação entre os mestres e o discípulo perdura em toda a sua vida e ganha, em função dos acontecimentos, uma certa flexibilidade.

Leónidas (5. 7), parente de Olímpia, funcionou de supervisor dos vários intervenientes encarregados das tarefas

múltiplas que o crescimento de uma criança implica. Cabia-lhe, em consequência, o título de *paidagogos*, que, ‘em função da sua dignidade pessoal e parentesco’, foi substituído pelo de ‘pai adotivo ou tutor de Alexandre’ (τροφεὺς Ἀλεξάνδρου καὶ καθηγητής). Com este outro título que o perfil pessoal lhe valeu, Leónidas assumiu em parte o papel paternal, numa concorrência evidente com Filipe. Para a formação da personalidade do seu pupilo, este primeiro mestre contribuiu com uma qualidade essencial, a austeridade (ἤθος ἀστυρός), uma característica sua que procurou transmitir-lhe. Durante a campanha da Ásia, os mestres de Alexandre são postos à prova, nas suas diversas medidas. A proximidade e tolerância para com eles, da parte do rei, acompanha a rota de sucessos até ao seu ponto climático. O controle sobre os excessos alimentares com que, por exemplo, o Macedónio resistiu às ofertas generosas de Ada, a rainha da Cária (22. 8-9), surge como a aplicação prática dos ensinamentos do seu parente; à rainha, a quem dava o título de ‘mãe’, Alexandre respondeu ‘que cozinheiros os tinha melhores, aqueles que lhe tinham sido dados por Leónidas, o seu tutor: antes do pequeno almoço uma caminhada noturna e, até ao jantar, uma refeição ligeira’. Este era o mesmo Leónidas que lhe revistava as gavetas para se garantir de que nada lá havia – por tolerância da verdadeira mãe, Olímpia – de luxuoso ou supérfluo (22. 10). Os excessos próprios da imponderação juvenil – o gasto injustificado de um produto precioso como a mirra, nos sacrifícios (25. 7-8) – Leónidas reprimia-os, de uma forma que Alexandre não esqueceu, mesmo quando a circunstância de conquistador da Ásia lhe facultou o convívio fácil com produtos raros na Macedónia.

Um segundo mestre, Lisímaco (5. 8), permite salientar o potencial superior do discípulo. Apesar de fazer das suas competências grande publicidade – intitulado-se de Fénix, a

Alexandre de Aquiles e a Filipe de Peleu⁹ -, uma certa modéstia intelectual era patente e, neste caso, injustificado o prestígio de que gozou. Posto à prova na campanha da Arábia, Lisímaco não se mostrou à altura desses créditos (24. 10-11); quis o mestre acompanhar o discípulo, como Fénix fizera com Aquiles, em Tróia; só que, em vez de a sua presença trazer benefício a Alexandre, pôe-no em risco, por falta de percepção do perigo e de resistência física. Dá-se então uma subversão de papéis entre ambos: é Alexandre que tem de o estimular numa caminhada penosa e de lhe garantir a segurança face à presença do inimigo.

Mas o verdadeiro mestre de Alexandre, aquele a quem Filipe confiou a formação de um potencial promissor que reconhecia no filho, foi Aristóteles, ‘o mais famoso e competente dos mestres’ (ἐνδοξότατον καὶ λογιώτατον, 7. 2), capaz de prover a inteligência do discípulo com os meios necessários ao seu desenvolvimento pleno. Também com Aristóteles Filipe foi sujeito a uma comparação desfavorável; no filósofo, ‘que venerou mais do que o próprio pai’, Alexandre reconhecia aquele que, mais do que a vida, lhe tinha dado ‘a arte de viver bem a vida’ (8. 4). Foi Aristóteles o primeiro filósofo com quem o príncipe estabeleceu contacto. Com ele fez uma formação académica geral – onde se integram disciplinas científicas como a geografia, a botânica, a biologia, a medicina (8. 1), por exemplo -, mas onde a filosofia, a ética e a literatura tiveram maior destaque. Quanto à filosofia e à ética, o progresso dos estudos permitiu alguma especialização, até aos ensinamentos mais específicos e reservados aos já iniciados, que ficaram conhecidos por acroamáticos e epópticos (7. 5). Quanto à literatura, a *Iliada* tornou-se um caso de referência; possuidor de uma versão

⁹ É evidente a adequação da propaganda à casa real macedónia, de que Aquiles era tido como um antepassado (*vide supra*).

anotada por Aristóteles (8. 2), que trazia permanentemente consigo como um tesouro (26. 1-3), Alexandre recorreu ao velho poema não apenas por fruição estética, mas como a um verdadeiro manual de informações práticas. O seu convívio tão próximo com Homero encontrou no sonho um canal privilegiado de transmissão, quando se tratou de uma decisão tão delicada como a de fundar a maior das cidades epónimas de Alexandre, a Alexandria egípcia (26. 5, 7).

Além da *Iliada*, o rei diversificou por vários géneros – a historiografia, a tragédia, o ditirambo, 8. 3 – o seu gosto pela leitura; mesmo nas mais remotas paragens, onde o acesso aos livros era impossível, procurou fazê-los vir, para suprir uma necessidade intelectual que nunca as exigências das campanhas abrandaram. Mais do que um entusiasta do saber, Alexandre foi também um difusor da cultura. São disso prova os festivais que organizou na Fenícia, com grande qualidade, onde os seus gostos e preferências são registados como os de um espectador qualificado (29. 1-6).

Apesar da reverência e amizade que Alexandre mostrou em relação ao que foi de facto ‘o seu mestre’, as relações com Aristóteles não ficaram imunes ao processo de decadência experimentado pelo macedónio (8. 4). A primeira dissensão com o Estagirita ocorreu por via indireta, através das divergências cavadas entre o rei e Calístenes, sobrinho do filósofo (*vide supra*). E embora Aristóteles não aprovasse a agressividade irreverente do sobrinho, que considerava ‘falta de senso comum’ (54. 2), não se isentou de algum remoque por parte do pupilo (55. 7-8). Até mesmo os seus ensinamentos puderam parecer a Alexandre simples sofismas, meros artifícios retóricos, ‘daqueles que servem ambos os lados de uma questão’ (74. 5). O agravamento das relações prosseguiu até ao ponto de permitir que Aristóteles fosse envolvido nos boatos sobre o envenenamento do rei (77. 3). Esse era o remate digno de

uma história de ascensão e queda de um soberano paradigmático: que o mesmo mestre que contribuiu para a sua ascensão se tenha visto envolvido na sua morte.

O interesse pelo saber e a informação sólida que recebeu fizeram de Alexandre um interlocutor constante e privilegiado de filósofos e artistas, ao longo de toda a sua vida. Não deixou, antes de mais, de prestar homenagem a figuras de referência que o seu percurso académico lhe gravou na memória; estão neste caso Píndaro, o maior poeta de Tebas, em homenagem a quem Alexandre poupou os descendentes, aquando da campanha arrasadora que promoveu contra a cidade (11. 12); ou Teodectes, um retórico e poeta trágico, próximo de Aristóteles e de Isócrates, a quem o rei prestou, de passagem por Fasélis, uma homenagem, coroando a estátua de um dos filhos distintos da terra (17. 9).

Mas expressivos foram também todos os contactos, decisivos em geral para as etapas futuras no *curriculum* que lhe traça Plutarco, que foi tendo com filósofos nas diversas partes do mundo. O próprio biógrafo, ao confirmar essa influência, alista, como de importância primordial, os gregos Anaxarco e Xenócrates, além de Dândamis e Calano, na Índia (8. 5; cf. 28. 5, 65, 69). Mas a este conjunto poderíamos acrescentar o egípcio Psâmon (27. 10) e os diversos gimnosofistas, os filósofos hindus, de quem o rei quis ouvir as sentenças sobre questões essenciais da existência que os tornaram famosos (64-65); este é um episódio que se foca numa interpenetração cultural e revela, em Alexandre, a tentativa de compreender a sabedoria oriental, dentro de um quadro de usurpação e conquista. É certo o tom de ameaça que o rei põe nesta abordagem, em relação a intelectuais adversos aos seus propósitos políticos; não sem que, por fim, o respeito pelo saber se imponha e o leve a respeitar-lhes a vida, apesar da resistência que eles representaram aos seus interesses de ocupação da Índia.

Dois episódios merecem, neste contexto, particular atenção. Em plena campanha da Índia, tal como Plutarco a concebe, Calano (65. 6-7) teve, junto de Alexandre, uma intervenção de grande alcance político. Como uma espécie de Sólon junto de Cresos, o soberano lídio no auge do seu poder que ouve os conselhos de um sábio (Heródoto 1. 29-32), Calano apresenta a Alexandre uma reflexão sobre uma forma de governo, a monarquia. A segurança do trono e a autoridade do rei são incompatíveis com excessivas errâncias e com o alargamento interminável do império. Manter o controle e a estabilidade governativa impõe que o monarca se instale no centro do reino. Conselho avisado que Alexandre, como é de regra na convenção do conselheiro, não seguiu.

Particularmente significativo é, porém, pelo seu sentido global, o encontro de Alexandre, em Corinto, com Diógenes o cínico (14. 2-5), depois de decidida a campanha da Ásia. Mais uma vez o rei poderoso, a quem a ambição de conquista determina, é confrontado com um símbolo de sabedoria e austeridade. Este é, para Alexandre, o momento crucial de uma escolha de vida. Mostra-o o seu célebre comentário: 'Não fosse eu Alexandre, que era Diógenes que eu seria'. Em definitivo, o filósofo cedia a vez ao rei na sua escolha.

4. A curva da existência de um conquistador

Apesar das divergências que Plutarco acentua entre Filipe e Alexandre, foi sob a égide paterna que o sucessor da corte iniciou a sua carreira de conquistador. O seu primeiro teste foi ensaiado numa campanha contra os Medos, um povo vizinho da Macedónia, na ausência de Filipe. Como regente, Alexandre, com apenas dezasseis anos, dominou a conhecida rebeldia dos Medos; mas foi mais longe na afirmação da vantagem conseguida, com a fundação simbólica da primeira das

idades epónimas, Alexandrópolis (9. 1). Limitando-se a casos emblemáticos, Plutarco salta diretamente para a participação de Alexandre, desta vez ao lado de Filipe, na batalha de Queroneia (9. 2), onde cometeu a proeza de ser ‘o primeiro a dismantelar o Batalhão Sagrado dos Tebanos’, apontamento que vai ganhar particular relevo a curto prazo na *Vida*.

Assente a sua iniciação nestas duas campanhas, é já como soberano, após a morte do pai, que Alexandre conclui as tarefas deixadas incompletas por Filipe (11. 1-6): primeiro a pacificação das tribos vizinhas do seu reino, para passar depois à submissão definitiva da Grécia. Sempre seletivo na sua narrativa, de modo a obter, no conjunto, uma sequência de efeito simbólico, Plutarco limita-se a valorizar a campanha contra os Tribalos (11. 5) e o ataque a Tebas (11. 6-12).

São estes os contornos mais significativos dos seus primeiros movimentos militares em território europeu. Até que uma nova etapa se abriu, a partir do momento em que, em Corinto, uma assembleia de Gregos aprovou uma campanha contra a Ásia com Alexandre por líder (14. 1). Dentro de uma tradição bem conhecida desde Heródoto, foi a vingança a grande impulsionadora deste projeto. E, segundo a mesma convenção, esta que se tornou uma campanha climática na ascensão de Alexandre valoriza, depois das causas, os antecedentes; sinais proféticos (14. 6-9) aprovam e prometem uma colaboração ao projeto: Apolo, em Delfos, através da Pítia, assegura que Alexandre é invencível; enquanto na Macedónia a imagem de Orfeu se cobre de suor, para simbolizar o esforço que a poetas e cantores custaria a glorificação de tantas façanhas iminentes. Ao tom virtual das profecias, segue-se o tradicional catálogo das forças e dos meios (15); à convenção historiográfica associa-se a épica. Este é o contexto em que, pela primeira vez, se fala dos Companheiros do rei, a elite macedónia que com ele irá repartir

o comando das operações e de quem depende, como de aliados poderosos, o êxito ou insucesso de cada etapa da campanha. É num estado de espírito coeso e entusiástico que a grande aventura se inicia.

O primeiro recontro com o inimigo deu-se nas margens do Granico (16), um rio pequeno, mas que representava ‘as portas da Ásia’; daí a componente expressiva deste combate. Como antes na iminência da investida contra a Grécia, as vontades macedónias repartiram-se; o temor em avançar bloqueava os Companheiros, por contraste com a determinação do rei; antes expressa por uma divergência de conceção política, a polémica exigia desta vez ação. Alexandre pôs, ao serviço do sucesso, uma determinação que a muitos pareceu loucura e irresponsabilidade (μανικῶς καὶ πρὸς ἀπόνοιαν μᾶλλον ἢ γνώμη στρατηγεῖν), face às condições perigosas que o terreno oferecia. Numa focagem que da violência da confrontação entre as duas partes se vai progressivamente afunilando sobre o chefe macedónio, a batalha de Granico deixa visíveis dois tópicos decisivos: a coesão do invasor, expressa em última análise na intervenção de Clito que salva a vida ameaçada do rei; e a reação do invadido que, apesar da vantagem numérica e do conhecimento do terreno, cede cobardemente; só os mercenários gregos, incorporados nas forças orientais, oferecem uma verdadeira resistência. Dario é, por enquanto, um ausente; a luta trava-se ainda com figuras de segundo plano. Em compensação, esta primeira vitória, como também parte do saque, é dedicada aos Gregos, como a promessa do êxito de um projeto de vingança que se iniciava sob a melhor estrela.

O grande impacto deste confronto produziu, em ondas sucessivas, efeitos positivos, redimensionando o que parecia uma vitória sem grande relevo. Logo Sardes, ‘sede do poder bárbaro na região costeira’, se rendeu e os poucos focos de

resistência foram facilmente debelados (17. 1); sem grande esforço, Alexandre conquistou toda a zona litoral (Fenícia, Cilícia, Panfília, Pisídia e Frígia, 17-18).

Esta vantagem permitiu a Alexandre sonhar mais alto, com um recontro, frontal e decisivo, com Dario. Esse objetivo maior, protelado em função desta primeira arremetida contra o litoral, foi no entanto tomando forma num horizonte próximo. Mais uma vez sinais proféticos se multiplicaram a incentivá-lo: uma placa de bronze com uma inscrição, que brotou de uma nascente junto a Xanto, revelou o fim do império persa (17. 4); e logo em Górdio, onde Alexandre foi capaz de desatar o famoso nó, recebeu a promessa de que ‘se tornaria soberano do mundo inteiro’ (18. 1-4).

Com estes presságios estimulantes, Alexandre iniciou então uma segunda fase: o avanço contra a Ásia superior, onde Susa representava o coração da autoridade persa e lhe prometia o desejado confronto com o grande rei. Um novo capítulo de sinais e presságios antecede este segundo conflito. Do lado persa, um sonho desta vez dirigido a Dario confirmava os mesmos desígnios divinos: que, por entre façanhas macedónias, Alexandre se tornaria senhor da Ásia, ainda que, tal novo Aquiles, ‘a vida lhe seria curta, embora coberta de glória’ (18. 8). Por outro lado, uma conversa entre Dario e Amintas (20), um macedónio refugiado na corte persa – mais uma vez no papel de conselheiro – dá um contributo à definição de uma estratégia para este primeiro encontro entre os dois monarcas: qual o terreno que melhor conviria à dimensão de cada uma das partes. O grande combate teve lugar em Isso. Aí, ao ímpeto louco e obstinado que decidiu o sucesso de Granico, Alexandre substituiu uma inteligência medida e acertada, que anulou a vantagem numérica dos Persas. A versão de que um duelo tivesse então tido lugar entre Alexandre e Dario (20. 9) não parece suficientemente comprovada; certo

é que o rei persa escapou com vida, o que adiou, para ocasião futura, esse momento climático.

A esta vitória retumbante do invasor seguiu-se uma consequência decisiva: foi então que as tropas macedónias contactaram pela primeira vez com o luxo bárbaro, de que os despojos de guerra eram a imagem. A frugalidade que tinha garantido as vitórias até aqui alcançadas dá lugar a uma mudança radical de hábitos e de atitude. A motivação para a conquista muda de tom (24. 3): ‘A partir de então eram como cães, mal lhes farejavam o rasto, a perseguir e a abocanhar a riqueza persa’. Uma ambição feroz, apoiada em ímpetos irracionais, substitui qualquer outro ideal, como primeiro sinal de uma corrupção a que, por enquanto, Alexandre se mostra ainda imune.

Antes de consumir a vitória sobre Dario, Alexandre progride para sul (24 sqq.), com a anexação de Chipre e a conquista da Fenícia, Gaza e Síria, até atingir um alvo superior, o Egito. Todo este processo seletivo de conquistas emblemáticas prolonga a fase ascensional da sua campanha; o maravilhoso acompanha cada uma destas etapas, marcando sempre a benevolência do destino e dos deuses (em Tiro, 24. 5-9, 25. 1-3; em Gaza, 25. 4-5; em Alexandria, 26. 5, 9, 27. 1-4). Da campanha contra o Egito, que assinala o clímax desta nova etapa, Plutarco cinge-se – após um mais do que sumário ‘depois da conquista do Egito’, 26. 4 – a dois tópicos essenciais: a fundação de Alexandria, a cidade mais distinta de quantas o Macedónio estabeleceu (26-27), e a consulta do oráculo de Âmon (26. 10, 27. 5-11). Qualquer um destes episódios tem com o passado uma relação visível em escala crescente: a fundação de Alexandria reflete a de Alexandrópolis, a primeira e promissora fundação de uma cidade epónima; a visita ao oráculo insiste na genialidade sobre-humana do rei e reafirma-lhe o destino de ‘senhor de toda a Humanidade’. Serve,

portanto, também de preparativo para a arremetida decisiva contra o poder persa, que se aproxima.

Antes da última batalha que consagra Alexandre como ‘rei da Ásia’, os antecedentes seguem a via diplomática; a recusa dos termos propostos por Dario (29. 7-9), a par da generosidade demonstrada para com a rainha persa, cativa e entretanto falecida, juntamente com a perícia militar, garantem, por antecipação, a vitória de Alexandre. Por isso, antes que a batalha decisiva se trave, já Dario assume a derrota face à vantagem humana que reconhece no inimigo (30. 13): ‘Se, por vontade do destino, é chegado o tempo, trazido pelo castigo dos deuses ou pelas vicissitudes da vida, de pôr fim ao reino dos Persas, que nenhum outro homem se sente no trono de Ciro a não ser Alexandre’.

Como é da convenção, mais uma vez se multiplicam os sinais de augúrio favorável (31. 2-5, 8, 33. 2-3), a definição de uma estratégia, a distribuição das forças, a preparar o recontro final em Gaugamelos (31. 6). Mas o elemento fulcral na narrativa deste combate é, sem dúvida, o confronto, antes adiado, dos dois chefes, Alexandre e Dario. Simbolicamente esse recontro é anunciado através de um jogo inventado como passatempo por duas fações dos homens de Alexandre, a antecipar o verdadeiro recontro (31. 2-5); os espíritos clarividentes não deixaram de perceber neste jogo um presságio de futuro. Novo contraste se cava com os preparativos da arremetida, Dario mantendo os seus homens de vigília durante a noite, Alexandre permitindo-lhes o repouso (31. 6-9); enquanto, do lado persa, se passa revista às tropas de um modo que marca o distanciamento entre o soberano e os seus efetivos (31. 8), Alexandre dirige aos combatentes um discurso estimulante e mobilizador (33. 1). Estas atitudes contraditórias preparam o momento climático do confronto também ele divergente: enquanto Alexandre rompe, por entre as hostes inimigas, à procura de Dario (33.

4-9), este, escudado por trás da barreira do seu corpo de guarda, foge, atemorizado. É, pois, contra uma grande ameaça que se esboroa na sua real incapacidade, que Alexandre consegue uma vitória derradeira, ganha tanto pela força das armas quanto pela aura de prestígio de que o Macedônio se rodeava. Estava assim alcançado o primeiro grande desígnio de Alexandre; quanto ao confronto ficaria para sempre adiado pela morte de Dario (42. 5). Um simples aperto de mão, enviado do leito de morte pelo rei persa, sela a transferência de poder (43. 3-4); com ele, a grande dinastia aquemênida chegava ao fim.

Alexandre foi então proclamado 'rei da Ásia' e pôde, como primeiras decisões do seu reinado, devolver aos Gregos a liberdade, presentear magnanimamente os deuses e os amigos, e distinguir a memória dos resistentes em nome da independência da Grécia ao tempo das guerras pérsicas (34. 1-3). A consagração do vencedor cumpre também etapas significativas: a entrada em Babilónia (35. 1), que se rende sem resistência, e a apropriação das riquezas persas nas suas cidades de referência, Susa (36), Persépolis e Ecbátana (37). Um encontro com a estátua derrubada de Xerxes, o invasor da Grécia, e um breve diálogo com o passado (37. 5) encerram o processo de vingança, antes que a sala do trono persa se abra para acolher o seu novo senhor: pena foi que os Gregos já mortos, os resistentes contra a invasão persa, não tivessem podido partilhar esse momento de enorme alegria (37. 7).

É nesta altura que Plutarco infiltra os primeiros sintomas de decadência¹⁰, quando as luzes da vitória brilhavam ainda

¹⁰ Curiosamente há um apontamento que não pode ser descurado; os primeiros sinais de uma incompatibilidade genuína de culturas, que a natureza, antes de mais, determina, estão patentes no calor do solo babilónio, onde a hera, uma planta grega, não sobrevive (35. 15). É da natureza que, desde logo, surgem barreiras intransponíveis a uma verdadeira fusão de povos e culturas.

com um fulgor intenso. Simbolicamente, a nafta – sobre a qual Plutarco se demora, 35 – incendeia, com uma parede de fogo, a passagem que conduz aos aposentos de Alexandre, numa demonstração da sua estranha, e desconhecida, potência (35. 3-4), ao mesmo tempo que se revela como um produto perigoso e assassino. Mas sobretudo significativo foi o incêndio que, no calor da festa e do vinho, Alexandre permitiu do palácio real da Pérsia (38). A proposta veio de uma cortesã, Taís, como um acréscimo de vitória sobre Xerxes que, na invasão da Grécia, tinha incendiado Atenas. Um gesto de tal alcance político teve, porém, na sua conceção, motivações inaceitáveis; veio de uma mulher, cuja condição lhe não permitia tal proposta; surgiu num contexto inapropriado, como entretenimento e bajulação do rei; revelou, da parte deste, leviandade e descontrolo; e, sobretudo, passou aos Macedónios, em quem o desejo de regresso ganhava raízes, um sinal errado, de que a destruição do palácio fosse um gesto de alguém que tinha o pensamento na volta a casa e que não pretendia fixar residência entre os bárbaros (38. 7).

Encerrado este trajeto, que consuma o grande objetivo da campanha de Alexandre – a vingança pela invasão persa da Grécia -, o prosseguimento da marcha passa a obedecer a um novo projeto, este apenas afeto ao rei macedónio. Por isso, Alexandre teve de assegurar a lealdade dos seus efetivos e a adesão geral ao seu objetivo, para concluir, depois de garantido o apoio dos comandantes, que a massa do exército estava também pronta a segui-lo (47); este momento constitui uma espécie de breve catálogo de forças que antecede uma expedição decisiva.

Consolidar-se como ‘rei da Ásia’ representou, antes de mais, a prossecução de uma ação militar que foi alargando os limites de um império, com a anexação da Hircânia (44. 1), da Pártia (45. 1), da Cítia (45. 6), ou seja, de um território imenso que levou Alexandre até à Ásia Central. À posse, que a guerra ia

garantindo, veio somar-se uma dificuldade maior, a de um verdadeiro domínio sobre os povos conquistados.

Foi na Pártia, no noroeste do Irão, que Alexandre deu um sinal concreto no sentido de uma política de fusão entre Macedónios e orientais. Ao envergar, pela primeira vez, o traje bárbaro (45. 1), dava o exemplo de uma visão ecuménica e pacificadora; e dos Macedónios esperava também, progressivamente, uma adaptação através do gesto simbólico da *proskynesis*, a vénia diante do soberano. Estes são os dois elementos assumidos como representativos da distinção entre duas culturas. O casamento de Alexandre com Roxana (47. 7) completou este esforço de aproximação da parte dos invasores. Se este tipo de decisões não deixou, à partida, de suscitar algum desagrado, a verdade é que o prestígio de que Alexandre gozava entre os seus lhe garantiu, mesmo assim, alguma tolerância (45. 4). Um esforço equivalente foi pedido aos orientais; o conquistador criou um corpo militar de 30 000 jovens, a quem foi ensinado o grego e o manejo das armas macedónias (47. 6).

Criadas estas condições de fundo para a que viria a ser a última campanha de Alexandre – o acordo dos seus homens em avançar e uma adesão dos orientais que lhes abalasse a resistência -, a narrativa prossegue com indícios imediatos de insegurança. E mais do que do inimigo, a instabilidade acontece dentro do exército macedónio. Em crescendo, uma primeira divergência entre dois companheiros igualmente queridos do rei, Heféstion e Crátero, por razões de ciúme em relação à simpatia régia, tem ainda uma solução estável pela intervenção rápida e eficaz de Alexandre (47. 10-12). Mas tratava-se apenas de um primeiro indício de fraturas que se iriam aprofundando. Os casos de Filotas (48-49) e do pai, Parménion, seguido do de Clito (50-51) e do de Calístenes (52-55), vítimas todos eles da ira real, com maior ou menor fundamento condenados à morte, são, neste

preâmbulo da campanha da Índia, sinal de que a coesão, que havia ditado o sucesso até aqui obtido, tinha deixado de existir e, com ela, a disciplina e o domínio dos seus homens, que um Alexandre agora colérico estava a perder.

Apesar dos conflitos estrategicamente valorizados por Plutarco neste momento, a campanha da Índia arrancou sob bons auspícios. Do ponto de vista humano, as tropas aceitaram, sem revolta, queimar o equipamento supérfluo, de que os saques anteriores as tinham sobrecarregado; com esta iniciativa, Alexandre parecia ter imposto de novo o equilíbrio e a eficiência de outrora. Não sem que o biógrafo deixe de registrar o que de falacioso havia numa cedência agora conseguida pelo receio mais do que pelo entusiasmo (57. 3): ‘A verdade é que nessa altura o soberano era temido e impiedoso no castigo de qualquer infração’. Somaram-se também os prodígios, que, embora aparentemente favoráveis, não deixaram de provocar no rei dúvidas e temores (57. 4-9); e, por fim, se os adivinhos leram neles indícios de glória, não puderam ocultar que a campanha se anunciava árdua e difícil.

Como anunciado, a marcha revelou-se fértil em perigos e provações: ferimentos graves atingiram o rei, enquanto a fome e o frio fustigavam o exército (58). Quão diversa se apresentava a nova aventura daquela que levava Alexandre, através do território egípcio, por exemplo, onde as agruras da natureza pareciam render-se à sua marcha. É certo que se somam vitórias, insuficientes no entanto para combater o desânimo (58. 3, 5, 6) dos combatentes. O próprio Alexandre, embora mantendo a capacidade de incentivo sobre os Macedônios e de negociação com os locais, dá sinal de alguma instabilidade. É o caso do tratamento que aplicou aos mercenários indianos que constituíam uma resistência feroz aos seus desígnios (59. 6-7); depois de ter estabelecido com eles uma trégua, matou-os

à traição: ‘Esta foi uma espécie de nódoa na sua carreira militar, porque em geral comportou-se sempre dentro dos princípios da guerra e com dignidade régia’.

O combate contra Poro, junto ao Hidaspes, constitui o clímax desta marcha em território indiano (60). A vitória conseguiu-se com dificuldade e persistência, mas provou, em definitivo, aos Macedónios que o projeto por que lutavam representava um custo e uma margem de risco elevada. Pelas condições geográficas em que decorreu e pelas dificuldades que colocou, esta campanha contra Poro não deixa de se assemelhar à batalha de Granico, à entrada da Ásia (*vide supra*): ambas exigiram a travessia de um rio, durante a noite, e o confronto com uma força poderosa na outra margem. Mas a tempestade veio trazer, na Índia, um agravamento à situação. E se, junto ao Granico, ‘a resistência não foi nem vigorosa, nem demorada’ (16. 13), na margem do Hidaspes ‘só oito horas depois, a custo, o inimigo cedeu’ (60. 11). Daí as consequências diametralmente opostas destas duas vitórias: se a primeira teve o condão de impor o vencedor e de suscitar a rendição incondicional de alguns bastiões inimigos, a segunda teve um efeito bloqueador dos próprios vencedores. Antes de mais morre o Bucéfalo, o cavalo companheiro de todos os sucessos e um verdadeiro amigo (61. 1-2); depois a coragem dos Macedónios esmorece perante boatos, que amontoavam dificuldades para além do Ganges (62. 1), a próxima barreira a vencer; pela primeira vez a oposição a prosseguir é radical, obrigando à desistência do rei.

Apesar de ter prosseguido até ao Índico, onde pôde deixar um marco pioneiro da sua presença (66. 2), o avanço macedónio deixou de obedecer a um propósito e passou a sujeitar-se à casualidade de uma errância (63. 1) e a expor-se a alguns percalços, como o ferimento grave que vitimou Alexandre na

luta contra os Malos (63. 2-12), ou os reveses da travessia da Carmânia (66. 4); como balanço final, o preço da aventura fica medido pela constatação de que ‘nem um quarto dos seus efetivos regressou da Índia’. Completada esta trajetória militar, o processo encerra com o reconhecimento de que, além de perdas humanas, a política de fusão cultural tinha constituído também um fracasso; a decadência do exército produzia revoltas e violências, no que era o desfecho penoso de um grande sonho. Por isso, Plutarco reserva ainda para este momento, num claro regresso aos acontecimentos do arranque da campanha, as bodas de Susa, onde o casamento anterior do rei com Roxana se multiplica por dezenas (70. 3), sem que o efeito obtido se tenha efetivamente consumado além do aparato; como avalia também os resultados da preparação dos 30 000 jovens orientais que, de tão completa e rematada, suscitou nos Macedónios ressentimentos profundos, gorando os melhores propósitos de Alexandre (71).

Significativamente, em simetria com a visita ao túmulo de Aquiles à entrada na Ásia, onde pôde colher exemplo e emulação, Alexandre deparava-se agora com o túmulo de Ciro, o grande rei conquistador (69. 3-5), que do silêncio de uma lápide lhe enviava a última das lições de vida: ‘Eu sou Ciro, aquele que conquistou para os Persas o seu império. Não me invejes este palmo de terra que me cobre o cadáver’. Nelas Alexandre reconheceu como é, mau grado todas as vitórias, imprevisível, insegura e limitada a existência humana.

BIBLIOGRAFIA

EDIÇÕES, TRADUÇÕES E COMENTÁRIOS

- J. B. Cavero, S. B. Morillo, J. M. Hermida, *Plutarco. Vidas Paralelas*, Madrid, Gredos, 2007.
- R. Flacelière, *Plutarque. Vies*, IX, Paris, Les Belles Lettres, 1975.
- G. T. Griffith, *The age of Alexander. Nine Greek lives by Plutarch*, London, Guild Publishing, 1973.
- A. Gusmán Guerra, *Plutarco / Diodoro Sículo. Alejandro Magno*, Madrid, Akal, 1986.
- J. R. Hamilton, *Plutarch. Alexander. A commentary*, Oxford, Clarendon Press, 1969.
- A. la Penna, D. Magnino, *Plutarco. Vite Parallele. Alessandro. Cesare*, Milano, Rizzoli, 1998.
- I. Scott-Kilvert, G. T. Griffith, *The age of Alexander. Nine Greek Lives by Plutarch*, London, Penguin Books, 1973.

ESTUDOS

- J. Beneker, 'Drunken violence and the transition of power in Plutarch's *Alexander*', in J. Ribeiro Ferreira, D. Leão, M. Troster, P. Barata Dias (eds.), *Symposion and philanthropia in Plutarch*, Coimbra, IUC, 2009, 193-200.
- A. B. Bosworth, *Conquest and empire: the reign of Alexander the Great*, Cambridge, University Press, 1988.
- C. Bradford Welles, 'The discovery of Sarapis and the foundation of Alexandria', *Historia* 11. 3, 1962, 271-298.
- P. A. Brunt, 'Alexander, Barsine and Heracles', *RFIC* 103. 1, 1975, 22-34.
- A. R. Burn, *Alexander the Great and the Hellenistic World*, London,

- The English Universities Press, 1964.
- J. B. Bury, S. A. Cook, F. E. Adcock, *The Cambridge Ancient History. VI. Macedon*, Cambridge, University Press, 1969.
- E. D. Carney, 'The politics of polygamy: Olympias, Alexander and the murder of Philip', *Historia* 41, 1992, 169-189.
- E. D. Carney, 'Women and *Dunasteia* in Caria', *AJPh* 126. 1, 2005, 65-91.
- B. L. Cook, 'Plutarch's use of *légetai*: narrative design and source in *Alexander*', *GRBS* 42. 4, 2001, 329-360.
- R. Graves, *The Greek myths*. 1, Middlesex, reimpr. 1977.
- G. T. Griffith, *Alexander the Great. The main problems*, Cambridge, Heffer, 1966.
- N. G. L. Hammond, 'Alexander's letter concerning Samos in Plut. *Alex.* 28. 2', *Historia* 42. 3, 1993, 379-382.
- N. G. L. Hammond, *Sources for Alexander the Great: an analysis of Plutarch's Life and Arrian's Anabasis Alexandrou*, Cambridge, University Press, 1993.
- C. J. King, *Alexander and divination: dreams, omens, and Aristander of Telmessus in the Alexander historians*, Providence, Brown University, 2004.
- A. Lesky, *Historia de la literatura griega*, trad. espanhola, Brown University, Madrid, Gredos, 1968.
- J. M. Mossman, 'Tragedy and epic in Plutarch's *Alexander*', *JHS* 108, 1988, 83-93.
- J. M. Mossman, 'Plutarch, Pyrrhus and Alexander', in Ph. Stadter (ed.), *Plutarch and the historical tradition*, London and New York, Routledge, 1992, 90-108.
- L. Pearson, *The lost histories of Alexander the Great*, New York, American Philological Association, 1960.

- L. Prandi, 'L'Alessandro di Plutarco', in L. Van der Stockt (ed.), *Rhetorical theory and praxis in Plutarch*, Leuven, Revue Belge de Philologie et d'Histoire, 2000, 375-386.
- M. H. Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica. I. Cultura Grega*, Lisboa, Gulbenkian, ¹⁰2006.
- A. E. Wardman, 'Plutarch and Alexander', *CQ* 5. 1-2, 1955, 96-107.
- T. Whitmarsh, 'Alexander's Hellenism and Plutarch's textualism', *CQ* 52. 1, 2002, 174-192.

TRADUÇÃO

1.1. É à vida de Alexandre, o monarca, e à de César, o vencedor de Pompeu, que vou dedicar este livro. Dado que a quantidade de realizações a considerar é enorme, não vou fazer qualquer outra introdução¹ que não seja pedir a benevolência dos meus leitores; se eu não incluir todos os feitos notáveis destes homens ou não fizer uma descrição exaustiva em cada caso, e me ficar, na maior parte dos assuntos, por uma síntese, que não reclamem. **2.** É que não é História o que me proponho escrever, mas sim Biografia². A verdade é que nem sempre os atos mais relevantes são os mais reveladores de excelência ou de vício; em contrapartida, muitas vezes um episódio insignificante, um dito ou uma anedota, pode ser mais expressivo de um carácter do que batalhas com milhares de mortos, grandes paradas militares, ou cercos a cidades. **3.** Assim, do mesmo modo que os pintores³, ao produzirem um retrato, se fixam no rosto ou na expressão dos olhos, que são o espelho do carácter, e pouca atenção prestam às restantes partes do corpo, seja-me também permitido dedicar-me sobretudo aos sinais da alma e, a partir daí, retratar a vida

¹ Plutarco prepara o seu leitor para um par de vidas de extensão excepcional, em função da própria abundância de material disponível.

² Esta é uma afirmação importante sobre a opção de Plutarco em produzir biografia e, em síntese, expressiva do que distingue os dois géneros: a História tem com certeza um carácter mais exaustivo e focado em factos globalmente relevantes; a biografia, voltada para personagens individuais, os agentes da História, tira proveito de pequenos episódios, coletivamente insignificantes. A importância das figuras destes dois biografados é situada sobretudo no plano militar.

³ A comparação entre o biógrafo e os pintores repete-se em Plutarco; cf. *Cimon* 2.

de cada um deles. As grandes façanhas e lutas que travaram deixam-as para outros.

II.1. No que à linhagem diz respeito, Alexandre, do lado paterno, descendia de Hércules, através de Carano⁴; e do lado materno, provinha de Éaco, através de Neoptólemo⁵, matéria esta que não suscita qualquer controvérsia. **2.** Conta-se que foi quando Filipe⁶ se iniciou nos mistérios da Samotrácia⁷, ao mesmo tempo que Olímpia – era ele ainda um rapaz e ela órfã de pais –, que Filipe se apaixonou e a pediu em casamento, com a concordância do irmão de Olímpia, Arimbas⁸. **3.** Pois bem, na noite anterior à consumação do casamento, a noiva sonhou

⁴ Ao ascendente de Hércules, o referencial mítico da casa real macedónia, segue-se a referência a Carano, considerado o fundador, no séc. IX a. C., da dinastia em que Alexandre se integra. É Teopompo, no séc. IV a. C., quem primeiro se lhe refere.

⁵ Éaco (*vide* R. Graves, *The Greek myths*. 1, Middlesex, reimpr. 1977, 212-216) era rei de Egina e responsável pela origem do povo dos Mirmidões, uma dádiva de Zeus; mais tarde Peleu, pai de Aquiles, por sua vez o progenitor de Neoptólemo (também conhecido por Pirro), conduziu-os para a Ftia. Segundo a tradição, no regresso de Tróia, Neoptólemo passou pela Molóssia, onde fundou a dinastia dos Pirriades. Logo em Alexandre conflui a marca de dois dos maiores heróis gregos, Hércules e Aquiles. Sobre os ascendentes de Alexandre, cf. Arriano, 1. 11. 8, 4. 11. 6; Diodoro Sículo 17. 1. 5.

⁶ Filipe II, o pai de Alexandre, era filho de Amintas II e foi rei por morte do herdeiro, seu irmão Perdicas, entre 360-356 a. C.

⁷ Esta iniciação terá ocorrido entre 365-361 a. C., tinha Filipe entre 16 e 20 anos. Estes mistérios eram patrocinados pelos Cabiros, deuses que protegiam a agricultura e a navegação. Heródoto 2. 51 identifica-os com os *Grandes Deuses* ou *Deuses da Samotrácia*, onde se estabeleceria o seu culto. A. B. Lloyd, A. Frascetti, *Erodoto. Le Storie*, II, Fondazione Lorenzo Valla, ³1996, 274 sublinham a influência que sobre estes mistérios tiveram os de Eléusis.

⁸ O casamento de Filipe e Olímpia realizou-se em 357 a. C. e constituiu para o monarca macedónio uma terceira união. Este casamento representou uma aliança política com a Molóssia, pátria de origem da noiva, e foi a mais relevante das alianças contraídas por Filipe. Alexandre nasceu no ano seguinte, em 356. Quanto a Arimbas, trata-se do tio de Olímpia e não do irmão.

que tinha havido uma trovoada e que um raio a atingiu no ventre; dessa descarga gerou-se um fogo enorme, que se propagou em chamas por todo o lado, antes de se extinguir⁹. **4.** Filipe, tempos mais tarde, já depois de realizado o casamento, viu-se em sonhos a pôr um selo no ventre da mulher. A efígie do selo parecia-lhe representar um leão. **5.** Os adivinhos em geral, perante esta visão, levantaram suspeitas e aconselharam-no a estar mais vigilante nas questões do casamento. Apenas Aristandro de Telmesso¹⁰ lhe anunciou que a mulher estava grávida – porque não se sela o que está vazio – e grávida de um filho com uma natureza impulsiva que nem um leão. **6.** Além disso, um belo dia foi vista uma serpente estendida ao lado de Olímpia, enquanto dormia. Foi sobretudo esta visão, ao que se diz, que levou Filipe a arrefecer de ardor e de atenções para com a mulher. Deixou de dormir com ela com a frequência habitual, ou porque temesse que ela o sujeitasse a alguma magia ou lhe desse alguma mezinha, ou para evitar ter com ela relações, na convicção de que fosse a favorita de algum ser superior.

7. Sobre este mesmo assunto, há uma outra versão. Todas as mulheres daquela região, desde tempos imemoriais, praticavam os ritos órficos e as orgias dionisíacas (daí serem chamadas

⁹ Fazia parte da tradição historiográfica envolver em maravilhoso o nascimento de uma personagem distinta. Assim acontece com Ciro (Heródoto 1. 107-108) e com Péricles (Heródoto 6. 131); uma paródia dessa tradição é feita por Aristófanes, em *Cavaleiros* 1037.

¹⁰ Este adivinho, de grande prestígio na corte, provinha de Telmesso, cidade da Ásia Menor conhecida pelos seus profetas. Partiu, mais tarde, com Alexandre para a campanha da Ásia, onde teve ocasião de pôr à prova a sua enorme competência. Sobre esta personagem, cf., *e. g.*, Arriano, 2. 3. 3, 3. 2. 2. Sobre os adivinhos de Alexandre, *vide* C. J. King, *Alexander and divination: dreams, omens, and Aristander of Telmessus in the Alexander historians*, Providence, 2004.

Clodones e Mimálones¹¹), semelhantes em muitos aspetos aos Edónios e aos ritos trácios, na zona do monte Hemo. **8.** Foi daí¹² que a palavra *threskeúein* se aplicou à celebração de ritos estranhos e supersticiosos. **9.** Olímpia, então, punha nesses atos de posse um empenho maior do que qualquer outra mulher e exibia a inspiração divina com um aparato mais selvagem¹³; participava nos cortejos rituais com serpentes enormes, amestradas, que muitas vezes se erguiam, por entre a hera, dos cestos sagrados e se enroscavam nos tirsos e nas coroas das mulheres, para terror dos homens.

III.1. A verdade é que – ao que consta –, depois da visão que tinha tido, Filipe mandou Cáron de Megalópolis a Delfos para consultar o oráculo. Foi-lhe transmitida, da parte do deus, esta ordem: que sacrificasse a Ámon¹⁴ e lhe prestasse grandes homenagens. **2.** E que perderia, dos seus olhos¹⁵, aquele que tinha colado na frincha da porta para espiar o deus, quando, sob forma de serpente, partilhava o leito com a sua mulher. **3.** Olímpia,

¹¹ Estas eram designações aplicadas às bacantes na Macedónia. Ésquilo foi autor de uma *Licurgia*, tetralogia formada pelas tragédias *Edónios*, *Bassárides* e *Jovens*, e ainda pelo drama satírico *Licurgo*. Licurgo era o rei trácio dos Edónios, que tentou resistir à infiltração do culto dionisiaco. Estas manifestações tinham grande vinculação com as regiões da Grécia do norte, Macedónia e Trácia, com que esteve relacionada também a composição de *Bacantes* de Eurípides.

¹² Ou seja, da sua relação com as mulheres trácias.

¹³ T. Whitmarsh, 'Alexander's Hellenism and Plutarch's textualism', *CQ* 52. 1, 2002, 186, vê neste empenho particular de Olímpia na execução do ritual dionisiaco um presságio que antecipa a tendência genética de Alexandre para conquistar o Oriente e assim se aproximar das origens do próprio Dioniso.

¹⁴ O oráculo de Ámon, situado no oásis de Siwah, no deserto da Líbia, era extremamente famoso na Antiguidade, rivalizando com os de Dodona e Delfos na Grécia. Ámon, tal como Zeus, era uma divindade solar.

¹⁵ De facto Filipe veio a perder um dos olhos, em 354 a. C., atingido por um dardo, em Metone, a última posição ateniense no norte, que Filipe conquistou tornando-se assim o senhor do território que vai do monte Olimpo até à embocadura do rio Nesto.

ao que diz Eratóstenes¹⁶, quando enviou Alexandre na famosa campanha, contou-lhe só a ele, o segredo do seu nascimento e recomendou-lhe que arquitetasse planos à sua altura. **4.** Segundo outros testemunhos, ela contestava semelhante ideia e terá dito: ‘Quando é que Alexandre vai parar de me insultar perante Hera?’

5. Seja como for, Alexandre nasceu no início do mês Hecatombéon¹⁷, a que os Macedónios chamam Loo, a seis, no mesmo dia em que o templo de Ártemis em Éfeso ardeu. **6.** Foi em função dessa coincidência que Hegésias de Magnésia¹⁸ se saiu com uma piada capaz, pela frieza, de extinguir o tal incêndio. Disse ele nomeadamente que o templo de Ártemis tinha ardido porque a deusa estava ocupada com o parto de Alexandre. **7.** Mas todos os Magos¹⁹, que então, por casualidade, se encontravam em Éfeso, considerando o incidente com o templo sinal de futuros incidentes, lançaram-se em corrida a bater no rosto e a gritar que uma desgraça calamitosa para a Ásia tinha nascido naquele dia. **8.** Filipe, que acabava de conquistar Potideia²⁰, recebeu três mensagens ao mesmo tempo: primeiro,

¹⁶ Eratóstenes de Cirene (c. 285-194 a. C.) foi responsável pela Biblioteca de Alexandria, depois de Apolónio de Rodes. Revelou-se um geógrafo eminente, para além de ser um erudito versátil no seu tempo. Foi autor de uma *Cronografia*, de uma *Geografia* e de um tratado *Sobre a medida da Terra*.

¹⁷ Ou seja, Julho. O dia exacto do nascimento de Alexandre – para alguns o dia 20 – é controverso; a sugestão de Plutarco quanto ao dia 6 destina-se a proporcionar a coincidência com o incêndio no templo de Ártemis em Éfeso. Esta que foi uma das principais cidades da Iónia tinha um conhecido culto de Ártemis, referenciado em templos sucessivos. Aquele a que Plutarco se refere foi incendiado por um tal Heróstrato.

¹⁸ Autor de uma história de Alexandre (*FGrHist* 142 F3).

¹⁹ Eram sacerdotes no oriente e as suas profecias gozavam de grande respeito; cf., *e. g.*, Heródoto 1. 120-132.

²⁰ Potideia era colónia de Corinto e tinha sido fundada em finais do séc. VII a. C., na Calcídica, no nordeste da Grécia. Encontrava-se sob autoridade ateniense desde 363 a. C., quando foi tomada por Filipe, em 356.

que Parménion tinha vencido os Ilírios²¹ numa grande batalha; segundo, que o seu cavalo tinha vencido a corrida nos jogos olímpicos; e, em terceiro lugar, que Alexandre tinha nascido.

9. Ficou encantado com todas elas, como é natural, e mais exultante ficou quando os Magos lhe revelaram que o filho, cujo nascimento coincidia com três vitórias, havia de ser invencível.

IV.1. Os melhores registos do seu aspeto físico são as estátuas que dele esculpiu Lisipo²², de modo que Alexandre decidiu que só este artista era digno de retratá-lo. **2.** Sobretudo aqueles pormenores que, mais tarde, muitos dos seus sucessores e amigos pretenderam imitar, como a pose do pescoço ligeiramente inclinado para a esquerda e o brilho do olhar, tinham sido rigorosamente representados pelo artista. **3.** Apeles²³, por seu lado, quando o pintou brandindo o raio, não lhe respeitou a cor da pele, fê-la demasiado morena e escura. Ora ele tinha, ao que se diz, uma pele clara. Essa brancura tornava-se rosada sobretudo no peito e na cara. **4.** Dizia-se também que a pele lhe exalava um cheiro muito agradável, e que a boca, como todo o corpo, tinha uma fragrância tal que lhe impregnava as roupas; este é um tópico que li nas *Memórias* de Aristóxeno²⁴.

²¹ Parménion, um dos generais de Filipe, acabava de vencer os Ilírios, uma tribo situada na zona leste do Adriático, que fazia fronteira com a Macedónia e o Epiro.

²² Lisipo de Sícion (segunda metade do séc. IV a. C.) foi um dos nomes de referência da escultura grega. A admiração de Alexandre valeu-lhe ter-se tornado escultor da corte. Foi autor de um número elevado de obras (há quem fale de 1500 estátuas). Vide M. H. Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica. I. Cultura Grega*, Lisboa, 102006, 609-611.

²³ Apeles de Cólofon (primeira metade do séc. IV a. C.), tido como o primeiro dos pintores gregos, prestou também os seus serviços à corte da Macedónia, além da atividade que desenvolveu em Atenas e Corinto. Pintava sobretudo retratos; de Alexandre fez vários, integrando neles algum elemento alegórico, como é o caso do raio referido neste passo.

²⁴ Aristóxeno de Tarento (nascido c. 375 a. C.) esteve em Atenas, onde foi aluno do Liceu de Aristóteles. Era conhecido como especialista

5. A razão para este facto talvez fosse a temperatura corporal, que era elevada, quase febril. Porque uma fragrância, segundo Teofrasto²⁵, produz-se pela evaporação de um elemento húmido por ação do calor. 6. É daí que as regiões secas e quentes do mundo são as que produzem as essências mais abundantes e melhores, porque o sol evapora a humidade, que abunda nos corpos e os corrompe. 7. No caso de Alexandre, era a compleição quente, ao que parece, o que fazia dele um grande bebedor e um espírito colérico.

8. Era ainda criança e já dava provas de autocontrolo; apesar de, sob outros pontos de vista, ser impetuoso e arrebatado, não cedia com facilidade aos prazeres dos sentidos; e se lhes cedia, era com grande moderação. O desejo de glória estimulava nele uma determinação e um bom senso excepcionais na sua idade. 9. Não era qualquer tipo de fama nem uma fama conseguida a qualquer preço que o atraía, como acontecia com Filipe, que se vangloriava, como qualquer sofista, da capacidade retórica que tinha, e que se preocupava em gravar nas moedas as vitórias dos seus carros em Olímpia. 10. Alexandre, porém, quando os que lhe eram próximos lhe perguntaram se ele gostaria de concorrer na corrida olímpica, uma vez que era um atleta ágil, respondeu: ‘Só se tivesse reis por adversários’. 11. De resto, parece que era avesso ao desporto em geral. Assim, embora tivesse instituído concursos sem conta, de outro género – de tragédia, de flauta,

em harmonia e música. Acabou preterido pelo mestre como diretor da escola, em favor de Teofrasto.

²⁵ Teofrasto (c. 370-287 a. C.) era de Éreso, em Lesbos, e foi um dos alunos mais distintos de Aristóteles, a quem sucedeu à frente do Liceu. Foi autor de dois tratados de botânica e dos *Carateres*, um conjunto de trinta retratos de tipos humanos. Sobre esta teoria das fragrâncias, *vide* fr. 4, 6, West. T. Whitmarsh, ‘Alexander’s Hellenism and Plutarch’s textualism’, *CQ* 52. 1, 2002, 188, vê também neste passo uma referência à teoria hipocrática dos humores e sobretudo à noção aristotélica de saúde perfeita como o equilíbrio entre dois extremos.

de cítara, de recitação, de todo o tipo de caça, de esgrima -, para o boxe e para o pancrácio não se mostrou interessado em criar prémios.

V.1. Numa ocasião em que Filipe se encontrava ausente, foi ele quem recebeu os embaixadores do rei persa de visita à corte. Soube mostrar-se amável e conquistá-los pela gentileza, sem se pôr a fazer-lhes perguntas infantis ou triviais. **2.** Quis, isso sim, informar-se sobre a extensão das estradas e o tipo de percurso para o interior, quis saber pormenores sobre o próprio rei, sobre a sua capacidade como guerreiro, **3.** e quais os meios e o potencial militar dos Persas. De tal modo que os embaixadores ficaram pasmados e consideraram nulo o tão propalado talento de Filipe, se comparado com a determinação do filho e a sua capacidade para grandes projetos. **4.** De cada vez que chegava a notícia de que Filipe tinha tomado uma cidade famosa ou conseguido, numa batalha, uma vitória retumbante, Alexandre não ficava muito satisfeito com a informação e dizia aos colegas da mesma idade: 'Amigos, o meu pai vai antecipar-se em tudo, sem deixar para mim uma só proeza de relevo, que eu possa alcançar com a vossa colaboração'. **5.** Como não se preocupava em conseguir prazer e dinheiro, antes pugnava pela excelência e pela fama, entendia que quanto mais sucessos recebesse do pai, menos lhe ficariam para alcançar por si próprio. **6.** Sendo assim, por considerar que estes acréscimos ao património, conseguidos pelo pai, lhe reduziam, a ele próprio, a oportunidade de cometer novos empreendimentos, preferia herdar um reino que, em vez de dinheiro, luxo e conforto, lhe proporcionasse conflitos, guerras e glória.

7. Muitos foram os encarregados de se ocuparem dele, como é natural, de o alimentar, de o educar, de o ensinar, supervisionados por Leónidas, um homem de temperamento austero e parente de Olímpia. Embora este não recusasse o título de tutor, tarefa que considerava honrosa e distinta, houve quem, em função da

sua dignidade pessoal e do parentesco, lhe desse o título de pai adotivo ou mentor de Alexandre. **8.** A função e o título de tutor foram conferidos a Lisímaco, um sujeito nascido na Acarnânia, que não era propriamente brilhante; mas como se designava a si mesmo por Fénix, a Alexandre por Aquiles e a Filipe por Peleu²⁶, gozou de um grande prestígio e ocupou um segundo lugar.

VI.1. Um dia, Filonico da Tessália apareceu com um cavalo de raça bucéfala²⁷ e propôs-se vendê-lo a Filipe por treze talentos. Desceram até à planície para experimentar o cavalo, que dava a ideia de ser difícil e intratável; não consentia que ninguém o montasse, nem se submetia à voz de qualquer dos servos de Filipe, antes se empinava diante de todos eles. **2.** Filipe ficou irritado e deu ordem para que o levassem embora, convencido de que o animal era selvagem e indomável. Mas Alexandre, que assistia à cena, comentou: ‘Que belo animal eles vão perder! Tudo por falta de jeito e de ousadia. É isso o que os impede de lidar com ele’. **3.** Filipe, primeiro, ficou calado. Mas como Alexandre repetia vezes sem conta a mesma observação e se

²⁶ Este Lisímaco logrou criar uma simbologia que lhe permitiu assumir-se como um novo Fénix, o preceptor de Aquiles e, por esta via, atribuir-se um talento que não tinha. Sobre a figura de Fénix e a sua influência junto de Aquiles, cf. *Iliada* 9. 432-496. Sobre o tom épico usado por Plutarco para a caracterização de Alexandre, *vide* J. M. Mossman, ‘Tragedy and epic in Plutarch’s *Alexander*’, *JHS* 108, 1988, 83-93. Sublinha esta autora que o episódio que se segue, o da domesticação do Bucéfalo, é também de índole épica, sendo o epíteto ‘domador de cavalos’ (*hippodamos*) comum na *Iliada*.

²⁷ Bucéfalo, ‘cabeça de boi’, era o cavalo preto de Alexandre e o seu ferido ao longo de vinte anos. Veio a morrer ferido em combate junto ao rio Hidaspes, em 326 a. C. (*vide infra* 61. 1-2). Em sua homenagem, Alexandre fundou a cidade de Bucéfala, no que hoje é o Paquistão ocidental. A cena de aquisição do cavalo por Filipe tem data incerta, mas terá sido próxima do tempo em que o jovem príncipe teria os seus catorze anos. Sublinhar-lhe a origem tessália era reconhecer, como proveniência, a região que melhores cavalos produzia na Grécia. Bucéfala, de resto, é o nome de uma raça, cujos animais exibiam, como marca, a cabeça de um boi.

mostrava aborrecido, interpelou-o: ‘Quem és tu para depreciar gente mais velha, convencido de que sabes mais do que eles ou que és mais competente para lidar com um cavalo?’ **4.** ‘Este cavalo, pelo menos’, retorqui Alexandre, ‘sou capaz de o dominar melhor do que os outros’. ‘E se não conseguires, que castigo achas tu que mereces pelo teu atrevimento?’ ‘Pois bem, eu’, propôs-se Alexandre, ‘cubro o preço do cavalo’. **5.** Houve um riso geral, seguido de uma aposta entre pai e filho. Sem perda de tempo, Alexandre correu para o cavalo, agarrou-o pelas rédeas e voltou-o de frente para o sol. Tinha percebido, parece, que ver a sua própria sombra a dançar-lhe na frente perturbava o animal. **6.** Acompanhou então, a correr, por uns tantos metros o galope do cavalo, foi-lhe dando umas palmadinhas, e quando o viu de novo cheio de ímpeto e de fôlego, despiu devagar o manto que trazia e, com um salto ligeiro, montou-o com segurança. **7.** Aí puxou-lhe os freios ao de leve, sem lhe bater ou o castigar, e manteve-o firme. Quando viu que o cavalo tinha perdido o medo e estava impaciente por correr, soltou-lhe as rédeas e estimulou-o, com voz de comando e um toque de pés. **8.** Filipe e os que o acompanhavam ficaram primeiro mudos de ansiedade. Mas quando Alexandre chegou ao fim, deu a volta com toda a correção e regressou, orgulhoso e triunfante, foi um clamor geral; o pai, ao que se diz, chorou de alegria e, quando Alexandre desceu do cavalo, beijou-o na testa e disse-lhe: ‘Meu filho, arranja um reino à tua medida. A Macedónia é pequena demais para ti’.

VII.1. Ao perceber que o filho tinha um carácter obstinado, mas que, apesar de resistir a ser submetido pela força, acedia facilmente, pela razão, ao cumprimento do dever, passou a procurar convencê-lo, em vez de o obrigar. **2.** Filipe não tinha grande confiança na orientação e na preparação dos mestres de humanidades e das disciplinas do plano geral que o filho tinha,

mas estava certo da relevância da questão, como diz Sófocles²⁸, ‘obra de muitos freios e de muitos lemes também’. Mandou então chamar o mais famoso e competente dos filósofos, Aristóteles²⁹, e propôs-lhe um salário generoso e apropriado à sua reputação.

3. A cidade de Estagira³⁰, de onde Aristóteles era natural e que Filipe tinha arrasado, foi reconstruída e permitido o regresso dos cidadãos então no exílio ou reduzidos à escravatura.

4. Como local de estudo e de trabalho para mestre e discípulo foi designado o ninfeu perto de Mieza³¹, onde ainda hoje nos são mostrados os assentos de pedra e as alamedas cobertas de sombra de Aristóteles.

5. Fica-se com a ideia de que Alexandre aprendeu com o mestre não só as suas teorias éticas e políticas, como beneficiou também daqueles ensinamentos mais restritos e mais específicos, que os filósofos designam com as palavras ‘acroamáticos’ e ‘epópticos’³² e que não partilham com a

²⁸ Cf. fr. 785 N², *a incerta fabula*.

²⁹ Esse convite ocorreu em 342 a. C., quando Aristóteles se encontrava em Mitilene. Além da qualidade e reputação do mestre, pode ter contribuído para o convite o facto de o pai de Aristóteles, Nicómaco, ter já sido médico de Amintas II, pai de Filipe.

³⁰ Estagira, a cidade natal de Aristóteles, ficava na Calcídica. Foi destruída por Filipe II da Macedónia em 350 a. C.

³¹ Cidade macedónia próxima de Pela.

³² ‘Acroamáticos’, ‘comunicados por ouvido, secretos’, ou seja, aquelas lições que eram transmitidas apenas oralmente e que não circulavam sob forma escrita. A designação de ‘epópticos’ estabelece que esses conhecimentos só estavam acessíveis a iniciados (*epopteia*, ‘iniciação’). Assim se distingue as obras exotéricas de Aristóteles, destinadas à divulgação do saber, com uma circulação mais ampla, das acroamáticas, destinadas a um público restrito. Por morte de Aristóteles, esses seus manuscritos, que continham apontamentos de aula, não preparados para publicação, conheceram maior divulgação. E são eles os que correspondem aos textos que chegaram até nós. Do saber enciclopédico que era de norma no Liceu, Alexandre parece ter recebido ensinamentos em várias disciplinas: filosofia e literatura (Plutarco refere uma edição, anotada por Aristóteles, da *Iliada*, na posse do conquistador macedónio), além de geografia, botânica e zoologia. Talvez alguns textos de natureza política tivessem sido também compostos a pensar na formação específica do príncipe macedónio.

generalidade das pessoas. **6.** Já Alexandre tinha atravessado para território asiático, quando teve conhecimento de que alguns desses assuntos tinham sido publicados em livro por Aristóteles; escreveu-lhe então uma carta em defesa da filosofia, expressa em tom de franca reprovção. Rezava assim a carta: ‘De Alexandre a Aristóteles, com as melhores saudações. **7.** Não fizeste bem em publicar as tuas teorias acroamáticas. Em que me posso distinguir dos restantes, se essas doutrinas em que fui formado vão estar agora acessíveis a qualquer um? Quando eu preferia distinguir-me por ter uma cultura sólida mais do que pelo poder. Cumprimentos’. **8.** Ao procurar defender-se, Aristóteles tentou acalmar os pruridos de Alexandre; argumentou que as teorias a que ele se referia nem estavam publicadas nem deixavam de estar. **9.** A verdade é que o seu tratado de metafísica era inútil para quem estivesse a ensinar ou a aprender, mas um verdadeiro memorando para quem já tinha uma iniciação no assunto.

VIII.1. Na minha opinião, também o interesse de Alexandre pela medicina lhe foi incutido sobretudo por Aristóteles. Entusiasmava-o não só a teoria, como socorria os amigos quando doentes; prescrevia-lhes tratamentos e regimes, como se percebe das cartas que escreveu. **2.** Era também, por natureza, um amante da literatura e da leitura. Por considerar a *Iliada* um manual de arte militar – era assim que a designava –, levou consigo a versão comentada por Aristóteles – conhecida por ‘*Iliada* do cofre’³³ – e manteve-a sempre, juntamente com o punhal, debaixo do travesseiro, ao que conta Onesícrito³⁴. **3.** E como, em pleno

³³ *Vide infra* 26. 3-7.

³⁴ Onesícrito foi autor de um tratado sobre *A educação de Alexandre*, para nós reduzido a uns poucos fragmentos; cf. J. B. Cavero, S. B. Morillo, J. M. Hermida (2007), *Plutarco. Vidas Paralelas*, Madrid, Gredos, 34. Trata-se de um filósofo cínico, que participou na expedição macedónia na Ásia; a narrativa de que é autor segue, de certa forma, o padrão da *Ciropedia* de Xenofonte. O mesmo amor de Alexandre por

interior da Ásia, não arranjava outros livros, mandou Hárpalos³⁵ remeter-lhe alguns. Foi assim que este lhe enviou as obras de Filisto, boa parte das peças de Eurípides, de Sófocles e de Ésquilo, e os ditirambos de Telestes e Filóxeno³⁶. 4. A princípio tinha por Aristóteles uma admiração e um afeto maior até, segundo ele mesmo afirmava, do que pelo próprio pai; porque este tinha-lhe dado a vida, e aquele a arte de viver bem a vida. Mais tarde, no entanto, alimentou contra ele alguma suspeição, não a ponto de lhe causar qualquer dano; mas as atenções com que o distinguia perderam aquele ardor e afetividade do passado, em sinal de algum afastamento³⁷. 5. Todavia aquele entusiasmo e ânsia de saber que lhe eram inatos e que não deixaram de evoluir com o próprio crescimento, nunca lhe abandonaram o espírito. Esta realidade é comprovada pela consideração que sempre teve por

Homero é confirmado por Plutarco, *Moralia* 327f-328^a. Segundo J. M. Mossman (1995), 'Tragedy and epic in Plutarch's *Alexander*', *JHS* 108, 1988, 86, a fonte de Plutarco para a referência a este entusiasmo teria sido justamente Onesícrito.

³⁵ Hárpalos foi tesoureiro de Alexandre, de quem tinha sido amigo de infância. Seguiu Alexandre na campanha da Ásia e tornou-se, depois da batalha de Gaugamelos, o responsável financeiro pela administração do império. Não se mostrou, porém, digno da confiança que a função e a relação pessoal exigiam. Quando Alexandre regressou da Índia, Hárpalos desertou primeiro para a Cilícia e, em 324 a. C., fugiu para Atenas portador de uma boa soma de dinheiro, com que pretendia – sem ter obtido sucesso – incitar uma rebelião grega contra Alexandre. Acabou morto em Creta por um dos seus homens. Cf. *Vida de Demóstenes* 25-26.

³⁶ Além dos trágicos, outros foram os textos selecionados por Hárpalos. Filisto era historiador e foi autor de uma longa *História da Sicília*. Telestes de Selinunte e Filóxeno de Citera foram dois dos mais famosos ditirambógrafos gregos. Telestes escreveu *Sobre os poetas trágicos* e *Sobre os auletas*. De Filóxeno, o poema mais popular foi o *Ciclope* (parodiado por Aristófanes, *Pluto* 290 sqq.), talvez composto na sequência de uma aventura romanesca com uma cortesã, ocorrida na corte de Dioniso I de Siracusa. Escreveu também monografias sobre Pitágoras, Arquitas, Sócrates e Platão. Cf. A. Lesky, *Historia de la literatura griega*, trad. espanhola, Madrid, 1968, 722.

³⁷ *Vide infra* 55, 74.

Anaxarco³⁸, pelo envio de cinquenta talentos a Xenócrates e pelas atenções que demonstrou a Dândamis e a Calano³⁹.

IX.1. Quando Filipe partiu para Bizâncio numa expedição⁴⁰, Alexandre, apesar de ter apenas dezasseis anos, ficou como regente na Macedónia, responsável pelos assuntos de Estado e pelo selo régio. Durante este tempo, submeteu uma rebelião dos Medos⁴¹, tomou-lhes a cidade, expulsou de lá esses bárbaros, estabeleceu no local uma população mista e deu à cidade o nome de Alexandrópolis. **2.** Esteve também em Queroneia e tomou parte na batalha contra os Gregos⁴². Diz-se mesmo que foi ele o primeiro a dismantelar o Batalhão Sagrado dos Tebanos⁴³. **3.** Até hoje continua a mostrar-se um velho carvalho, junto ao Cefiso⁴⁴, chamado ‘de

³⁸ *Vide infra* 28. 5, 65, 69. Anaxarco de Abdera, um filósofo, acompanhou também Alexandre na campanha do oriente. Xenócrates de Calcedónia conta-se no número dos discípulos de Platão que homenagearam a memória do mestre com elogios entusiásticos. Com a nova orientação dada à Academia por Espeusipo, sucessor de Platão, Xenócrates, como de resto Aristóteles, deixaram Atenas. Quando, em 339 a. C., Espeusipo morreu, a Xenócrates foi confiada a missão agora vaga de dirigir a Academia. Sobre as relações de Alexandre com Anaxarco, *vide* Plutarco, *Moralia* 331 e.

³⁹ *Vide infra* 65.

⁴⁰ Em 340 a. C.

⁴¹ Tribo do nordeste da Macedónia, de certa pujança e em frequente conflito com a corte de Pela. De acordo com a versão de Plutarco, Alexandre não se limita a derrotar os vizinhos Medos; exila-os da sua terra e funda a sua primeira cidade epónima, Alexandrópolis.

⁴² Em 338 a. C., de que resultou a ocupação das cidades gregas pela Macedónia. Nesta batalha participaram, na resistência grega, os Tebanos, Atenienses e tropas de cidades aliadas de menor dimensão. Do lado macedónio, o comando foi assegurado por Filipe e por Alexandre. A superioridade militar dos Macedónios garantiu a vantagem ao invasor.

⁴³ Trata-se de um corpo de tropas de elite, de 300 homens, formado anos antes, em 378 a. C., e com provas dadas em batalhas anteriores.

⁴⁴ Rio da Beócia, que nasce no Parnasso e desagua no lago Copáis. As informações que Plutarco dá sobre a região, sua terra natal, são naturalmente pormenorizadas.

Alexandre', onde ele, nesse tempo, acampou. A vala comum dos Macedónios não fica longe.

4. Em função de todos estes feitos, Filipe tinha, como é natural, um orgulho enorme no filho, a ponto de ficar feliz por ouvir os Macedónios chamarem a Alexandre rei e a ele mesmo, Filipe, general. 5. Contudo os dissabores domésticos – em resultado dos casamentos e das aventuras românticas de Filipe – contaminaram o reino do mesmo clima que grassava nos apartamentos das mulheres; daí resultarem motivos sem conta de ofensa e divergências profundas. Olímpia, com o seu feitio difícil e ciumento, não fez senão agravá-las, agudizando ressentimentos junto de Alexandre. 6. Foi Átalo quem levou ao rubro a polémica no casamento de Cleópatra, uma jovem que Filipe desposou, apaixonado por ela apesar da diferença de idades⁴⁵. 7. Átalo era tio da moça; em plena boda, quando já estava bem bebido, estimulou os Macedónios a pedirem aos deuses que de Filipe e Cleópatra nascesse um filho legítimo, para lhe suceder no trono⁴⁶. 8. Furioso com a história, Alexandre gritou: 'Quer dizer que eu, para ti, seu cabeça tonta, não passo de um bastardo!' E atirou-lhe com uma taça. 9. Filipe avançou para ele de espada em riste⁴⁷, mas, afortunadamente

⁴⁵ Cleópatra (segundo Arriano 3. 6. 5, chamada Eurídice), que Filipe desposou, era ainda muito jovem, em 337 a. C., pertencia à melhor aristocracia macedónia. Era sobrinha de Átalo, general de Filipe, e veio engrossar a lista de sete esposas que Filipe, por razões pessoais ou políticas, foi coleccionando. Acabou assassinada por influência de Olímpia.

⁴⁶ I. Scott-Kilvert, G. T. Griffith, *The age of Alexander. Nine Greek Lives by Plutarch*, London, Penguin Books, 1973, 261, sublinham que Átalo procuraria valorizar a ideia de que o filho de Filipe e Cleópatra seria um verdadeiro macedónio, enquanto Alexandre, nascido de uma mulher do Epiro, não tinha a mesma pureza de sangue. Naturalmente que esta união e o nascimento de um possível herdeiro ameaçavam as pretensões de Alexandre à sucessão.

⁴⁷ A presença de armas nos banquetes macedónios (*vide infra* 51. 9) era uma prática banida entre os Gregos desde o séc. VI a. C.

para ambos, com a fúria e com o vinho escorregou e caiu. **10.** Aí Alexandre disse, em ar de troça: ‘É este o homem, meus senhores, que se preparava para atravessar da Europa para a Ásia, o mesmo que tropeça apenas para passar de um leito para outro’. **11.** Depois desta cena de bêbados, Alexandre pegou em Olímpia e levou-a para o Epiro, enquanto ele mesmo se instalava na Ilíria.

12. Entretanto Demarato de Corinto⁴⁸, um hóspede da casa e um sujeito sem papas na língua, veio visitar Filipe. **13.** Após os cumprimentos e saudações da praxe, Filipe perguntou-lhe como estavam as relações entre os Gregos; respondeu ele: ‘Fica-te muito bem essa preocupação, Filipe, com os Gregos, quando na tua própria casa tiveste artes de arranjar tantos conflitos e problemas’. **14.** Filipe caiu em si e entrou em contacto com Alexandre, demovendo-o a regressar com a interferência de Demarato.

X.1. Pixódaro, sátrapa da Cária⁴⁹, para estabelecer uma aliança com Filipe com vista a uma futura cooperação militar, propôs o casamento da sua filha mais velha com Arrideu⁵⁰, filho de Filipe; a este propósito, enviou Aristócrito à Macedónia. Mais uma vez surgiram histórias e comentários, que chegaram aos ouvidos de Alexandre através dos amigos e da mãe: que Filipe se servia de um casamento brilhante e de acordos importantes para conferir o trono a Arrideu. **2.**

⁴⁸ Demarato de Corinto era favorável aos interesses macedónios na Grécia e mantinha com a corte de Pela relações de hospitalidade.

⁴⁹ Após a morte do rei persa Artaxerxes Oco, em 338 a. C., o sátrapa Pixódaro pretendeu encontrar apoio externo para assumir uma atitude dissidente em relação à corte persa.

⁵⁰ Arrideu, um meio irmão talvez um pouco mais velho do que Alexandre, era filho ilegítimo de Filipe e de uma mulher da Tessália, um pouco limitado de espírito. Depois da morte de Alexandre acedeu ao trono, mas acabou assassinado por interferência de Olímpia. *Vide infra* 77. 7.

Perturbado com estas notícias, Alexandre remeteu para a Cária Téssalo⁵¹, um ator trágico, para comunicar a Pixódaro que ele devia ignorar o bastardo – aliás um tonto –, e estabelecer uma relação de parentesco com ele mesmo, Alexandre. Plano que agradou bem mais a Pixódaro do que o anterior.

3. Filipe, informado do que se passava, dirigiu-se ao quarto de Alexandre, acompanhado de um dos amigos e camaradas do príncipe, Filotas⁵², filho de Parménion, e repreendeu-o severamente; acusou-o, em termos exaltados, de ser um sujeito ignóbil, indigno da nobreza da sua condição, se pretendia tornar-se genro de um homem da Cária, súbdito de um rei bárbaro⁵³.

4. Quanto a Téssalo, escreveu aos Coríntios que o mandassem de volta algemado.

5. Dos outros companheiros de Alexandre, o rei mandou para o exílio Hárpalos⁵⁴ e Nearco, Erígio e Ptolemeu⁵⁵, sujeitos que mais tarde Alexandre chamou de volta e a quem tinha no maior apreço.

⁵¹ Nesta altura os atores, mais profissionais, gozavam de maior prestígio e tinham por vezes atuação política relevante.

⁵² Que veio a comandar os ‘Companheiros’ do rei. *Vide infra* nota 85.

⁵³ Além desta razão de brio patriótico, naturalmente que uma aliança entre Alexandre e uma filha de um sátrapa vassalo do rei persa não era compatível com o projeto de uma campanha contra a Pérsia que Filipe alimentava.

⁵⁴ *Vide supra* nota 35.

⁵⁵ Nearco era cretense e impôs-se pela competência como comandante naval. Foi esse o serviço que prestou a Alexandre a partir de 326, que o encarregou de descobrir o caminho marítimo entre a Pérsia e a Índia (*vide infra* 66. 3 sqq.). Dessa missão, Nearco deixou um relato de viagem desde a foz do Indo até ao Golfo Pérsico, de que nos restam fragmentos. Erígio provinha de Mitilene e serviu como comandante de cavalaria das tropas de Alexandre nas grandes batalhas de Granico, Isso e Gaugamelos. Ptolemeu, um colaborador mais apagado em vida de Alexandre, veio a ter um papel importante como futuro rei do Egito, onde deu início à dinastia dos Ptolemeus (vigente desde 323, data da morte de Alexandre, até 30 a. C., ano da ocupação romana). Foi autor de uma *História de Alexandre*.

6. Quando Pausânias⁵⁶, que tinha sido insultado por intervenção de Átalo e Cleópatra, sem conseguir do rei que se fizesse justiça, matou Filipe, boa parte das culpas foi assacada a Olímpia, com o pretexto de que ela tinha incitado a fúria do jovem e o levara a cometer esse ato. Mas alguma responsabilidade recaiu também sobre Alexandre. 7. Correu, de facto, o boato de que, quando Pausânias, após a ofensa de que foi vítima, encontrou Alexandre e se queixou, o príncipe lhe recitou este verso da *Medeia*: ‘O pai da noiva, o noivo e a desposada’⁵⁷.

8. Seja como for, a verdade é que ele investigou os cúmplices da conspiração e os puniu. E ficou furioso com Olímpia pelo tratamento selvagem que deu a Cleópatra, na sua ausência⁵⁸.

XI.1. Tinha Alexandre vinte anos quando assumiu o trono, onde não faltavam grandes rivalidades, ódios tremendos e perigos provindos de toda a parte. **2.** As tribos bárbaras da vizinhança não acatavam a sujeição, num saudosismo pelas suas monarquias tradicionais. E quanto à Grécia, embora Filipe a tivesse dominado pela força das armas, não tinha tido tempo de a subjugar e pacificar; tinha-se limitado a introduzir mudanças

⁵⁶ Pausânias era um jovem aristocrata da Macedónia, membro da guarda real, que se sentiu vítima de um insulto da parte da rainha e do seu tio, Átalo. Foi esta ofensa sem reparação que, segundo algumas versões, o incentivou ao regicídio, em 336 a. C., na boda de Cleópatra, filha de Filipe e Olímpia, com Alexandre do Epiro, tio da noiva. Havia, no entanto, quem supusesse que Olímpia tinha intervindo no episódio. Arriano 2. 14. 5 dá, para a morte de Filipe, outra versão que iliba Olímpia e Alexandre: Pausânias teria agido por razões políticas, depois de receber um suborno do rei persa.

⁵⁷ Esta é uma citação do v. 288 da *Medeia* de Eurípidés. O verso pertence a uma fala de Creonte, disposto a expulsar Medeia de Corinto por receio de uma vingança que poderia recair sobre ele próprio, Jasão e Creúsa.

⁵⁸ Olímpia não poupou Cleópatra e o filho que ela tivera de Filipe, lançando-os a uma fogueira; cf. Pausânias 8. 7. Átalo, por sua vez, foi condenado por Alexandre sob a acusação de manter com Atenas uma correspondência politicamente traiçoeira.

e alterações na administração, para a deixar mergulhada numa grande crispação e instabilidade, face a uma situação que lhe era estranha⁵⁹. **3.** Os Macedónios receavam a crise e entendiam que Alexandre devia pôr de lado, em definitivo, os assuntos da Grécia e abdicar de uma ocupação; em contrapartida, devia conciliar os bárbaros revoltados, com diplomacia, e refrear os primeiros sinais de rebelião. **4.** Ele, porém, era da opinião contrária; estava convencido de conseguir, através da determinação e da ousadia, ganhar estabilidade e segurança para o seu reino. E tinha por certo que, ao menor sinal de quebra de autoridade da sua parte, todos os inimigos se voltariam contra ele. **5.** Tratou de apaziguar a agitação e as guerras com os bárbaros, com uma expedição rápida por todo o território até ao Istro⁶⁰, onde travou uma batalha tremenda com Sirmo, rei dos Tribalos⁶¹, e o venceu. **6.** Informado de uma revolução que entretanto estalara em Tebas, com o apoio de Atenas, conduziu, sem perda de tempo, as suas tropas através das Termópilas; valeu-se do pretexto de que Demóstenes⁶² lhe tinha chamado, quando ele se encontrava em

⁵⁹ A morte de Filipe deixou a Grécia numa situação delicada. A batalha de Queroneia, em 338 (*vide supra* nota 42), deu a Filipe uma vitória sobre as cidades gregas de política antimacedónia (como Tebas ou Atenas). O vencedor instalou então, em várias cidades, uma guarnição macedónia e interferiu na política grega: restaurou as cidades beócias destruídas por Tebas, dissolveu a confederação ateniense, ocupou, com uma força armada, Corinto, ao mesmo tempo que protegia regiões pró-macedónias. A todos os povos gregos foram ditadas regras de convívio comum.

⁶⁰ Ou seja, o Danúbio.

⁶¹ Os Tribalos ocupavam um território correspondente à atual Bulgária e eram já no séc. V a. C. (cf. Aristófanes, *Aves*) considerados um modelo de selvajaria. Sobre esta campanha de Alexandre, cf. Arriano 1. 2.

⁶² Demóstenes (384-322 a. C.) foi um dos mais brilhantes oradores atenienses. Boa parte da sua popularidade adveio justamente da resistência antimacedónica que veiculou nos seus discursos políticos. Contra Filipe e contra a ocupação da Grécia pronunciou discursos inflamados, as *Filípicas*, a partir de 352, cerca de oito anos antes da batalha de Queroneia,

campanha contra os Ilírios e os Tribalos, ‘garoto’, e ‘rapazola’, quando chegou à Tessália; pretendia, por isso, provar-lhe que, diante das muralhas de Atenas, era já um ‘homem’.

7. Ao chegar a Tebas⁶³, para lhe dar uma última oportunidade de se arrepender da sua atitude, exigiu a rendição de Fénix e de Prótites⁶⁴, mas anunciou uma amnistia para os que se passassem para o seu lado. 8. Os Tebanos fizeram-lhe uma contraposta: que lhes entregasse Filotas e Antípatro⁶⁵ e proclamaram, por sua vez, que quem quisesse lutar pela liberdade da Grécia se passasse para o seu lado. Perante esta reação, Alexandre declarou aos Macedónios que se preparassem para a guerra. 9. Do lado tebano, a luta foi assumida com superioridade e valentia muito para além da sua capacidade, dado que enfrentavam um inimigo que lhes era de longe superior em número. 10. Mas quando a guarnição macedónia abandonou a cidadela de Cadmo⁶⁶ e os veio atacar pela retaguarda, grande parte dos Tebanos viu-se cercada e tombou no campo de batalha; a cidade foi então tomada, arrasada e totalmente destruída. 11. Com tudo isto

que oficializou a submissão da Grécia à Macedónia. Demóstenes, que participou como combatente nesta batalha, pronunciou o discurso fúnebre dos caídos em combate, para nós perdido. Na polémica que, a partir de então, se instalou na Grécia, Demóstenes foi responsabilizado pela situação difícil em que Atenas se encontrava pela resistência que defendia.

⁶³ Em 335 a. C. Plutarco omite uma incursão anterior que Alexandre fez na Grécia, de que resultou a submissão de todas as cidades gregas do sul, à exceção de Esparta; o novo rei foi então reconhecido como comandante de uma expedição contra a Pérsia, em substituição de Filipe; cf. Arriano 1. 1. 1-2. Dada a tradição e antiguidade de Tebas, a ocupação desta cidade era simbólica para todo o mundo grego.

⁶⁴ Os comandantes das tropas de Tebas.

⁶⁵ Dois dos generais de Alexandre.

⁶⁶ Em Tebas, na cidadela de Cadmo (fundador mítico da cidade), estava aquartelada uma guarnição macedónia, que Filipe lá tinha instalado depois da batalha de Queroneia (*vide supra* nota 59).

Alexandre pretendia que os Gregos ficassem atemorizados com tal exemplo e reduzidos à rendição; além de que se justificava com o objetivo de satisfazer as reclamações dos seus aliados, Fócios e Plateenses, que tinham queixas dos Tebanos. **12.** Descontados os sacerdotes, todos os que tinham com os Macedónios vínculos de hospitalidade, os descendentes de Píndaro⁶⁷ e todos os que votaram contra a revolta, os restantes vendeu-os como escravos, num total superior a 30.000. Os mortos ultrapassaram os 6.000.

XII.1. No meio de muitas humilhações e atos de violência que vitimaram a cidade, uns tantos Trácios invadiram a casa de Timocleia⁶⁸, uma mulher de grande reputação e dignidade; e enquanto eles lhe saqueavam os bens, o comandante violou a mulher e humilhou-a; perguntou-lhe, por fim, se tinha ouro ou prata escondidos. **2.** Ela admitiu que tinha; levou-o então, sozinho, ao jardim e mostrou-lhe um poço, para onde – ao que dizia –, quando a cidade foi tomada, ela tinha atirado os seus bens de maior valor. **3.** Quando o Trácio se inclinou para vasculhar o sítio, ela foi por trás e empurrou-o; mandou-lhe depois com uma data de pedras em cima até o matar. **4.** Os Trácios levaram-na, de mãos atadas, à presença de Alexandre; mas desde logo ficou patente, pelo aspeto e pelo porte, que se tratava de uma pessoa distinta e superior, no modo tranquilo e seguro de si como seguia os que a levavam. **5.** Quando o rei lhe perguntou quem era, ela respondeu que era irmã de Teágenes, o comandante das tropas que resistiram a Filipe em nome da liberdade da Grécia, e que veio a morrer em combate em Queroneia. **6.** Surpreendido com a resposta que recebeu e com

⁶⁷ Arriano 1. 9. 10 confirma que os descendentes de Píndaro, como sinal de consideração pela memória do maior poeta de Tebas, foram poupados.

⁶⁸ Timocleia era irmã de Teágenes, comandante dos Tebanos morto em Queroneia.

a reação que ela tinha tido, Alexandre ordenou que a deixassem ir em liberdade, juntamente com os filhos⁶⁹.

XIII.1. Fez depois uma trégua com os Atenenses, embora eles tivessem manifestado uma simpatia expressa pelo destino infeliz de Tebas. A verdade é que, quando já decorria a festa dos mistérios⁷⁰, eles suspenderam-na em sinal de luto, e aos Tebanos que procuraram refúgio na cidade receberam-nos com toda a simpatia. **2.** Talvez a fúria se lhe tivesse saciado, como acontece com os leões, ou quisesse fazer esquecer um ato da mais terrível e atroz violência com um rasgo de generosidade; o certo é que não só pôs de lado os agravos que tinha, como recomendou à cidade que tivesse em consideração os seus interesses; porque se alguma coisa lhe acontecesse, a ele, Alexandre, seria ela a governar a Grécia. **3.** Anos passados, ao que julgamos saber, vezes sem conta sentiu remorsos pelo sofrimento infligido aos Tebanos; demonstrou, por isso, tolerância em relação a não poucos povos. **4.** O assassinato de Clíto⁷¹, que Alexandre cometeu sob efeito do vinho, e a recusa cobarde dos Macedônios sob seu comando em o seguir no ataque aos Indus⁷², obrigando-o a suspender e a pôr em causa o êxito da expedição, atribuiu-os à cólera e à vingança de Dioniso⁷³. **5.** Não houve, desde então, um único

⁶⁹ Cf. Plutarco, *Moralia* 259d-260d.

⁷⁰ Os mistérios de Elêusis realizavam-se na época de Setembro-Outubro. Logo é esta a ocasião em que ocorreu a tomada de Tebas, no ano de 335 a. C. A descrição aqui dada dos contornos da campanha coincide com Arriano, 1. 10. 2, que diz que então os Atenenses suspenderam a realização do ritual. A. Gusmán Guerra, *Plutarco / Diodoro Sículo. Alejandro Magno*, Madrid, Akal, 1986, 47 nota 44, não deixa de acrescentar para este gesto apaziguador de Alexandre razões políticas: afinal Atenas era uma cidade fortificada, dona de uma armada poderosa, com capacidade de abastecimento, e portanto de resistência, o que a tornava uma inimiga temível.

⁷¹ *Vide infra* 50-51; cf. Arriano 4. 8.

⁷² *Vide infra* 62.

⁷³ Tebas era a cidade natal de Dioniso, filho de Sêmele, descendente

tebano sobrevivente que lhe viesse com algum pedido que não obtivesse dele o que pretendia. É o que há a dizer sobre o caso de Tebas⁷⁴.

XIV.1. Uma assembleia de Gregos reuniu-se no Istmo⁷⁵ e foi votado fazer-se uma campanha contra a Pérsia, com Alexandre como líder. **2.** A esse propósito, muitos políticos e filósofos vieram felicitá-lo; Alexandre esperava que Diógenes de Sinope⁷⁶ se apresentasse também, uma vez que residia então em Corinto. **3.** Mas como o filósofo lhe não prestou a menor atenção e se deixou ficar, na maior descontração, em Cárnion⁷⁷, foi Alexandre procurá-lo. Encontrou-o estirado ao sol. **4.** Diógenes soergueu-se um pouco, quando se apercebeu da aproximação de toda aquela gente, e fixou os olhos em Alexandre. O monarca saudou-o e perguntou-lhe se precisava de alguma coisa; ao que o filósofo respondeu: ‘Sim, de uma coisa sem importância. Afasta-te um pouco para me não tirares o sol’. **5.** Perante estas palavras, diz-se que Alexandre ficou profundamente impressionado e surpreendido com a superioridade daquele homem, que o olhava com a maior

de Cadmo, o fundador mítico da cidade. Foi como deus do vinho que Dioniso parece ter proporcionado o contexto para o homicídio de Clíto; por outro lado, como fundador de Nisa, o deus não iria patrocinar a vitória de Alexandre.

⁷⁴ Sobre o tema da tomada de Tebas por Alexandre, cf. Arriano, 1. 8 sqq.

⁷⁵ Esta reunião decorreu em Corinto, em 336 a. C. Com o comando que lhe foi dado na campanha contra a Pérsia, Alexandre assumiu o projeto de seu pai e o título antes concedido a Filipe.

⁷⁶ Diógenes de Sinope (c. 400-325 a. C.) integrou o grupo dos filósofos cínicos e ficou conhecido pela preferência por um tipo de vida austero e natural, que originou muitas anedotas. Segundo a tradição, passou a última parte da sua vida em Corinto, onde se terá encontrado com Alexandre. Das muitas obras que lhe são atribuídas nenhuma chegou até nós.

⁷⁷ Um subúrbio de Corinto.

indiferença. Àqueles que o seguiam e que, ao afastar-se, comentavam e se riam do filósofo, ele observou: 'Não fosse eu Alexandre, que era Diógenes que eu seria'.

6. Com o objetivo de consultar o deus a propósito da campanha, Alexandre foi a Delfos. Aconteceu que lá chegou num dos dias vedados à consulta, em que não é permitido pronunciar oráculos. Começou então por mandar chamar a profetisa. 7. Como ela recusou vir, pretextando o regulamento, foi ele lá acima e tentou arrastá-la à força para o templo. Já a ceder à persistência que ele manifestava, disse a Pítia: 'És invencível, meu filho!' Quando tal ouviu, Alexandre declarou que não pretendia qualquer outro oráculo, porque já lhe tinha arrancado o oráculo que desejava.

8. Na partida para esta expedição⁷⁸, parece que ocorreram outros sinais vindos dos deuses; entre eles, a imagem de Orfeu de Libetra⁷⁹ (feita de madeira de cipreste) suou com abundância por aquela altura. 9. Não houve quem se não assustasse com o prodígio; mas Aristandro⁸⁰ sossegou Alexandre garantindo-lhe que ele havia de cometer feitos dignos de tal celebração e memória, que custariam a cantores e músicos muito suor e esforço.

XV.1. Quanto ao número de efetivos, os que contam por baixo falam de 30.000 infantes e 4.000 cavaleiros; os que avaliam por cima de 43.000 infantes e 5.000 cavaleiros⁸¹. 2.

⁷⁸ Na primavera de 334 a. C.

⁷⁹ Libetra ficava na Macedónia, na base do monte Olimpo e estava ligada ao mito de Orfeu.

⁸⁰ *Vide supra* 2. 5 e nota respetiva.

⁸¹ Cf. Arriano 1. 11. 3; Diodoro Sículo 18. 17. Na avaliação moderna, os totais rondariam 43.000 infantes e 6.000 cavaleiros. Na cavalaria, além dos Macedónios, havia um forte contributo de Tessálios, cavaleiros exímios; de outras partes do mundo grego recrutaram-se 7.000 infantes e 600 cavaleiros. Além das tropas, o exército de Alexandre incluía uma grande diversidade de técnicos, botânicos, zoólogos, geógrafos e

Para garantir provisões a este exército, diz Aristobulo⁸² que ele não dispunha de mais de setenta talentos; Dúris⁸³ fala de abastecimento para apenas trinta dias; Onesícrito⁸⁴ acrescenta que Alexandre tinha feito um empréstimo de mais de duzentos talentos. **3.** Mas apesar de, no início da campanha, não dispor de mais do que parcos e magros recursos, não embarcou sem antes se ter informado das condições económicas dos Companheiros⁸⁵; a um deu um campo, a outro uma povoação, a outro os rendimentos de uma propriedade ou de um porto. **4.** Já os bens da coroa tinham sido praticamente todos gastos ou distribuídos, Perdicas⁸⁶ disse-lhe: ‘E para ti, senhor, o que

historiadores, por exemplo. Sobre a composição e número das forças de Alexandre, *vide* J. B. Bury, S. A. Cook, F. E. Adcock, *The Cambridge Ancient History. VI. Macedon*, Cambridge, 1969, 358.

⁸² *FGrHist* 139 F 4. Aristobulo de Cassandria esteve ao serviço de Alexandre, na sua expedição à Ásia, como arquiteto. Foi ele o encarregado de restaurar o túmulo de Ciro. Foi também autor de uma *História de Alexandre*, em tom apologético, que talvez obedecesse ao propósito de defender a memória do rei.

⁸³ *FGrHist* 76 F 40. Dúris de Samos foi também historiador de Alexandre.

⁸⁴ *FGrHist* 134 F 2. Onesícrito foi autor de um tratado sobre *A educação de Alexandre*, para nós reduzido a uns poucos fragmentos; cf. J. B. Cavero, S. B. Morillo, J. M. Hermida, *Plutarco. Vidas Paralelas*, Madrid, Gredos, 2007, 34. Trata-se de um filósofo cínico, que participou na expedição macedónia na Ásia; a narrativa de que é autor segue, de certa forma, o padrão da *Ciropedia* de Xenofonte.

⁸⁵ ‘Companheiros’ é a designação de um círculo restrito de homens mais próximos do rei, a quem estavam confiadas missões de chefia. Muitos deles eram já homens de confiança de Filipe (como Parménion, por exemplo); outros evidenciaram-se como chefes de batalhão (Perdicas, Amintas, Meleagro, por exemplo). Com estes homens veio a formar-se um conselho, de onde Alexandre podia escolher colaboradores para missões especiais ou para cargos de responsabilidade, militares ou administrativos (entre outros, Heféstion, Nearco, Ptolemeu, Seleuco, Lisímaco).

⁸⁶ Perdicas fazia parte dos ‘Companheiros’ de Alexandre, os seus comandantes de elite. Após a morte do rei sem herdeiro indigitado, foi Perdicas, já então um homem de certa idade, quem convocou um conselho para analisar o assunto da sucessão; *vide infra* 77. 6-7. Sobre

deixaste?’ Perante a resposta do rei – ‘As minhas esperanças’ -, Perdicas concluiu: ‘Pois essas são também para partilhar entre todos nós, os que te seguimos’. **5.** Então Perdicas recusou as propriedades que lhe tinham sido atribuídas, e mais uns tantos amigos fizeram o mesmo. **6.** Mas, a todos aqueles que as aceitavam ou pediam, Alexandre cedeu-as prontamente, de modo que boa parte do património da coroa macedónia foi gasta nestas distribuições. **7.** Foi com este entusiasmo e neste estado de espírito que Alexandre atravessou o Helesponto⁸⁷.

Subiu então até Ílion, onde fez um sacrifício a Atena e libações aos heróis. **8.** A lápide de Aquiles ungiu-a de azeite; e ali, com os companheiros, promoveu uma corrida, nu, como manda a tradição; depositou depois coroas na sepultura e declarou Aquiles um bem-aventurado: em vida, por ter encontrado um amigo fiel e, na morte, um arauto famoso⁸⁸. **9.** Enquanto circulava e ia observando os vários locais da cidade, alguém lhe perguntou se ele gostaria de ver a lira de Alexandre⁸⁹. ‘Essa lira interessa-me pouco.’ – declarou o rei – ‘O que eu gostava era de ver a de Aquiles, de que ele se acompanhava para cantar glórias e feitos de homens notáveis’.

XVI.1. Entretanto, os generais de Dario⁹⁰ reuniram uma força enorme e aquartelaram-na na passagem do rio Granico⁹¹, de modo que se tornava inevitável combater – dado que se

o seu papel nesta fase particularmente difícil na história da Macedónia, *vide The Cambridge Ancient History. VI. Macedon*, 464-469.

⁸⁷ Na primavera de 334 a. C.

⁸⁸ Cf. Arriano 1. 12. 1-2.

⁸⁹ A pergunta proporciona uma ironia, porque a lira que alguém se propõe mostrar-lhe é de Páris Alexandre, seu homónimo.

⁹⁰ Dario III reinava então sobre a Pérsia, desde 336 a. C.

⁹¹ Rio de pequeno curso, situado na Tróade e na Frígia, que desaguava no mar de Mármara. Sobre esta luta nas margens do Granico, cf. Arriano 1. 13-16; Diodoro Sículo 17. 18. 4. *Vide The Cambridge Ancient History. VI. Macedon*, 361-366.

tratava das portas da Ásia – para forçar a entrada e a conquistar.

2. A profundidade do rio, a irregularidade e aspereza da margem oposta, que deviam escalar em pleno combate, assustaram a maioria dos Macedónios. Outros havia que entenderam necessário respeitar a questão do mês (porque no mês Désio⁹² os reis da Macedónia tinham por hábito não conduzir o exército em campanha). Esta objeção, Alexandre calou-a com a ordem de que se chamasse ao mês em curso o segundo Artemísio⁹³.

3. E quando Parménion, com o pretexto de que a hora era já muito tardia, pretendia não correr riscos, Alexandre declarou que o Helesponto coraria de vergonha se, depois de o atravessar, ele temesse o Granico. E vá de entrar na corrente com treze batalhões de cavalaria.

4. A avançar perante os dardos inimigos, na direção das encostas cobertas de infantes e cavaleiros, através de uma corrente que os arrastava e os cobria, Alexandre mais parecia um chefe louco e irresponsável, do que uma voz de comando racional.

5. Apesar de tudo, persistiu na travessia; conseguiu, com esforço e a custo, atingir a outra margem, um terreno húmido e escorregadio por causa da lama; e aí viu-se forçado, de imediato, a combater com vagas de inimigos, numa luta corpo a corpo, na maior confusão, antes de as tropas que faziam a travessia terem tempo de se organizar.

6. Os inimigos carregavam em grande gritaria e, encostando cavalo contra cavalo, terçavam lanças, ou espadas quando as lanças se quebravam.

7. Muitos investiram contra Alexandre (que se identificava pelo escudo e pelo penacho do elmo, que tinha presa, de um e de outro lado, uma pluma, de um tamanho e de uma brancura fantásticos). Mas, apesar de atingido por um dardo na

⁹² Maio-Junho.

⁹³ O Artemísio era o mês que precedia o Désio, aproximadamente Abril. O que Alexandre sugeriu foi que se intercalasse um mês a mais, o que se podia fazer para acerto do calendário lunar.

dobra do peitoral, não ficou ferido. **8.** Foi então a vez de Resaces e Espitridates, dois comandantes persas, se lançarem contra ele ao mesmo tempo; ao segundo, Alexandre evitou-o; a Resaces, que usava uma couraça, atingiu-o com a espada; e, quando a espada se partiu ao meio, deitou mão ao punhal. **9.** Enquanto os dois, caídos no chão, se envolveram numa luta, Espitridates veio pelo lado, ergueu-se sobre o cavalo e, com quanta força tinha, desfechou um golpe com um machado bárbaro contra Alexandre. **10.** O penacho partiu-se, juntamente com uma das plumas, e o próprio elmo foi com dificuldade e custo que resistiu ao golpe, de modo que a lâmina do machado rasou-lhe a ponta dos cabelos. **11.** Mas quando Espitridates erguia de novo o braço para lhe desfechar outro golpe, Clito ‘o Negro’⁹⁴ antecipou-se e trespassou-o com a espada. Ao mesmo tempo Resaces tombava também, ferido pela espada de Alexandre.

12. Enquanto a cavalaria travava este combate arriscado e tremendo, a falange macedónia atravessava o rio e as forças de infantaria dos dois lados defrontavam-se. **13.** No entanto, a resistência não foi nem vigorosa nem demorada; os inimigos deram meia volta e puseram-se em fuga, com exceção dos mercenários gregos. Estes reuniram-se numa colina e pediram a Alexandre proteção. **14.** Ele porém, mais levado pela fúria do que pela razão, carregou sobre eles e perdeu o cavalo, ferido nos flancos por um golpe de espada (não era o Bucéfalo, era um outro). Foi aí que os Macedónios sofreram mais baixas e feridos do que no resto da batalha, uma vez que enfrentavam homens bem preparados para a luta e desesperados.

⁹⁴ Clito fazia parte dos Companheiros (*vide supra* nota 85) e era comandante de cavalaria. Recebeu o epíteto de ‘o Negro’ para se distinguir de Clito ‘o Branco’, este comandante de infantaria. Clito ‘o Negro’ acabou morto por Alexandre (*vide infra* 50-51).

15. Diz-se que⁹⁵, do lado dos bárbaros, morreram 20.000 infantes e 2.500 cavaleiros. Do lado de Alexandre, segundo Aristobulo, foram 34 os mortos no total, dos quais 9 de infantaria⁹⁶. **16.** Em homenagem a esses homens, Alexandre mandou erigir um monumento em bronze, obra de Lisipo. **17.** No intuito de integrar os Gregos na vitória, enviou, aos Atenenses em particular, 300 escudos do saque, e sobre os outros despojos mandou gravar, em grande estilo, esta inscrição comemorativa: **18.** 'Eis o que Alexandre, filho de Filipe, e os Gregos, com exceção dos Lacedemónios⁹⁷, capturaram aos bárbaros que habitam a Ásia'. **19.** As taças e os tecidos de púrpura, e outras coisas do género que saqueou aos Persas, toda essa parte do saque, salvo raras exceções, enviou-a à mãe.

XVII.1. Este combate promoveu logo uma grande mudança na situação, em favor de Alexandre, de tal modo que o povo de Sardes, sede do poder bárbaro na região costeira, se rendeu e com ele se entregaram também as outras populações. **2.** Só Halicarnasso⁹⁸ e Mileto resistiram, cidades que ele tomou pela força, dominando todos os territórios em volta. Aí ficou na dúvida sobre a etapa seguinte. **3.** Com frequência fascinava-o a ideia de defrontar Dario e arriscar tudo numa só batalha; outras vezes pensava em ganhar primeiro prática e reforçar-se com a conquista da orla marítima e dos recursos que ela tinha,

⁹⁵ Cf. Diodoro Sículo 17. 21. 6, que dá outros números: 10.000 infantes e 2.000 cavaleiros, além de 20.000 prisioneiros.

⁹⁶ Arriano 1. 16. 4 fala dos 25 companheiros de Alexandre, que o rei homenageou com uma estátua feita por Lisipo. Este grupo escultórico dos 25 Companheiros foi erguido na Macedónia e, em 148, com a derrota perante os Romanos, levado para Roma.

⁹⁷ Os Lacedemónios, que não participaram na liga grega que se uniu a Alexandre, eram aqui postos ostensivamente de parte.

⁹⁸ Halicarnasso, como base do poder naval persa, tinha importância política e estratégica. Contra estas cidades, Alexandre promoveu uma campanha vitoriosa no Outono de 334 a. C.

e só depois atacar o rei. **4.** Existe na Lícia uma nascente, junto à cidade de Xanto, que nessa altura – reza a tradição –, sem um motivo aparente, mudou de curso e transbordou; do fundo brotou uma placa de bronze que tinha gravada uma inscrição antiga, onde se lia que o império dos Persas seria destruído pelos Gregos e chegaria ao fim. **5.** Encorajado por esta profecia, Alexandre empenhou-se em limpar a zona costeira até à Fenícia e à Cilícia. **6.** A incursão que fez pela Panfília deu a muitos historiadores matéria para descrições bombásticas e empoladas. Segundo eles, por intervenção divina, o mar recuou para dar passagem a Alexandre, quando em qualquer outra ocasião as ondas quebravam com violência vindas do mar alto e só muito raramente deixavam a descoberto a faixa estreita de pedras que se acumulam no sopé das vertentes íngremes e abruptas das montanhas. **7.** Até Menandro, numa das suas comédias⁹⁹, se refere em ar de graça a esse milagre: ‘Mais parece que anda aqui o dedo de Alexandre! É só eu procurar alguém, que ele aparece na minha frente como por encanto. E se tiver de atravessar o mar para chegar a um sítio qualquer, o caminho abre-se-me aos pés’.

8. O próprio Alexandre, no entanto, nas suas cartas, nunca se referiu a tal prodígio. O que ele diz é que, vindo de Fasélis, fez a travessia pelo que se chama ‘a Escada’. **9.** Eis a razão por que passou uma série de dias nessa cidade. Foi durante essa estadia, posterior à morte de Teodectes (natural de Fasélis)¹⁰⁰, que reparou que ele tinha uma estátua na praça central. Um

⁹⁹ Fr. 751 Kock.

¹⁰⁰ Teodectes de Fasélis foi um retórico conhecido em Atenas e autor de um número elevado de tragédias. Hesíquio e Diógenes (*vide* A. Lesky, *Historia de la Literatura Griega*, trad. esp., Madrid, 1968: 604) referem-se a uma *Coletânea de Retórica* de Teodectes, discípulo de Isócrates, que Aristóteles teria compilado e editado.

belo dia, depois do jantar, já bem bebido, dirigiu-se para lá, com um grupo de foliões, e cobriu a estátua de coroas; mesmo a brincar, prestou uma homenagem que não deixou de ser simpática à amizade antiga que tinha por aquele homem, graças a Aristóteles e à filosofia.

XVIII.1. A seguir, dominou os habitantes da Pisídia que lhe fizeram frente e submeteu a Frígia¹⁰¹. **2.** Depois de tomar a cidade de Górdio, considerada a residência do velho Midas, viu o famoso carro atrelado com fibras de corniso, e ouviu a história, que faz fé entre os bárbaros, de que quem lhe desatasse o nó se tornaria soberano do mundo inteiro¹⁰². **3.** Segundo inúmeros testemunhos, por as fitas não terem pontas à vista e por estarem entrelaçadas com muitas voltas, Alexandre não conseguia desenvencilhá-las; acabou então por cortar o nó com a espada, o que fez aparecer pontas sem conta. **4.** Aristobulo, porém, sugere que ele o soltou com toda a facilidade; limitou-se a retirar-lhe o chamado ‘hester’, a cavilha que prende o timão, e a soltar o jugo¹⁰³.

5. Avançou depois para a Paflagónia e para a Capadócia. E ao ouvir falar da morte de Mémnon¹⁰⁴, um dos comandantes de Dario na zona costeira – que teria causado a Alexandre muitas dores de cabeça, aborrecimentos sem conta e obstáculos sem fim -, maior foi o seu ânimo para prosseguir com a expedição

¹⁰¹ Alexandre foi seguindo a costa sul da Ásia Menor; em 333 a. C. penetrou na Frígia e apoderou-se das suas principais cidades, como era o caso de Górdio.

¹⁰² Este carro tinha pertencido ao rei Górdias, o fundador da dinastia frígia.

¹⁰³ *FGrHist* 139 F 75, Cf. Arriano 2. 3.

¹⁰⁴ Mémnon era um mercenário oriundo de Rodes. Conseguiu escapar a Alexandre, que o tinha capturado em Halicarnasso, e foi então encarregado por Dario da vigilância da costa. Em 333 a. C., tomou Quios e boa parte de Lesbos, onde acabou por morrer.

para o interior. **6.** Nessa altura já Dario tinha saído de Susa¹⁰⁵ e descia em direção à costa, confiante na dimensão das forças de que dispunha (tinha, de facto, sob seu comando um exército de 600.000 homens) e estimulado por um sonho que tinha tido, a que os Magos davam uma interpretação mais destinada a agradar-lhe do que verosímil. **7.** Sonhou com a falange macedónia totalmente em chamas, e Alexandre, vestido com um traje como o que ele mesmo dantes usava quando era mensageiro real, estava ao seu serviço; avançava então para o templo de Belo e desaparecia. **8.** Com estes sinais, ao que parece, os deuses queriam anunciar que as façanhas dos Macedónios seriam notáveis e brilhantes, que Alexandre se tornaria o senhor da Ásia – tal como aconteceu com Dario quando se tornou de mensageiro em soberano -, mas teria uma vida curta, embora coberta de glória.

XIX.1. Mais animado ficou ainda Dario ao saber que Alexandre tardava tempos sem fim na Cilícia, o que atribuiu a cobardia. **2.** Mas a demora resultava de uma doença, provocada pela fadiga – era o que alguns diziam¹⁰⁶ - ou, segundo outros, devido a um banho que tinha tomado na corrente do Cidno, um rio de águas geladas. **3.** A verdade é que nenhum dos outros médicos se atrevia a tratá-lo; convencidos de que o mal era demasiado grave para ceder a qualquer tratamento, recebiam as censuras dos Macedónios se falhassem. **4.** Só Filipe da Acarnânia¹⁰⁷, que via a situação desesperada em que o rei se encontrava, apostou na amizade. Por considerar vergonhoso não partilhar os riscos com um enfermo em perigo de vida, e não esgotar todos os recursos para o ajudar, fossem quais fossem

¹⁰⁵ Susa era a sede do poder aqueménide.

¹⁰⁶ Ou seja, Aristobulo (cf. Arriano 2. 4. 7).

¹⁰⁷ Este é um episódio que valoriza o papel da amizade, porque Filipe da Acarnânia, além de médico de Alexandre, era seu amigo de infância.

as conseqüências, preparou-lhe um fármaco e convenceu-o a aguentar e a bebê-lo, se queria recuperar forças para a guerra. **5.** Entretanto Parménion enviou a Alexandre do campo de batalha uma carta, com a recomendação de que se acautelasse em relação a Filipe – que teria sido comprado por Dario com grandes presentes e o casamento com uma das suas filhas, para o matar. Alexandre leu a carta e, sem a mostrar a nenhum dos seus próximos, guardou-a debaixo da almofada. **6.** À hora marcada, quando Filipe veio com os companheiros do rei trazendo o medicamento numa taça, Alexandre entregou-lhe a carta, ao mesmo tempo que pegava na taça tranquilamente, sem qualquer sinal de suspeita. **7.** Foi fantástica aquela cena, com muito de teatral: enquanto um lia a carta, o outro bebia o remédio; depois, ao mesmo tempo, cravaram os olhos um no outro, mas com uma expressão diferente; Alexandre, de rosto sereno e risonho, respirava simpatia e confiança em Filipe; **8.** enquanto este, fora de si com a calúnia, ora erguia as mãos ao céu e apelava aos deuses como testemunhas da sua inocência; ora se deixava cair sobre a cama onde Alexandre estava deitado e lhe recomendava ânimo e confiança no médico. **9.** A princípio, o medicamento bloqueou o paciente; Alexandre ficou prostrado e perdeu completamente as forças; a voz falhou-lhe, perdeu os sentidos e ficou totalmente inconsciente. **10.** Mas sem perda de tempo Filipe despertou-o. Mal recuperou as forças, apareceu aos Macedónios, que, só depois de verem Alexandre, descansaram.

XX.1. Havia então no exército de Dario um fugitivo macedónio, Amintas, que era um bom conhecedor do caráter de Alexandre. **2.** Pois este sujeito, perante a disposição de Dario de avançar contra o Macedónio pelos desfiladeiros das montanhas, sugeriu-lhe que permanecesse no terreno em que se encontrava; era em territórios planos e amplos que o rei devia travar combate com o seu enorme exército contra uma força que

lhe era inferior. **3.** E quando Dario lhe respondeu que temia que o inimigo se escapasse sem que ele se desse conta e que Alexandre lhe fugisse, Amintas assegurou: ‘Quanto a isso, meu senhor, fica descansado. Ele virá ao teu encontro, ou até talvez já venha a caminho’. **4.** Dario não aceitou o conselho de Amintas; levantou arraiais e marchou para a Cilícia, ao mesmo tempo que Alexandre avançava para a Síria, ao seu encontro. **5.** Durante a noite desconstruíram-se e cada um deu meia volta, Alexandre encantado com a sorte que tivera e pronto a defrontá-lo nos desfiladeiros; enquanto Dario retirava as suas forças dos desfiladeiros e regressava ao campo aberto. **6.** Já se tinha dado conta de que era errado enveredar por lugares que, devido ao mar, às montanhas e ao rio que lhes corria pelo meio, o Píparo, eram desajustados para a cavalaria; espaços muito retalhados como aqueles favoreciam o número reduzido dos seus inimigos. **7.** Para Alexandre aquele espaço era uma dádiva da Fortuna; mas, para garantir a vitória, melhor do que a própria Fortuna foi a estratégia que ele adotou¹⁰⁸. **8.** A verdade é que, apesar da sua clara inferioridade numérica em relação aos bárbaros, nunca lhes deu ensejo de o cercarem; ele mesmo, ao comando da sua ala direita, rodeou a ala esquerda do inimigo e colou-se-lhe ao flanco, de modo a pôr em fuga os bárbaros que lhe resistiam; ele mesmo se batia na primeira linha, **9.** a ponto de ter sofrido na coxa um golpe dado – é o que conta Cares¹⁰⁹ – por Dario, com

¹⁰⁸ Sobre a interferência de *tyche* na vida de Alexandre, cf. 26. 14, 50. 2; vide L. Prandi, ‘L’Alessandro di Plutarco’, in L. Van der Stockt (ed.), *Rhetorical theory and praxis in Plutarch*, Leuven, 2000, 378.

¹⁰⁹ *FGrHist* 125 F 6. Cares de Mitilene foi autor de uma *História de Alexandre*, que parece oferecer algumas dúvidas nas versões que dá. À maneira épica, Cares contempla a ideia de um encontro direto entre os dois chefes, que Plutarco repudia com o testemunho de Alexandre. Esta foi a célebre batalha de Isso (333 a. C.); vide *The Cambridge Ancient History. VI. Macedon*, 366-369.

quem se envolveu numa luta corpo a corpo. Mas Alexandre, numa carta que escreveu a Antípatro a dar notícias da batalha, não se refere a quem o terá atingido; limita-se a dizer que foi ferido na coxa com um punhal, mas sem consequências de maior.

10. Embora tivesse obtido uma vitória retumbante e liquidado mais de 110.000 inimigos, não conseguiu capturar Dario, que lhe ganhou na fuga quatro ou cinco estádios de avanço. Mas capturou o carro do rei e o arco, antes de desistir da perseguição. **11.** Veio encontrar as tropas macedónias a saquearem os tesouros do acampamento dos bárbaros, em quantidades surpreendentes; e mesmo assim os seus proprietários tinham vindo para a campanha com equipamento ligeiro, depois de deixarem boa parte dos bens em Damasco. Para ele, os seus homens reservaram a tenda de Dario, repleta de uma criadagem aparatosa, de mobiliário e de tesouros sem conta. **12.** Sem perda de tempo, Alexandre despiu as armas e encaminhou-se para o banho com estas palavras: ‘Vamos ao banho! Toca a lavar o suor da guerra na tina de Dario!’ O que um companheiro corrigiu: ‘De Dario, não! De Alexandre. Ou não será que os bens do vencido passam a pertencer ao vencedor e a usar-lhe o nome?’ **13.** Ao ver as banheiras, as bacias, os jarros, os vasos, os frascos de perfume, tudo de ouro e finamente decorado, e a tenda aromatizada com as mais finas essências e aromas, e depois de a percorrer, de uma altura e amplitude fantásticas, e de ver as mantas, as mesas, os manjares verdadeiramente espantosos, voltou-se para os amigos e comentou: ‘Isto sim, suponho eu, é o que se chama ser rei!’

XXI.1. No momento em que se preparava para se sentar à mesa, alguém lhe veio dizer que, entre os prisioneiros, estava a mãe, a mulher e duas filhas solteiras de Dario; e que, ao verem o carro e o arco, se tinham posto a bater no peito e a chorar,

por julgarem que tinha morrido. **2.** Alexandre ficou suspenso por um bocado, mais preocupado com a situação delas do que com o seu próprio sucesso; mandou então Leonato¹¹⁰ ter com as mulheres, com ordem de lhes comunicar que Dario não tinha morrido e que não havia razão para temerem Alexandre. Era com Dario a guerra que travava pelo poder da Ásia; mas quanto a elas, deviam ter tudo aquilo a que se achavam com direito quando Dario era rei. **3.** E se já esta mensagem pareceu às mulheres gentil e reconfortante, o que dizer então das atitudes de Alexandre que se revelaram de uma enorme humanidade. **4.** Permitiu-lhes dar sepultura a todos os Persas que entendessem, servindo-se para o efeito das roupas e acessórios do saque, e não lhes reduziu na criadagem nem nas regalias que tinham; bem pelo contrário, passaram até a dispor de um orçamento maior do que o anterior. **5.** Mas a cortesia suprema e mais digna de um rei que prestou a estas damas, nobres e sérias mas agora cativas, foi que nunca ouviram, nem tiveram razão para suspeitar ou temer a mais pequena ofensa; passaram a viver não como quem está num acampamento inimigo, mas como quem se encontra sob a proteção de um templo sagrado e inviolável, num retiro de donzelas, longe dos comentários e dos olhares masculinos. **6.** E, no entanto, é voz corrente que a esposa de Dario era, naquele tempo, a mais elegante das rainhas, do mesmo modo que o próprio Dario era, como homem, um sujeito muito esbelto e alto; e que as filhas se pareciam com os pais.

7. Alexandre, porém, convicto de que o autodomínio é, num rei, uma qualidade superior à capacidade de vencer os inimigos, nunca tocou em nenhuma delas, tal como nunca teve relações

¹¹⁰ Leonato era um amigo de infância de Alexandre, que veio a ter uma intervenção importante: na batalha de Malos (63), o rei ficou a dever-lhe a vida. Veio a morrer em Crânon, em 332 a. C.

com qualquer outra mulher antes de casar, salvo com Barsine¹¹¹. **8.** Esta mulher, já depois de viúva por morte de Mémnon, foi capturada em Damasco. **9.** Como tinha tido uma educação de modelo grego, era uma pessoa agradável, e como o pai, Artabazo, descendia de uma filha do rei, Alexandre alimentou o desejo – instigado por Parménion, ao que diz Aristobulo – de manter uma relação com ela, que era bonita e de linhagem nobre. **10.** Mas quanto às outras cativas, embora reconhecendo que eram formosas e esbeltas, limitou-se a dizer, em ar de graça, que as mulheres persas eram um sofrimento para os olhos. **11.** E

¹¹¹ É de certo modo polémica a identidade de Barsine, que oscila entre duas hipóteses: a maioria dos testemunhos é unânime em a identificar como concubina de Alexandre (cf. Plutarco, *Êumenés* 1. 7); só Arriano (7. 4. 4) a identifica com a filha mais velha de Dario III, em geral nomeada como Estatira, com quem o rei macedónio veio a casar em 324 a. C. Esta teria sido então, de acordo com Plutarco, a única relação contraída por Alexandre antes do casamento. Tratava-se de uma mulher persa, filha de Artabazo, sátrapa de Dascílio, uma cidade da zona do Mar Negro, e pelo lado paterno neta de Artaxerxes II (já que Artabazo era filho de uma filha do Grande Rei). Dado que Artabazo, o pai de Barsine, tinha desposado uma irmã dos rodiotas Mentor e Mémnon, Barsine teria sido casada, ao que parece, com os seus dois tios, antes de Mémnon com Mentor, de quem tinha uma filha (Arriano 7. 4. 6). Em 353, Barsine e Mentor partiram para o Egito, onde o rodiota arregimentou um exército de mercenários com que conquistou a fenícia Sídon, em favor de Artaxerxes III, em 344. O Grande Rei presenteou-o então com o cargo de general. Foi nesta qualidade que Mentor participou, em 343, na conquista persa do Egito. Por morte deste, em 342, Barsine casou com Mémnon, que lutou contra Filipe II da Macedónia na sua campanha na Ásia, o que lhe valeu o título de comandante supremo das forças persas. Em 333 a. C., Barsine estava de novo viúva. Não surpreende também que o ascendente materno, uma família de Rodes, justificasse o modelo grego de educação em que tinha crescido. Da ligação de Alexandre com esta mulher veio a nascer, em 327, um filho, de nome Hércules. Este descendente de Alexandre, embora tenha tido um papel no jogo político pela organização de um império que se seguiu à morte do pai, nunca foi um verdadeiro candidato a assumir a sucessão (cf. Plutarco, *Êumenés* 1. 7; Pausânias 9. 7. 2). Sobre o assunto, *vide* A. B. Bosworth, *Conquest and empire: the reign of Alexander the Great*, Cambridge, 1988, 64; P. A. Brunt, 'Alexander, Barsine and Heracles', *RFIC* 103. 1, 1975, 22-34.

numa espécie de concorrência entre a formosura que tinham e a beleza do seu próprio caráter, sóbrio e sensato, cruzava com elas como se fossem meras estátuas sem vida.

XXII.1. Filóxeno, o comandante das forças da costa, escreveu-lhe a dizer que estava com ele um tal Teodoro, um tarentino, que tinha à venda dois rapazes de uma beleza fora de comum, e perguntando a Alexandre se os não queria comprar. O rei ficou furioso, e fartou-se de protestar com os amigos; insistia em perguntar se alguma vez Filóxeno teria visto nele algum sinal de desonestidade para lhe vir com semelhante proposta. **2.** Quanto a Filóxeno propriamente, escreveu-lhe uma carta com censuras veementes, a dar-lhe ordem de que, a esse tal Teodoro mais à sua mercadoria, os mandasse para o inferno. **3.** Outro que lhe mereceu também as maiores reprovações foi Hágnon, quando lhe escreveu a dizer que tencionava comprar Cróbilo, um moço famoso em Corinto pela beleza, para lho trazer. **4.** Mais ainda: quando tomou conhecimento de que Dâmon e Timóteo, dois soldados macedónios ao serviço de Parménion, tinham seduzido as mulheres de uns mercenários, escreveu a Parménion com ordem de que, se a ofensa ficasse provada, os dois homens fossem condenados à morte, como feras culpadas de crimes contra a humanidade. **5.** E ainda nessa carta referiu-se a si mesmo nos termos que passo a citar: ‘Pois no que me diz respeito, ninguém me pode acusar de ter posto os olhos na mulher de Dario ou de ter querido fazê-lo; a verdade é que nunca permiti que se falasse da beleza dela na minha presença’. **6.** Em contrapartida, costumava dizer que nada como dormir e ter relações sexuais para o fazer sentir-se mortal; tinha na ideia que a fadiga e o prazer advêm de uma mesma debilidade natural¹¹².

7. Tinha também um controle total em matéria de

¹¹² Cf. Plutarco, *Moralia* 65 f, 717 f.

alimentação, o que deixou provado em muitas outras situações, mas sobretudo pelo comentário que fez a Ada¹¹³, por ele distinguida com o título de ‘Mãe’ e investida como rainha da Cária. **8.** É que ela, por gentileza, todos os dias lhe mandava petiscos e guloseimas; chegou mesmo a disponibilizar-lhe os mais reputados cozinheiros e pasteleiros. Foi aí que Alexandre

¹¹³ Sobre Ada, cf. Arriano 1. 23. 7-8; Estrabão 656-657; Diodoro Sículo 16. 45. 7; 16. 69. 2; 16. 74. 2. Estrabão é minucioso no relato do ascendente e contorno familiar de Ada, rainha da Cária. Hecatomno, seu pai e soberano, teve três filhos homens, Mausolo, Hidrieu e Pixodaro, e duas filhas, Artemísia e Ada. Mausolo desposou a mais velha das suas irmãs, Artemísia, e Hidrieu a segunda, Ada. Coube ao primogénito, Mausolo, suceder ao pai no trono (377-353 a. C.); por sua morte, sem herdeiros, o poder transitou para Artemísia (353-351 a. C.), que, penalizada pela morte do marido a quem ergueu o famoso túmulo, pouco lhe resistiu. Foi então a vez de Hidrieu assumir o trono (351-344 a. C.; cf. Diodoro Sículo 16. 45. 7) e, por morte deste, sua esposa e irmã Ada reinou durante quatro anos, entre 344-340 a. C. (D. S. 16. 69. 2). Não foi, porém, duradoira a ocupação do trono por parte de Ada, que se viu afastada pelo único irmão ainda vivo, Pixodaro, que por sua vez veio a governar durante cinco anos (Diodoro Sículo 17. 74. 2). Quando Alexandre invadiu a Cária e tomou Halicarnasso (334 a. C.), encontrou no poder, em representação da autoridade persa, um sátrapa, que tinha partilhado antes, por submissão do soberano cário ao Grande Rei, o poder com Pixodaro e, por morte deste (336 a. C.), o mantinha. Aliás Orontobates, o persa, havia desposado a filha de Pixodaro e, como seu genro, tornara mais estreita a partilha do poder (cf. Arriano 1. 23. 8). Foi então que Ada se valeu do apoio de Alexandre para regressar ao trono de que se tinha visto privada. Em troca, auxiliou os Macedónios contra os povos revoltosos da região e presenteou Alexandre com a fortaleza de Alinda, onde ela própria residia depois de ter sido afastada do trono pelo irmão. Arriano informa ainda (1. 23. 8) de que, ao reinstalá-la no poder, o rei macedónio lhe devolveu Alinda e manteve com ela os vínculos de amizade que entretanto assumira. Assim, com Ada, Alexandre cultivou uma relação de afeto e de cooperação, que permitiu a Plutarco dizer que o jovem soberano ‘a considerava como uma mãe’. Esta adoção de Alexandre como filho por parte de Ada, que foi, antes de mais, formal e de alcance político, veio reforçar a legitimidade do conquistador junto do povo cário. Sobre o assunto, *vide* A. B. Bosworth, *Conquest and empire: the reign of Alexander the Great*, Cambridge, 1988, 49, 229-230; E. D. Carney, ‘Women and *Dunasteia* in Caria’, *AJPh* 126. 1, 2005, 65-91.

lhe disse que nada disso lhe era necessário. **9.** Que cozinheiros os tinha melhores, aqueles que lhe tinham sido dados por Leónidas¹¹⁴, o seu tutor: antes do pequeno almoço, uma caminhada noturna e, até ao jantar, uma refeição ligeira. **10.** ‘Este mesmo Leónidas’ – acrescentava – ‘costumava vir revistar-me as arcas da roupa de cama e dos meus fatos, para se certificar de que a minha mãe me lá não tivesse escondido qualquer peça de luxo ou simplesmente supérflua’.

XXIII.1. E também quanto ao consumo de vinho¹¹⁵ era mais moderado do que possa parecer. Essa ideia teve origem naquele tempo todo que, a seguir a cada rodada, ele gastava mais a tagarelar do que a beber, mantendo sempre longas conversas quando tinha tempo para isso¹¹⁶. **2.** Porque, em momentos de ação, nada o detinha, nem vinho, nem sono, nem desporto, nem sexo, nem espetáculos, como acontece com outros generais. É o que a sua vida deixa provado: porque, apesar de ter vivido muito pouco, teve uma existência repleta das maiores façanhas. **3.** Nos tempos livres, no entanto, mal se levantava, fazia sacrifícios aos deuses e, logo a seguir, sentava-se¹¹⁷ para o pequeno almoço; depois, ocupava o dia a caçar, a administrar a justiça, a tratar de assuntos militares ou a ler. **4.** Se procedesse a uma marcha pouco urgente, ia praticando, enquanto avançava, o tiro ao arco e a subida e descida do carro em movimento. Muitas vezes também, por diversão, caçava raposas e aves, como se pode ver pelos seus

¹¹⁴ *Vide supra* 5.

¹¹⁵ Houve quem sublinhasse a propensão de Alexandre para a bebida. Arriano 4. 8. 2; Ateneu 434b; Eliano, *História Verdadeira* 3. 23 confirmam essa versão.

¹¹⁶ *Vide* Plutarco, *Moralia* 623 d.

¹¹⁷ Ou seja, não se inclinava, o que tornava a refeição mais breve e informal.

diários¹¹⁸. **5.** Depois de aquartelar, enquanto tomava banho e se oleava, perguntava ao pessoal e aos cozinheiros se estava tudo em ordem para o jantar. **6.** Só já tarde, noite escura, vinha então para a mesa; e era espantoso o cuidado e a atenção que prestava ao serviço, de modo a que tudo decorresse sem desequilíbrios nem faltas. A seguir ao serviço de bebidas – já atrás o disse –, deixava-se ficar um tempo infinito à conversa. **7.** E embora fosse, em qualquer outra circunstância, de um convívio realmente principesco a que não faltava elegância, nestas ocasiões era de um destempero inaudito e tomava atitudes de caserna. Não só ele mesmo se desdobrava em gabarolices, como deixava que os companheiros o adulassem. Estes eram momentos muito difíceis para a gente de trato fino ali presente, que não queria alinhar com os adulares, nem ficar atrás nos elogios; a primeira hipótese era inconveniente, a segunda arriscada. **8.** Terminados os brindes, tomava banho e ia dormir, muitas vezes até ao meio dia; ou situações havia em que ficava a dormir o dia inteiro.

9. Quanto à alimentação, era também muito moderado. De tal modo que, vezes sem conta, quando do litoral lhe traziam frutas ou peixes exóticos, ele fazia a distribuição por cada um dos companheiros e era o único para quem não sobrava nada. **10.** Mas os jantares que servia eram sempre requintados, com um aparato que foi crescendo em proporção com o sucesso, até ter atingido um montante de 10.000 dracmas. Aí ele travou a despesa, e foi esse o limite imposto nos convívios com Alexandre.

¹¹⁸ *Vide infra* 76. Estes registos diários da vida do rei, das suas ocupações e atividades privadas e públicas, deveriam estar a cargo de um cronista ou secretário. Há quem pense, porém (cf. Gusmán Guerra 1986: 62), que se trata de relatos tardios, que não reproduzem documentos oficiais do tempo de Alexandre. Êmenes da Cária (juntamente com Diódoto de Éritras) era o responsável por essas funções.

XXIV.1. Depois da batalha de Isso¹¹⁹, enviou um contingente a Damasco e apoderou-se do dinheiro e bens dos Persas, bem como dos seus filhos e mulheres. **2.** Foi sobretudo a cavalaria tessália quem maior proveito tirou dessa apropriação. Esses eram homens que se tinham mostrado particularmente bravos na batalha; foi portanto de propósito que Alexandre os mobilizou, com a intenção de os beneficiar. Mas o resto do exército tirou também grandes proveitos. **3.** Foi essa a primeira vez que os Macedónios experimentaram o sabor do ouro, da prata, das mulheres e do luxo bárbaro; a partir de então eram como cães, mal lhes farejavam o rasto, a perseguir e a abocanhar a riqueza persa.

4. Entretanto, Alexandre decidiu ocupar, em primeiro lugar, a faixa costeira. Foi então que, no caso de Chipre, os soberanos lhe depositaram nas mãos, de imediato, a ilha, e outro tanto se passou com a Fenícia, à exceção de Tiro. **5.** Quanto a esta cidade sofreu um cerco de sete meses¹²⁰, com aterros, máquinas de guerra e duzentas trirremes, pela frente marítima; nessa altura, Alexandre sonhou com Hércules, que, do alto das muralhas, lhe estendia a mão e o chamava. **6.** Houve também em Tiro muito quem sonhasse que Apolo os avisava de que se ia passar para o lado de Alexandre, descontente com os acontecimentos na cidade. **7.** Então essa gente, nem que Apolo fosse um qualquer desertor apanhado a passar-se para o lado inimigo, cercou a estátua do deus de cordas e pregou-a com pregos ao pedestal, chamando-lhe

¹¹⁹ Final do ano de 333 a. C.

¹²⁰ De Janeiro a Julho de 332. Primeiro Tiro anunciou a Alexandre a sua submissão. Mas quando, à laia de teste, o rei lhes pediu entrada na cidade insular para sacrificar a Hércules, eles recusaram. Alexandre passou então a fazer o cerco da cidade, seguro de que a queda de Tiro arrasaria a capacidade marítima dos Persas.

‘partidário de Alexandre’. **8.** Mas o rei teve ainda outro sonho; apareceu-lhe um sátiro que, de longe, brincava com ele; quando Alexandre tentava agarrá-lo, ele escapava-se; por fim, depois de muitas resistências e fugas, deixou-se apanhar. **9.** Os adivinhos dividiram a palavra¹²¹ e, muito a propósito, revelaram-lhe: ‘Tiro será tua’. Mostra-se ainda uma fonte, junto à qual Alexandre sonhou com o sátiro.

10. Enquanto o cerco durava, Alexandre desencadeou uma campanha contra os Árabes que habitavam junto do monte Antilíbano. Nessa expedição arriscou a vida por causa de Lisímaco, o seu tutor, que tinha feito questão de o acompanhar com o argumento de que não era nem mais fraco nem mais velho do que Fénix¹²². **11.** Quando chegaram à zona montanhosa, saltaram dos cavalos e passaram a fazer o caminho a pé; houve então uns tantos que se distanciaram bastante à frente. Alexandre, já a noite baixava e o inimigo estava por perto, não quis deixar para trás Lisímaco, que cedia ao cansaço e à fadiga; procurava sim animá-lo a prosseguir. Mas, sem se dar conta, foi-se afastando do grosso do exército com um punhado de companheiros e viu-se na contingência de passar a noite, escura e bastante fria, numa região inóspita. **12.** Foi então que avistou, à distância, muitas fogueiras dispersas no campo inimigo. Confiante na própria agilidade, e sempre pronto a estimular os Macedónios, partilhando com eles as dificuldades, correu para a fogueira mais próxima. **13.** Os dois bárbaros ali sentados matou-os à punhalada; depois pegou num archote e trouxe-o aos que o acompanhavam. **14.** O incêndio enorme que atearam assustou e pôs de imediato em fuga uns tantos

¹²¹ Dividindo *sa-Tyros* obtiveram esse sentido.

¹²² *Vide supra* 5. 8. Fénix, o tutor de Aquiles, tinha-o também acompanhado a Tróia.

inimigos; a outros, que lhes vieram ao encontro, repeliram-nos e assim passaram a noite tranquilos. Esta é a versão de Cares¹²³.

XXV.1. Eis qual foi o desfecho do cerco à cidade. Alexandre tinha dado, a uma grande parte das forças sob seu comando, um tempo de folga, depois de todos os esforços anteriores, enquanto, com um pequeno punhado de homens, ia investindo contra as muralhas para não dar tréguas ao inimigo. Foi nessa altura que Aristandro, o adivinho, fez um sacrifício e, depois de observar os presságios, declarou aos presentes, com toda a segurança, que a cidade seria completamente dominada durante aquele mês.

2. A sua previsão causou risos de troça, porque aquele era justamente o último dia do mês; mas o rei, ao ver-lhe o embaraço, e disposto como estava sempre a credibilizar-lhe as profecias, deu ordem de que se considerasse aquele dia não como o 30, mas como o 28¹²⁴. E, ao sinal da trombeta, investiu contra as muralhas com maior vigor do que a princípio tinha previsto.

3. O ataque tornou-se violento, de forma que nem mesmo as tropas que tinham ficado no acampamento se puderam escusar; trataram de correr em socorro dos companheiros. Os Tírios renderam-se e a cidade acabou tomada naquele mesmo dia.

4. A seguir invadiu Gaza¹²⁵, a maior cidade da Síria; foi nessa altura que um torrão, levado por uma ave para as alturas do céu, o atingiu num ombro. A ave, que veio pousar numa das máquinas de guerra, ficou presa nas cordas que se usam para esticar os cabos. **5.** E assim se cumpriu também o vaticínio de Aristandro, porque, embora ferido no ombro, Alexandre tomou a cidade. **6.** O rei enviou grandes porções do saque a Olímpia, a Cleópatra¹²⁶

¹²³ *FGrHist* 125 F 7.

¹²⁴ Para outra alteração produzida no calendário, *vide supra* 16. 3.

¹²⁵ Em Setembro e Outubro de 332 a. C.

¹²⁶ Cleópatra, nascida em 354 a. C., era filha de Filipe II da Macedónia e de Olímpia e, portanto, irmã de Alexandre Magno (Diodoro Sículo

e aos amigos; remeteu também a Leónidas, seu tutor, 500 talentos de incenso e 100 de mirra, como recordação da expectativa que lhe foi criada na infância. **7.** É que Leónidas, parece, num dia em que Alexandre fazia um sacrifício e, com as mãos cheias, lançava incenso para o fogo, lhe terá dito: ‘Alexandre, no dia em que dominares as terras produtoras de incenso, podes gastá-lo à vontade; mas até lá trata de poupar aquele que tens’. **8.** Foi por isso que Alexandre lhe escreveu: ‘Aqui te mando incenso e mirra com fartura, para que te deixes de economias com os deuses’.

XXVI.1. Vieram trazer-lhe um baú, que os encarregados dos bens e das bagagens de Dario consideravam uma preciosidade. Perguntou ele aos amigos que tipo de objeto precioso achavam eles que devia ser ali guardado. **2.** Perante tantas respostas e tantas sugestões, Alexandre anunciou que era a *Ilíada* que lá ia depositar, por medida de segurança. Este foi um episódio atestado por não poucas testemunhas das mais credíveis. **3.** E se o que os Alexandrinos nos dizem, baseados em Heraclides, for verdade, Homero não terá sido para Alexandre um companheiro de armas inativo ou inútil. **4.** Diz-se que, depois da conquista do Egito, o rei quis fundar uma cidade grega, grande e populosa, a que daria o seu nome¹²⁷. A conselho dos arquitetos, preparava-se para medir e delimitar um determinado espaço para esse efeito.

18. 23. 1; 20. 37. 3).

¹²⁷ A fundação de Alexandria ocorreu em 331 a. C. As fontes para a fundação de Alexandria são, além de Pseudo-Calístenes, *Vida e feitos de Alexandre da Macedónia* 1. 31-32 (séc. IV a. C., ou III a. C.; sobre as dúvidas suscitadas pela identidade do autor deste texto, *vide* C. Bradford Welles (1962), ‘The discovery of Sarapis and the foundation of Alexandria’, *Historia* 11. 3, 1962, 272; Arriano, *Anábase de Alexandre* (séc. II d. C.) 3. 1-2; Diodoro Sículo 17. 52 (séc. I a. C.); Estrabão 17. 1. 6-7 (séc. I a. C. – I d. C.); Quinto Cúrcio 4. 8. 1-2 (séc. I d. C.). Com o nome do famoso conquistador foram fundadas dezassete Alexandrias, sendo a egípcia a mais famosa e importante de todas. Cf. Pseudo-Calístenes 3. 35, onde são enumeradas doze dessas cidades, figurando a egípcia em primeiro lugar.

5. Foi então que, durante a noite, quando adormeceu, teve uma visão fantástica: um homem de cabelos brancos e de aspeto venerável perfilou-se-lhe ao lado e disse-lhe estes versos: ‘Ali, no meio do mar encrespado, há uma ilha, em frente ao Egito. Faro é o seu nome’¹²⁸.

6. Alexandre levantou-se sem demora e encaminhou-se para Faro, que nessa altura era ainda uma ilha¹²⁹ situada um pouco acima da boca Canópica do Nilo¹³⁰, mas que hoje em dia está ligada ao continente por um paredão. 7. Quando viu o lugar e as vantagens incríveis que possuía¹³¹ (trata-se de uma tira larga de terra¹³², semelhante a um istmo, que separa do mar uma grande lagoa, rematada por um porto amplo), declarou que Homero, além de outras qualidades admiráveis, era também um arquiteto de excelência; decidiu portanto que o traçado da cidade tivesse em consideração a topografia do lugar. 8. Como não tinham giz¹³³, pegaram em farinha e, com ela, traçaram no solo negro um espaço circular, de cuja base interior partiam traços radiais que dividiam o arco em espaços regulares, formando o desenho de uma clâmide¹³⁴. 9. O rei ficou satisfeito com o traçado; foi

¹²⁸ *Odisseia* 4. 354-355.

¹²⁹ Plutarco fala de Faro no tempo de Alexandre como *ainda* uma ilha, que, na sua época, estava unida ao continente por um paredão, o Heptastádio, ‘passagem de sete estádios’ que estabelecia uma divisória entre os dois portos.

¹³⁰ Esta é a boca que delimita o delta do Nilo a ocidente.

¹³¹ Cf. Arriano 3. 1. 5.

¹³² Cf. Estrabão 17. 1. 6.

¹³³ Cf. Pseudo-Calístenes 1. 32. Quinto Cúrcio 4. 8. 6 confirma que era prática macedónia traçar com farinha o contorno das cidades a fundar.

¹³⁴ A clâmide, um manto arredondado, fazia parte do fardamento militar da Macedónia e da Tessália. Aplicada ao plano urbano, a ideia de uma clâmide representaria, no conjunto, um traçado retangular, com uma parte mais larga, arredondada, a sul, e uma outra um pouco mais estreita, ‘a gola’, a norte; ambas estariam ligadas por dois lados mais curtos e entre si simétricos.

então que de repente um bando imenso de aves, de todas as espécies e tamanhos, surgiu do rio e do lago e se abateu sobre o lugar, como nuvens, sem deixar rasto de farinha; de tal modo que até Alexandre ficou perturbado com a profecia.

10. Foi então que os adivinhos lhe aconselharam ânimo, porque a cidade por ele fundada havia de ter enormes recursos e de ser capaz de proporcionar condições de vida a gente vinda de toda a parte¹³⁵. Alexandre ordenou aos encarregados que arrancassem com a obra, enquanto ele se dirigia ao templo de Ámon¹³⁶. **11.** A viagem até lá era longa, e cheia de dificuldades e perigos. Dois riscos sobretudo existiam: a falta de água, porque a travessia do deserto toma não poucos dias; e um outro que resulta da possibilidade de se levantar um vento sul com rajadas fortes, que enterra os caminhantes numa areia imensa e profunda, **12.** como se diz que aconteceu no passado com o exército de Cambises¹³⁷: levantou-se um grande tornado que ondulou a planície e sepultou 50.000 homens, até à destruição total. **13.** Todos, por assim dizer, ponderaram todas estas possibilidades, mas era difícil desviar Alexandre de um projeto

¹³⁵ Sobre a abundância e o cosmopolitismo a que Alexandria estava destinada, cf. Amiano Marcelino 22. 16. 7; Estrabão 17. 1. 6 e Arriano 3. 2. 1-2 dão deste episódio versões ligeiramente diferentes.

¹³⁶ Juntamente com Delfos e Dodona, Ámon era um dos três grandes oráculos do mundo grego. Várias são as fontes que colocam esta consulta em precedência sobre a fundação da cidade (Diodoro Sículo 17. 50-52; Quinto Cúrcio 4. 8. 1; Justino 11. 11. 13; Pseudo-Calístenes 1. 30-31), embora só Pseudo-Calístenes afirme expressamente, como seu objetivo, ouvir o oráculo sobre o estabelecimento de uma cidade que usaria o seu nome. Outras fontes (Arriano 3. 3; Estrabão 17. 1. 43), pelo contrário, situam-na pela ordem inversa, colocando-a depois de fundada Alexandria. Não deixa de ser possível conciliar as duas suposições com o argumento de que, alimentando um projeto de fundação depois de visitar o local da futura cidade, Alexandre tivesse procurado obter a confirmação do oráculo.

¹³⁷ Cf. Heródoto 3. 26. 3.

que se lhe metesse na cabeça. **14.** A verdade é que a sorte, que lhe protegia os impulsos, tornava as suas decisões obstinadas; mas há que reconhecer que o otimismo com que assumia qualquer plano tornava a sua ambição invencível, de modo que submetia não apenas os inimigos, mas até os lugares e as circunstâncias.

XXVII. 1. Em toda a viagem que então fez, o apoio concedido pelos deuses nas dificuldades que lhe foram surgindo ganhou maior crédito do que as profecias que mais tarde lhe foram comunicadas. Ou, dito de outra forma, foi este apoio o que deu credibilidade às profecias. **2.** Antes de mais, água da chuva em abundância, vinda dos céus, e aguaceiros persistentes arredaram o medo da sede e eliminaram a aridez da areia; o solo ficou molhado e compacto, e assim o ar tornou-se mais puro e respirável. **3.** Além disso, quando os sinais que os guias seguiam se tornaram confusos e os viajantes se viram dispersos e desorientados, apareceu um bando de corvos que assumiu o comando da marcha¹³⁸: voavam-lhes diante e estimulavam-nos quando os viam avançar, mas esperavam-nos se se atrasassem e ficassem para trás. **4.** O mais surpreendente, porém, ao que conta Calístenes¹³⁹, é que, a crucitar, os corvos chamavam os que andavam perdidos na noite e faziam-se ouvir até que eles retomassem o trilho da marcha.

5. Depois que Alexandre atravessou o deserto e chegou ao local do oráculo, o profeta de Ámon saudou-o da parte do deus, como se de um pai se tratasse. Perguntou-lhe então Alexandre se algum dos assassinos de seu pai lhe teria escapado. **6.** A ordem do profeta foi que tivesse cuidado com as palavras, porque o pai dele não era um mortal. Alexandre alterou a formulação da pergunta, inquirindo se todos os assassinos de Filipe tinham

¹³⁸ Cf. Arriano 3. 3. 5 sq.

¹³⁹ *FGrHist* 124 F 14b.

sido condenados. Depois, em relação ao seu poder, quis saber ainda se lhe seria concedido governar sobre toda a Humanidade. 7. O deus confirmou que sim, e que Filipe tinha sido totalmente vingado. Alexandre fez então ofertas faustosas ao oráculo, e presenteou os sacerdotes com dinheiro.

8. É esta a versão dada pela maior parte dos cronistas quanto aos oráculos. Mas Alexandre, em carta enviada à mãe, diz que recebeu umas tantas respostas secretas, que, no regresso, lhe iria contar, só a ela. 9. Há quem diga que o profeta, no desejo de se lhe dirigir, em grego, com deferência, o tratou por ‘*O paidion*’, ‘Meu filho’¹⁴⁰; mas, na sua pronúncia de estrangeiro, trocou a final –n por –s e saiu-lhe ‘*O paidios*’, ‘Ó filho de Zeus’. Alexandre ficou agradado com este deslize de pronúncia e daí resultou a história de que o deus se lhe tinha dirigido como ‘*O pai Dios*’, ‘Ó filho de Zeus’. 10. Corre também que, no Egito, Alexandre recebeu lições de Psâmon, o filósofo, e que dele sobretudo reteve este princípio: que toda a criatura humana está sob a autoridade de deus. De facto, tudo o que, em cada homem, detém o poder e o controle é divino. 11. E mais filosófico ainda era o que o próprio rei pensava e dizia sobre o assunto: que deus, apesar de ser o pai comum de toda a Humanidade, adota como seus prediletos os melhores.

XXVIII. 1. Em geral perante os bárbaros, Alexandre era orgulhoso e muito convencido do seu ascendente e parentesco divino; mas com os Gregos mostrava-se comedido e raramente reivindicava essa divindade. **2.** Contudo, ao escrever aos

¹⁴⁰ É certo que o sacerdote tenha saudado o novo faraó como ‘filho de Ámon’, porque esse era um título que todos os faraós usavam oficialmente. Era também parte do ritual que o sacerdote, em nome do faraó, perguntasse ao deus se governaria sobre o mundo inteiro, o que o deus confirmava. Logo, a convenção do ritual teve, em relação a Alexandre, uma interpretação simbólica.

Atenienses a propósito de Samos¹⁴¹, disse: ‘Eu não vos teria dado esta cidade, livre e famosa. Mas vocês receberam-na daquele que então era o vosso soberano e que se dizia ser meu pai’; referia-se a Filipe. **3.** Tempos mais tarde, depois de ter sido atingido por um dardo que lhe causou grande sofrimento, observou: ‘Isto, amigos, que escorre é sangue e não ‘ícor, como o que escorre dos deuses bem-aventurados’¹⁴². **4.** Um dia houve uma enorme trovoada e todos estavam atemorizados. Anaxarco, o sofista¹⁴³, ali presente disse a Alexandre: ‘Tu que és filho de Zeus, não poderias fazer a mesma coisa?’ Rindo, ele respondeu: ‘Não, não quero assustar os meus amigos, como tu me sugeres. Tu, um sujeito que recusa os meus jantares, porque vê as mesas cobertas de peixe e não de cabeças de sátrapas’¹⁴⁴. **5.** De facto diz-se que Anaxarco, perante um presente de peixe miúdo enviado pelo rei a Heféstion¹⁴⁵, tinha tido uma saída do género, para desprestigiar e meter a ridículo os que se sujeitam a grandes provações e riscos em nome do prestígio e do poder, para afinal, em termos de prazeres e vantagens, não obterem nem mais nem menos do que qualquer outro. **6.** Do que ficou dito transparece a ideia de que Alexandre não estava muito marcado nem afetado pela sua origem divina; valia-se dela, isso sim, para se impor aos outros.

¹⁴¹ N. G. L. Hammond, ‘Alexander’s letter concerning Samos in Plut. *Alex.* 28. 2’, *Historia* 42. 3, 1993, 379-382, admite que esta carta foi escrita em 334-332 a. C., numa altura em que Alexandre operava no Egeu, procurando estabelecer contactos com as cidades gregas da Ásia Menor e com as ilhas.

¹⁴² *Iliada* 5. 340.

¹⁴³ Anaxarco de Abdera, discípulo de Demócrito, que participou na campanha de Alexandre.

¹⁴⁴ Estas duas histórias são recontadas, com pequenas diferenças, por Ateneu, que acrescenta a referência à sua fonte, Aristobulo: 250f-251^a = *FGrHist* 139 F 47, *FHG* 3. 164.

¹⁴⁵ *Vide supra* nota 85.

XXIX. 1. No regresso do Egipto à Fenícia¹⁴⁶, homenageou os deuses com sacrifícios, procissões e concursos de coros ditirâmicos e trágicos, abrilhantados não só pela organização, mas também pelo espírito competitivo. **2.** Foram coregos os reis de Chipre, do mesmo modo que, em Atenas, os que são eleitos pelas tribos, que concorreram, uns com os outros, com o maior empenho. **3.** Muito disputada foi sobretudo a competição entre Nicocreonte de Salamina e Pasícrates de Solos. Foram-lhes atribuídos os atores mais famosos, a Pasícrates Atenodoro, e a Nicocreonte Téssalo, que era o preferido de Alexandre. **4.** Mas o rei não deu a conhecer esta preferência antes de o júri proclamar Atenodoro vencedor. Então, ao que parece, à saída, ele terá dito que aprovava os juízes; no entanto, que mais facilmente cederia uma parte do seu reino a ter de assistir à derrota de Téssalo. **5.** Quando Atenodoro, que tinha sido multado pelos Atenienses por não comparecer no festival das Dionísias, pediu ao rei que lhe escrevesse uma carta de justificação, ele não o fez; optou por pagar-lhe a multa do próprio bolso. **6.** Numa outra ocasião em que Lícon de Escarfeia teve um rasgo em plena atuação, e meteu na comédia um verso a pedir dez talentos, Alexandre riu-se e deu-lhos.

7. Dario enviou-lhe uma carta e uns amigos, a pedir-lhe que aceitasse receber 10.000 talentos pelo resgate dos prisioneiros; que ficasse com todo o território aquém do Eufrates, que desposasse uma das suas filhas e assim estabelecesse com ele um pacto de amizade e aliança. Alexandre apresentou a proposta aos companheiros; **8.** Parménion disse então: ‘Eu, se fosse Alexandre, aceitava’. ‘O mesmo faria eu’ – retorquiu Alexandre – ‘se fosse Parménion’. **9.** A Dario foi esta a resposta que enviou: se ele se viesse entregar, teria garantida a mais cordial das

¹⁴⁶ Ou seja, no ano de 331 a. C.

reções. Caso contrário, seria Alexandre a avançar de imediato ao seu encontro.

XXX.1. Mas não tardou a arrepender-se da resposta, quando a mulher de Dario morreu de parto. Foi então evidente que ficou aborrecido por ter perdido a oportunidade de se mostrar generoso. Por isso tratou de lhe dar sepultura, sem olhar a gastos. **2.** Um dos eunucos de serviço aos quartos, que tinha sido capturado juntamente com as mulheres – de nome Tireu –, escapou-se do acampamento, cavalgou até ao sítio onde Dario se encontrava e deu-lhe a notícia da morte da mulher. **3.** Por entre golpes na cabeça e gritos de lamento, Dario bradou: ‘Que destino o dos Persas! Não bastou que a esposa e irmã do seu rei sofresse o cativeiro em vida, mas também na morte se viu privada de uma sepultura régia’. **4.** Ao que o camareiro respondeu: ‘Não, meu senhor, nada disso! No que respeita à sepultura, e a receber todas as honras que lhe eram devidas, não tens razão de queixa quanto ao mau destino dos Persas. **5.** Porque nem a minha senhora Estatira¹⁴⁷ em vida, nem a tua mãe e filhos, perderam

¹⁴⁷ Estatira era irmã e esposa de Dario III, que reinou na Pérsia a partir de 336 a. C. Na batalha de Isso, no outono de 333, apesar de uma vitória formidável e de ter causado ao inimigo pesadas baixas, Alexandre não conseguiu aprisionar Dario, que empreendeu, com sucesso, a fuga. Entre os prisioneiros persas, encontrava-se a mãe, a esposa, Estatira, e as duas filhas ainda jovens de Dario (*vide supra* 21. 1). Como um verdadeiro vencedor, Alexandre comoveu-se com a debilidade e infortúnio dos vencidos, na sua parte mais frágil, as cativas indefesas. Tranquilizou-as primeiro, com a garantia de que Dario se encontrava vivo; brindou-as depois com a segurança e com um respeito total pela sua condição. Manteve-lhes todos os privilégios a que o seu estatuto dantes lhes dava direito. Atribuiu-lhes, a título de pensão de subsistência, montantes ainda mais fartos do que aqueles que a exuberância da corte persa antes lhes garantia (21. 3-4). Foi mais longe, porém, a virtude de Alexandre, demonstrada por uma contenção que a beleza superior de Estatira nunca abalou (cf. 21. 5-6). Já a morte rondava por perto, e Dario pôde ainda, nos seus últimos momentos, incluir uma derradeira palavra de gratidão a Alexandre pela bondade que tinha tido para com a sua mãe, esposa e filhas (43. 4).

qualquer das regalias anteriores a não ser verem o resplendor da tua luz – que Oromasdes, nosso senhor, há-de fazer de novo brilhar; como também na morte se não viu privada de qualquer homenagem; pelo contrário, foi homenageada com as lágrimas dos inimigos. **6.** É que Alexandre é tão gentil depois da vitória, quanto terrível no campo de batalha’.

7. Ao ouvir tais palavras, Dario ficou perturbado e mordido por suspeitas absurdas. Levou então o eunuco para um canto da tenda e perguntou-lhe: **8.** Se tu, juntamente com a sorte dos Persas, te não passaste para o lado macedónio, e se eu, Dario, continuo a ser o teu senhor, jura-me pelo resplendor de Mítras e pela mão direita do teu rei, se não é este que eu agora lamento o menor dos infortúnios que Estatira sofreu. Enquanto ela foi viva, não terão sido bem maiores os meus sofrimentos? Talvez superasse a minha desgraça com maior honra se me tivesse deparado com um inimigo feroz e selvagem. **9.** Que relação decente pode um homem jovem ter com a mulher do inimigo que justifique tais homenagens?’ **10.** Ainda ele não tinha acabado de falar e já Tireu se lhe prostrava aos pés a suplicar que não dissesse impropérios, nem insultasse Alexandre, nem ofendesse a memória da sua irmã e mulher, nem se privasse a si próprio da maior consolação entre tanta infelicidade: a de estar certo de ter sido vencido por um homem superior ao comum dos mortais; devia, isso sim, admirar Alexandre por ter revelado, pelas mulheres persas, um respeito maior ainda do que a coragem de que deu mostras face aos homens da Pérsia. **11.** Ao mesmo tempo que o eunuco confirmava as suas palavras com juramentos solenes, e discorria sobre o autodomínio e sobre a generosidade que, em geral, Alexandre demonstrava, Dario saiu ao encontro dos companheiros, ergueu as mãos ao céu e rezou: **12.** ‘Deuses da minha raça e do meu reino, concedei-me, acima de tudo, que eu deixe a fortuna dos Persas restabelecida

no ponto em que a recebi; de modo a que, depois de recuperar o poder, eu possa retribuir a Alexandre os favores que dele recebi, quando perdi o que me era mais caro. **13.** Mas se, por vontade do destino, é chegado o tempo, trazido pelo castigo dos deuses ou pelas vicissitudes da vida, de pôr fim ao reino dos Persas, que nenhum outro homem se sente no trono de *Ciro*¹⁴⁸ a não ser Alexandre'. **14.** Que tudo se passou e se disse desta forma é consensual entre a maior parte dos cronistas¹⁴⁹.

XXXI.1. Depois de subjugar toda a faixa a ocidente do Eufrates, Alexandre avançou contra Dario, que de resto descia ao seu encontro com um milhão de homens¹⁵⁰. **2.** Houve um dos companheiros que lhe veio dizer, como se se tratasse de um caso para rir, que os seus acompanhantes, à laia de um jogo, se tinham repartido em duas fações, para que indigitaram um general e um comandante; a um deram o nome de Alexandre, a outro o de Dario. **3.** Começaram por atirar uns contra os outros torrões, depois passaram a lutar com os punhos e, por fim, entusiasmaram-se com o combate e passaram às pedras e aos paus; foram crescendo em número até que se tornou difícil separá-los. **4.** Quando tal ouviu, Alexandre deu ordem de que os chefes dos grupos travassem um duelo. O que dava pelo nome de Alexandre, ele mesmo o armou; ao que era conhecido por Dario foi Filotas quem lhe forneceu as armas. O exército assistia, considerando o que acontecia como presságio de futuro. **5.** Travada uma luta feroz, venceu o que se chamava Alexandre,

¹⁴⁸ *Ciro* II, o grande rei dos Persas, era filho de Cambises e acedeu ao trono em 559 a. C. Entre as suas conquistas, conta-se a anexação da Lídia (546 a. C.), a conquista das cidades gregas da Iónia (através dos seus representantes Mazares e Hárpago), e de Babilónia. Morre em 530 a. C. Heródoto dedica-lhe o seu segundo *logos* (*Histórias* 1. 95-216).

¹⁴⁹ Cf. Arriano 4. 20.

¹⁵⁰ Em Junho ou Julho de 331 a. C. O número de forças referido é manifestamente exagerado.

que recebeu de prêmio doze povoações e o direito a usar o traje persa. É pelo menos o que conta Eratóstenes¹⁵¹.

6. O grande recontro com Dario não ocorreu em Arbelos, como a maioria dos autores escreveu, mas em Gaugamelos¹⁵². 7. Esta palavra, na sua língua, significa, ao que se diz, ‘a habitação do camelo’, porque um dos antigos reis da região¹⁵³, depois de escapar aos inimigos num camelo veloz, foi lá que o instalou, afetando os impostos de várias povoações para a sua manutenção. 8. No mês Boedrómion¹⁵⁴, a lua sofreu um eclipse, por altura do início dos Mistérios em Atenas; onze noites após o eclipse, os exércitos posicionaram-se diante um do outro. Dario manteve as suas forças mobilizadas e passou-lhes revista à luz dos archotes. 9. Alexandre, enquanto os Macedónios dormiam, deixou-se ficar diante da tenda com Aristandro, o adivinho, a celebrar certos rituais secretos e a fazer sacrifícios ao Temor¹⁵⁵. 10. Os seus companheiros mais velhos, sobretudo Parménion, viam a planície entre o Nifates e a cordilheira de Górdio toda iluminada com os archotes dos bárbaros, enquanto um rumor indistinto e um murmúrio se faziam ouvir vindos do campo, como de um vasto oceano; 11. ficaram pasmados com tamanha quantidade de homens e comentaram uns com os outros que seria uma tarefa árdua e difícil levar de vencida semelhante inimigo à luz do dia. Esperaram que o

¹⁵¹ *FGrHist* 241 F 29.

¹⁵² *Vide The Cambridge Ancient History. VI. Macedon, 379-382.* Foi em Outubro de 331 que Alexandre se dirigiu a Gaugamelos, onde sabia que Dario estava aquartelado, com uma força enorme e organizada de cavalaria e infantaria.

¹⁵³ Dario I; cf. Estrabão 16. 1. 3.

¹⁵⁴ Setembro.

¹⁵⁵ Este será o Temor que, segundo a versão homérica (*Iliada* 15. 119), vem atrelado ao carro de Ares; cf. Plutarco, *Agis e Cleómenes* 30. 4-5, onde se define coragem não como ausência de medo, mas sim como um outro receio estimulante, o da reprovação ou da censura.

rei terminasse os sacrifícios e tentaram demovê-lo a atacar o inimigo durante a noite, de modo a encobrir com as trevas o lado mais assustador do recontro iminente. **12.** Ficou célebre a resposta que Alexandre então lhes deu: ‘Não pretendo roubar a vitória’. Alguns acharam que se tratava de uma resposta imatura e sem sentido, de alguém que está a brincar com o perigo. **13.** Outros, em contrapartida, entenderam que ele estava confiante perante a situação e que avaliava corretamente o futuro, não dando pretexto a Dario, em caso de derrota, para se animar a nova arremetida, com a desculpa da noite e do escuro, como antes¹⁵⁶ das montanhas, dos estreitos e do mar. **14.** A verdade é que Dario não desistiria nunca do combate por falta de armas ou de homens, quando dispunha de um tal potencial de forças e de um imenso território; fá-lo-ia apenas quando perdesse a coragem e a confiança e se convencesse da desvantagem com uma derrota à luz do dia.

XXXII. 1. Quando eles se afastaram, diz-se que Alexandre se manteve deitado na tenda o resto da noite, mergulhado num sono profundo, ao contrário do que lhe era habitual, de tal modo que, quando os comandantes vieram, de manhã cedo, ao encontro dele se espantaram e, por sua alta recriação, passaram a ordem de que as tropas começassem por tomar o pequeno almoço. **2.** Depois, dada a urgência da situação, Parménion entrou na tenda, aproximou-se do leito e chamou Alexandre pelo nome duas ou três vezes. Quando, deste modo, o conseguiu despertar, perguntou-lhe como podia ele dormir assim nem que já tivesse conseguido a vitória, quando afinal se preparava para a maior batalha da sua vida. **3.** Alexandre, com um sorriso, respondeu-lhe: ‘Como assim? Não achas que nos devemos considerar já vencedores, quando nos livramos de andar

¹⁵⁶ Em Isso.

errantes a perseguir Dario, que procura escapar ao combate, por um território imenso e desolado?’ 4. Não foi só antes da batalha como também em pleno perigo que Alexandre se mostrou grande e firme nos cálculos e na determinação. 5. Na luta, a ala esquerda, sob o comando de Parménion, viu-se repelida e em dificuldades, quando a cavalaria bactriana arremeteu contra os Macedónios com grande ímpeto e violência e quando Mazeu¹⁵⁷ mandou a cavalaria, por fora da falange, ao ataque da guarda dos equipamentos. 6. Completamente em pânico face a estas duas manobras, Parménion enviou a Alexandre mensageiros com a notícia de que o campo e os equipamentos estavam perdidos, a menos que um reforço poderoso viesse rapidamente lá da frente em socorro da retaguarda. 7. Aconteceu que, naquele momento, Alexandre se preparava para dar o sinal de ataque aos homens sob seu comando. Ao ouvir a mensagem de Parménion, comentou que ele não estava no seu perfeito juízo e que tinha perdido a noção das coisas; que, na sua perturbação, se tinha esquecido de que os vencedores passam a ser também donos dos equipamentos inimigos; e que os que estão em desvantagem não devem pensar em bens ou em escravos; devem antes concentrar-se numa morte digna e numa luta honrosa.

8. Depois de mandar a Parménion esta resposta, pôs o elmo, porque o armamento restante já o trazia vestido desde que saiu da tenda: uma túnica siciliana cintada e, por cima, um colete duplo de linho, do saque de Isso¹⁵⁸. 9. O elmo, obra de Teófilo,

¹⁵⁷ Mazeu era sátrapa da Síria e da Mesopotâmia; após a batalha de Gaugamelos, refugiou-se em Babilónia, que entregou a Alexandre. Em consequência, o rei fê-lo sátrapa de Babilónia. Esta foi a primeira nomeação por Alexandre de um persa. O comando militar e a superintendência económica reservou-as, no entanto, para Macedónios, o que passou, dali por diante, a ser a prática comum.

¹⁵⁸ A cena do ‘armar do guerreiro’ e a descrição minuciosa das armas tem o seu modelo na *Iliada*; cf., e. g., 11. 16-44.

era de ferro, mas brilhava como prata de lei; segurava-o uma presilha igualmente de ferro, com pedras preciosas. **10.** Tinha uma espada, de uma têmpera e de uma leveza fantásticas, presente do rei dos Citeus, que manejava com enorme perícia, de modo que era a espada o que sempre usava nas batalhas. **11.** Trazia também um manto, muito mais trabalhado do que todo o restante armamento; era obra do velho H licon e uma homenagem da cidade de Rodes, que lho tinha dado de presente, **12.** e que ele usava também nas batalhas. Enquanto circulava a dar instru es ao contingente, a exort -lo, a passar-lhe revista, usava outro cavalo para poupar o Bucéfalo, já então um tanto velho. Mas quando se tratava de entrar em a o, era o Bucéfalo que montava e passava de imediato ao ataque.

XXXIII. 1. Nessa altura, fez um grande discurso aos Tess lios¹⁵⁹ e aos outros Gregos; e quando eles, com brados, o incitaram a conduzi-los contra os bárbaros, Alexandre passou a lança para a mão esquerda e com a direita apelou aos deuses, ao que diz Cal stenes¹⁶⁰; rogou-lhes que, se de facto descendia de Zeus, protegessem e fortalecessem o ânimo dos Gregos. **2.** Entretanto Aristandro, o adivinho, vestido de branco e coroado de ouro, circulou pelas fileiras a mostrar uma  guia que pairava sobre a cabeça de Alexandre e que se dirigia em voo direto para o inimigo, **3.** o que foi de um grande estímulo para os que a viam. Depois de se encorajarem e de se exortarem mutuamente, a cavalaria lançou-se em corrida contra os inimigos e a infantaria seguiu-a como uma onda. **4.** Antes mesmo que as filas da frente se envolvessem em combate, os bárbaros cederam; a persegui o foi tremenda, enquanto

¹⁵⁹ Depois da cavalaria macedónia, o contingente tess lio vinha a seguir, num número de 1800 cavaleiros.

¹⁶⁰ *FGrHist* 124 F 36.

Alexandre empurrava a ala vencida para o centro, onde se encontrava Dario. **5.** Ainda bem de longe, Alexandre viu-o através das fileiras do esquadrão real, que se lhe interpunham diante. Era um belo homem, bem constituído, que se erguia no alto de um carro, escoltado por uma enorme e fulgurante cavalaria, que se comprimia em volta e se mobilizava para fazer frente ao inimigo. **6.** Mas ao verem de perto Alexandre, com um ar terrível, a empurrar os fugitivos contra os resistentes, ficaram, na sua maioria, aterrados e dispersaram. **7.** Os mais bravos e mais nobres, porém, matavam-se diante do seu rei e, ao caírem uns sobre os outros, criavam obstáculo à perseguição, entrelaçando-se e misturando-se, eles e os cavalos.

8. Dario, com todos estes horrores diante dos olhos e com as forças que o protegiam a comprimir-se contra ele, viu que era impossível dar a volta ao carro e fugir com facilidade, porque as rodas estavam embaraçadas e presas na multidão dos caídos, enquanto os cavalos, cercados e afogados na montanha de cadáveres, se empinavam e assustavam o auriga; abandonou então o carro e as armas, montou uma égua, ao que se diz, acabada de parir e pôs-se em fuga. **9.** Mas é voz corrente que talvez Dario não tivesse escapado, se não viessem de novo da parte de Parménion uns tantos cavaleiros a apelar a Alexandre, porque uma força inimiga lá se mantinha concentrada e não cedia. **10.** É geral a crítica a Parménion que, naquela batalha, se mostrou fraco e ineficiente, ou porque a velhice começava a paralisar-lhe a coragem, ou porque a autoridade e a ostentação do poder de Alexandre – é a versão de Calístenes¹⁶¹ – o deixasse invejoso e ressentido. **11.** A verdade é que, agastado pelos apelos que lhe chegavam, o rei naquela altura não disse a verdade aos soldados; pretextou que era tempo de pôr fim à

¹⁶¹ *FGrHist* 124 F 36.

chacina por ser já noite e deu o sinal de retirada. Quando se encaminhava para a zona em risco, chegou-lhe a notícia, pelo caminho, de que o inimigo tinha sido totalmente dominado e estava em fuga.

XXXIV. 1. Com o desfecho desta batalha, o império persa pareceu ter ficado totalmente arrasado; foi então que Alexandre, depois de ter sido proclamado rei da Ásia, fez sacrifícios magníficos aos deuses e aos amigos presenteou-os com dinheiro, propriedades e o governo de províncias. **2.** Desejoso de ganhar o reconhecimento dos Gregos, escreveu-lhes a dizer que todas as tiranias tinham sido abolidas e que eram livres de se governar de acordo com as próprias leis. Aos Plateenses em particular anunciou que lhes ia reconstruir a cidade, porque os antepassados deles tinham posto o seu território à disposição dos Gregos para a luta pela liberdade¹⁶². **3.** Mandou também ao povo de Crotona, na Itália, parte do saque, em homenagem ao empenho e à excelência de Failo, o seu atleta, que, nas guerras médicas, quando todos os outros Itáliotas recusaram ajudar os Gregos, apetrechou um navio a expensas próprias e navegou para Salamina, para participar nessa hora de perigo¹⁶³. **4.** Tal era a preocupação que Alexandre tinha com tudo o que representa excelência, e o patrocínio e proteção que dispensava aos feitos gloriosos.

XXXV. 1. Na travessia completa de Babilónia, que se lhe rendeu de imediato, o que mais o surpreendeu foi uma fenda de onde o fogo brotava continuamente, como de uma fonte,

¹⁶² A batalha de Plateias, já no final das guerras pérsicas, ocorreu em 479 a. C.

¹⁶³ Cf. Heródoto 8. 47. Pausânias 10. 9. 2 refere este famoso talento como nunca tendo sido vencedor em Olímpia, mas sim em Delfos, uma vez no pentatlo e outra no estádio. Da sua popularidade em Atenas fala Aristófanes, *Acarnenses* 215-216, *Vespas* 1206.

e uma corrente de nafta, tão abundante, que formava um lago não longe da fenda¹⁶⁴. **2.** Esta nafta é, em tudo o mais, semelhante ao alcatrão; mas é tão inflamável que, antes mesmo que a chama lhe toque, ela se incendeia com o simples brilho da luz e muitas vezes propaga o fogo ao ar em volta. **3.** Para demonstrar a natureza e o poder desse produto, os bárbaros aspergiram a passagem que conduzia aos aposentos de Alexandre com pequenas quantidades desse líquido. Puseram-se então no extremo e tocaram com os archotes as manchas do produto, quando já anoitecia. **4.** As primeiras incendiaram-se de imediato e, numa fração de segundo, tão depressa quanto leva a pensá-lo, a chama propagou-se ao outro extremo e o caminho inteiro transformou-se numa parede de fogo. **5.** Havia um tal Atenófanes, um ateniense, daqueles homens que habitualmente prestavam serviço ao rei no banho e na higiene, que estava encarregado de lhe entreter o espírito. **6.** Este sujeito, num belo dia em que, no banho com Alexandre, se encontrava um rapaz, um tal Estéfano – que tinha uma cara ridícula de tão feia, mas que era um excelente cantor –, disse ao rei: **7.** ‘Que te parece, meu senhor, se experimentássemos cobrir o Estéfano com este líquido? Se ele pegar fogo e não se conseguir extingui-lo, fica provado que a nafta é incontrolável e de um enorme poder’. **8.** Para grande espanto, o próprio rapaz prestou-se à experiência; mas mal que tocou no produto e se untou com ele, uma chama tal envolveu-lhe o corpo e de tal maneira o transformou numa tocha, que Alexandre ficou aflito e entrou em pânico. **9.** E se por acaso não estivesse por ali uma quantidade de gente com vasos de água na mão para o banho, o rapaz teria ardido antes que o socorro chegasse. Ainda assim só a muito custo dominaram o

¹⁶⁴ Adiabena, uma região situada entre Gaugamelos e Babilónia, parece ser o local onde existia esta fonte de nafta.

fogo, que se tinha alastrado ao corpo inteiro do rapaz; mesmo depois desta intervenção, ele ficou num estado lastimoso.

10. É natural que alguns, na pretensão de justificar a lenda com a realidade, tivessem afirmado que esta era a droga que Medeia usava¹⁶⁵ quando, na tragédia, envenenou a coroa e o vestido. **11.** Porque não foi dos próprios objetos nem espontaneamente que o fogo se atizou; foi uma chama que lhes estava por perto que provocou uma atração e um contacto rápidos, sem se dar por isso. **12.** É que os raios e as emanações de uma chama que esteja a uma certa distância aos outros corpos comunicam apenas luz e calor; mas se se tratar de substâncias secas e porosas, ou então ricas em gordura, ao juntarem-se, provocam uma labareda imensa e alteram a matéria. **13.** Tem sido muito discutida a origem ...¹⁶⁶, ou antes se o líquido que alimenta a chama brota de uma terra de natureza gordurosa e inflamável. **14.** De facto o solo da Babilónia é muito inflamável, a ponto de que os grãos de cevada saltam e projetam no ar, como se o calor fizesse palpitar a terra. Os habitantes, no tempo quente, dormem em cima de odres cheios de água. **15.** Hárpalo¹⁶⁷, quando lá esteve como governador da região, quis ornamentar o palácio real e os jardins com plantas gregas; foi bem sucedido com todas as outras menos com a hera; esta não resistia ao solo e morria sempre. A planta não aguentava a temperatura da terra, que era quente, quando a hera gosta de frio. **16.** Se estas minhas digressões não excederem certos limites, talvez haja menos reclamações dos meus leitores mais impacientes.

¹⁶⁵ Eurípides, *Medeia* 1156-1221.

¹⁶⁶ Há uma lacuna no texto.

¹⁶⁷ *Vide supra* nota 35. A descrição da transferência das plantas gregas para outro ambiente, com um sucesso relativo – uma vez que a hera é inadaptável –, é uma metáfora do tema da desadaptação dos companheiros de Alexandre a novos costumes e contextos culturais, um tópico forte nesta *Vida*. É portanto uma digressão funcional e justificada.

XXXVI. 1. Alexandre, ao tornar-se senhor de Susa¹⁶⁸, apoderou-se de 40.000 talentos em dinheiro existentes no palácio, além de mobiliário e de uma riqueza incalculável. **2.** Nela se incluíam, ao que se diz, 5.000 talentos de púrpura de Hermíone¹⁶⁹, que, embora lá estivessem armazenados há 190 anos, ainda conservavam uma cor viva e forte. **3.** A razão desse facto estava, ao que se afirma, em se ter usado mel no tinto da púrpura, e azeitona branca no tinto branco. Estas são substâncias que, com o curso de um lapso de tempo como este, mantêm um brilho puro e esplendoroso. **4.** Diz também Dínon¹⁷⁰ que a água é trazida, aos soberanos persas, do Nilo e do Istro¹⁷¹ e armazenada juntamente com os outros tesouros, como testemunho da extensão dos seus domínios e do carácter universal da sua autoridade.

XXXVII. 1. Era difícil o acesso à Pérsia¹⁷² devido à aspereza do terreno e à vigilância exercida pela elite persa (uma vez que Dario lá se tinha refugiado). No entanto, Alexandre arranjou um guia que lhe indicou um circuito que não exigia um grande desvio. Este sujeito era bilingue, lício por parte do pai e persa pela da mãe. **2.** Foi a ele, como é voz corrente, que – era ainda Alexandre uma criança – a Pítia se referiu quando profetizou que um *lykos*, ‘lobo’, havia de guiar Alexandre na marcha contra os Persas. **3.** Lá ocorreu um enorme massacre de prisioneiros. O próprio Alexandre escreve que ordenou a chacina da população, convencido de que isso lhe traria vantagem¹⁷³. **4.** Nessa cidade

¹⁶⁸ Em Dezembro de 331 a. C. Susa era a capital do império persa.

¹⁶⁹ Hermíone é uma cidade costeira do Peloponeso, em frente à ilha de Hidra.

¹⁷⁰ *FGrHist* 690 F 23b.

¹⁷¹ Danúbio.

¹⁷² Plutarco refere-se à terra de origem dos Persas, nas montanhas do Irão, onde se situavam duas das cidades reais, Persépolis e Pasárgadas.

¹⁷³ Porque as populações desta região não se renderam a Alexandre,

foi encontrada uma quantidade de dinheiro equivalente à apreendida em Susa; a ponto que foram necessárias, ao que se diz, 10.000 parelhas de mulas e 5.000 camelos para transportar todo esse mobiliário e valores¹⁷⁴.

5. Ao ver uma estátua enorme de Xerxes derrubada sem o mínimo respeito por uma multidão que procurava irromper pelo palácio, Alexandre parou e falou-lhe como se ela tivesse vida: ‘Será que hei-de seguir em frente e deixar-te aqui estendido, em paga da campanha que fizeste contra a Grécia, ou, em consideração pela tua generosidade e excelência noutras ocasiões, pôr-te de pé?’ Por fim, depois de confabular longo tempo consigo próprio em silêncio, passou adiante. 6. Com o objetivo de revigorar as tropas (tanto mais que era inverno), permaneceu naquele lugar¹⁷⁵ quatro meses. 7. E conta-se que, quando se sentou pela primeira vez debaixo do dossel de ouro que cobria o trono real, Demarato de Corinto¹⁷⁶, um amigo leal de Alexandre como o tinha sido do pai, com uma comoção de velho se lavou em lágrimas e declarou que tinham sido privados de uma enorme alegria os Gregos mortos antes de verem Alexandre sentado no trono de Dario.

XXXVIII. 1. Mais tarde, quando se preparava para avançar contra Dario, aconteceu que Alexandre aceitou participar num beberete com os companheiros, onde estiveram presentes também mulheres, na companhia dos amantes, para beberem e tomarem parte na festa. 2. Entre elas a mais famosa era

ao puni-las de forma radical, quis dar o exemplo.

¹⁷⁴ *The Cambridge Ancient History. VI. Macedon*, 1969, 383, avalia que, somados os saques de Susa, Persépolis e Pasárgadas, Alexandre teria reunido a soma astronómica de 180.000 talentos, em dinheiro e outros valores.

¹⁷⁵ Em Persépolis, Alexandre permaneceu entre Fevereiro e Maio de 330 a. C.

¹⁷⁶ *Vide supra* nota 48.

Taís¹⁷⁷, uma ateniense, amante do Ptolemeu que veio mais tarde a ser rei¹⁷⁸. No calor da festa, para bajular Alexandre e como entretenimento, Taís decidiu fazer um discurso a caráter com a sua terra, mas dificilmente compatível com a sua condição. **3.** Disse, por exemplo, que, em paga de ter percorrido, penosamente, a Ásia, tinha tido naquele dia a honra de participar numa festa luxuosa no palácio real da Pérsia. **4.** Mas que maior prazer seria ainda, como fim de festa, pegar fogo à mansão de Xerxes, como ele o fizera com Atenas¹⁷⁹; que ela mesma atearia o fogo na presença do rei, de modo a que, para a posteridade, perdurasse uma lenda: de que, na campanha de Alexandre, as mulheres, em nome da Grécia, tinham infligido aos Persas uma desforra maior do que os seus generais por mar e por terra. **5.** Ditas estas palavras, levantou-se um clamor de aplausos; os companheiros do rei pressionavam-no, até que ele acedeu; pôs-se de pé, de coroa na cabeça e de tocha na mão, e tomou a dianteira. **6.** O grupo avançou em festa e aos gritos a cercar o palácio, enquanto o resto dos Macedónios, mal tiveram conhecimento do ocorrido, se lhes juntaram de tochas na mão e com grande entusiasmo. **7.** Movia-os a esperança de que o incêndio e a destruição do palácio fossem um gesto de alguém que tinha no pensamento o regresso a casa e que não pretendia fixar residência entre os bárbaros. **8.** Foi isto o que se passou, dizem alguns; para outros, houve premeditação. Certo é que Alexandre rapidamente se arrependeu e mandou extinguir o incêndio.

XXXIX. 1. Alexandre era por natureza generoso e mais

¹⁷⁷ Cortesã famosa em Atenas, cujo nome deu título a uma comédia de Menandro.

¹⁷⁸ Ptolemeu Soter, rei do Egito após a morte de Alexandre e da partilha do seu império, e fundador da dinastia dos Ptolemeus.

¹⁷⁹ No decurso das guerras pérsicas, em 480 a. C.; cf. Heródoto 8. 53.

generoso se tornou à medida que a sua fortuna foi crescendo. À generosidade acrescentava a gentileza, que é necessária, há que admiti-lo, para que um presente desperte reconhecimento. **2.** Passo a dar alguns exemplos. Uma vez Ariston, o comandante dos Peónios¹⁸⁰, matou um inimigo e apresentou a cabeça a Alexandre com estas palavras: ‘Na nossa terra, senhor, uma oferta como esta retribui-se com uma taça de ouro’. Alexandre riu-se e retorquiu: ‘Sim, mas vazia. Ao passo que a ti faço-te eu um brinde com uma cheia de vinho’¹⁸¹. **3.** Noutra ocasião, um Macedónio qualquer conduzia uma mula carregada com ouro real. E quando o animal cedeu ao cansaço, ele mesmo pegou no fardo e pô-lo às costas. O rei, ao ver o homem esmagado sob o peso, e ciente dos contornos do caso, disse-lhe, no momento em que ele se preparava para alijar a carga: ‘Não desistas, continua o caminho até à tua tenda e leva a carga contigo’. **4.** Aborrecia-se mais com quem lhe não aceitava os presentes do que com quem lhos pedia. Escreveu a Fócion¹⁸² uma carta em que dizia que, dali por diante, lhe retirava a amizade se ele lhe rejeitasse os favores. **5.** A Serápion, um dos rapazes que jogava a bola com ele, Alexandre nunca dava nada porque ele nada lhe

¹⁸⁰ Constituíam um corpo de cavalaria provindo do extremo norte da Macedónia.

¹⁸¹ Plutarco faz referência ao *ákratos*, ‘o vinho puro’, sem mistura de água (*vide infra* 70. 1-2), que os Macedónios consumiam para grande escândalo dos Gregos; para estes tratava-se de um costume bárbaro de nefastas conseqüências (cf. 9. 7-10, 23. 1, 7, 50. 9, 53. 3, 67. 1-4, 75. 5-6).

¹⁸² Fócion era um general e político ateniense célebre pela isenção e modéstia, que Plutarco tomou como motivo de uma das suas *Vidas*. Sobre a relação de Fócion com Alexandre, *vide Vida de Fócion* 18; aí Plutarco narra como Alexandre não conseguiu que Fócion aceitasse os sucessivos presentes com que pretendia distingui-lo. Certo de que era inútil resistir ao poder macedónio, tentou negociar acordos com o inimigo; assim aconteceu em relação a Filipe depois da batalha de Queroneia (*vide supra* 9. 2), e com Alexandre depois da destruição de Tebas (*vide supra* 11. 6-12). *Vide The Cambridge Ancient History. VI. Macedon, 261-265.*

pedia. Um belo dia em que estavam a jogar, Serápion atirava sempre a bola aos outros, até que o rei lhe perguntou: ‘E a mim, não ma passas?’ Ao que o rapaz respondeu: ‘Se tu não ma pedes!’ O rei desatou a rir e cumulou-o de presentes. **6.** Com Próteas, um sujeito divertido e um conviva culto, Alexandre teve um aborrecimento qualquer. Face à intervenção dos amigos e às lágrimas do próprio Próteas, o rei declarou feitas as pazes. Disse então Próteas: ‘Nesse caso, senhor, começa por me dar qualquer coisa que o prove’. E Alexandre mandou dar-lhe cinco talentos. **7.** Nesses amigos e elementos do corpo de guarda, que cumulou de riquezas, foi-se manifestando um tremendo orgulho, como sobressai de uma carta que Olímpia lhe escreveu: ‘Arranja outra forma de beneficiar e distinguir os teus amigos’, dizia ela. ‘Dessa maneira estás a dar a todos eles estatuto de rei e a cercá-los de amizades, enquanto tu próprio ficas isolado’. **8.** Foram muitas as mensagens que Olímpia lhe enviou no mesmo sentido, que o soberano mantinha secretas, à exceção de uma: foi quando Heféstion, como era habitual, estava a ler com ele uma carta já aberta. O rei não o impediu de o fazer, mas tirou do próprio dedo o anel e apôs-lhe o seu selo nos lábios. **9.** Embora o filho de Mazeu¹⁸³, o homem mais influente na corte de Dario, tivesse já uma província, o rei propôs-se acrescentar-lhe uma segunda e maior ainda. Ele, porém, recusou-a dizendo: ‘Dantes, meu senhor, existia um só Dario; hoje em dia tu criaste muitos Alexandres’. **10.** A Parménion deu a casa de Bagoas¹⁸⁴ em Susa, onde se encontrou, segundo consta, um milhar de talentos em vestuário. **11.** A Antípatro

¹⁸³ *Vide supra* nota 154.

¹⁸⁴ Homem de grande influência na corte persa, interveniente em questões de sucessão; em 338 a. C. envenenou Artaxerxes III Oco e promoveu a rei o seu filho Arses; e dois anos depois envenenou este último e fez ascender ao trono Dario III, que prontamente fez envenenar o próprio Bagoas.

escreveu, a recomendar-lhe que arranjasse uma guarda pessoal, porque se preparava contra ele uma conspiração¹⁸⁵. **12.** À mãe mandou também muitos presentes, mas nunca tolerou que ela interferisse nos seus assuntos políticos e militares. E quando Olímpia reclamava, ele lá ia levando com paciência as recriminações. **13.** Houve apenas uma vez em que, ao ler uma longa carta, escrita por Antípatro, contra ela, Alexandre comentou que Antípatro desconhecia que uma só lágrima de uma mãe apaga milhares de cartas.

XL. 1. Alexandre foi-se dando conta de que todos aqueles que o cercavam tinham adquirido hábitos faustosos e que se mostravam grosseiros nas extravagâncias e no tipo de vida que levavam. Assim, por exemplo, Hágnon de Teos usava pregos de prata nas botas; Leonato¹⁸⁶ servia-se, para as práticas desportivas, de um pó trazido do Egito por uma quantidade enorme de camelos; Filotas tinha redes de caça com cem estádios de comprido. Quando iam para as massagens e para o banho, muitos havia que usavam mirra em vez de azeite, e se faziam acompanhar de massagistas e de serviçais. **2.** Alexandre censurava-os de um modo gentil e razoável. Estava surpreso – afirmava ele –, se depois de tantas e tamanhas lutas, eles se não lembrassem de que aqueles que conquistam alguma coisa com esforço dormem melhor do que os que se deixam conquistar, nem viam, comparando a vida dos Persas com a sua própria, que não há nada mais servil do que o luxo, enquanto o empenho é qualidade de reis. **3.** ‘Além disso, como pode alguém’ – dizia ele – ‘cuidar do próprio cavalo e manter polida a espada e o elmo, se se desabitua de usar as mãos até para cuidar do próprio corpo?’

¹⁸⁵ Provavelmente manobrada por Olímpia; cf. Arriano, 7. 12. 5; Diodoro Sículo 17. 118. 1.

¹⁸⁶ *Vide supra* nota 110.

Vocês não sabem’ – continuava – ‘que o objetivo da vossa vitória deve ser não imitar o que faziam os vencidos?’ **4.** E tanto mais ele próprio se esforçava em campanhas militares e em caçadas, expondo-se e correndo riscos, a ponto de um embaixador da Lacónia, que o acompanhava quando ele dominou um leão enorme, lhe ter dito: ‘Bela luta, Alexandre, a que travaste com esse leão para decidir quem é o rei’. **5.** Crátero¹⁸⁷ depositou, em Delfos, uma dedicatória a esta caçada, uma representação em bronze do leão, dos cães, do rei em luta com o leão, e dele próprio que acorria em socorro. Algumas dessas figuras são obra de Lisipo¹⁸⁸, outras de Leócares¹⁸⁹.

XLI. 1. Como exercício para si próprio e para estimular os outros à excelência, Alexandre não se poupava a riscos. Por seu lado os amigos que, em função da riqueza e do aparato de que se rodeavam, só se sentiam bem no luxo e na inatividade, aborreciam-se com as errâncias e as expedições militares; pouco a pouco chegaram ao ponto de o criticar e dizer mal dele. **2.** Alexandre, a princípio, suportava estas atitudes com grande tolerância, com o argumento de que é função do rei conceder favores mesmo se o criticam. **3.** E nas relações mais banais que tinha com os que lhe eram mais próximos dava sinal de grande benevolência e estima. **4.** Passo a dar alguns exemplos.

A Peucestas¹⁹⁰ censurou-o numa carta porque, depois de

¹⁸⁷ Crátero era um dos companheiros mais próximos de Alexandre, sobretudo depois da morte de Parménion, em 430. Veio a ter também um papel relevante depois da morte do rei. *The Cambridge Ancient History. VI. Macedon*, 461-470.

¹⁸⁸ *Vide supra* nota 22.

¹⁸⁹ Leócares de Atenas era um escultor famoso, autor, entre outras, de estátuas criselefantinas de Amintas, Filipe, Olímpia e Alexandre para o Filipeion de Olímpia. Foi um dos quatro escultores que trabalharam no Mausoléu de Halicarnasso.

¹⁹⁰ Peucestas era um general de Alexandre, que lhe salvou a vida no

ter sido mordido por um urso, escreveu aos outros a dar a notícia e não lhe disse nada a ele: ‘Ao menos agora ‘ – dizia o rei – ‘escreve-me a dizer como estás. E se algum dos teus companheiros de caça te abandonou, diz-me, para eu o castigar’.

5. A Heféstion, ausente numa qualquer missão, escreveu a contar que, num dia em que se entretinham a perseguir um icnêumon, Crátero tinha sido atingido pela lança de Perdicas e ferido nas coxas. **6.** Quando Peucestas se recuperou de uma doença, Alexandre escreveu a Alexipo, o médico, a agradecer. Numa altura em que Crátero estava doente, o rei teve um sonho em que ele próprio fazia sacrifícios pelo amigo; recomendou-lhe então que fizesse o mesmo. **7.** Escreveu também a Pausânias, o médico que pretendia ministrar heléboro a Crátero, em parte a manifestar apreensão, mas também a adverti-lo sobre a forma de usar o produto. **8.** A quem primeiro lhe veio anunciar – Efialtes e Cisso – que Hárpalo¹⁹¹ se tinha posto em fuga e desertado, pô-lo a ferros, por difamação contra ele. **9.** Numa altura em que fazia regressar a casa os inválidos e os veteranos de guerra, Euríloco de Egeias inscreveu-se na lista dos doentes; quando foi apanhado, como não sofria de nada, confessou que estava apaixonado por Telesipa e que pretendia acompanhá-la até à costa, uma vez que ela ia partir. Alexandre informou-se sobre a família da moça **10.** e quando soube que ela era uma cortesã de nascimento livre, propôs a Euríloco: ‘Podes contar com o meu apoio nos teus amores. Mas já que se trata de uma moça livre, vê lá como é que vamos convencer a Telesipa, se com argumentos ou com presentes’.

XLII. 1. É espantoso como é que ele arranjava tempo para

cercos à cidade de Malos (*vide infra* 63. 7-8). Veio a ser sátrapa da Pérsia, cargo que exerceu para além da morte de Alexandre.

¹⁹¹ *Vide supra* nota 35.

escrever aos amigos cartas deste tipo, por exemplo: escreveu a dar ordens para que se procurasse um escravo de Seleuco¹⁹² que tinha fugido para a Cilícia; outra a elogiar Peucestas por ter apanhado Nícon, um escravo de Crátero; outra a Megabizo, a propósito de um servo que se tinha refugiado num templo; aconselhava-o, na medida do possível, a fazê-lo sair de lá e então prendê-lo, mas a não o capturar no recinto do santuário. **2.** Diz-se também que, a princípio, quando julgava casos sujeitos a pena capital, tapava com a mão um dos ouvidos, enquanto falava a acusação, de modo a manter-se livre e isento para ouvir os argumentos da defesa. **3.** Posteriormente, a quantidade de acusações tornou-o mais severo, levando-o a acreditar também nas falsas acusações no meio de tantas verdadeiras que lhe chegavam. **4.** E sobretudo quando ouvia calúnias ficava fora de si e aí tornava-se ríspido e impiedoso, porque para ele a reputação valia mais do que a própria vida ou o reino.

5. Marchou então contra Dario para travar nova batalha¹⁹³. Mas quando ouviu dizer que o rei persa tinha sido capturado por Besso¹⁹⁴, mandou as tropas tessálias para casa, depois de as ter gratificado com dois mil talentos, além do salário¹⁹⁵. **6.** Em

¹⁹² O futuro fundador da dinastia selêucida.

¹⁹³ Corria a primavera de 330 a. C. Dario tinha entretanto reorganizado as suas forças e encontrava-se em Ecbátana. Ao ouvir dizer que o rei persa recrutava reforços, Alexandre decidiu passar ao ataque.

¹⁹⁴ Besso era sátrapa de Bactriana e dirigiu uma conspiração para depor Dario. Com a morte de Dario, a dinastia aqueménide chegava ao fim. Besso assumiu então o título de rei – com o nome de Artaxerxes –, até ser aprisionado, torturado e morto por Alexandre, na primavera de 329 a. C. A perseguição de Besso levou Alexandre ao interior do Irão, que percorreu entre 330-327, conquistando vastas zonas da Hircânia, Drangiana, Bactriana e Sogdiana.

¹⁹⁵ Como se tratava de um regimento de cavalaria de 2000 homens, coube a cada um um talento. Com esta desmobilização, Alexandre dava por terminado um dos objetivos da sua expedição à Ásia, vingar os

consequência da perseguição, que foi árdua e longa (em onze dias Alexandre percorreu a cavalo 3300 estádios¹⁹⁶), a maioria das suas tropas estava esgotada, principalmente por falta de água. **7.** Foi então que uns tantos Macedónios se cruzaram com ele, quando traziam do rio odres de água em mulas. Ao verem Alexandre, era meio dia, abalado com a sede, apressaram-se a encher um elmo de água e ofereceram-lho. **8.** Quando lhes perguntou a quem destinavam a água, responderam: ‘Aos nossos filhos. Mas enquanto tu te mantiveres vivo, poderemos sempre ter outros filhos, no caso de perdermos os que temos’. **9.** Perante estas palavras, Alexandre tomou o elmo nas mãos; mas ao olhar em volta e ao verificar que todos os cavaleiros que o rodeavam esticavam as cabeças de olhos fixos na água, devolveu-lhes o elmo sem lhe tocar; agradeceu-lhes então o oferecimento com estas palavras: ‘Se eu bebesse esta água sozinho, lá se ia o moral destes homens’. **10.** Ao constatarem aquela força anímica e a generosidade que ele tinha, os cavaleiros chicotearam os cavalos e gritaram que ele os guiasse com determinação; mais, afirmaram que não se dariam por cansados ou sequiosos – mortais, numa palavra – enquanto tivessem um tal rei.

XLIII. 1. O mesmo entusiasmo apoderou-se de todos. Mas só sessenta, ao que consta, acompanharam Alexandre quando ele avançou contra o campo inimigo. **2.** Nessa altura passaram ao largo de pilhas de ouro e prata abandonadas, cruzaram com muitos carros carregados de crianças e mulheres que vagueavam sem condutor, tentaram alcançar os que iam mais à frente, convencidos de que Dario estivesse entre eles. **3.** A custo lá o encontraram estendido num carro, com o corpo

Gregos da anterior invasão dos Persas. A partir de agora a marcha que se seguiu passou a servir os interesses pessoais do Macedónio.

¹⁹⁶ Algo como 600 km.

trespasado por uma quantidade de golpes, já moribundo. No entanto pediu que lhe dessem de beber, e depois de engolir um pouco de água fresca disse a Polístrato¹⁹⁷, que lha tinha dado: **4.** ‘Amigo, estou no limite da minha má fortuna, se já nem consigo corresponder a um favor que me fazem. Mas Alexandre vai dar-te a recompensa, e a Alexandre são os deuses que lhe hão-de retribuir a generosidade que teve para com a minha mãe, a minha mulher e os meus filhos. É a ele que eu, por teu intermédio, dou um aperto de mão’. Com estas palavras, pegou na mão de Polístrato e expirou¹⁹⁸. **5.** Alexandre ao chegar ficou claramente perplexo com o que se tinha passado; despiu o manto que trazia e lançou-o sobre o cadáver para o cobrir. **6.** Quando, mais tarde, descobriu Besso, esquartejou-o. Dobraram-se duas árvores esguias em direção uma à outra e prendeu-se a cada uma uma parte do corpo. Quando as soltaram e elas regressaram, com força, à posição inicial, a parte do corpo respetiva foi atrás. **7.** Os restos mortais de Dario, depois de preparados como a condição régia exigia, foram enviados à rainha-mãe; e o irmão do rei, Exatres, passou a integrar o grupo dos companheiros de Alexandre.

XLIV. 1. Entretanto Alexandre, com as tropas de elite, avançou para a Hircânia. Lá viu um golfo de mar aberto que não parecia ser menor do que o Ponto Euxino, mas de água mais doce do que a do Mediterrâneo; não conseguiu obter sobre ele uma informação clara, mas concluiu que muito provavelmente se tratava de uma corrente vinda do lago Meótis. **2.** Aos geógrafos, porém, não lhes escapou a verdade; pois muitos anos antes da campanha de Alexandre, já eles tinham verificado que

¹⁹⁷ Um qualquer soldado macedónio.

¹⁹⁸ Dario morreu na primavera de 329. Cf. Arriano 3. 30. 4-5, 4. 7. 3 sqq.

este era o golfo mais a norte de quatro que penetravam a terra a partir do oceano circundante, conhecido indistintamente por mar da Hircânia ou Cáspio¹⁹⁹.

3. Aí, uns tantos bárbaros inesperadamente atacaram os encarregados do cavalo de Alexandre, o Bucéfalo, e capturaram-no. 4. Alexandre ficou furioso e mandou-lhes um arauto com a ameaça de que os mataria a todos, com os filhos e as mulheres, se não lhe devolvessem o cavalo. 5. Quando, porém, eles vieram não apenas entregar o animal, mas depor-lhe nas mãos as suas cidades, passou a tratá-los a todos com cordialidade e deu até um resgate pelo cavalo aos mesmos que o tinham capturado.

XLV. 1. Daí seguiu para a Pártia²⁰⁰ e foi lá que, numa altura de repouso, vestiu pela primeira vez um traje bárbaro, ou porque quisesse adaptar-se aos costumes locais, na convicção de que a comunidade de cultura e de hábitos é um fator poderoso na pacificação das sociedades; ou numa tentativa de ir habituando os Macedónios ao ritual da vénia, para pouco a pouco os ir submetendo a uma conversão e mudança de padrão de vida. 2. No entanto, nunca aceitou o famoso modelo de traje medo, que para ele era completamente bárbaro e estranho; nunca usou calças, nem túnica de mangas, nem tiara; adotou um padrão intermédio entre o persa e o medo, mais simples do que o

¹⁹⁹ O Ponto Euxino corresponde ao Mar Negro e o Lago Meótis ao Mar de Azov. Os quatro golfos no mar envolvente são o Cáspio (que se imaginava aberto a norte), o Golfo Pérsico, o Mar Vermelho e o Mediterrâneo. Heródoto 1. 202-203 tinha a noção de que o Cáspio era um mar fechado. Plutarco raciocina em função de um conceito da época de que um oceano circundante rodeava toda a terra. Comenta D. Asheri, *Erodoto. Le Storie. I*, Fondazione Lorenzo Valla, ²1989, 382-383, que se tornou opinião generalizada na Antiguidade, desde o velho Hecateu até à época romana, que o Mar Cáspio fosse um golfo do Oceano nórdico. Heródoto constitui a esta teoria uma excepção lúcida.

²⁰⁰ No início do Outono de 330 a. C. A Pártia corresponde ao noroeste do Irão.

primeiro e mais aparatoso do que este último. **3.** Primeiro só o usava nos contactos com os bárbaros ou em casa, entre amigos; mais tarde passou a apresentar-se assim diante de todos quando saía a cavalo ou dava audiências. **4.** Esta apresentação era, para os Macedónios, ofensiva; mas como lhe admiravam as outras qualidades, reconheciam que deviam fazer algumas cedências aos seus gostos e prestígio. **5.** É que, além de todos os outros incidentes, Alexandre tinha sido atingido por um dardo numa canela, de forma que perdeu estilhaços de osso. Noutra ocasião, levou com uma pedrada no pescoço a ponto de se lhe ter turvado a vista por não pouco tempo. **6.** Mesmo assim, não se absteve de correr riscos sérios; atravessou o rio Orexartes (que pensava ser o Tánais²⁰¹), pôs os Citas²⁰² em fuga e perseguiu-os por uma centena de estádios, tudo isto quando sofria de uma diarreia.

XLVI. 1. Foi aí que veio visitá-lo a rainha das Amazonas – ao que a maioria dos cronistas relata, caso de Clitarco, Policlito, Onesícrito, Antígenes e Istro²⁰³. **2.** Pelo contrário

²⁰¹ O rio Orexartes (ou Iaxartes) corresponde ao atual Sur Darya, que desagua no Mar Aral. O Tánais, modernamente com o nome de Don, era confundido com aquele por se pensar que nascia a oriente. Em 4. 57, ao enumerar os principais rios da Cítia, diz Heródoto sobre o Tánais: ‘Na parte superior do seu curso, provém de um grande lago, para desembocar num outro lago maior ainda, chamado Meótis, que faz fronteira entre os Citas reais e os Saurómatas. Neste Tánais lança-se um outro rio chamado Hírgis (o Donetz)’.

²⁰² Por Citas designava-se os povos nómadas que ocupavam a vasta região das estepes, desde a China, a leste, até ao Danúbio, a ocidente. Estes povos provinham decerto da Ásia Central e promoveram uma arremetida contra o ocidente nos séc. VIII e VII a. C., visto eles próprios serem pressionados por povos vizinhos. O nome de Citas cobre uma grande variedade étnica, embora encontre alguma coesão nos hábitos semelhantes que as diferentes comunidades praticavam. Por outro lado, sempre foi característica deste enorme bloco de povos uma grande mobilidade, que suscitou sucessivas fusões e harmonizações entre eles. Heródoto dedica-lhes os capítulos 1-144 do seu Livro IV.

²⁰³ Clitarco (*FGrHist* 137 F 15), Policlito (*FGrHist* 128 F 8), Onesícrito (*FGrHist* 134 F 1), Antígenes (*FGrHist* 141 F 1), Istro (*FGrHist* 334 F

Aristobulo, Cares, o secretário real, Ptolemeu, Anticlides, Fílon de Tebas, Filipe de Teângela, além de Hecateu de Erétria, Filipe da Calcídica e Dúris de Samos consideram o episódio pura fantasia. **3.** E o testemunho do próprio Alexandre parece dar-lhes razão; numa carta a Antípatro, de forma precisa e com todos os pormenores, dizia Alexandre que o rei da Cítia pretendia dar-lhe a filha em casamento; e não fazia qualquer referência à Amazona. **4.** Conta-se ainda que, muito tempo depois, já Lisímaco era rei, Onesícrito lhe lia o livro quarto das suas Histórias, onde se referia à Amazona. Lisímaco então, com um sorriso, perguntou-lhe: ‘E onde estava eu nessa altura?’ **5.** A verdade é que a nossa confiança ou desconfiança a respeito desta história não retira nem acrescenta ao nosso apreço por Alexandre.

XLVII. 1. Com receio de que os Macedónios se recusassem a prosseguir com o resto da campanha, Alexandre deixou a maior parte deles na região e levou consigo, para a Hircânia²⁰⁴, uma tropa de elite, 20 000 soldados de infantaria e 3000 cavaleiros. Pô-los então à prova com estes argumentos: que até este momento

26), Aristobulo (*FGrHist* 139 F 21), Cares (*FGrHist* 125 F 12), Ptolemeu (*FGrHist* 138 F 28a), Anticlides (*FGrHist* 140 F 12), Fílon de Tebas (*FHG* 3. 560 not.), Filipe de Teângela (*FGrHist* 741 F 4), Hecateu (*Scr. Rer. Alex.* M. 49 M), Filipe da Calcídica (*FGrHist* 741 F 4), Dúris de Samos (*FGrHist* 76 F 46). Também Diodoro Sículo 17. 77. 1-3 se refere a Talestris, rainha das Amazonas, como aquela que veio ao encontro de Alexandre, no desejo de gerar um filho dele. O rei aceitou e manteve com ela uma relação de treze dias. Mas Diodoro situa o episódio na Hircânia. Claramente, a julgar pelas fontes aqui citadas, o episódio gozou de grande popularidade. Lisímaco tornou-se rei da Trácia em 305 a. C.

²⁰⁴ Há aqui um erro de informação; este regresso à Hircânia não é confirmado por nenhuma outra fonte. O que decerto aconteceu foi a desmobilização de grande número de Macedónios e a seleção das tropas de elite mencionadas, de infantaria e cavalaria. Outros autores situam este episódio antes da entrada de Alexandre na Hircânia. Na narrativa de Plutarco, o local correto para esta referência seria o início do capítulo 44.

os bárbaros os encaravam como se vivessem num sonho; mas se eles se limitassem a pôr a Ásia em pé de guerra e a seguir a abandonassem, que eles os atacariam como a simples mulheres.

2. No entanto, aos que assim o desejassem autorizava a retirada; mas daí tiraria a conclusão de que, enquanto conquistava para os Macedónios o mundo conhecido, eles o tinham deixado só com os amigos e com os que estavam dispostos a prosseguir a expedição. **3.** Foi isto, praticamente palavra por palavra, o que ele escreveu numa carta a Antípatro; acrescentava que, depois desta proclamação, todos gritaram que os conduzisse para qualquer parte do mundo que quisesse. **4.** Após ter sujeitado a elite das suas tropas a este teste de lealdade, não lhe foi difícil mobilizar a grande massa do exército, que facilmente o seguiu.

5. Chegado a este ponto, ajustou mais ainda o seu estilo de vida ao padrão local, ao mesmo tempo que procurava adaptar os usos orientais aos dos Macedónios, convencido de que, na sua ausência, era mais pela fusão e pela confluência do que pela força que conseguiria uma estabilidade política baseada na harmonia. **6.** Foi também por essa razão que seleccionou 30 000 rapazes e deu instruções para que aprendessem o grego e a manejar as armas macedónias, nomeando uma série de instrutores para esse projeto. **7.** Foi por amor que desposou Roxana, atraído pela beleza e juventude da moça que viu dançar num banquete; mas tal casamento veio contribuir para os mesmos objetivos²⁰⁵; **8.** de facto, para os bárbaros este casamento foi um estímulo à aproximação; e sobretudo entusiasmou-os que Alexandre, dada a sua especial moderação nestes assuntos, nunca se tivesse aproximado da única mulher que o interessou sem cobertura

²⁰⁵ Alexandre capturou Roxana, filha de um nobre da Bactriana, Oxiartes, em 328, e casou com ela no ano seguinte, no verão de 327. Deste casamento veio a nascer um herdeiro, Alexandre IV, já após a morte do pai.

legal.

9. Por outro lado, quando viu, entre os seus amigos mais íntimos, que Heféstion lhe aprovava a decisão e o acompanhava na mudança de costumes, enquanto Crátero se mantinha fiel aos usos pátrios, serviu-se do primeiro nas relações com os bárbaros, e do segundo nos contactos com os Gregos e os Macedónios.

10. De uma forma geral mostrava mais afeto por Heféstion, mas mais admiração por Crátero, entendendo – e afirmando-o constantemente – que Heféstion era um amigo de Alexandre e Crátero um amigo do rei. **11.** Eis a razão por que se instalou entre os dois homens uma rivalidade latente, que muitas vezes produziu conflitos. Numa única ocasião, na campanha da Índia, chegaram a pegar nas espadas e a lutar; e enquanto os amigos tomavam partido por um e por outro, Alexandre correu e censurou Heféstion publicamente; chamou-lhe tolo e louco, por não compreender que, sem o apoio de Alexandre, não valia nada. A Crátero repreendeu-o também com vigor, mas em privado. **12.** Depois juntou-os e promoveu a reconciliação; por Ámon e pelos outros deuses jurou então que, de entre todos, era por eles que tinha uma amizade especial; mas se viesse a saber que eles estavam outra vez desavindos, que os matava a ambos, ou pelo menos àquele que tivesse provocado a questão. Daí por diante, ao que consta, nunca mais qualquer deles fez ou disse o que quer que fosse contra o outro, nem mesmo a brincar.

XLVIII. 1. Filotas, o filho de Parménion, gozava de grande prestígio entre os Macedónios. Tinha fama de valente e determinado e, a seguir ao próprio Alexandre, nenhum outro era tão generoso nem tão leal para com os camaradas.

2. Assim, conta-se que um belo dia um dos companheiros lhe pediu dinheiro e que ele deu ordem de que lho dessem. Ao ouvir o tesoureiro dizer que não tinha, Filotas protestou: ‘Que história é essa? Não tens nem sequer uma taça ou um manto?’

3. No entanto era um sujeito arrogante, cheio de dinheiro, que tinha um cuidado particular com a sua pessoa, e com um padrão de vida exagerado para um simples particular. E sobretudo nessa altura os ares que se dava, de arrogância e sobrançeria, não eram de bom tom; excessivos, deselegantes, com o seu quê de despropositado, criavam suspeita e má vontade em sua volta. Até mesmo Parménion um dia lhe disse:

4. ‘Meu filho, vê lá se te comportas com mais humildade’. De há muito que chegavam a Alexandre inúmeras queixas contra ele. Pois bem, quando Dario foi vencido na Cilícia e os seus bens capturados em Damasco, entre os muitos prisioneiros levados para o acampamento estava uma jovem muito bonita, nascida em Pidna, 5. que se chamava Antígona. Esta mulher foi atribuída a Filotas. Naquele estilo próprio de um rapaz perante a namorada, já sob o efeito dos copos, que se gaba de proezas e façanhas, alardeava que os maiores sucessos se lhe deviam a ele e ao pai; que Alexandre não passava de um rapazola que, graças a eles, gozava do título de rei²⁰⁶. 6. A moça foi contar estes comentários a um dos seus conhecidos, e este, como é natural, passou-os a outro, até que o assunto chegou aos ouvidos de Crátero. Este pegou na moça e levou-a, secretamente, à presença de Alexandre. 7. O rei ouviu a história e recomendou-lhe que continuasse a encontrar-se com Filotas e que tudo aquilo que ouvisse dele lho viesse contar.

XLIX. 1. Filotas não fazia ideia da armadilha que lhe estava a ser montada; foi-se encontrando com Antígona e, vezes sem

²⁰⁶ *The Cambridge Ancient History. VI. Macedon, 389-390*, sublinha os motivos pessoais que Filotas poderia ter para esta animosidade contra Alexandre. Antes uma família de grande influência na corte macedónia, Parménion e os filhos perdiam progressivamente relevância junto de Alexandre, ao mesmo tempo que outros, como Crátero, por exemplo, ganhavam vantagem junto do rei.

conta, por raiva e ostentação, fazia comentários despropositados a respeito do rei. **2.** Alexandre, embora lhe fossem chegando evidências tremendas contra Filotas, aguentava em silêncio e procurava conter-se, ou porque confiasse na lealdade de Parménion para com ele, ou porque temesse a força e prestígio de ambos. **3.** Foi então que um Macedónio chamado Limno, natural de Calestra, montou uma conspiração contra Alexandre e convidou Nicómaco, um jovem de quem era amante, a associar-se à conjura²⁰⁷. **4.** O rapaz não aceitou a proposta, mas pôs o irmão, Cebalino, ao corrente dos acontecimentos; este procurou Filotas e pediu-lhe que lhes facultasse uma entrevista com Alexandre, com o pretexto de que tinham assuntos urgentes e de importância a tratar com ele. **5.** Filotas, fosse por que razão fosse (não se sabe porquê), não lhes marcou a audiência, alegando que o rei estava ocupado com outros assuntos de maior gravidade. E a recusa repetiu-se duas vezes. **6.** Esta atitude levantou-lhes suspeitas em relação a Filotas e levou-os a apelar a outro sujeito que os levou à presença de Alexandre. Começaram por lhe contar o golpe de Limno, e a seguir vieram com denúncias veladas contra Filotas, por ter ignorado por duas vezes a sua pretensão. **7.** Tudo isto deixou Alexandre furioso. E quando veio a saber que Limno tinha resistido à captura e tinha sido assassinado pelo homem encarregado de o prender, mais perturbado ficou, por pensar que a prova da conspiração lhe tinha escapado. **8.** Irritado com Filotas, mandou chamar aqueles sujeitos que há muito o detestavam. Estes disseram então abertamente que o rei estava a ser ingénuo se julgava que Limno, um tipo de Calestra, se tinha metido numa trama de tal monta por sua conta e risco; **9.** que ele não passava de um

²⁰⁷ Foi durante a permanência de Alexandre na Drangiana que esta conspiração ocorreu.

testa de ferro, de um instrumento manipulado por gente mais poderosa; que se devia fazer um inquérito entre aqueles a quem a conspiração mais interessava. **10.** Quando o rei deu ouvidos a estas histórias e insinuações, choveram mil e uma acusações sobre Filotas. **11.** Aí foi preso e sujeito a interrogatório, com os companheiros do rei a assistir à tortura, enquanto o próprio Alexandre ficou a escutar atrás de um cortinado. **12.** Então – é o que se conta – depois de ouvir os apelos e súplicas abjetos e penosos que Filotas dirigia a Heféstion, bradou: ‘Que cobarde me saístes, Filotas! Fraco como és, como te atreveste a tão grande empresa?’ **13.** Depois da execução de Filotas²⁰⁸, Alexandre mandou de imediato à Média²⁰⁹ emissários para matarem Parménion; este era um homem que, no tempo de Filipe, tinha prestado serviços relevantes, e que era o único – ou pelo menos o principal – dos amigos mais velhos de Alexandre a incentivá-lo à travessia para a Ásia; dos três filhos que tinha, dois tinha-os visto morrer antes em combate, e agora morria ele juntamente com o terceiro²¹⁰.

14. Estes acontecimentos tornaram Alexandre temido por muitos dos seus amigos, sobretudo por Antípatro²¹¹, que contactou secretamente os Etólios e estabeleceu com eles um pacto de aliança. É que os Etólios partilhavam esse receio em relação a Alexandre desde a destruição de Eníadas; ao ter conhecimento do facto, o rei tinha afirmado que não seriam os

²⁰⁸ Há algum consenso sobre a conspiração de Limno, mas é duvidosa a cumplicidade de Filotas. Este foi executado em Frada, na Drangiana, em 330, depois de condenado perante uma assembleia de Macedónios.

²⁰⁹ A Hamadán.

²¹⁰ Parménion não foi objeto de nenhuma suspeita de traição; apenas passou a constituir uma ameaça contra o rei face ao destino da sua família. Por isso, se a condenação de Filotas tinha sido legítima, a sua morte foi puro assassinato, embora servisse de alerta aos homens de Alexandre.

²¹¹ Que exercia funções de regente na Macedónia, durante a ausência de Alexandre.

filhos dos Eníades a punir os Etólios, mas ele próprio²¹².

L. 1. Não muito tempo depois ocorreu também o caso de Clito²¹³, que, numa primeira impressão, pode dar a ideia de ter sido mais violento do que o de Filotas. **2.** Mas se se tiver em consideração juntamente a causa e as circunstâncias, percebemos que ele ocorreu não por vontade deliberada do rei, mas por um infeliz acaso; foi a fúria e a embriaguez de Alexandre o que abriu uma oportunidade à má sorte de Clito. **3.** Eis o que se passou. Vieram trazer ao rei, da região costeira, fruta da Grécia. Alexandre encantou-se com a qualidade e perfeição da fruta e mandou chamar Clito na intenção de lha mostrar e de a repartir com ele. **4.** Deu-se o caso de este estar a fazer sacrifícios, que suspendeu e veio; três dos carneiros, que já tinha aspergido, vieram atrás dele. **5.** Quando Alexandre soube do ocorrido, comunicou-o aos adivinhos, Aristandro e Cleomantis da Lacónia. Ao ouvi-los dizer que este era um sinal de mau agouro, mandou-os fazer sacrifícios quanto antes em favor de Clito. **6.** Porque também ele, dois dias antes, tinha tido em sonhos uma visão estranha; viu Clito sentado com os filhos de Parménion, vestidos de negro e todos mortos. **7.** No entanto Clito, sem terminar o sacrifício, apressou-se a vir para o jantar do rei, que, por seu lado, tinha estado a sacrificar aos Dioscuros. **8.** Iam os brindes no seu auge, começou-se a cantar poemas de um tal Pranico – ou, como alguns lhe chamam, Piérion – a humilhar e a meter a ridículo os generais que tinham, pouco antes, sofrido uma derrota frente aos bárbaros. **9.** Os convivas

²¹² Eníades era uma cidade da Acarnânia fronteira com a Etólia.

²¹³ *Vide supra* 13. 4, 16. 11. Esta morte ocorreu em 328, durante a campanha de Samarcanda, no Turquestão. Após a morte de Filotas, e da reorganização do corpo de cavalaria em dois contingentes, Clito tinha sido nomeado, juntamente com Heféstion, hiparco, e a seguir sátrapa da Bactriana e da Sogdiana. Sobre este episódio, *vide The Cambridge Ancient History. VI. Macedon, 396-397.*

mais velhos sentiam-se ofendidos com a história e censuraram o poeta e o cantor; mas Alexandre e os que lhe eram mais próximos escutavam com gozo e insistiram para que o canto continuasse. Aí Clito, que já estava bem bebido e que tinha, por natureza, um génio azedo e impulsivo, sentiu-se muito agastado; e foi dizendo que não era correto, diante de bárbaros e de inimigos, insultar Macedónios, gente muito superior àqueles que os ridicularizavam, ainda que os acontecimentos lhes não tivessem sido favoráveis²¹⁴. **10.** Quando Alexandre se saiu a dizer que era em defesa própria que Clito chamava à covardia má sorte, este pôs-se de pé e bradou: **11.** ‘Mas foi essa minha covardia que te salvou a vida, a ti que te dizes filho de deuses, quando expuseste as costas à espada de Espitridates²¹⁵. Foi com sangue de Macedónios e com estas feridas que aqui vês que te tornaste quem és, a ponto de renegares Filipe e de te dizeses filho de Ámon’.

LI. 1. Fora de si, Alexandre replicou: ‘Ah seu filho da mãe! Não te cansas de me vir com essa história agora e logo? Pensas que é impunemente que insubordinas os Macedónios?’ **2.** ‘Qual impunemente, Alexandre’ – retorquiu Clito -, ‘se é essa a paga que tiramos do que sofremos! Felizes os que já morreram, antes de nos verem, a nós, Macedónios, espancados com bastões medos, e a termos de apelar a Persas para sermos recebidos pelo rei’. **3.** Clito pronunciou estas palavras sem subterfúgios, e os que cercavam Alexandre investiram contra ele a insultá-lo; por seu lado, os mais velhos tentavam apaziguar a confusão. **4.**

²¹⁴ Talvez, por trás desta descrição de Plutarco, estivesse algo como: uns tantos Gregos poderiam ridicularizar os comandantes dos mercenários derrotados por Espitâmenes, entre os quais se encontrava o nome de Parménion. Como antigo subordinado de Filotas, Clito sentiu-se no dever de o defender.

²¹⁵ *Vide supra* 16. 8-11.

Alexandre vira-se então para Xenódoco de Cárdia e Artémio de Cólofon e diz: ‘Não vos parece que os Gregos se passeiam entre os Macedónios que nem semideuses no meio de feras?’ **5.** Clito não se ficou; desafiou Alexandre a que o deixasse explicar abertamente o que queria dizer; ou então que não convidasse para a sua mesa homens livres, a quem assistia o direito de dizer o que pensavam; que vivesse entre bárbaros e escravos, que se curvassem diante do seu cinto persa e da túnica branca que usava. Alexandre, já incapaz de refrear a ira, pegou numa maçã das que havia na mesa, atirou-lhe com ela e atingiu-o; e já procurava o punhal. **6.** Um dos guarda-costas, Aristófanes, antecipou-se a tirar-lho, enquanto os outros o rodeavam e lhe pediam que se acalmasse. Mas Alexandre pôs-se de pé e gritou, em língua macedónia, pelo seu corpo de guarda (o que era sinal de emergência extrema); mandou o trombeteiro dar o alarme, e deu-lhe um murro por ele hesitar e não querer obedecer. **7.** Este sujeito, mais tarde, recebeu muitos elogios, por se lhe ter ficado a dever, mais do que a qualquer outro, que o acampamento não tivesse entrado em estado de sítio. **8.** Clito é que não desistia e só a muito custo os amigos o retiraram da sala.

Tentou voltar a entrar por outra porta, a recitar, em voz alta e impertinente, este verso da *Andrómaca* de Eurípides:

‘Ai de mim! Que estranhos costumes os da Grécia!’²¹⁶

9. Foi então que Alexandre agarrou na espada de um dos guarda-costas, e quando Clito afastava o cortinado diante da porta e avançava para ele, trespassou-o. **10.** Ainda mal Clito caía com um gemido e um grito de dor, e já a fúria do rei desaparecia. **11.** Quando voltou a si e viu os amigos de pé, em

²¹⁶ *Andrómaca* 693. São palavras de Peleu, que começa por reprovar que, quando um exército vence, os méritos caibam a quem comanda e não a quem realmente se esforça.

silêncio, tirou a espada do cadáver e tê-la-ia espetado na própria garganta, se os guarda-costas, para o impedir, lhe não tivessem agarrado as mãos e levado à força para o quarto.

LII. 1. Depois de ter passado a noite e o dia seguinte em profundas lamentações, até perder a voz de tantos gritos, lágrimas e gemidos lancinantes, os amigos, com receio daquele silêncio, forçaram a entrada. **2.** O que os outros disseram deixou-o indiferente; mas quando Aristandro, o adivinho, lhe recordou o sonho pressago que ele tinha tido com Clito, assegurando-lhe que este destino lhe estava traçado de há muito, pareceu que ele relaxava. **3.** Por isso, trouxeram-lhe Calístenes, o filósofo, que pertencia à família de Aristóteles, e Anaxarco de Abdera²¹⁷. **4.** Calístenes tentou, com gentileza e brandura, aliviá-lo da preocupação, através de eufemismos e de rodeios que lhe atenuassem a dor. Anaxarco, porém, que sempre tinha tido uma outra forma de encarar a filosofia, e que tinha fama de desprezar e de ter em pouca conta os seus parceiros de ofício, mal chegou avançou com um protesto: **5.** ‘Então é este o Alexandre em quem, hoje em dia, o mundo inteiro tem os olhos postos?! Pois ei-lo prostrado, a lamentar-se que nem um escravo, com medo da lei e das censuras da sociedade, para quem ele devia representar a própria lei e o critério de justiça²¹⁸ - ou não conquistou ele o direito de dominar e de governar -, em vez de se submeter, como um criado, ao peso de opiniões sem senso?’ **6.** ‘Será que não sabes’ – prosseguiu – ‘que, ao lado de Zeus, se sentam a Justiça e a Lei, para garantir que todos os

²¹⁷ Calístenes de Olinto era sobrinho de Aristóteles e foi autor de uma história de Alexandre e de uma outra da Grécia. Nessa qualidade conta-se que terá afirmado que mais importante do que o que Alexandre pudesse fazer seria o que Calístenes dele pudesse contar; *The Cambridge Ancient History, VI. Macedon*, 398. Sobre Anaxarco, *vide supra* nota 37.

²¹⁸ O tópico da infalibilidade do rei ocorre em Heródoto 3. 31; Sófocles, *Antígona* 666-667.

atos do senhor do universo sejam justos e legítimos?²¹⁹ 7. Com argumentos deste tipo, Anaxarco aliviou o sofrimento do rei, mas tornou-lhe o caráter, sob muitos aspetos, mais convencido e autoritário. Ganhou-lhe também a simpatia incondicional, enquanto a relação de Alexandre com Calístenes, que a austeridade do filósofo sempre tinha tornado pouco cordial, azedou.

8. Consta que um dia, durante um jantar, a conversa caiu nas estações do ano e no clima; Calístenes, que partilhava da opinião daqueles que afirmavam que o tempo lá era mais frio e mais invernososo do que na Grécia, estava em desacordo com Anaxarco e a discussão ia acesa; disse então Calístenes: 9. ‘Tens de admitir que aqui é mais frio do que lá. Porque, na Grécia, tu podes, em pleno inverno, andar em camisa, enquanto aqui te deitas com três mantas por cima²²⁰. O que, é claro, só contribuiu para agravar a irritação de Anaxarco.

LIII. 1. Os outros sábios e parasitas que acompanhavam Alexandre aborreciam-se também com a popularidade que a eloquência de Calístenes lhe granjeava entre os jovens, e com o não menor apreço de que gozava entre os mais velhos pelas suas opções de vida²²¹; era um sujeito organizado, respeitado, independente, confirmando o que se dizia sobre o motivo que o levou a ir para o estrangeiro, ou seja: que se aproximou de Alexandre no desejo de reintegrar os seus concidadãos na pátria e de a repovoar²²². **2.** Mas não era só o prestígio que

²¹⁹ A ideia da Justiça ocupando o assento ao lado de Zeus aparece em Píndaro, *Olímpica* 8. 21-23; Sófocles, *Édipo em Colono* 1380-1382.

²²⁰ A observação atingia Anaxarco nos seus princípios filosóficos, que o obrigavam a ser mais sóbrio nas suas práticas de vida e que se comportava como um simples mortal.

²²¹ Ou seja, por ser avesso às tendências orientalizantes que se iam impondo.

²²² Calístenes era de Olinto, cidade que tinha sido arrasada por Filipe,

lhe criava invejas; a verdade é que por vezes certas atitudes que tomava davam azo aos seus detratores; recusava a maior parte dos convites, ou, quando aceitava participar em reuniões, mantinha um silêncio distante que dava a entender que desaprovava ou não gostava da companhia; a ponto que até Alexandre comentou: ‘Detesto um sábio que até para si próprio demonstra falta de sabedoria’²²³. **3.** Conta-se que, em certa ocasião em que havia muitos convivas para a mesa do rei, Calístenes se viu solicitado para, na altura dos brindes, fazer um elogio dos Macedónios; o sucesso das suas palavras foi tal que os convivas o aplaudiram de pé e lhe atiraram as coroas. **4.** Aí Alexandre afirmou, citando Eurípides, que ‘quando se aborda um bom assunto não é difícil falar bem’²²⁴. ‘Experimenta antes fazer uma demonstração da tua capacidade’ – desafiou o rei – ‘com uma censura aos Macedónios, para que eles, conscientes dos seus defeitos, se aperfeiçoem’. **5.** Então Calístenes enveredou pela contradição do que tinha dito, e fez uma crítica frontal aos Macedónios; e depois de provar que os conflitos entre os Gregos estiveram na origem do reforço do poder de Filipe, concluiu: ‘Em tempo de crise, até um patife ganha prestígio’²²⁵. **6.** Esta observação valeu-lhe, da parte dos Macedónios, um ódio profundo e radical; mesmo Alexandre declarou que o que ele tinha provado não era a sua eloquência, mas a má vontade que tinha aos Macedónios.

LIV. 1. Esta foi, segundo Hermipo²²⁶, a história que Estrebo, o

em 347 a. C.

²²³ Eurípides, fr. 905 N² a *incerta fabula*.

²²⁴ *Bacantes* 267. São palavras de Tirésias, em reprovação do que Penteu acabava de argumentar contra o culto dionisíaco.

²²⁵ Esta é uma frase proverbial, por vezes atribuída a Calímaco e que Plutarco repete em *Nícias* 11. 3, *Moralia* 479^a.

²²⁶ *FHG* 3. 47. Hermipo de Esmirna era um biógrafo de finais do séc. III a. C. e discípulo de Calímaco.

escravo que fazia leituras a Calístenes, contou a Aristóteles; e que, quando Calístenes se deu conta do desagrado do rei, por duas ou três vezes, à despedida, lhe recitou: 'Pátroclo também morreu, e era um homem muito melhor do que tu'²²⁷. **2.** Ao comentário que então Aristóteles fez não falta a propósito: que Calístenes podia ser um grande orador, cheio de capacidade, mas que lhe faltava senso comum. **3.** A verdade é que, ao recusar, de uma forma perentória e de acordo com a sua filosofia²²⁸, fazer a vénia ao rei²²⁹, e por ser o único que teve a coragem de afirmar em público o que, às escondidas, todos os Macedónios de maior prestígio e de mais idade pensavam, evitou aos Gregos um enorme desconforto e a Alexandre outro maior ainda, ao fazê-lo desistir deste tipo de homenagem. Mas pagou-o com a vida, por dar a ideia de, perante o rei, preferir usar a força à persuasão.

4. Cares de Mitilene²³⁰ conta que Alexandre, um dia num banquete, depois de beber, passou a taça a um dos amigos; este pegou nela e perfilou-se diante do altar; depois de beber, primeiro fez a vénia a Alexandre e depois deu-lhe um beijo, antes de retomar

²²⁷ *Iliáda* 21. 107. Estas são palavras de Aquiles a Licáon, um dos filhos de Príamo, que lhe suplicava que lhe salvasse a vida.

²²⁸ Como discípulo de Aristóteles, Calístenes resistia a hábitos que considerava bárbaros; ou talvez também a submissão ao poder fosse contrária aos seus princípios filosóficos.

²²⁹ A vénia ao rei era um ato de reverência que distinguia a cultura persa da grega. No oriente, a prostração correspondia a uma expressão de respeito perante um superior e era obrigatória perante o soberano; para os Gregos, só os deuses tinham direito a tal homenagem. Ceder neste gesto era, para os Gregos, adotar uma prática de bárbaros. Simbolicamente este gesto causou dificuldades a Alexandre, no seu objetivo de progressiva uniformização cultural: dispensar desse gesto os Persas era prescindir do seu ascendente de rei; exigí-lo aos Gregos uma imposição intolerável. Neste seu propósito de introduzir o hábito da *proskynesis* Alexandre tinha o apoio de Heféstion e de outros Macedónios, onde possivelmente se incluíam Lisímaco e Hágnon. Talvez até estivessem convencidos de que Calístenes a aceitaria também, o que não veio a acontecer quando ela se tornou oficial.

²³⁰ *FGrHist* 125 F 18^a.

o seu lugar à mesa. **5.** Todos começaram, um após o outro, a imitar-lhe o gesto; quando chegou a vez de Calístenes, ele pegou na taça – enquanto Alexandre estava distraído a conversar com Heféstion –, bebeu e dirigiu-se ao rei para o beijar. **6.** Demétrio, porém, aquele que tinha a alcunha de Fídon, bradou: ‘Meu senhor, não lhe aceites o beijo, porque foi ele o único que não te fez a vénia’. Aí Alexandre recusou-lhe o beijo, o que fez Calístenes proclamar em alta voz: ‘Pois então vou-me embora com um beijo a menos’.

LV. 1. Instalada esta animosidade entre o filósofo e o rei, a primeira consequência foi tornar-se credível a história de Heféstion, ao dizer que Calístenes se tinha comprometido com o cerimonial da vénia ao rei e faltado ao compromisso. **2.** Mais tarde, homens como Lisímaco e Hágnon insistiram em afirmar que o sofista andava por ali a gabar-se de abolir a monarquia e que isso lhe valeu a admiração dos jovens, que o seguiam por ele ser o único homem livre entre dezenas de milhar de outros. **3.** Foi também por este motivo que, quando a conspiração de Hermolau e dos seus cúmplices contra Alexandre foi descoberta²³¹, se teve a ideia de que as acusações dos detratores de Calístenes tinham razão de ser. Comentou-se, por exemplo, que à pergunta de Hermolau sobre como poderia alguém tornar-se no mais ilustre dos homens, Calístenes teria respondido: ‘Linchando o mais ilustre dos homens’. **4.** E que teria incentivado Hermolau a agir sem recear o

²³¹ Trata-se da chamada Conspiração dos Pagens e aconteceu em Bactra, em 327. Foi organizada por Hermolau e envolveu os elementos mais jovens da campanha. Filho de um aristocrata macedónio, Hermolau tinha recebido um castigo por uma quebra de protocolo numa caçada. Para se vingar, mobilizou um grupo de companheiros para matarem o rei durante o sono. Talvez alguns filósofos, que discordavam das tendências orientalizantes de Alexandre, a isso o tivessem incentivado; *vide* Arriano 4. 13. 2. Mas o golpe foi descoberto e os conspiradores mortos por lapidação. Calístenes, que tinha sido tutor de Hermolau, viu-se envolvido na questão; se a sua participação no golpe foi além dos comentários imprudentes que foi fazendo não se sabe.

leito de ouro, com o único pensamento de que investia contra um sujeito vulnerável à doença e aos ferimentos como qualquer outro. **5.** E, no entanto, não houve um só cúmplice de Hermolau que, mesmo sob a maior pressão, denunciasse Calístenes. **6.** O próprio Alexandre, nas cartas que logo na altura escreveu a Crátero, Átalo e Alcetas, diz que os rapazes confessaram sob tortura que a conspiração tinha sido da sua inteira responsabilidade e que não havia mais ninguém implicado. **7.** Só mais tarde, numa carta que escreveu a Antípatro, ele envolveu também Calístenes no crime, ao afirmar: ‘Os rapazes foram apedrejados até à morte pelos Macedónios; mas o filósofo quem o vai castigar sou eu, juntamente com quem o mandou ter comigo e com quem acolhe nas suas cidades²³² os que conspiram contra a minha vida’. Com estas palavras fazia uma alusão direta a Aristóteles, **8.** em casa de quem Calístenes, por razões de parentesco, tinha sido criado (era filho de Hero, uma prima de Aristóteles). **9.** Quanto à morte de Calístenes, há quem diga que Alexandre o mandou enforcar; outros que foi posto a ferros e morreu de doença; Cares²³³, por sua vez, relata que ele foi capturado, ficou preso durante sete meses, até ser julgado perante o conselho, na presença de Aristóteles; e que, na altura em que Alexandre foi ferido na Índia²³⁴, ele morreu de obesidade e mordido por percevejos.

LVI. 1. Tudo isto ocorreu mais tarde. Entretanto Demarato de Corinto, já então entrado nos anos, mostrou um grande empenho em ir ao encontro de Alexandre. E ao vê-lo, afirmou que tinham sido privados de uma enorme alegria os Gregos

²³² Ou seja, os Atenenses, em cuja cidade Aristóteles então residia.

²³³ *FGrHist* 125 F 15.

²³⁴ Possivelmente aquando do ataque aos Malos, em 325. Parece haver aqui um anacronismo, porque muito provavelmente a morte de Calístenes ocorreu dois anos antes, em 327. O conselho que julgou o filósofo era o da Liga de Corinto (*vide supra* 11. 2), a que Alexandre presidia.

mortos antes de verem Alexandre sentado no trono de Dario²³⁵. **2.** Contudo não gozou por muito tempo da simpatia do rei, porque ficou doente e morreu. Fizeram-lhe um funeral aparratoso, e o exército ergueu em sua homenagem um memorial com um perímetro enorme e oitenta côvados de altura. Os seus restos mortais foram transportados até ao mar numa quadriga ricamente engalanada.

LVII. 1. Alexandre preparava-se para ultrapassar as montanhas em direção à Índia²³⁶ e apercebeu-se de que as suas tropas estavam demasiado carregadas e com dificuldade de movimentação; ao amanhecer, depois de carregados os carros, fez arder primeiro os que lhe pertenciam e aos companheiros, e a seguir mandou incendiar os dos outros Macedónios. **2.** O plano que presidiu a esta decisão foi mais difícil de assumir do que de concretizar. Poucos foram os que se mostraram desagradados; a maioria, com gritos e aplausos de entusiasmo, partilhou os bens de primeira necessidade com quem precisasse; o supérfluo foi queimado e destruído por suas próprias mãos, o que encheu Alexandre de ânimo e de energia. **3.** A verdade é que já nessa altura o soberano era temido e impiedoso no castigo de qualquer infração. Por exemplo, quando um tal Menandro, um dos companheiros, a quem tinha sido atribuído o comando de um batalhão, se recusou a ficar nesse posto, foi condenado à morte; e Orsodates, um bárbaro que se revoltou, foi o próprio rei a disparar o dardo que o matou.

4. Uma ovelha pariu, naquela altura, um cordeiro que tinha na cabeça algo, que, pela forma e pela cor, se assemelhava a

²³⁵ *Vide supra* 37. 7. Esta história, que sublinha a generosidade de Alexandre para com os amigos, que lhe eram fieis e o elogiavam, opõe-se às anteriores que lhe denunciavam a crueldade.

²³⁶ No verão de 327 a. C. Esta foi uma das grandes proezas da marcha de Alexandre na Ásia, a travessia das montanhas nevadas de Hindu-Kush.

uma tiara, com testículos de um lado e do outro. O rei ficou perturbado com o prodígio e fez-se purificar pelos Babilónios que habitualmente o acompanhavam para esse efeito. Em conversa com os amigos, afirmou que não era consigo mesmo que se preocupava, mas com eles, no receio de que, após a sua morte, a divindade entregasse o poder a um sujeito desonesto e incapaz. **5.** Mas ocorreu um prodígio mais auspicioso que acabou com esta preocupação. O Macedónio que coordenava os responsáveis pelas bagagens do rei, chamado Próximo, ao escavar o terreno para montar a tenda real, junto ao rio Oxo²³⁷, descobriu uma fonte de onde brotava um óleo gorduroso. **6.** Mas depois de retirada a camada superior, sucedeu-lhe logo um azeite, puro e transparente, que não se distinguia do azeite comum nem no cheiro, nem no paladar; também a densidade e o brilho lhe eram em tudo semelhantes, e isto num terreno que não produzia oliveiras. **7.** Diz-se realmente que o Oxo tem uma água muito suave, que deixa a pele de quem nele se banha macia. **8.** Que Alexandre ficou maravilhado é evidente do que escreveu a Antípatro, onde lhe fala deste como um dos portentos mais extraordinários que os deuses lhe enviaram. **9.** Os adivinhos, no entanto, entenderam que o prodígio anunciava uma campanha gloriosa, sem dúvida, apesar de árdua e difícil. Porque o azeite é concedido pelos deuses à humanidade como um paliativo para os sofrimentos.

LVIII. 1. Realmente muitos foram os perigos que defrontou em campanha e muitos os ferimentos graves que sofreu. Mas a maior provação que o exército experimentou foi a falta de provisões e o rigor do clima. **2.** Alexandre, porém, sentia-se capaz de vencer o destino pela determinação, e a força

²³⁷ Entre a Bactriana e a Sogdiana. Trata-se da descoberta de uma fonte de petróleo, achado levado a cabo pela primeira vez por um europeu.

adversária pela excelência, por achar que não há risco que o corajoso não ultrapasse, como não há segurança que chegue para quem é covarde. **3.** Conta-se que, no cerco da cidadela de Sisímitres²³⁸, um local inclinado e inacessível, as tropas estavam desmoralizadas. Alexandre perguntou a Oxiartes²³⁹ que tipo de personalidade tinha esse tal Sisímitres. **4.** Ao que este respondeu que se tratava de um sujeito de uma cobardia tremenda. ‘Queres tu dizer’ – comentou o rei – ‘que podemos tomar a cidadela, se é tão fraco quem a dirige’. E bastou-lhe assustar Sisímitres para tomar o forte. **5.** Noutra ocasião, ao atacar uma cidadela igualmente íngreme²⁴⁰, estava empenhado em estimular os Macedónios mais jovens; volta-se então para um deles também chamado Alexandre e diz-lhe: ‘Tu pelo menos tens obrigação de ser valente, para honrares o nome que usas’. E quando o rapaz, depois de um combate exemplar, caiu morto, o rei ficou profundamente abalado. **6.** Numa altura em que os Macedónios hesitavam em avançar contra a chamada Nisa²⁴¹, por haver, diante dela, um rio profundo, Alexandre de pé na margem bradou: ‘Que azar o meu! Porque não aprendi eu a nadar?’ De seguida, pegou no escudo e propôs-se atravessar o rio. **7.** E quando, depois de dar por terminada a luta, vieram, das cidades sitiadas, embaixadores para negociar, antes de mais ficaram pasmados ao verem-no desarranjado e ainda de armadura vestida. Quando lhe trouxeram uma almofada para seu uso, ele

²³⁸ Conquista consumada em 328-327 a. C. Com esta campanha, Alexandre promovia a pacificação do extremo nordeste do antigo império persa.

²³⁹ *Vide supra* nota 205. Oxiartes veio a ser nomeado, em 326, sátrapa de Paropamisade, cargo que manteve para além da morte de Alexandre.

²⁴⁰ Trata-se de Aorno, junto ao Indo, tomada em 327-326 a. C., que segundo a lenda nem o próprio Hércules fora capaz de dominar.

²⁴¹ Nisa foi tomada em 327-326. Era habitada por um povo distinto das tribos vizinhas, que adorava um deus que se pode identificar com Dioniso.

convidou o embaixador mais idoso, chamado Acufis, a ficar com ela para se sentar. **8.** Acufis espantou-se com a generosidade e a delicadeza de que Alexandre dava provas; perguntou-lhe então o que queria que fizessem para firmarem com ele uma aliança. **9.** Respondeu-lhe o rei: ‘Tu, mereces que os teus concidadãos te façam seu chefe, e a mim que me mandem uma centena dos seus melhores homens’. Acufis, a rir-se, retorquiu: ‘Mas, meu senhor, bem mais fácil me será governar se te mandar os piores em vez dos melhores’.

LIX. 1. Taxiles²⁴², ao que consta, tinha na Índia um reino que não ficava a dever ao Egito em dimensão, com boas pastagens e de uma fertilidade excepcional. Era um homem inteligente que, depois de saudar Alexandre, acrescentou: **2.** ‘Porque havemos nós, Alexandre, de travar guerras e combates um contra o outro, se nos não vens roubar água ou as provisões necessárias, que são os únicos motivos que devem levar um homem sensato a combater? **3.** Quanto ao mais, fortuna e propriedades, se as minhas forem superiores, estou disposto a fazer-te concessões; se forem inferiores, não me oponho a agradecer-te os favores que me concedas’. **4.** Alexandre ficou agradado com a atitude; apertou-lhe a mão e disse: ‘Estás mesmo convencido de que, com essas palavras amáveis, o nosso encontro vai dispensar uma luta? Não, não me vais levar a melhor. Vou lutar contigo e competir até ao fim em favores, de modo que me não leves a palma em generosidade’. **5.** Depois de aceitar presentes sem conta e de lhe

²⁴² Taxiles era o título do governador de Taxila, de seu nome Ambhi. Tratava-se de uma região poderosa, situada entre os rios Indo e Hidaspes, onde as tropas macedónias puderam ver uma primeira grande cidade da Índia. Taxila era conhecida como um grande centro comercial e uma cidade de cultura, onde os Brahmans se acumulavam. As ruínas desta cidade têm sido objeto de escavações arqueológicas; *vide* J. Marshall, *Taxila*, Cambridge, 1959. Foi em 326, depois de atravessar o Indo, que Alexandre lá chegou.

oferecer mais ainda, presenteou-o, por fim, com mil talentos em dinheiro. Esta atitude aborreceu profundamente os amigos do rei, mas muitos foram os bárbaros que passaram a olhá-lo com mais consideração.

6. Os melhores combatentes, do lado indiano, eram mercenários e costumavam andar de cidade em cidade a defendê-las ferozmente. A Alexandre causaram problemas terríveis. Um belo dia, depois de ter firmado com eles um pacto, numa qualquer cidade²⁴³, e de os ter deixado partir, Alexandre pelo caminho atacou-os e acabou com eles. **7.** Esta foi uma espécie de nódoa na sua carreira militar, porque em geral comportou-se sempre dentro dos princípios da guerra e com uma dignidade régia. **8.** Não menos do que os mercenários, também os filósofos²⁴⁴ lhe deram dores de cabeça por insultarem os reis que aderiam à causa de Alexandre e por incitarem os povos livres a reagir. Por isso ele condenou também muitos à forca.

LX. 1. Sobre a campanha que fez contra Poro²⁴⁵, o próprio Alexandre dá uma descrição nas suas cartas. Diz ele que o Hidaspes corria entre os dois acampamentos e que Poro estacionou os seus elefantes na margem contrária e ficou de atalaia permanente à travessia. **2.** Por seu lado, Alexandre todos os dias provocava, no seu acampamento, um grande alarido e um tumulto enorme, de modo a que os bárbaros se habituassem a não se alarmar. **3.** Então numa noite tempestuosa, sem lua, pegou numa parte da infantaria e na elite dos cavaleiros, e depois de avançar para longe do sítio onde se encontravam os

²⁴³ Este episódio aconteceu em 327, no cerco de Massaga.

²⁴⁴ Trata-se dos Brahmans.

²⁴⁵ Poro governava um território próspero junto ao Hidaspes, Jhelum, e procurou obstaculizar a travessia das tropas macedónias. Mas acabou vencido por Alexandre na primavera de 326 a. C.

inimigos²⁴⁶, atravessou para uma ilha pequena. **4.** Lá a chuva era intensa, e rajadas de vento e trovões sem conta abateram-se sobre as tropas. Apesar de ver que alguns morriam fulminados pelos raios, deixou a ilha e avançou para a margem contrária. **5.** O Hidaspes, que se tornara violento com a tempestade e batia com força na margem, abriu-lhe uma grande brecha e boa parte da corrente tomou essa outra direção. O solo entre os dois caudais não lhes proporcionava terra firme, porque era quebradiço e escorregadio. **6.** Foi então que, ao que se diz, ele gritou: ‘Atenienses, dá para acreditar a que perigos eu me exponho para conquistar o vosso apreço?’ **7.** Esta é a versão de Onesícrito²⁴⁷. Alexandre porém afirma que eles deixaram para trás as balsas e, com as armas, atravessaram a corrente com água pelo peito; feita a travessia, o rei fez a cavalaria avançar vinte estádios à frente da infantaria, calculando que, se os inimigos o atacassem a cavalo, ele estaria em grande vantagem; se movessem a falange, a sua infantaria se lhes juntaria a tempo. **8.** Foi a primeira destas duas hipóteses a que se verificou. Assim, depois de pôr em fuga 1000 cavaleiros e 60 carros que o confrontavam, capturou todos os carros e, dos cavaleiros, chacinou 400. **9.** Nessa altura Poro compreendeu que Alexandre em pessoa tinha atravessado o rio; avançou contra ele com todas as suas forças, menos umas tantas que deixou para trás, para impedir que o resto dos Macedónios atravessasse. **10.** Alexandre, com receio dos elefantes e do grande número de inimigos, chamou a si o ataque da ala esquerda, enquanto Ceno, por ordem sua, investia contra a ala direita. **11.** Ambas as alas postas em debandada

²⁴⁶ De acordo com *The Cambridge Ancient History. VI. Macedon*, 407, baseado em Frontino 1. 4. 9, a travessia fez-se acima do campo de Poro. Diante do inimigo, manteve-se Crátero com uma parte da cavalaria e os restantes infantes.

²⁴⁷ *FGrHist* 134 F 19.

recuaram contra os elefantes e formaram com eles uma massa; foi a partir daí que passaram ao combate corpo a corpo e só oito horas depois, a custo, o inimigo cedeu. Foi esta a descrição que o próprio vencedor deu da batalha nas suas cartas.

12. Grande parte dos historiadores²⁴⁸ concorda que Poro tinha de altura quatro côvados e meio, e que o porte e a imponência da sua figura fazia com que um elefante se lhe ajustasse à medida como um cavalo a um vulgar cavaleiro. E o elefante que ele montava era enorme. **13.** De resto este animal deu mostras de uma inteligência espantosa e de grande solicitude para com o rei; defendeu-o com vigor, afastando os que o atacavam enquanto as forças o não abandonaram; e quando percebeu que o seu senhor estava esgotado devido à enorme quantidade de golpes e de ferimentos, com receio de que ele caísse, ajoelhou-se devagar no chão e, com a tromba, agarrou, um a um, os dardos e arrancou-lhos do corpo. **14.** Poro acabou capturado e, perante a pergunta de Alexandre sobre que tratamento merecia, respondeu: ‘O de um rei’. A uma nova pergunta sobre se tinha algo mais a acrescentar, repetiu: **15.** “O de um rei” abrange tudo’. Pois bem, Alexandre não apenas lhe permitiu que mantivesse o governo do seu reino anterior, com o título de sátrapa, como lhe acrescentou uma região de povos autónomos que tinha dominado, onde havia – ao que se ouve dizer – quinze etnias, 5000 cidades importantes e uma infinidade de povoações²⁴⁹. **16.** Conquistou também outro território com três vezes o tamanho deste e para ele nomeou Filipe, um dos companheiros, como sátrapa.

LXI. 1. Depois da batalha contra Poro, morreu o Bucéfalo, não logo a seguir, mas algum tempo depois; de acordo com a maior parte das versões, vítima de ferimentos que estavam

²⁴⁸ *E. g.*, Arriano 5. 19. 1; Diodoro Sículo 17. 88. 4-5.

²⁴⁹ Desta forma Poro tornou-se um rei aliado de Alexandre.

a ser tratados; mas segundo Onesícrito²⁵⁰, do desgaste da velhice; tinha já, quando morreu, trinta anos. **2.** Alexandre ficou profundamente abalado, com o sentimento de ter perdido um companheiro e um amigo. Por isso construiu, em sua memória, uma cidade, na margem do Hidaspes, a que chamou Bucéfala. **3.** Conta-se também que, quando perdeu um cão chamado Peritas, que ele mesmo tinha criado e por que tinha muito afeto, ergueu uma cidade a que deu o seu nome. Sócion afirma ter ouvido esta história a Pótamon de Lesbos²⁵¹.

LXII. 1. Quanto aos Macedónios, porém, a luta contra Poro refreou-lhes a coragem e desanimou-os de prosseguir no avanço contra a Índia. **2.** É que foi com dificuldade que repeliram um inimigo que representava apenas 20 000 infantas e 2 000 cavaleiros; por isso opuseram-se radicalmente à pretensão de Alexandre que insistia em atravessar também o rio Ganges²⁵², que tinha de largura, tanto quanto julgavam saber, trinta e dois estádios, e de profundidade cem braças; a outra margem estava coberta de multidões de homens armados, cavalos e elefantes. **3.** Tinham-lhes dito que os reis dos Gandáridas e dos Prásios²⁵³ os esperavam com os seus 80 000 cavaleiros, 200 000 infantas, 8000 carros e 6000 elefantes de combate. **4.** Isto sem exagero. De facto Androcoto, que não muito tempo depois lá reinou, ofereceu a Seleuco 500 elefantes e, com um exército de 600 000 homens, invadiu e dominou a Índia inteira.

²⁵⁰ *FGrHist* 134 F 20.

²⁵¹ Pótamon de Lesbos foi advogado em Roma e também historiador. Viveu na segunda metade do séc. I a. C.

²⁵² Alexandre nunca chegou ao Ganges. Esta sublevação das tropas aconteceu junto ao Hífasis, após a travessia do Punjab.

²⁵³ Povos do reino de Magadha, a sul do Ganges.

5. A princípio Alexandre fechou-se na tenda, entregue ao desapatamento e à irritação, e lá ficou estendido, sem sentir a mínima gratidão pelo que já se tinha conseguido, se se não fizesse a travessia do Ganges; do seu ponto de vista, a retirada correspondia ao reconhecimento da derrota. 6. Os amigos procuraram animá-lo com argumentos razoáveis, e os soldados reuniram-se-lhe à porta, com gritos e lamentos, a suplicá-lo, até que ele se deixou demover e começou a desmontar o acampamento, empenhado em engendrar histórias e artifícios sem conta para enaltecer a sua reputação. 7. Por exemplo, mandou fabricar armas maiores, manjedouras enormes e freios mais pesados do que era habitual, e deixou-os espalhados por ali. 8. Ergueu aos deuses altares²⁵⁴, que até hoje são homenageados pelos reis dos Prásios quando atravessam o rio, e onde fazem sacrifícios à maneira grega. 9. Androcoto, então um jovem, viu Alexandre em carne e osso; e diz-se que, mais tarde, não se cansou de afirmar que foi por um triz que Alexandre se não tornou senhor daquela terra, dado que o rei local era, devido à crueldade e falta de caráter, odiado e desprezado.

LXIII. 1. A partir deste local, Alexandre pôs-se em marcha para ir ver o oceano²⁵⁵; fez construir muitos barcos a remos e balsas e partiu ao longo dos rios deixando-se levar tranquilamente²⁵⁶. **2.** É certo que a viagem não dispensou esforço nem foi pacífica, pois o rei foi desembarcando,

²⁵⁴ Ao que parece doze, para homenagear os doze deuses olímpicos.

²⁵⁵ Alexandre navegou pelos rios Hidaspes, Acesines e Indo, até ao oceano Índico, onde chegou na primavera de 325 a. C.

²⁵⁶ Esta frota, que atingiu algo como 800 unidades, de vários tamanhos e funções, foi sujeita ao comando de Nearco, um cretense, de reconhecida competência. Ao mesmo tempo que a frota deslizava pela corrente dos rios, nas margens deslocavam-se forças de infantaria, Crátero ao comando da margem direita, Heféstion da da esquerda.

atacando as cidades e conquistando-as todas²⁵⁷. No entanto, ao arremeter contra os chamados Malos, considerados o povo mais belicoso de entre os Indianos, por pouco não perdeu a vida. **3.** Depois de obrigar a população a retirar-se das muralhas sob uma chuva de dardos, foi Alexandre o primeiro a escalar o muro com uma escada; só que a escada partiu-se e ele ficou exposto aos mísseis que os bárbaros, que se mantinham rente à muralha, lhe atiravam lá de baixo; apesar de se encontrar praticamente sozinho, tomou balanço e saltou para o meio dos inimigos, com tanta sorte que caiu de pé. **4.** Quando ele brandiu as armas, os bárbaros pensaram que, diante dele, surgia uma figura incandescente. **5.** Por isso, apavorados, a princípio puseram-se em fuga; mas quando viram que apenas dois dos seus guardas o acompanhavam, correram sobre ele, e houve uns tantos que procuraram feri-lo através da armadura com espadas e lanças, enquanto ele se defendia. **6.** Houve então um, um pouco mais afastado, que o alvejou com uma flecha, com tanta precisão e força que lhe perfurou a couraça e o atingiu no peito, entre as costelas. **7.** O impacto do golpe foi tal que Alexandre cedeu e caiu de joelhos; aí o que o tinha alvejado correu para ele de cimitarra desembainhada, enquanto Peucestas e Limneu se interpunham. **8.** Ambos foram feridos e este último caiu morto. Peucestas resistiu e, por fim, Alexandre matou o bárbaro. **9.** Ele mesmo sofreu inúmeros golpes e acabou por ser atingido por um maço no pescoço, o que o obrigou a encostar-se contra o muro, ainda de olhos fixos no inimigo. **10.** Nessa altura os Macedónios rodearam-no, retiraram-no, já inconsciente do que se passava em volta, e levaram-no para a tenda. **11.** Correu de seguida no acampamento o boato de que ele tinha morrido. Entretanto,

²⁵⁷ Vide *The Cambridge Ancient History. VI. Macedon*, 412-413.

com dificuldade e a duras penas, cortaram a seta, que era de madeira, para conseguirem libertá-lo da couraça; foi então que lhe retiraram a ponta do dardo que tinha espetada numa costela. **12.** Diz-se que tinha três dedos de espessura e quatro de comprimento. Essa intervenção fez o rei perder os sentidos e pô-lo à beira da morte; mas, por fim, recuperou. **13.** Quando estava já fora de perigo, embora ainda fraco e sujeito, durante largo tempo, a dieta e a tratamento, percebeu, pelo ruído que se fazia lá fora, que os Macedónios o queriam ver; enfiou o casaco e foi ao encontro deles. **14.** Depois de sacrificar aos deuses, voltou a embarcar para continuar a descida do rio, dominando um amplo território e grandes cidades à sua passagem.

LXIV. 1. Capturou dez Gimnosofistas²⁵⁸, os que mais se empenharam na revolta de Sabas²⁵⁹ e que mais dificuldades tinham causado aos Macedónios. Estes filósofos tinham fama de sábios e concisos nas respostas que davam; Alexandre fez-lhes então perguntas paradoxais, sob ameaça de condenar à morte o primeiro que errasse na resposta; e o mesmo com os restantes, um após outro. **2.** Deu ordem a um deles, o mais velho, para funcionar de juiz. Interrogou o primeiro sobre quais achava mais numerosos, se os vivos ou os mortos; e ele respondeu que os vivos, porque os mortos já não existem. **3.** O

²⁵⁸ Os Gimnosofistas, ou ‘filósofos nus’ – os Brahmans do Punjab -, a que Plutarco se referiu já *supra* 59. 8 como rebeldes ao poder de Alexandre e agentes de insurreição dos reis locais, protagonizam aqui um episódio convencional: o diálogo com um senhor poderoso a quem respondem sobre grandes questões universais. Acresce-lhe o facto de este encontro representar também o confronto de duas culturas, os valores da grega, que Alexandre representa, com os de uma filosofia oriental. No entanto, T. Whitmarsh, ‘Alexander’s Hellenism and Plutarch’s textualism’, *CQ* 52. 1, 2002, 185, vê nas intervenções destes filósofos indus alguns traços que os aproximam da filosofia grega: a braquilogia da resposta como um traço socrático, e o teor das respostas como típico dos cínicos.

²⁵⁹ Sátropa indiano.

segundo, a quem perguntou se era a terra ou o mar a produzir animais maiores, respondeu que era a terra, porque o mar não passa de uma parte dela. **4.** O terceiro, questionado sobre qual é o animal mais astuto, respondeu: ‘Aquele que até hoje o homem ainda não descobriu’. **5.** O quarto, quando lhe foi perguntado porque tinha incitado Sabas à revolta, retorquiu: ‘Porque eu pretendia ou que ele vivesse com dignidade, ou que morresse com dignidade’. **6.** O quinto foi interrogado sobre qual era, na sua opinião, mais antigo, o dia ou a noite; e disse: ‘O dia, por um dia’. **7.** E acrescentou, perante a surpresa do rei, que a perguntas absurdas correspondem respostas absurdas. **8.** Passando ao sexto, Alexandre perguntou-lhe o que pode tornar um homem muito estimado: ‘Ser poderoso’ – disse ele – ‘sem ser temido’. **9.** Dos três restantes, aquele a quem foi posta a pergunta sobre como pode um homem converter-se num deus, respondeu: ‘Se fizer alguma coisa que um homem não possa fazer’. **10.** A outro a quem se perguntou qual considerava mais forte, a vida ou a morte, respondeu que a vida, porque suporta tantos reveses. **11.** E o último, interrogado sobre a dimensão ideal para a vida humana, disse: ‘Enquanto a morte não parecer melhor do que a vida’. **12.** Alexandre voltou-se para o juiz e pediu-lhe para dar o veredito. Este considerou que cada resposta era pior do que a anterior. ‘Pois então’ – disse Alexandre – ‘vais tu morrer primeiro por dares tal sentença’. ‘Não, meu senhor, isso não pode ser’ – retorquiu o outro – ‘a menos que não falasses verdade quando disseste que morreria primeiro o que desse a pior resposta’.

LXV. 1. Estes filósofos, Alexandre deixou-os ir embora depois de os presentear. Àqueles que tinham mais prestígio e que levavam uma vida tranquila, retirados, enviou Onesícrito, para lhes pedir que viessem à sua presença. **2.** Onesícrito era

um filósofo da escola de Diógenes o Cínico²⁶⁰. Conta-nos²⁶¹ que Calano, em tom insolente e azedo, lhe mandou despir a túnica e ouvir nu o que ele tinha para dizer; de outra forma não falava com ele, nem que viesse da parte de Zeus. **3.** Dândamis foi mais gentil; depois de ouvir falar de Sócrates, Pitágoras e Diógenes, disse que essa era gente a quem reconhecia talento, mas que tinha adotado uma vida demasiado subserviente às regras. **4.** Há, no entanto, quem diga que as únicas palavras de Dândamis foram: ‘Porque fez Alexandre uma tal viagem até aqui?’ **5.** Taxiles²⁶² convenceu Calano a procurar Alexandre. O seu nome verdadeiro era Esfines; mas como tinha por hábito cumprimentar quem encontrasse com ‘cale’, a palavra indiana para dizer ‘olá’, os Gregos deram-lhe o nome de Calano. **6.** Foi ele quem, diz a tradição, apresentou a Alexandre uma ilustração de governo. Atirou ao chão uma pele seca e rígida e pisou-lhe uma ponta. A pele ficou esticada de um lado, mas levantada nos outros. **7.** Calano deu a volta a toda a pele e provou que o mesmo acontecia se ele pisasse qualquer outra ponta; só depois a comprimiu no centro e toda ela ficou direita. **8.** A experiência pretendia demonstrar que Alexandre devia fazer mais pressão no centro do seu poder em vez de andar a vaguear longe dele.

LXVI. 1. A descida pelos rios até ao mar correspondeu a um período de sete meses. Depois de entrar, com os seus navios, no Oceano²⁶³, Alexandre navegou até uma ilha que ele mesmo batizou de Escilustis (e que outros designam por Psiltucis)²⁶⁴. **2.** Quando lá aportou, sacrificou aos deuses e estudou a natureza do mar e de toda a costa que lhe estava acessível. A

²⁶⁰ *Vide supra* nota 76.

²⁶¹ *FGrHist* 134 F 17b.

²⁶² *Vide supra* 59. 1.

²⁶³ Alexandre atingiu o delta do Indo no verão de 325 a. C.

²⁶⁴ Arriano 6. 19. 3 chama-lhe Ciluta.

seguir, fez uma prece para que nenhum outro homem, depois dele, ultrapassasse os limites da sua expedição, e preparou-se para voltar. **3.** Deu ordem aos navios para circularem por mar, mantendo o território indiano à sua direita; Nearco²⁶⁵ foi nomeado almirante desta frota e Onesícrito chefe dos pilotos. **4.** Ele mesmo, por terra, prosseguiu pelo território dos Oritas²⁶⁶, onde a experiência não lhe podia ter sido mais adversa; perdeu uma quantidade de homens, de tal forma que nem um quarto dos seus efetivos regressou da Índia. **5.** E, no entanto, as suas forças de infantaria chegaram a atingir os 120 000 homens, e a cavalaria 15 000. **6.** Doenças graves, má alimentação, um calor tórrido e, principalmente, a fome tinham-nos dizimado, na travessia de uma região estéril, de populações com uma vida miserável, donas de um gado escasso e de má qualidade, dado que os peixes do mar de que se alimentavam produziam uma carne fraca e mal saborosa. **7.** Foi a custo que Alexandre atravessou a região em sessenta dias. Mas mal que chegou a Gedrósia, passou a ter de tudo com fartura, porque os sátrapas e os príncipes das proximidades lhe facultaram o reabastecimento.

LXVII. 1. Assim, depois de retemperar as tropas nessa região, partiu, num cortejo báquico, durante sete dias através da Carmânia. **2.** Ele mesmo se fazia transportar, em passo lento, por oito cavalos, em cima de uma plataforma retangular, elevada e bem visível, fixada com pregos, em festa permanente com os companheiros noite e dia. **3.** Seguia-o uma infinidade de carros, uns cobertos de toldos de púrpura ou de tecidos matizados, outros protegidos do sol por ramos de árvores, que

²⁶⁵ Nearco navegou até ao Golfo Pérsico e reencontrou-se com Alexandre em Susa (*vide supra* 11. 4 e nota respetiva).

²⁶⁶ Alexandre escolheu, como rota, a travessia do deserto de Gedrósia (Beluchistán), expondo os seus homens às piores condições e causando um elevado número de baixas.

eram mantidos frescos e verdes; esses transportavam os restantes amigos e comandantes, de coroas na cabeça e a beber. **4.** Não se via nem um escudo, nem um elmo, nem uma lança; ao longo do caminho inteiro, os soldados mergulhavam taças, copos e vasos para retirarem vinho de odres enormes e de cráteres, e faziam brindes, uns enquanto caminhavam, outros estendidos nas bermas. **5.** A música das siringes e das flautas, o som das liras, os cantos e os gritos báquicos das mulheres faziam-se ouvir por toda a parte. **6.** A acompanhar este cortejo, desorganizado e disperso, sucediam-se piadas atrevidas, como se o próprio deus estivesse presente e conduzisse a festa. **7.** Quando chegou ao palácio de Gedrósia²⁶⁷, mais uma vez concedeu descanso ao exército e organizou um festival. **8.** Consta até que o próprio Alexandre, já bem bebido, assistia a um concurso de coros; Bagoas, o seu favorito, ganhou o concurso e, ainda em traje de cena, atravessou o teatro e foi-se sentar ao lado do rei; ao vê-lo, os Macedónios começaram a bater palmas e a pedir, em altos brados, ao rei que o beijasse; até que Alexandre o abraçou e lhe deu um beijo.

LXVIII. 1. Foi aqui²⁶⁸ que Nearco se reuniu a Alexandre, que ficou agradado ao ouvir as notícias da viagem marítima. Foi então que se entusiasmou a navegar ele próprio ao longo do Eufrates com uma grande frota, circundar a Arábia e a Líbia²⁶⁹ e entrar no Mediterrâneo pelas colunas de Hércules. **2.** Navios de todo o género foram construídos em Tápsaco, reuniram-se marinheiros e pilotos vindos de toda a parte. **3.** Mas as dificuldades terríveis da marcha de regresso, os ferimentos infligidos pelos Malos, e as baixas sofridas pelo exército, que se

²⁶⁷ Trata-se realmente da Carmânia.

²⁶⁸ Em Harmozeia, Hormuz, na Carmânia.

²⁶⁹ Ou seja, a África.

dizia terem sido pesadas, criaram o descrédito sobre a sanidade de Alexandre; essas dúvidas levaram as populações dominadas à revolta e incentivaram, da parte dos generais e sátrapas, injustiças tremendas, roubos e violências. Numa palavra, a agitação e a instabilidade generalizou-se. **4.** Também contra Antípatro, Olímpia e Cleópatra²⁷⁰ tinham desencadeado uma revolta e dividido entre elas o reino, ficando Olímpia com o Epiro e Cleópatra com a Macedónia. **5.** Ao ouvir estas notícias, Alexandre afirmou que a melhor escolha foi a da mãe, porque os Macedónios nunca tolerariam ser governados por uma mulher.

6. Por este motivo, enviou Nearco de volta ao mar²⁷¹; era seu objetivo disseminar a guerra por toda a costa; na descida, iria castigar os generais culpados de abuso de poder. **7.** Um dos filhos de Abulites²⁷², Oxiartes, matou-o ele por suas próprias mãos, trespassando-o com uma lança. E quando Abulites lhe não forneceu as provisões necessárias e, em vez disso, lhe trouxe 3 000 talentos em dinheiro, Alexandre mandou atirar as moedas aos cavalos. E como eles não as provavam, questionou: ‘De que nos servem as provisões que nos trazes?’ E mandou prender Abulites.

LXIX. 1. Na Pérsia, a primeira iniciativa que Alexandre tomou foi distribuir dinheiro pelas mulheres, como os reis costumavam fazer; de cada vez que vinham à Pérsia, davam a cada uma uma moeda de ouro²⁷³. **2.** Eis a razão, ao que se diz, para alguns dos soberanos não a visitarem muitas vezes; Oco²⁷⁴ nem

²⁷⁰ *Vide supra* nota 126.

²⁷¹ No início de 324 a. C.

²⁷² Abulites era membro da nobreza indiana e tinha sido sátrapa ao serviço de Dario. O sinal de reverência perante Alexandre, a quem entregou Susa e os seus tesouros, valeu-lhe a manutenção do cargo que antes exercia.

²⁷³ Hábito instituído pelo velho Ciro aquando da conquista da Média.

²⁷⁴ Artaxerxes III Oco, que reinou entre 358-338 a. C. Por morte de

mesmo lá foi uma única vez; por sovínice, preferiu manter-se exilado da pátria. **3.** A seguir, descobriu que o túmulo de Ciro²⁷⁵ tinha sido violado e mandou matar o responsável pelo crime, embora se tratasse de um Macedónio distinto, nascido em Pela, de nome Polímaco. **4.** Depois de ler o epitáfio, fê-lo repetir, em baixo, em caracteres gregos; rezava assim; ‘Amigo, sejas tu quem fores e venhas de onde vieres, porque sei que hás-de vir. Eu sou Ciro, aquele que conquistou para os Persas o seu império. Não me invejes este palmo de terra que me cobre o cadáver’. **5.** Estas palavras deixaram Alexandre profundamente emocionado, por lhe recordarem a imprevisibilidade e insegurança da vida.

6. Também na Pérsia²⁷⁶ Calano, que vinha sofrendo, desde há algum tempo, de uma doença intestinal, pediu que se lhe preparasse uma pira funerária. **7.** Aproximou-se dela a cavalo, fez uma prece, aspergiu-se, depositou uma madeixa de cabelo e subiu para a pira, depois de se despedir dos Macedónios ali presentes; exortou-os a fazerem daquele um dia de alegria e de festa, juntamente com o rei, que – afirmava – havia de encontrar em breve em Babilónia²⁷⁷. **8.** Ditas estas palavras, deitou-se, cobriu a cabeça e ficou imóvel enquanto o fogo o envolvia; e

seu pai, Artaxerxes II, protagonizou uma questão sucessória sangrenta, tendo por opositor Dario, o primogénito real; apesar de mais novo, Oco revelou-se muito mais ambicioso e obstinado, quando o rei anunciou, como seu sucessor, Dario III. Oco não olhou a meios para reivindicar o poder. Foi então que se lembrou de utilizar a preferência de que Atossa, sua irmã, gozava junto do rei (Plutarco, *Vida de Artaxerxes* 26. 1-2). Tudo parece indicar que os objetivos de Oco tivessem encontrado em Atossa correspondência, sobretudo quando, após a execução de Dario, o herdeiro indigitado, as suas esperanças se viram reforçadas, ainda uma vez ‘incentivadas por Atossa’ (30. 1).

²⁷⁵ Situado em Pasárgadas, antiga capital da Pérsia.

²⁷⁶ Este episódio ocorreu em Susa. Sobre Calano, *vide supra* 65. Este filósofo indiano acompanhou o exército de Alexandre de regresso da Índia.

²⁷⁷ Assim profetizava a morte de Alexandre.

continuou quieto, na mesma posição, imolando-se, como antes, de acordo com um costume ancestral, o tinham feito os sábios da sua terra. **9.** O mesmo procedimento foi assumido, em Atenas, muitos anos mais tarde, por um outro indiano, que fazia parte da companhia de César; ainda hoje se mostra ‘o memorial do indiano’²⁷⁸.

LXX. 1. Alexandre, de regresso da pira, reuniu muitos amigos e comandantes à mesa; propôs-lhes um concurso de bebida - vinho sem mistura - e prometeu uma coroa ao vencedor. **2.** Aquele que mais bebeu, Prómaco, chegou a quatro côngios²⁷⁹. Recebeu o prémio, uma coroa no valor de um talento, mas não sobreviveu mais do que três dias. Dos restantes, segundo Cares²⁸⁰, quarenta e um morreram dos efeitos da bebida, vítimas de um tremendo arrefecimento que se apoderou deles após a bebedeira.

3. Em Susa Alexandre celebrou o casamento dos companheiros²⁸¹ e ele mesmo tomou por esposa a filha de Dario, Estatira²⁸²; atribuiu as mulheres de melhor condição aos

²⁷⁸ Este indiano esteve com César Augusto, em 20 a. C., quando o imperador se encontrava na Grécia.

²⁷⁹ Cerca de 13 litros.

²⁸⁰ *FGrHist* 125 F 19b.

²⁸¹ Esta festa celebrava, por um lado, a conquista do império persa, mas também, com os casamentos mistos entre militares macedónios e mulheres persas, a desejável fusão entre ocupantes e ocupados. Foram 80 as bodas de oficiais então realizadas, além de milhares de outras a nível do exército em geral. O objetivo não veio, todavia, a cumprir-se, porque muitos desses combatentes morreram pouco tempo depois, e outros repudiaram as esposas persas depois da morte de Alexandre.

²⁸² Estatira, como sua mãe, também ela Estatira de seu nome - a quem Arriano (7. 4. 4) chama Barsine -, a filha mais velha de Dario III, converteu-se, após a batalha de Isso, em cativa do vencedor (*vide supra* 21. 1-7. 30. 5). Era senhora de uma beleza sedutora que herdara dos pais (21. 6). É ainda sabido que Alexandre deu indicações para que as princesas persas sob sua custódia recebessem lições de grego e de cultura grega (Diodoro Sículo 17. 67. 1), dentro de uma política bem visível de

homens de melhor condição e organizou uma boda comum, não só para eles, mas também para os Macedónios que já antes tinham contraído matrimónio. Nessa festa, ao que consta, participaram 9 000 convivas; cada um deles foi presenteado com uma taça de ouro para as libações. Todos os demais pormenores da celebração foram também esplendorosos; Alexandre pagou as dívidas dos convidados, num total de 9870 talentos. 4. Antígenes, o Zarolho, cometeu a vigarice de se fazer passar por devedor e apresentar no banco alguém a reclamar que lhe tinha feito um empréstimo; em função disso pagou-se-lhe a conta. Depois veio a descobrir-se a fraude, e o rei, furioso, afastou-o da corte e demitiu-o do comando. 5. Antígenes tinha, no entanto, um *curriculum* militar de excelência. Era ele ainda um rapaz, na altura em que Filipe invadiu Perinto²⁸³, e apesar de atingido por

harmonização social entre vencedores e vencidos. Por isso, Alexandre, que já antes, em 327, tinha casado com Roxana, desposou (324 a. C.), em Susa, Estatira. São vários os testemunhos e versões que dão conta do brilho desta celebração (Arriano 7. 4. 1-8; Diodoro Sículo 17. 107. 6; Justino 12. 10. 9-10; Ateneu 538b-539a). A festa durou cinco dias e foi acompanhada por músicos, bailarinos e atores recrutados em todo o mundo grego. De resto, Alexandre tomava por esposa não apenas uma, mas duas princesas persas, a filha mais velha de Dario, Estatira, e a filha mais nova de Artaxerxes III. Assim, o autoproclamado sucessor de Dario e Artaxerxes casava com uma filha de cada um dos seus antecessores, numa vontade manifesta de dar continuidade ao regime persa. Já depois da morte prematura de Alexandre, Roxana, que então esperava um filho do rei, por ciúmes, atraíu Estatira com uma carta enganosa a uma cilada, para a matar, juntamente com a irmã Drípetis, casada na boda de Susa com Heféstion. Com a conivência de Perdicas, livrou-se dos cadáveres lançando-os num poço, que depois atulhou de terra (77. 6). Sobre o assunto, *vide* A. R. Burn, *Alexander the Great and the Hellenistic World*, London, 1964, 122, 170, 182; A. B. Bosworth, *Conquest and empire: the reign of Alexander the Great*, Cambridge, 1988, 64, 76, 156-157; B. L. Cook, 'Plutarch's use of *légetai*: narrative design and source in *Alexander*', *GRBS* 42. 4, 2001, 329-360.

²⁸³ Filipe invadiu Perinto, uma cidade da Trácia Propôntide, em 340 a. C. Sobre esta campanha, *vide* *The Cambridge Ancient History. VI. Macedon*, 254-255.

um tiro de catapulta num olho, não deixou que lhe retirassem o projétil nem se ausentou do combate antes de repelir o inimigo e de o fazer recuar para dentro das muralhas. **6.** Por isso, não foi capaz de se resignar com esta despromoção. Ficou evidente que iria pôr fim à vida, tal era a dor e o desespero que sentia. Mas o rei, temeroso de que isso acontecesse, abdicou da ira e deixou-o ficar com o dinheiro.

LXXI. 1. Os 30 000 rapazes que Alexandre tinha deixado para trás, em treino e recruta²⁸⁴, manifestavam agora tanto vigor físico e um aspeto tão agradável, além de darem mostras de grande destreza e de uma agilidade espantosa nos exercícios, que o rei ficou encantado. Os Macedónios, porém, sentiram-se melindrados e receosos de que Alexandre os tivesse em menor consideração. **2.** Por isso, quando ele fez regressar por mar os doentes e inválidos, tomaram essa decisão à conta de insulto e de desconsideração; diziam que, depois de ter usado esses homens para todo o serviço, se descartava deles agora, de forma humilhante, e os despachava para a pátria e para a família num estado muito diferente de quando os recrutou. **3.** Portanto pediam-lhe que os mandasse embora a todos, que considerasse inúteis os Macedónios todos, e ficasse com aquela rapaziada de bailarinos para partir à conquista do mundo. **4.** Alexandre não gostou do que ouviu e, aborrecido, aplicou-lhes uma repreensão severa; tratou de os afastar e de os substituir por Persas, passando a constituir com estes um corpo de guarda e a sua criadagem pessoal. **5.** Quando os Macedónios o viram rodeado da nova escolta, enquanto eles eram excluídos e tratados com desprezo, sentiram-se humilhados. Mas ao refletirem melhor sobre o caso, deram-se conta de que por pouco tinham entrado em paranóia por ciúme e raiva. **6.** Por fim, caíram em si e foram ter com

²⁸⁴ *Vide supra* 47. 6.

ele à tenda, desarmados e vestidos com uma simples túnica; em grande gritaria e com muitas desculpas, puseram-se-lhe à disposição, pedindo que os tratasse como tontos e ingratos que eram. **7.** Mas Alexandre não os recebeu, embora começasse a amolecer. Mas eles não desistiram; durante dois dias e duas noites, mantiveram-se à porta da tenda, em lamentos e apelos ao rei. **8.** Ao terceiro dia, ele apareceu, e ao ver a atitude deles, abatida e humilde, chorou durante muito tempo. Depois censurou-os com brandura e falou-lhes com amabilidade; desmobilizou os que já não estavam aptos com presentes generosos, e escreveu a Antípatro a recomendar que, em todos os concursos e nos teatros, lhes deviam ser sempre reservados os lugares da frente e o uso de coroas. **9.** Os órfãos de guerra, filhos dos caídos em combate, passaram a receber uma pensão²⁸⁵.

LXXII. 1. Quando chegou a Ecbátana, na Média²⁸⁶, e despachou os assuntos urgentes, voltou a ocupar-se de teatro e de festivais, uma vez que, da Grécia, tinham vindo 3000 artistas²⁸⁷. **2.** Aconteceu porém que, por essa altura, Heféstion teve uma febre. Como era jovem e tinha hábitos de militar, não conseguiu submeter-se a um regime severo; mal que o seu médico, Glauco, saiu para o teatro, ele tratou de almoçar; comeu um frango cozido, bebeu uma caneca enorme de vinho gelado, sentiu-se mal e em pouco tempo morreu. **3.** A dor de Alexandre perante esta perda foi terrível; deu ordem imediata para que se cortasse as crinas a todos os cavalos e mulos, em sinal de luto, e mandou derrubar as ameias das cidades vizinhas; o pobre do

²⁸⁵ Este motim assinalou um agravamento nas relações entre Persas e Macedónios e uma certa perda de controle por parte de Alexandre. Plutarco omite o castigo que o rei aplicou aos responsáveis pela contestação, que foram punidos de morte, segundo Arriano 7. 8.

²⁸⁶ No Outono de 324 a. C.

²⁸⁷ Eram os chamados 'artistas de Dioniso', que passaram a organizar-se em grupos que circulavam por todo o mundo grego.

médico foi crucificado, proibiu flautas e todo o tipo de música no acampamento durante largo tempo, até que um oráculo de Ámon lhe mandou prestar homenagem a Heféstion e fazer-lhe sacrifícios como a um herói. **4.** Serviu-se do combate como de uma consolação para o seu luto; passou a atacar seres humanos como se fossem caça; liquidou o povo dos Cossieus²⁸⁸, a começar pelos mais novos, sem exceção. A esta atitude chamou ele ‘uma oferenda’ a Heféstion. **5.** No túmulo e em exéquias faustosas em honra do amigo propôs-se gastar 10 000 talentos, querendo que, em tecnologia e em originalidade, a construção ultrapassasse a despesa. As suas preferências foram para Estasícrates²⁸⁹, porque, nas novidades que criava, havia sempre grandiosidade, ousadia e ostentação. **6.** Este era o homem que um dia, numa conversa²⁹⁰, lhe tinha dito que o monte Atos²⁹¹, na Trácia, era de todas as montanhas a que melhor se prestava a representar o recorte e a forma de um homem. **7.** Se Alexandre lho encomendasse, ele faria do monte Atos a estátua mais inovadora e mais extraordinária do rei: com uma cidade de 10000 habitantes na mão esquerda, e na direita a nascente de um rio, de corrente volumosa, a descer para o mar. **8.** Este projeto, Alexandre não o aceitou. Mas agora empenhava-se, junto dos seus artistas, em

²⁸⁸ Tribo da Susiana, uma região vizinha de Ecbátana.

²⁸⁹ D. Magnino, *Plutarco. Vite. Alesandro, Cesare*, Milano, ¹¹1998, 205, considera haver um erro de referência no nome de Estasícrates, quando se tratava de Dinócrates de Rodes, a menos que o primeiro fosse um colaborador deste último. Dinócrates de Rodes aparece com alguma insistência referido como o arquitecto de Alexandria (Vitrúvio II pref. 4; Valério Máximo 1. 4. 7; Plínio, *História Natural* 5. 62; Estrabão 14. 1. 23; Amiano Marcelino 22. 16) e, em geral, como um técnico de excepcional competência (Vitrúvio II pref. 1 *architectus cogitationibus et sollertia fretus*; Plínio 5. 62 *architectus pluribus modis memorabili ingenio*; Amiano 22. 16. 7 *architecti sollertia Dinocratis*).

²⁹⁰ Talvez aquando da construção de Alexandria.

²⁹¹ O monte Atos ocupa a península mais a oriente na região da Calcídica.

elaborar planos mais extravagantes e dispendiosos do que esse.

LXXIII. 1. A caminho de Babilónia²⁹², Nearco (que estava outra vez de volta, depois de navegar, através do oceano, até ao Eufrates) disse ao rei que se tinha encontrado com uns Caldeus, que o preveniram de que Alexandre se devia manter afastado de Babilónia. **2.** Alexandre não prestou atenção ao assunto e continuou a avançar. Quando já se encontrava diante das muralhas, viu uma quantidade de corvos a sobrevoarem, que se atacavam uns aos outros; houve uns tantos que lhe vieram cair aos pés, mortos. **3.** Ao saber que Apolodoro, o governador de Babilónia, tinha feito um sacrifício para lhe conhecer o destino, Alexandre mandou chamar o adivinho, Pitágoras. **4.** Este não negou que o tinha feito; e Alexandre quis saber qual o resultado do sacrifício. Quando foi informado de que o fígado da vítima não tinha lóbulos, exclamou: 'Ai de mim! Mau sinal!' **5.** Mas não aplicou a Pitágoras qualquer sanção; simplesmente lamentou não ter seguido o conselho de Nearco e deixou-se ficar um longo período de tempo fora de Babilónia, ora na tenda, ora a navegar pelo Eufrates. **6.** Muitos outros sinais o vieram perturbar. Um dos leões, por exemplo, o maior e mais pujante da sua criação, foi atacado por um mulo e escoicinhado até à morte. **7.** Num outro dia, Alexandre despiu-se para fazer exercício e jogar a bola; os rapazes que participavam no jogo com ele, na altura de se voltarem a vestir, viram um homem sentado no trono em silêncio, com o diadema e as vestes reais. **8.** Quando se lhe perguntou quem era, durante muito tempo ficou calado. Só a custo pareceu despertar e disse então chamar-se Dionísio e ser oriundo da Messénia; acrescentou que tinha sido objeto de acusações por um crime e que o tinham trazido da costa e posto a ferros por largo tempo. **9.** Mas que naquele preciso momento

²⁹² No início de 323 a. C.

Serápis²⁹³ lhe tinha aparecido e o tinha libertado das grilhetas e trazido para ali; mandou-o então vestir os trajos régios, pôr o diadema e sentar-se no trono sem dizer palavra.

LXXIV. 1. Quando ouviu esta história, Alexandre livrou-se do sujeito, a conselho dos adivinhos. Mas começou a mostrar-se depressivo, cético quanto aos favores divinos e desconfiado dos amigos. **2.** Os seus temores iam sobretudo para Antípatro e os filhos²⁹⁴, um dos quais, Iolas²⁹⁵, era o chefe dos copeiros. O outro, Cassandro²⁹⁶, tinha acabado de chegar e, ao ver uns bárbaros prostrarem-se diante do rei, ele que tinha sido educado à grega e nunca tinha visto semelhante protocolo, desatou a rir em ar de troça. **3.** Alexandre ficou danado; agarrou-o pelos cabelos com ambas as mãos e bateu-lhe com a cabeça na parede. **4.** Numa outra ocasião, quando Cassandro reagiu perante uns sujeitos que faziam acusações contra Antípatro, Alexandre interrompeu-o com este comentário: ‘O que queres tu dizer? Que estes sujeitos se dispunham a fazer uma tal viagem se não tivessem sérias razões de queixa, só para lançarem uma calúnia?’ **5.** E quando Cassandro contrapôs que essa era exatamente a prova de que se tratava de uma calúnia – que tivessem feito uma longa viagem para se afastarem de qualquer desmentido –, Alexandre pôs-se a rir e disse: ‘Ora aí temos nós os famosos sofismas

²⁹³ Por vezes o deus Serápis foi identificado com Dioniso, como também com Hades, pelas suas prerrogativas ctónicas. Como deus curador pôde também ser aproximado de Asclépio.

²⁹⁴ Depois de afastado da regência da Macedónia, Antípatro veio com reforços para o exército em campanha. Só regressou à pátria depois da morte de Alexandre e veio ele mesmo a morrer em 319 a. C.

²⁹⁵ Este era, dos filhos de Antípatro, o mais novo, e veio a ser suspeito do envenenamento de Alexandre (*vide infra* 77. 2).

²⁹⁶ Este outro filho de Antípatro, o mais velho, tinha vindo na intenção de defender o pai de acusações de que estava a ser vítima. Talvez estivesse nas perspetivas de Antípatro, ao procurar integrá-lo na corte de Alexandre em Babilónia, a esperança de que ele se afirmasse junto do rei.

à Aristóteles, daqueles que servem ambos os lados da questão. Vais-te arrepender se provocares a estes sujeitos o mais pequeno incómodo'. **6.** É voz corrente que foi tão profundo o receio que se entranhou no espírito de Cassandro, que, muitos anos mais tarde, já ele era rei da Macedónia e governador da Grécia²⁹⁷, ao passar-se por Delfos a admirar as estátuas, de repente a visão de uma imagem de Alexandre lhe provocou tal susto que o deixou trémulo e vacilante; aquela visão transtornou-o de uma tal maneira que só a custo se recompôs²⁹⁸.

LXXV. 1. Alexandre, que então se tinha tornado suscetível às manifestações da vontade divina, de espírito apreensivo e receoso, passou a entender qualquer ocorrência rara ou estranha, por mais insignificante que ela fosse, como um prodígio ou um portentoso. Nessa altura o palácio encheu-se de sacrificadores, purificadores e adivinhos. **2.** Da mesma forma que é terrível a incredulidade e o desprezo pelos deuses, é também terrível a superstição; tal como a água corrente tende sempre a descer, pois foi a superstição que deprimiu um Alexandre que se tinha tornado num poço de medos²⁹⁹. **3.** Quando lhe chegaram os oráculos do deus a propósito de Heféstion, Alexandre esqueceu-se das suas preocupações e entregou-se de novo aos sacrifícios

²⁹⁷ Cassandro governou a Macedónia depois da morte do pai. Foi responsável pelo assassinio de Olímpia, Roxana e do filho que esta tinha tido de Alexandre, procurando assim eliminar todos aqueles que se opusessem aos seus desígnios de poder. O seu reinado decorreu entre 305 e 297 a. C.

²⁹⁸ G. Bendinelli, 'Cassandro di Macedonia nella vita plutarchea di Alessandro Magno', *RFIC* 93. 2, 1965, 150-164, admite que esta visita pudesse ter ocorrido por volta de 302, depois da estabilização do poder de Cassandro na Macedónia e cerca de vinte anos após a morte de Alexandre. Há boas razões para pensar, segundo o mesmo estudioso, que por esta altura abundassem imagens do rei por todo o mundo grego e oriental.

²⁹⁹ O texto, que é corrupto neste passo, deixa margem a algumas dúvidas de interpretação.

e à bebida. **4.** Fez uma festa esplêndida em honra de Nearco e, a seguir, já depois de ter tomado um banho como costumava fazer antes de ir para a cama, a convite de Médio³⁰⁰, entendeu ir para uma orgia com ele. **5.** Foi então que, depois de ter estado a beber toda a noite e o dia seguinte, começou a ter febre. Esse sintoma não sobreveio nem a seguir a ele ter bebido uma ‘taça de Hércules’³⁰¹, nem na altura em que, de repente, sentiu uma dor nas costas, como se tivesse sido ferido por uma espada. Estes são pormenores que alguns historiadores entenderam dever dar, de modo a inventarem, à maneira trágica, um desfecho patético para uma grande ação. **6.** Diz Aristobulo³⁰², porém, que ele teve uma febre altíssima e que, ao sentir sede, bebeu vinho. Foi a partir daí que entrou em delírio e morreu, no dia trinta do mês Désio³⁰³.

LXXVI. 1. Nos diários³⁰⁴ escreveu-se, sobre a doença do rei, a informação seguinte: No dia 18 do mês Désio³⁰⁵, Alexandre foi dormir para a sala de banho, por se encontrar febril. **2.** No dia seguinte, após o banho, retirou-se para o quarto e passou o dia a jogar dados com Médio. Depois, mais tarde, voltou a tomar banho, fez sacrifícios aos deuses, comeu e de noite a febre

³⁰⁰ Médio, originário de Larissa, na Tessália, era um amigo pessoal de Alexandre. Veio a ser acusado de participação na morte do rei.

³⁰¹ Ou seja, uma taça grande, com asas. Esta é a versão de Diodoro Sículo 17. 117 e de Quinto Cúrcio 10. 4. Logo Alexandre teria sido vítima de consumo excessivo de álcool. Diodoro Sículo, de facto, sublinha o tamanho da taça e a dose de vinho sem mistura que Alexandre ingeriu ‘até à última gota’. Qual foi a verdadeira causa da morte do rei – o álcool, envenenamento, uma febre malária – continua um mistério.

³⁰² *FGrHist* 139 F 59.

³⁰³ Não há unanimidade, como se verá pelo capítulo seguinte, sobre a data precisa da morte de Alexandre. 10 de Junho de 323 é uma hipótese. A versão oficial estabelece que a morte de Alexandre terá ocorrido a 28 do mesmo mês.

³⁰⁴ *Vide supra* 23. 4 e nota respetiva.

³⁰⁵ Ou seja, 2 de Junho.

voltou. **3.** No dia 20, outra vez a seguir ao banho, voltou a fazer o sacrifício habitual. E foi nesta mesma sala que passou o tempo deitado, com Nearco, a ouvi-lo contar a história da viagem pelo oceano. **4.** O dia 21 passou-o da mesma forma, ainda que com mais febre. Durante a noite sentiu-se mal e no dia seguinte teve um febrão. **5.** Mudaram-lhe então a cama de sítio e deixaram-no deitado junto da piscina, a conversar com os generais sobre as vagas que havia no comando e como tencionava preenchê-las com gente competente. **6.** No dia 24, a febre estava ao máximo e tiveram de o trazer para fazer sacrifícios. Mesmo assim, deu ordem às altas patentes para permanecerem no pátio, e aos comandantes das divisões e das companhias para passarem a noite fora. **7.** Levaram-no para o palácio do outro lado do rio no dia 25, e dormiu um pouco, mas a febre não baixou. Quando os comandantes se abeiraram do leito, ele já não falava, tal como no dia 26. **8.** Por isso os Macedónios perceberam que ele tinha morrido e foram pôr-se aos gritos à porta; ameaçaram os companheiros até forçarem a entrada. Franqueadas as portas, vestidos apenas com uma túnica, desfilaram um por um junto do leito. **9.** Nesse mesmo dia, Píton³⁰⁶ e Seleuco³⁰⁷ foram enviados ao templo de Serápis para perguntar se deviam trazer Alexandre para ali. O deus respondeu-lhes que deviam deixá-lo onde estava. No dia 28, à tardinha, Alexandre morreu.

LXXVII. 1. Boa parte desta descrição corresponde, palavra por palavra, ao que vinha escrito nos diários. **2.** Quanto a suspeitas de envenenamento, na altura ninguém teve nenhuma; só cinco anos mais tarde, ao que se diz, perante uma denúncia, Olímpia mandou matar muita gente e espalhou as cinzas de Iolas, já morto tempos antes, sob o pretexto de que tinha sido

³⁰⁶ Figura destacada que veio a ser sátrapa da Média.

³⁰⁷ *Vide supra* 42. 1.

ele a ministrar o veneno. **3.** Outros acusam Aristóteles de ter incentivado Antípatro a tomar essa iniciativa, e que foi da sua responsabilidade o envenenamento; mencionam um tal Hag-nótemis como sua fonte, que afirmava ter ouvido essa história ao rei Antígono. **4.** O veneno era água gelada, provinda de um penhasco em Nónacris³⁰⁸; essa água, que recolhem como se se tratasse de um orvalho leve, guardam-na no casco de um burro. Não há nenhum outro recipiente que a possa conservar, pois qualquer um se partia por ela ser tão fria e ácida. **5.** Boa parte dos cronistas, porém, pensa que a versão do envenenamento é pura fantasia. E é uma prova importante em seu favor que, no período dos conflitos entre os comandantes de Alexandre³⁰⁹, que duraram muitos dias, o seu cadáver, embora sem quaisquer cuidados e exposto em sítios quentes e húmidos, não deu sinal de envenenamento, mas sempre se manteve puro e intacto.

6. Roxana estava grávida e por isso gozava de grande consideração entre os Macedónios. Mas ela tinha ciúmes de Estatira³¹⁰; enganou-a então com uma carta forjada e fê-la vir ao seu encontro; quando a apanhou lá, matou-a, juntamente com a irmã; atirou os corpos a um poço e encheu-o de terra, com o conhecimento e a cumplicidade de Perdicas³¹¹. **7.** Porque foi ele que logo se catapultou para o poder, servindo-se de Arrideu³¹²

³⁰⁸ Nónacris é o nome de uma cidade pequena, no norte da Arcádia. A água provinha do rio Estige; não se trata de um líquido venenoso, mas realmente gélido, o que criou uma associação do rio com a morte.

³⁰⁹ Ou seja, no período dos conflitos a propósito da sucessão de Alexandre. Parece ter-se chegado a um compromisso frágil, com uma eventual partilha de poder entre o filho de Roxana, quando ele nascesse, e o meio-irmão de Alexandre, Arrideu. Mas na verdade, esta hipótese não pôs fim a uma questão que se prolongou por mais umas décadas. Só com a batalha de Ipsos, em 301 a. C., se estabeleceu a repartição do império em vários reinos.

³¹⁰ *Vide supra* nota 147.

³¹¹ *Vide supra* nota 85.

³¹² *Vide supra* nota 50.

como aval da sua soberania. Este era filho de uma mulher anónima e vulgar, chamada Filina; era um deficiente mental devido a uma doença que tinha tido, não propriamente um mal congénito, nem a consequência de um acidente; **8.** diz-se até que, em pequeno, era uma criança esperta e promissora; mas, mais tarde, Olímpia deu-lhe uma droga que deu cabo dele e o tornou um demente.

(Página deixada propositadamente em branco)

A VIDA DE CÉSAR

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

César foi uma figura determinante e controversa, tanto no seu tempo como ao longo da história. Abriu caminho para o principado, antecipando já várias prerrogativas que caracterizariam o governo de Augusto. A sua inovação constitucional, vista por muitos como aspiração monárquica, produz-se, à semelhança do que tinha feito Sula, através do alargamento do âmbito cronológico e das competências de uma magistratura tão antiga como a República romana, ou até mais – a ditadura. Apesar de tal estratégia ter fracassado nos Idos de Março, muitos o consideram já o primeiro da série dos imperadores, pelo menos a partir de Trajano¹. De qualquer modo, ele junta o título de *imperator* ao seu nome; e o seu *cognomen* – *Caesar* – transformou-se em nome de imperadores, romanos e não só. Por isso, o biógrafo Suetónio, que escreve já no tempo de Adriano, o colocará à cabeça dos seus *Doze Césares*. Por seu turno, Plutarco também escreveu um conjunto de *Vidas dos Césares*, de Augusto a Vitélio, de que sobrevivem apenas duas: as de Galba e Otão.

A ascensão de César apoia-se sobretudo em dois fatores: uma persistente política popular em Roma e o êxito fulgurante na carreira das armas, tanto na conquista de novos territórios, como nas guerras civis, contra Pompeio e, depois da morte deste, contra os restantes defensores da antiga República, de que se destacou Catão, que se suicidou em Útica em 46 a.C. Plutarco, ao emparelhar César com Alexandre, põe antes de

¹ Tácito, *Anais*, 13.3; Plínio, *Cartas*, 5.3.5; Apiano, *História Romana*, Pref. 6. Vide La Penna 1987: 294.

mais em relevo a sua fama de grande conquistador, o aspeto da personalidade claramente mais admirado pelo biógrafo de Queroneia. Mas a ambição (*philotimia*) que reiteradamente move César transforma-se no seu lado negro que o conduzirá à morte, mecanismo amiúde usado por Plutarco para justificar a queda dos biografados.

1. BIOGRAFIA DE UM HOMEM DE AÇÃO: ENTRE PLUTARCO E SUETÓNIO

Plutarco escreve biografia, o que para os antigos tem um significado especial, como género distinto da história. Não será por acaso o facto de ser justamente no limiar deste par de *Vidas* (*Alexandre* e *César*) que Plutarco coloca a sua mais conhecida distinção entre género biográfico e historiográfico (cf. *Alexandre*, 1.2). Aqui o autor propõe-se escrever não *História*, mas *Vidas*. E reconhece que nem sempre é nos feitos mais notáveis que se manifesta o objeto da biografia, isto é, a “virtude” e o “vício”. Daí a importância que atribui a “um pequeno ato”, “um dito”, “um gracejo”, que podem contribuir mais para a revelação do carácter (*ethos*) do que grandes feitos militares. Tal introdução programática deve ser, como nota Pelling, bastante significativa num par em que abunda aquele material característico da historiografia². Prepara, desde logo, o leitor para omissões de grandes feitos (*Alexandre*, 1.1.). Por outro lado, Plutarco reitera que vai em busca de traços de carácter, os sinais da alma, numa perspectiva moralizante; e a partir deles retrata a vida (*Alexandre*, 1.3).

² Pelling 2011b: 259-260. Segundo este autor, a introdução ao par de *Vidas* sugere a polaridade entre pequenas e grandes coisas: em *Alexandre* são as pequenas coisas que o destroem; César não tem tempo para mais senão para as grandes coisas: não tem tempo para o amor nem para ser grande orador.

Qual será o objetivo deste tratamento ético? Aparentemente, recorre a ele para proveito do leitor e também do autor, segundo ele próprio afirma na abertura da *Vida de Emílio Paulo* (1.1). Aí confessa que, embora tivesse começado a escrever biografias a pensar nos outros, as escrevia agora para seu próprio proveito “usando a história como um espelho” de modo a modelar a sua vida nas virtudes descritas. Trata-se, portanto, da *mimesis*³ que os atos virtuosos despertam, um processo de emulação da parte de quem os observa, como o autor diz na *Vida de Péricles* (1.4 e 2.2-4).

Quando escreve a *Vida de César*, Plutarco tinha já composto o conjunto das *Vidas dos Césares*. Estas parecem, pois, estar mais próximas da história, como era entendida pelos antigos, do que as *Vidas paralelas*⁴. Mas a *Vida de César* é mais histórica do que o habitual pela própria tessitura dos eventos, perspetivada amiúde em torno dos dramas das massas das guerras civis⁵: do povo, dos soldados. E neste par *Alexandre-César* a história aproxima-se da crónica individual destes homens, algo de semelhante ao que aconteceu com as *Vidas de Galba e Otão*, as sobreviventes das *Vidas dos Césares* – o tipo de narrativa próximo da história política. De facto, no início da *Vida de Galba* (2.5), Plutarco concede que a narrativa exata e circunstancial pertence à «história pragmática» (*pragmatike historia*), ou história política, mas, como estes incidentes (os confrontos de 68-69 d.C.) tiveram influência nos feitos (*erga*) e sofrimentos (*pathe*) dos

³ Conceito importante para Plutarco: *vide* Hershbell, 1997: 225-243. Diz este autor (p. 238): “In brief, for Plutarch, good Platonist that he was, poetry and other forms of «imitation» such as historical and biographical writings, exercised strong psychological effects on their readers, and could be used for educational purposes, especially for moral improvement.” *Vide* Brandão 2012: 18 ss.

⁴ *Vide* De Blois 2008 : 7 e n. 10. De resto, segundo Hershbell 1997: 235, as *Vidas* de Plutarco parecem estar mais próximas da história do que é por vezes reconhecido. *Vide* Brandão 2012: 18.

⁵ *Vide* La Penna 1987: 257 ss; Duff 1999: 20-21; Pelling 2011: 21-23.

Césares, não podem ser passados em claro numa biografia⁶. A verdade é que a vida de César se confunde com a história política de Roma no final da República, tal como, durante o Império, a história política se confunde com a vida de cada imperador (o que motivará Suetónio a escrever biografias dos Césares e não *annales*).

É, pois, inevitável a comparação com a *Vida de César* da autoria do biógrafo latino Suetónio. Com efeito, há notórias diferenças de perspectiva e de método, na seleção e no uso de material, entre os dois autores. A mais evidente será que, enquanto o *César* de Plutarco se apresenta como uma narrativa cronológica do nascimento à morte (a despeito das alterações propositadas ou acidentais à cronologia), o esquema de Suetónio é considerável e explicitamente diferente: é na *Vida de Júlio César* que o biógrafo latino apresenta uma das suas principais intervenções metodológicas através de uma *partitio*, em que diz que depois do resumo da vida irá tratar aspetos de personalidade por rubricas (*Júlio César*, 44.4)⁷: o retrato físico (45.1-2); vestuário(45.3); habitação (46); gosto pelo requinte e arte (47); receções e disciplina doméstica (48); vida sexual: dividida em *impudicitia* (49) e adultérios (50-52); moderação no vinho e na comida (53); tendência para a extorsão nos cargos (54); eloquência e atividade militar (respetivamente 55-56 e 57-70); dedicação e fidelidade aos clientes (71); afabilidade para com os amigos (72); prontidão a perdoar as ofensas (73); suavidade na vingança (74); *moderatio* e *clementia* na guerra civil e na vitória

⁶ No caso destes imperadores, a *praxis*, objecto da história, tem influência sobre o *pathos*, de que trata a biografia e que a aproxima da “história trágica”. Vide Hershbell 1997: 239; Tagliasachi 1960:125-142.

⁷ «Realizava e projetava ele tais ações quando a morte o surpreendeu. Antes de falar desta, não será inoportuno expor aqui, em traços gerais, o que à sua figura e ao vestuário e à apresentação e aos costumes e, não menos, o que às suas ocupações civis e militares disser respeito».

(75). De acordo com outra distinção introduzida na *Vida de Augusto*⁸ entre exposição cronológica (*per tempora*) e por rubricas (*per species*), o biógrafo latino sugere que a parte eidográfica é pormenorizada (*singillatim*), enquanto a parte cronológica tende a ser resumida (*summa*): e assim verificamos que acontece em geral nas *Vidas* deste autor, e, de modo particular, na de César.

Em Plutarco o método é diferente: o *ethos* infere-se a partir mais das ações e ditos apresentados normalmente em contexto narrativo, pelo que o retrato é na maior parte das vezes indireto. Plutarco concentra-se sobretudo no homem de ação militar e política, e assim define o biografado desde o início da *Vida*. Na verdade, enquanto Suetónio (*Júlio César*, 55) afirma que César rivalizou com os melhores tanto nas armas como na eloquência ou até os superou⁹, Plutarco (*César* 3.3), a propósito da formação, estabelece, desde logo, uma diferença entre o desenvolvimento dos dotes oratórios e dos político-militares: «Aquela intensidade da palavra, para a qual os dotes naturais o instigavam, não a conseguiu atingir, por causa dos comandos militares e da política, na qual obteve a primazia». O próprio César se escusa da eventual falta ao estilo na composição do *Anticatão* com a falta de tempo, por comparação com o autor do *Catão*, Cícero (*César*, 3.4). De resto, esta avaliação vem antecedida da significativa narrativa da extraordinária aventura em que César, depois de ter sido raptado por piratas e resgatado, vai, por iniciativa própria, no encalço deles e, depois de os capturar, dá-lhes o castigo com

⁸ «Apresentada que foi uma espécie de resumo da sua vida, vou agora prosseguir com os vários aspetos, um por um, não pela ordem cronológica, mas através de rubricas, para que se possa tornar mais evidente quer a exposição, quer a compreensão». Depois de uma parte cronológica inicial, segue-se uma parte sistemática e finalmente uma parte cronológica para tratar a morte.

⁹ E fundamenta-se no testemunho favorável de Cícero (*Bruto*, 261) e de Cornélio Nepos.

que os tinha ameaçado (*César* 1.7-2.7).

Assim, podemos dizer que, em termos de método, Plutarco se aproxima mais que Suetónio dos historiadores antigos. É consensual que Plutarco dá mais espaço à história pragmática que outros biógrafos¹⁰. E, se o biógrafo latino se alarga incomparavelmente mais no tratamento por rubricas, na parte cronológica é, pelo contrário, mais breve do que Plutarco, sobretudo quando se trata de guerras. Enquanto Suetónio resume as campanhas na Hispânia, quando César era propretor, à expressão *pacataque prouincia* («pacificada a província») (*Júlio César*, 18.1), Plutarco (*César*, 12) fala de recrutamentos e de expedições contra os Galaicos e Lusitanos até atingir o mar, os limites do mundo conhecido, bem como do facto de ter sido aclamado *imperator* pelos soldados, satisfeitos com os lucros que ele lhes trouxe. E, mais flagrante, os nove anos da guerra da Gália concentra-os Suetónio num resumo das vitórias e das raras derrotas (*Júlio César*, 25), enquanto Plutarco apresenta um longo relato (*César*, 15-28). A mesma distinção para as operações da guerra civil – Suetónio sugere uma «súmula ordenada» dos acontecimentos, e trata o assunto em apenas três secções (*Júlio César*, 34-36), nada que se compare com a longa narrativa de Plutarco (*César*, 28-56). Tal se poderia explicar de forma simplista pelo facto de o biógrafo de Queroneia escrever para Gregos e Suetónio escrever para Romanos, que conheciam bem o assunto. Mas em Plutarco o relato da gesta tem sempre muita importância¹¹, e mais uma vez a razão do emparelhamento com o *Alexandre* terá o seu peso.

Mas também é verdade que Plutarco dá relevo a uns episódios e corta outros, como avisou no início da *Vida de*

¹⁰ Vide La Penna 1987: 283.

¹¹ Vide La Penna 1987: 249-253.

Alexandre, o que reforça a perspectiva biográfica. Omite, por exemplo, a guerra naval contra os Vénetos (da Gália) e outros episódios do mesmo ano; trata em conjunto as duas expedições à Britânia; faz generalizações sobre o levantamento da Gália para se centrar no cerco de Alésia; pelo que omite assédios importantes, como o cerco da cidade de Avárico e um massacre de 40 mil pessoas, incluindo velhos, mulheres ou crianças; omite o frustrado ataque a Gergóvia; omite uma retumbante vitória de Labieno em Lutécia; tal como ignora feitos posteriores à derrota de Vercigétorix: as campanhas de 51 a.C. Mas dado o tom encomiástico em que é tratada a guerra da Gália, eliminam-se os factos menos bons ou que não digam diretamente respeito ao biografado¹². O mesmo acontece com combates durante a guerra civil – por exemplo a omissão de vários combates na Hispânia.

E, por outro lado, não quer dizer que o queronense não use a explanação por rubricas: Plutarco usa este método nas secções 15-17¹³. Mas o retrato direto apresentado neste segmento não abarca toda a personalidade de César; descreve sobretudo as suas qualidades de comandante e de soldado, pelo que funciona como introdução à guerra da Gália e à guerra civil, como nota La Penna (1987: 234). Inclui referências à devoção dos soldados e ao desvelo de César para com os seus homens, à sua resistência face à aparência física débil e ao regime alimentar, aspetos ilustrados com algumas anedotas decorridas no contexto das guerras. Há similitude de tratamento e de conteúdo com o excursu descritivo de Alexandre (*Alexandre*, 22-23), apresentado depois da narrativa da batalha de Isso. Este trecho encomiástico

¹² Vide Pelling 2011: 263-268. Cf. notas a 22.1; 23.4; 24.7; 26.4; 27.10.

¹³ Além de outros pedaços descritivos muito breves intercalados na narrativa (3.1; 3.2; 69.2; 69.12). Vide La Penna 1987: 232-233.

encontra um paralelo, embora bastante mais amplo e mais copioso de *exempla*, em Suetónio (*Júlio César*, 57-70), integrado num conjunto de rubricas que o biógrafo anuncia em 55.1 e engloba em *eloquentia militarisque res*.

A diferença de tratamento torna-se notória se atentarmos na breve referência de Plutarco ao aspeto físico, incluída nesta parte (*César*, 17.2) — «A sua resistência à fadiga era espantosa, comparada com a força que o corpo parecia ter, já que apresentava um ar débil, uma carnadura branca e delicada, sofria da cabeça e estava sujeito a ataques epilépticos». A comparação com o correspondente retrato apresentado por Suetónio na rubrica com que inicia precisamente a parte descritiva é esclarecedora: pois este autor acrescenta ao retrato físico, mais completo (*Júlio César*, 45.1)¹⁴, uma série de informações sobre os excessivos cuidados do corpo e do cabelo e o seu modo de vestir considerado efeminado (*Júlio César*, 45.2-3)¹⁵. Enquanto Plutarco quer destacar a força anímica por contraste com a debilidade física, Suetónio apresenta uma imagem realista de vigor e beleza, uma imagem que é reflexo de equilíbrio e harmonia, características que César partilha com os imperadores bons, mas também

¹⁴ «Era, segundo se diz, de estatura elevada, tez clara, membros bem proporcionados, o rosto um pouco mais cheio, olhos negros e vivos, saudável constituição, se bem que para o final da vida costumava perder os sentidos e ser acometido de terrores durante o sono. Teve por duas vezes ataques de epilepsia enquanto despachava assuntos».

¹⁵ «Com os cuidados corporais era bastante demorado: não só punha todo o afincado a aparar o cabelo e a fazer a barba, mas até se depilava, na opinião censuradora de alguns. Suportava muito mal o defeito da calvície, por perceber que o expunha amiúde às zombarias dos seus detratores. Por isso, costumava recompor o cabelo em falta, puxando-o do alto da cabeça; e, de todas as honras que lhe foram decretadas pelo senado e pelo povo, nenhuma recebeu e aplicou com maior vontade do que o direito de usar sempre uma coroa de louros. Dizem que era digna de nota também a forma de vestir: usava a túnica laticlávica com franjas até às mãos e sobre ela se cingia sempre, deixando a cintura bastante folgada».

coerente com os seus feitos e com a sua vida amorosa, largamente descrita¹⁶. Assim, a relação de continuidade entre *ethos* e físico, presente no César de Suetónio, é quebrada no de Plutarco. E uma rubrica a que Plutarco não dá atenção, a da vida sexual e afetiva, é largamente desenvolvida por Suetónio (*Júlio César*, 49-52) e organizada de tal modo que não se pode desligar da ambição pessoal e da atuação política de César, como veremos. Deste modo, o conhecimento do lado pessoal de César procede sobretudo de Suetónio, enquanto Plutarco nos apresenta o homem público, como nota Pelling (2011b: 260), para quem a *Vida de César* é a mais histórica e a menos íntima e pessoal das *Vidas* de Plutarco¹⁷.

Portanto, Suetónio como que disseca o homem física e moralmente, separa os elementos, pesa-os e classifica-os para uma compreensão o mais completa possível. Plutarco tende a procurar mais no homem em ação os sinais reveladores da essência, sem se preocupar tanto em esgotar os acidentes.

2. A AMBIÇÃO E A CONSOLIDAÇÃO DO PODER PESSOAL

Um dos temas que mais informa este par de *Vidas* é, pois, o da ambição¹⁸. As duas *Vidas* têm uma série de temas paralelos, mas a crítica da ambição de César não tem paralelo em Alexandre, como nota Buszard (2008: 197-198). De facto, o topos da *philotimia* vai aparecendo ao longo da vida. É a *philotimia* que preside à inclinação para a retórica política, suplantada pela das armas e pelo poder político (*César*, 3.2-3);

¹⁶ Na ligação entre *eidos* e *ethos*, a imagem de César é pois balanceada. Os traços que partilha com os tiranos estão não no aspeto físico, mas no sono perturbado, no excessivo cuidado do corpo e no adorno alambicado. Vide Gascou, J. 1984: 733; Brandão 2009: 341-342; 353-354.

¹⁷ Vide Pinheiro 2010: 263.

¹⁸ Vide Duff 1999: 85-87; Buszard 2008: 194ss

que o faz superar, através das prodigalidades enquanto edil, a ambição dos predecessores (*César*, 5.9 e 6.1); que o leva a candidatar-se ao cargo de Pontífice Máximo contra adversários muito poderosos (*César*, 7.2); que explica o seu amor pelo risco enquanto comandante (*César*, 17.2) e o desejo de glória dos próprios soldados (*César*, 17.1); que o faz apressar-se a ir para Útica, para capturar Catão vivo, e lamentar, depois, a morte deste, como que defraudado (*César*, 54.1); que o leva a escrever um *Anticatão* em resposta ao *Catão* de Cícero (*César*, 54.4). Plutarco representa desde o início César como alguém determinado a atingir o primeiro lugar em Roma¹⁹, e todos os outros aspetos parecem ceder a palma a esta faceta. As formas que assume a *philotimia* e os meios de que se serve são variados. As partes narrativas falam por si, mas os segmentos onde Plutarco expressa o seu pensamento ajudam a esclarecer o fundamento das motivações do biógrafo e do biografado.

2.1. *Política popular*

A base do poder de César reside no povo, que ele corteja sem olhar a custos. Se Plutarco tende a centrar a narrativa no povo, por oposição ao senado, César apresenta-se desde o início da *Vida* como o campeão do *demos*²⁰, um típico demagogo que, de acordo com o pensamento político grego²¹, alvoroça a multidão contra o senado até se tornar um tirano, como salienta Duff (1999: 303)²². Para tal, usa a eloquência no forum, mas também a afabilidade no trato e os jantares que oferece (*César*,

¹⁹ Como salienta Beneker 2003: 23.

²⁰ E, por isso, acabam por ficar muitos outros fatores de lado, como os cavaleiros, os laços de clientela, as razões dos veteranos, etc. *Vide* Pelling 1995: 319-356; 2011: 19-22.

²¹ Segundo a teoria de Platão, *República*, 562a-576b

²² *Vide* Pinheiro 2010: 263.

4.4-5). Plutarco, ao fazer um balanço da ascensão com base no apoio popular, constata que tal poder cresceu primeiro pouco a pouco e de modo impercetível para muitos, pelo que, quando os opositores deram conta, já o poder de César era irrefreável (*César*, 4.6-7).

E cruzada com a ideia da ambição e da demagogia, a ameaça da tirania está sempre presente – o objetivo mais funesto (*kakon*) da ambição de César. Cícero percebeu desde o início a intenção tirânica (*tyrannike dianoiá*) na forma como César cortejava o povo (*César*, 4.8-9), suspeita que tinha sido já antes implicitamente levantada pelo próprio Sula, que dissera aos que defendiam o rapaz que havia em César muitos Mários (*César*, 1.4)²³.

Com efeito, as relações familiares têm o seu peso. A sua ligação aos *populares* é manifesta desde o início no casamento com Cornélia filha de Cina (*César*, 1.1) e na exploração da relação familiar com Mário, apresentada como principal causa do ódio de Sula, representante da facção oposta (*César*, 1.2). O elogio fúnebre que no fórum fez da tia Júlia, esposa de Mário, valeu-lhe o favor do povo e o aplauso, por se atrever, em tempos adversos, a expor as imagens de Mário, uma vez que este tinha sido declarado inimigo público (*César*, 5.2). E vai ainda mais longe na associação a si próprio da simbologia do nome de Mário, quando, na *akme* da *philotimia* do cargo de edil (em 65 a.C.), expõe no Capitólio os troféus do vencedor dos Cimbrós e dos Teutões para revitalizar a causa, que, salienta Plutarco, «tendo sido subjugada e dispersa, experimentava uma completa humilhação» (*César*, 6.1). O efeito é avassalador: não só os partidários recobram ânimo como enaltecem César e lhe prometem o primeiro lugar na política (*César*, 6.7).

²³ Vide Beneker 2003: 24-25.

O controlo do povo acaba por ser estratégico para ambas as fações, como já acontecia no tempo dos Gracos. Uma das versões para o facto de o cônsul Cícero não executar César, por suposta ligação à conjura de Catilina, é o medo do povo, embora se acrescente como hipótese que talvez Cícero considerasse tal morte injusta (*César*, 8.3). No final deste episódio, o próprio Catão, para minar eficazmente a base de apoio de César, vê-se obrigado a aprovar uma distribuição de cereais (*César*, 8.6-7). Mas César é, aparentemente, apanhado na mesma contradição: o facto de se recusar a testemunhar contra Clódio, no processo relativo ao escândalo da profanação das cerimónias da *Bona Dea*, é interpretado por alguns como forma de evitar desagradar ao povo, embora se diga, tal como se fez para Cícero, que ele talvez pensasse assim (*César*, 10.10). Tanto neste caso como nos motivos de Cícero, agradar ao povo parece ser a verdadeira razão para Plutarco, porque mais coerente com a temática desenvolvida por este autor, onde a força do *demos* está sempre presente²⁴.

As prodigalidades de César são classificadas como ambição²⁵. Tal política levava ao endividamento pessoal, uma vez que não olhava a gastos quer como privado quer nos cargos públicos, enquanto curador da Via Ápia e edil, com extravagâncias que arruinavam as *philotimiai* dos antecessores (*César*, 5.8-9). Mas a estratégia resulta, como nota Plutarco: «De tal modo manipulou o povo, que cada qual buscava novos cargos e novas honras para o recompensar». A premência da questão do endividamento é levantada na narrativa da eleição para o pontificado Máximo: o que pedira emprestado é mais do que o que o adversário Cátulo lhe oferece para ele desistir

²⁴ Vide Pelling 2011: 170 e 180.

²⁵ Vide Duff 1999: 86 n.54.

da corrida eleitoral; e as alternativas de César consistem na vitória ou no exílio, como ele próprio admite ao despedir-se da mãe na manhã daquele dia (*César*, 6.1-2). Quem o liberta dos credores e o subsidia no momento de partir para a Hispânia como propretor é Crasso (*César*, 11.1), um peão essencial na ascensão de César.

A tónica colocada na política demagógica continua na narrativa do consulado, quando se diz que «...introduziu imediatamente leis próprias não de um cônsul, mas de um tribuno da plebe assaz temerário, com propostas de colónias no estrangeiro e distribuições de terra para agradar às massas» (*César*, 14.2). A oposição que naturalmente encontra na discussão da lei no senado facultou-lhe o pretexto que ele esperava, pelo que afirma que é contra a vontade que é empurrado para o povo (*César*, 14.3). Mas também é a atenção ao sentir do povo que o leva a libertar Catão, depois de o mandar prender por obstrução no senado, ao constatar a reverência que a virtude daquele desperta nas massas (*César*, 14.11-12).

Durante a ausência na Gália, César continua a controlar o povo através dos seus agentes, nomeadamente os candidatos a magistrados, com quem se encontra nas suas repetidas visitas à Gália Cisalpina. Plutarco refere explicitamente o uso de “demagogia” junto dos que o procuravam (*César*, 20.2) e a corrupção do povo com dinheiro: classifica César como *choregos* (*César*, 21.4) – agora em sentido metafórico, mas tanto mais significativo quanto, em 5.9, empregara o termo no sentido real de encargos com a produção teatral e a forma como conciliava assim o entusiasmo do povo para consigo. Mas recorre também oportunamente à linguagem militar, estabelecendo o paralelo da ação na Gália com a ação em Roma²⁶ – «ora subjogava os

²⁶ Como salienta Pelling 2011: 237.

inimigos com as armas dos cidadãos, ora com as riquezas dos inimigos conquistava e submetia os cidadãos» (*César*, 20.3)²⁷. Plutarco nota que ele procedia como era prática e mostrava-se eficiente em tirar partido dos efeitos da *kakopoliteia* de Roma: «Aproveitava as oportunidades que lhe oferecia quer o próprio Pompeio, quer a ocasião e a má política em Roma, em virtude da qual os aspirantes aos cargos colocavam bancas de dinheiro no meio da rua, corrompendo sem pudor as massas. E o povo, comprado, descia a brigar pelos que pagavam, não com o voto, mas com arcos, com espadas e com fundas» (*César*, 28.4).

Com o aproximar do fim da guerra civil, prenunciavam-se os primeiros sinais da queda com a progressiva perda do apoio popular, por brandura para com os soldados amotinados e pelos desmandos dos seus sequazes em Roma. Por agora, Plutarco ainda desculpa César, que se vê forçado por razões políticas a contar com tais colaboradores (*César*, 51.2-4)²⁸.

César procura voltar ao antigo estado de graça, retomando na altura dos triunfos o género de cortejamento do povo que usara como edil: «César fez grandes donativos aos soldados e ganhou o favor do povo com banquetes e espetáculos, recebendo toda a gente de uma assentada em vinte e dois mil triclinios. E os espetáculos de gladiadores e combates navais ofereceu-os em honra da filha Júlia, falecida havia bastante tempo» (*César*, 55.4). E, mais à frente, durante o governo classificado como tirania «de novo cativou o povo com banquetes e distribuições de cereais e a soldadesca com colónias, as mais famosas das quais eram Cartago e Corinto» (*César* 57.8). Se o estabelecimento de colónias era uma das armas da política popular (e não só)

²⁷ Cf. *César*, 29.3: «Depois do consulado de Marcelo, já César fazia jorrar abundantemente as riquezas da Gália sobre todos os detentores de cargos políticos...»

²⁸ Vide Pelling 2011: 21-22.

levada a cabo por vários demagogos e uma forma de consolidar clientelas, a colónia de Cartago retomava em particular uma tentativa vã de Gaio Graco²⁹.

Acaba por perder mesmo o apoio popular antes da morte, quando supostamente desrespeitou o senado por se não levantar (*César* 60.5), ao ponto de o povo apelidar de “Brutos”, conotando-os com os fundadores da República, os tribunos da plebe que, no episódio dos *Lupercalia*, retiraram os diademas das estátuas e prenderam os que saudaram César como rei, sendo por isso exonerados por César (*César*, 61.8-10). A tónica deste episódio nesta *Vida* é colocada no povo³⁰, que aclama os tribunos e que acaba por, no final, ser alvo dos insultos do próprio César.

Volta a recuperar o apoio do *demoi* depois da morte: primeiro pela compaixão do povo perante o destino consumado de César (*César*, 67.7); depois com um verdadeiro tumulto, desencadeado pela leitura do testamento e pela visão do corpo desfigurado. A fúria que grassou necessitou de uma vítima inocente (Cina) para ser aplacada (*César*, 68). Os grandes movimentos de massas repetem-se assim no final da biografia. O carisma de César continua a arrastar multidões mesmo depois de morto.

2.2. Alianças e competição pelo primeiro lugar em Roma

César, para se tornar verdadeiramente poderoso, tem de se aliar aos mais poderosos da cidade, Pompeio e Crasso (*César*, 13. 3-4). Tal aliança particular (e secreta a princípio), a que impropriamente se chamou primeiro triunvirato³¹, foi

²⁹ Cf. Plutarco, *Gaio Graco*, 10.2, 11.1, 13.1. *Vide* Pelling 2011: 431.

³⁰ *Vide* Pelling 1995: 320-321, 326.

³¹ Sobre a data deste acordo, *vide* nota à tradução de 14.1. Cf. Díon Cássio, 37.58.1; Suetónio, *Júlio César*, 19.2. *Vide* Carcopino 1968: 203-205; Butler & Cary 1993: 62-63; Canfora 2000: 69-79; Pelling 2011: 188-191; Brandão 2015: 391-392.

fundamental na prossecução do *cursus honorum* de César, como Plutarco dirá à frente: «César, ladeado pela amizade de Crasso e Pompeio, como se fossem guarda-costas, foi escoltado até ao consulado» – uma linguagem semi-metafórica³². O apoio deles revela-se também fundamental na aprovação das leis diante do povo e Pompeio terá proferido palavras que irritaram o senado – «... que contra as espadas avançaria com uma espada e um escudo» – , mas que foi apreciada pelo *demos* (César, 14.6). E, desta vez, é Catão apresentado como o desventurado profeta da desgraça em quem ninguém acredita (César, 13. 3 e 6). Em tal aliança desempenham papel importante o casamento de Pompeio com Júlia, filha de César, e do próprio César com Calpúrnia, filha de Pisão, que seria cônsul no ano seguinte, contra os veementes protestos de Catão, que denunciava a promiscuidade entre matrimónios e poder político (César, 14.7-8).

Plutarco antecipa nesta parte o resultado futuro da ambição de César: «Não foi pois, como muitos pensam, a discórdia entre César e Pompeio que desencadeou as guerras intestinas, mas antes a amizade: juntaram-se primeiro para a destruição da aristocracia e depois entraram de igual modo em conflito um com o outro.» (César, 13. 5)³³. A ideia é retomada mais tarde, para sugerir a gradual perceção de Pompeio em relação ao poder de César depois da Guerra da Gália: «César tinha resolvido há muito tempo aniquilar Pompeio, tal como este resolvera por certo aniquilá-lo a ele (...) De facto, tal receio só acometera Pompeio recentemente, já que até então menosprezava César, por não considerar tarefa difícil fazer rebaixar de novo quem

³² Como assinala Pelling 2011: 195. Na verdade havia o costume de os apoiantes escoltarem o candidato.

³³ Cf. Plutarco, *Pompeio*, 47.2-3.

ele próprio tinha elevado. Mas César tinha desde o princípio traçado um plano, tal como um atleta que ganha um grande avanço em relação aos concorrentes, e, com a experiência das guerras da Gália, aprestou o exército, aumentou a sua glória, elevando os seus feitos até rivalizarem com os sucessos de Pompeio» (*César*, 28.1-3). Fica assim claro para Plutarco que se tratava de um projeto delineado desde o início por César, tanto mais que constatara que a influência de César se consolidava «sem que Pompeio desse conta» (*César*, 20.2). Mas, em tal competição, o mesmo se sugere de Pompeio, que alimenta ambições semelhantes em Roma: «Este, se bem que no discurso dava ares de declinar a oferta, pelas ações tinha em vista acima de tudo ser nomeado ditador. De comum acordo, Catão e os seus partidários convencem o senado a nomeá-lo cônsul único, de modo a que não se tornasse ditador à força, consolado com uma “monarquia” mais legal» (*César*, 28.7).

Duas circunstâncias precipitaram o confronto dos titãs: as mortes de Júlia e a do terceiro concorrente, Crasso³⁴. Se o encontro de Luca contribuiu para restaurar os laços com um acordo de distribuição de poderes e riquezas (*César*, 21.3-7), a morte de Júlia e do filho vinha, como constatava a opinião pública, quebrar o garante da paz e da concórdia numa *politeia* já de si titubeante (*César*, 23.6). Os espetáculos de gladiadores e combates navais oferecidos mais tarde em honra de Júlia (*César*, 55.4) poderiam ser da parte de César uma forma de, no final da guerra, se reconciliar com os inimigos derrotados, uma vez que se tratava, para todos os efeitos, da evocação da memória da esposa de Pompeio³⁵.

³⁴ Um narrativa com origem certamente em Asínio Polião. *Vide* Pelling 1995: 322-326.

³⁵ *Vide* Pelling 2011: 414.

2.3. O primeiro lugar nas armas

Como já se disse atrás, para Plutarco (*César*, 3.3), César prefere claramente obter o primeiro lugar nas armas e na política e abre mão da primazia na retórica romana, algo diferente do que afirma Suetônio, por exemplo. E a guerra das Gálias foi a grande prova de César neste domínio. Por isso, Plutarco retoma esse tema na breve síntese que antecede a narrativa dos feitos do proconsulado, onde o tom encomiástico é manifesto. O biógrafo apresenta esta fase da progressão de César como uma espécie de reorientação: «como se estivesse a enveredar por um outro caminho da vida e de novas realizações», concluindo, através de uma pequena *synkrisis* interna³⁶, que César «... demonstrou que como soldado e comandante não cedia a palma a nenhum dos que são bastante admirados pelos comandos e que se tornaram grandiosos». (*César*, 15.2). E os objetos de comparação aduzidos são sobretudo heróis do passado romano (Fábios, Cipião, Metelos, Sula, Mário, Luculos), mas também Pompeio que, pelos seus feitos, merecera o cognome de Magno. A conclusão que tira é que «os feitos de César apresentam-se superiores» (*César*, 15.4). Plutarco retoma, por isso, nesta parte o tema da *philotimia*: o gosto pelo risco e a extraordinária resistência, contrastante com o físico, são explicados como uma consequência da ambição de César (*César*, 17.2) que se estende aos próprios soldados, inspirando-lhes feitos heróicos (*César*, 17.1) e serve de pretexto para introduzir uma série de temas relativos a características e hábitos diários: a forma como geria a doença, o sono, a dieta, a correspondência, as marchas (*César*, 17.2-11)³⁷. E tema da devoção dos soldados, diversas vezes

³⁶ Técnica retórica frequente em Plutarco: *vide* Duff 1999: 251-252.

³⁷ Para uma análise das qualidades de César como comandante, em oposição à *paideia*, *vide* Pinheiro 2010: 263-268.

retomado como um *topos* ao longo da vida, sublinha a excelência das qualidades do general.

O *kairos* e a *tyche* desempenham um papel importante na ascensão de César³⁸. Além da conhecida rapidez na ação e nas deslocações, diversas vezes assinalada³⁹, um motivo do êxito nas armas apontado é a perspicácia de César em perceber as oportunidades e aproveitar o *kairos*, o que lhe permite ganhar a iniciativa na resoluta reação à revolta de Vercingétorix, quando o tempo invernoso o não faria prever (*César*, 26.3), e no lançamento da guerra civil com apenas uma legião (*César*, 32.2), mas também em saber colher os benefícios da *tyche*, como acontece em Tapsos, onde «aproveitou a ocasião e o impulso da sorte, pela qual, ao primeiro assalto, tomou o acampamento de Afrânio e, também ao primeiro assalto, tomou o dos Númidas, enquanto Juba se pôs em fuga. E, numa pequena parte de um dia, tornou-se senhor de três acampamentos e matou cinquenta mil inimigos» (*César*, 53.3-4). O contrário se sugere de Pompeio, que se apresenta irresoluto perante a rápida ofensiva de César e se deixa contaminar pelo pânico geral (*César*, 33.4-6) e, mais tarde, em Dirráquio, por prudência ou por acaso (*tyche*), não aproveita uma debandada dos soldados de César para tomar o acampamento deste, o que leva o último a afirmar: «hoje a vitória seria dos inimigos, se tivessem um vencedor!» (*César*, 39.8). Mesmo aqui, mais uma vez a *tyche* favoreceu César. Ele próprio alardeia o favor da deusa *Tyche* para consigo quando tenta encorajar o piloto de um barco a prosseguir para o mar, apesar dos ventos contrários, na tentativa frustrada de voltar a Brundísio em busca das tropas: «transportas César e a Fortuna

³⁸ Vide Pinheiro 2010: 267-268.

³⁹ *César*, 17.5; 24.4; 33.8; 51.3; 53.2. Em 35.3 salienta-se que César se assenhoreou de toda a Itália nuns escassos sessenta dias sem derramar sangue.

de César que com ele navega!» (*César*, 38.5)⁴⁰. Perante as voltas da fortuna, a *tyche* acompanha-o no momento decisivo da batalha de Farsalo, segundo a interpretação do adivinho (*César*, 43.4). E os próprios romanos se vergam à fortuna de César, aceitando o seu domínio (*César*, 57.1).

O primeiro lugar nas armas é definitivamente atingido com a vitória final na guerra civil. Mas então os tons tornam-se mais negros – e Plutarco serve-se, como é seu hábito, do ressentimento dos Romanos como elemento caracterizador⁴¹ – devido à celebração do triunfo sobre concidadãos e sobre o mais ilustre varão dos romanos – Pompeio (*César*, 56.7-9). E Plutarco termina a ideia salientando em tom de censura a mudança de atitude em relação às vitórias anteriores, quando «por pudor tinha rejeitado a glória» (*César*, 56.9).

2.4. *Emulação de Alexandre*

O César de Plutarco é, tal como Alexandre, um modelo inalçável de determinação, como salienta Beneker (2003: 13-29). São significativas a este respeito duas anedotas situadas por Plutarco no momento de assumir a propretura da Hispânia. Uma passa-se no caminho para aquela província (*César*, 11.3-4): «Diz-se que, na travessia dos Alpes, passando por uma qualquer terriola bárbara, habitada por muito poucas pessoas e miserável, os companheiros, a rir e a brincar perguntaram: “Será que também aqui existem ambições pelo poder, competições pelo primeiro lugar e invejas dos poderosos entre si?”, ao que César respondeu prontamente: “Eu antes queria ser o primeiro entre estes que o segundo entre os Romanos!”». Outro episódio emblemático,

⁴⁰ O favor da deusa Fortuna era reclamado por vários generais, incluindo Pompeio. *Vide* Pelling 2011: 346-347.

⁴¹ Como assinala Pelling 2011: 25 e 419-420.

relatado logo a seguir, é o choro de César em Gades, no que toca aos estímulos, à cronologia, aos lugares e às associações entre acontecimentos. Plutarco (*César*, 11.5-6) diz «que, na Península Ibérica, ao ler num momento livre uma qualquer obra sobre Alexandre, ficou deveras ensimesmado durante longo tempo e depois chorou. Como os amigos lhe perguntavam admirados a causa, ele disse: “Não vos parece suficiente motivo de lamento, que Alexandre com esta idade já reinasse sobre tantos, ao passo que eu ainda não realizei nada de notável?”».

Antes de mais, Plutarco, como Díon Cássio (37.52.2), coloca a comparação com Alexandre durante a pretura; Suetónio, que conta o episódio com algumas variantes (*Júlio César*, 7.1-2), acomoda a anedota durante a questura, o que é mais verosímil, tendo em conta a igualdade com a idade de Alexandre (a questura atingia-se pelos 30 anos e a pretura pelos 40). Diz, pois, o biógrafo latino (*Júlio César*, 7.1-2) que César, questor na Hispânia Ulterior, em Gades, junto ao templo de Hércules, chora perante uma estátua de Alexandre, por não ter realizado ainda nada de memorável, ao passo que, com a mesma idade, já o macedónio dominava o mundo. Além disso, acrescenta que César decidiu regressar imediatamente a Roma «para aproveitar quanto antes as oportunidades de maiores feitos na Urbe»⁴². Este episódio está situado na parte em que Suetónio segue a cronologia, pelo que tenderá a ser mais rigoroso que o queronense.

Mas a arrumação plutarquiana parece calculada, se tivermos em conta a lógica da narrativa: com efeito, a anedota faz conjunto com a já referida conversa, ocorrida no caminho para a Hispânia. Parece pois que se sobrepõe à cronologia uma sequência caraterológica subordinada ao tema da ambição, bastante

⁴² *Ad captandas quam primum maiorum rerum occasiones in urbe.*

ilustrado nesta biografia. Como sugere La Penna (1987 235-236), Plutarco pode ter confundido o período em que era questor com o de pretor, mas também pode ter preferido a organização artística à cronológica. Em Plutarco o choro de César é um sinal da ambição de um político já em plena carreira, mas insatisfeito, enquanto em Suetônio o episódio funciona como o despoletar da ambição num jovem no início do *cursus honorum*.

Por outro lado, Plutarco situa o acontecimento vagamente na Península Ibérica e não insiste no particular do templo de Hércules, como fazem Suetônio e Díon. Lembra Pelling (2011b: 257) que Gades era convencionalmente o fim do mundo que Hércules atravessara para Oeste, tal como Alexandre avançara para leste. Parece tratar-se de uma cedência de Suetônio aos temas trajânicos, uma vez que o Hércules Gaditano surge em cunhagens daquele imperador, ele próprio de origem hispânica⁴³. Outra diferença é que para Plutarco o pranto resulta da leitura de uma história de Alexandre e não da visão da estátua. Além disso, a anedota é semelhante a outra da infância do macedónio, em que ele mostrava ciúme das vitórias de Filipe (*Alexandre*, 5.4). Portanto, o queronense evoca, no seu próprio interesse, a conexão intertextual deste par de *Vidas* para entender o *ethos* de César⁴⁴, especialmente a sua *philotimia*; ao passo que Suetônio apela também à simbologia dos locais como impulso para a vocação conquistadora do herói.

Nesse sentido, Suetônio enquadra aqui um episódio que Plutarco deixará para mais tarde: um sonho de César em que

⁴³ Suetônio segue a tradição (também visível em Díon Cássio, 37.52.2) que apela à feliz coincidência de vários estímulos míticos e históricos convergentes: Hércules, Alexandre, Gades como fim do mundo e ponto de partida para feitos inusitados (pois seria o término da projetada viagem de circum-navegação de África por Alexandre), temas da atualidade da “propaganda” de Trajano, também ele conquistador.

⁴⁴ Pelling 2011b: 257; Pérez Jiménez 2013: 193-194.

violava a mãe, cuja interpretação fazia coincidir a *mater subiecta* com a terra, o que lhe auguraria o domínio do mundo (*arbitrium terrarum*)⁴⁵. Trata-se de bom augúrio para César, na perspectiva Suetônio e Dión Cássio, mas não na de Plutarco (*César*, 32.9), que o considera monstruoso (*onar ekthesmon*) e o enquadra na noite antecedente à passagem do Rubicão, sugerindo naturalmente a ofensa à pátria mãe.

2.5. Travessia do Rubicão: a “violação da mãe”

A travessia do Rubicão é outro momento fulcral da *Vida* de César (que ele próprio omite no *Bellum Ciuile*, talvez para não lembrar esta ilegalidade). Apesar dos elementos comuns, provavelmente colhidos de Asínio Polião, testemunha do feito segundo Plutarco, há divergências assinaláveis entre as duas biografias. Os preparativos secretos em Ravena são comuns a Suetônio, Plutarco e Apiano (*Guerras Civis*, 2.35). Mas as divergências são óbvias no caminho para o rio. Onde Plutarco (*César*, 32.5) diz: «Quanto a ele próprio, tendo subido para uma carroça de aluguer, meteu primeiro por um outro caminho, para depois virar em direção a Arímimo», Suetônio apresenta um trama mais longa e intrincada: César perde-se no caminho entre Ravena e o rio – vicissitudes geradoras de suspense, que poderiam alterar o

⁴⁵ Uma profecia *post eventum*, que, dada a cultura literária de César, nos faz suspeitar de uma criação do próprio, para favorecer a sua aura mítica. Vide Della Corte 1967: 63. Tomado em conta o valor que Suetônio dá às experiências oníricas, a sacralidade do lugar faz com que o sonho da violação da mãe seja aqui, segundo Della Corte, uma espécie de *incubatio*. Na mente do leitor forma-se, por associação de ideias, a imagem de um Édipo, rei que se fez a si próprio. Pois com este entra na literatura o sonho do incesto com a mãe: através de Sófocles, *Édipo Rei*, 981-982; e retomado em Heródoto, 6.107; Platão, *República* 571c; Pausânias 6.26.6. Para Artemidoro, 1.79, o sonho significaria a tomada de poder; vide Della Corte 1989: 95-98. Segundo este autor, o pranto de César não exprime inveja de Alexandre, mas de Pompeio, que submettera o Oriente e recebera o epíteto de *Magnus*.

decurso da história, algo frequente no biógrafo latino⁴⁶. Trata-se de um imprevisto que prepara a hesitação de César.

Quanto ao momento da travessia, Plutarco e Apiano referem-se às hesitações em termos dos efeitos históricos e universais: os males que poderiam advir para a humanidade. Trata-se do conflito entre paixões e razão, com diversos paralelos em Plutarco⁴⁷. O nosso autor (*César*, 32.7) centra-se na consciência dos males que, com a travessia do rio, advirão para a humanidade, mas que serão compensados com a glória futura: «Esquadrinhou muitas das questões com os amigos presentes, entre os quais estava Asínio Polião, analisando a amplitude dos infortúnios que a travessia iria desencadear para todos os homens e, em contrapartida, a grande fama que o facto deixaria aos vindouros». De forma semelhante, Apiano (*Guerras Civis*, 2.36) faz César preferir a felicidade pessoal à da humanidade⁴⁸.

Mas César é sobretudo um homem de ação e confia na sua fortuna. De acordo com a *physis* propensa a antepor os feitos militares à retórica política, como Plutarco salienta logo no início da *Vida* a propósito da formação (*César*, 3.2-3), a resolução do dilema decorre do espírito prático e audaz de César que passa subitamente da ponderação racional para uma ação patética: «Finalmente, por um impulso, como que saltando da reflexão para a ação futura, proferiu aquele intróito comum aos que embarcam em destinos complicados e temerários: ‘toca a lançar o dado!’» (*César*, 32.8): trata-se, portanto, de uma cedência da razão à ambição. Há, como salienta Buszard (2008: 195-196), um certo

⁴⁶ Por momentos o resultado esteve suspenso, devido a um simples desvio no caminho e peripécias surreais, enquanto os seus seguidores esperavam, como nota Canfora 2000: 159-160. *Vide* Brandão 2003: 45-51.

⁴⁷ *Vide* Duff 1999: 79-80.

⁴⁸ Como assinala Gascou 1984 17, 21-22. Este autor crê que usaram a mesma fonte, e que Suetónio atenuou o cinismo de César.

paralelismo entre a travessia do Rubicão por César e do Granico por Alexandre, em que o macedônio, descartando os receios dos seguidores, se lança na corrente não de forma racional, mas como um comandante louco (*Alexandre*, 16.1-4).

Suetônio centra-se no dilema pessoal concreto através do acrescento de um dito (*Júlio César*, 31.2) que evidencia as consequências da violação de uma lei romana⁴⁹. Mas, se em Plutarco o dilema permanece⁵⁰, no biógrafo latino o embaraço é resolvido por uma espécie de *deus ex machina* que só Suetônio refere — uma personagem prodigiosa que atravessa o rio a tocar trombeta indicando o caminho a seguir e que aduz fundamentos transcendentais para a resolução de César⁵¹. Tal *ostentum* parece consonante com o gosto de Suetônio pelo maravilhoso e pelo romanesco e com o relevo que dá aos fenómenos de carácter religioso em geral. A iniciativa de César aparece assim como que sancionada pela vontade divina⁵². Até poderia ser um expediente orquestrado para restaurar a moral das tropas, já usado por outros políticos⁵³, mas Suetônio não questiona tais sinais da intervenção divina na história.

⁴⁹ «Alcançadas as suas coortes junto ao rio Rubicão, que marcava a fronteira à sua província, parou por momentos, e, refletindo na magnitude da empresa, voltou-se para os que estavam próximos e exclamou: “Até agora, ainda podemos voltar para trás, porque, se atravessarmos esta pequena ponte, tudo terá de ser resolvido pelas armas”».

⁵⁰ Como salienta Beneker 2011: 87-88.

⁵¹ «Disse então César: “Avante para onde os prodígios dos deuses e a iniquidade dos nossos inimigos nos chamam. O dado foi lançado”». Em Lucano (1.185-190) também aparece um fantasma, mas da Pátria, que confronta César com os seus intentos. *Vide* Beneker 2011: 89-90.

⁵² Parece haver aqui contaminação de duas tradições diferentes, uma favorável e outra desfavorável: *Vide* Hohl 1952: 246-249. Gascou (1984: 22-24) não crê que Suetônio inventasse o *ostentum* para embelezar a história, mas que aproveitou uma fonte da propaganda cesariana.

⁵³ Tal como Pisístrato, acompanhado de uma mulher alta e bela que passou por ser Atena (Heródoto, 1.60; um estratagemas antigo e simples para Aristóteles, *Constituição dos Atenienses*, 14.4.). *Vide* Canfora 2000:160-161; Della Corte 1967: 64.

Quanto à expressão que se tornou famosa em latim, *iacta alea est*, figura com variante em Plutarco (*César*, 32.8) e Apiano e terá sido pronunciada em grego (ἀνερίφθω κύβος): «toca a lançar o dado!», língua em que era proverbial⁵⁴. Esta exclamação sugere que César encara o seu ato como um jogo, o que é revelador do carácter da personagem e sua propensão teatral. Suetónio refere, depois da travessia, um expressivo discurso ao exército, de que transmite a coreografia e o efeito equívoco que teve junto dos soldados (*Júlio César*, 33)⁵⁵, arenga que Plutarco não relata, precipitando a narrativa: «Lançou-se na travessia e, percorrendo já velozmente o restante caminho, caiu sobre Arímimo ainda antes de ser dia e tomou-a». Como se disse, Plutarco insere aqui (*César*, 32.9) o sonho monstruoso da violação da mãe, salientando implicitamente o crime contra a pátria.

⁵⁴ Em latim, o termo *alea* é usado em sentido figurado, com o significado de “risco”, mas, nesta língua, a expressão no seu conjunto é raríssima. Pelo que se tratará de uma tradução do grego por parte da fonte de Suetónio neste passo, certamente Asínio Polião. Houve quem propusesse a correção de *est* por *esto*, de modo a assinalar a incerteza de um jogo presente no grego. Mas, em Suetónio, *iacta est* pode significar o facto consumado depois da travessia do ente misterioso. *Vide* Bickel 1952: 269-273; Townend 1960: 99; Dubuisson 1980: 885-886; Gasco 1984: 23 n. 24; Pelling 2011: 317-318; Beneker 2011: 85-89.

⁵⁵ «E assim, depois de ter levado o exército a atravessar e de acolher os tribunos da plebe, que, expulsos, chegaram de repente, apelou, diante da parada, para a fidelidade dos soldados, chorando e rasgando as vestes sobre o peito. Pensa-se até que ele prometeu o censo equestre a cada um deles: facto que resulta de uma suposição errónea. De facto, como, no seu discurso e exortação, afirmava, mostrando repetidamente o dedo da mão esquerda, que, para recompensar aqueles que o iriam ajudar a defender o seu estatuto (*dignitas*), de boa vontade se despojaria do anel, os do extremo da parada, onde era mais fácil ver o orador que ouvi-lo, tomaram por dito o que pensavam ver nos seus gestos; e espalhou-se o boato de que ele tinha prometido o direito de usar o anel, juntamente com a soma de quatrocentos mil sestércios para cada um». *Vide* Canfora 2000: 163-164; Gasco 1984: 26-27.

2.6. *A ambição da tirania*

As acusações de que César conduz uma política tirânica e de que tem em vista a conquista do poder supremo ocorrem desde o início da *Vida* e pela voz de diversos intervenientes: Cícero, Cátulo e anónimos ou *uox populi*⁵⁶. Já vimos como um tema fortemente presente é o da reiterada procura de obsequiar o povo. César apresenta-se como um dirigente popular que usa procedimentos demagógicos para se estabelecer como tirano⁵⁷. A conjuntura propícia chega com a *kakopoliteia* (César, 28.4) que grassa em Roma enquanto César está na Gália: muitos começam a desejar o recurso a uma monarquia, como um “remédio” necessário, mas pensando na altura em Pompeio (César, 28.6). Depois, as calamidades e a guerra civil abrem as portas a que a opinião pública considere uma “monarquia” como o menor dos males, vergando-se à fortuna (*tyche*) de César e aceitando o “freio” (*chalinos*) (César, 57.1). O momento culminante deste processo é a obtenção por parte de César da ditadura para toda a vida, explicitamente conotada com *tyrannis* pelo autor: «Tal era igual a uma tirania, pois à falta de controlo da monarquia acrescentou-se a falta de limite temporal» (César, 57.1).

Salienta-se então o excesso das honras que lhe foram concedidas, embora Plutarco não se alongue em pormenores, como faz Suetónio e outros autores⁵⁸. Centra-se antes nos efeitos: a competição entre as propostas «fez com que o homem se tornasse detestável e insuportável» (César, 57.2) e algumas honras seriam mesmo propostas pelos inimigos, para que ele caísse no ridículo ou se tornasse odioso (César, 57.3), ideia em

⁵⁶ Cf. César, 4.8; 6.3; 6.6; 29.5; 30.1.

⁵⁷ Vide Duff 1999: 303; Pinheiro 2010: 263.

⁵⁸ Suetónio, *Júlio César*, 76.1; Díon Cássio, 43.14.3-6, 43.42-46, 44.3-47; Apiano, *Guerras Civis*, 2.106. Para uma reconstituição da lista das honras concedidas entre 46 e 44 a.C. vide Brandão 2015: 418-419.

que é secundado por Díon Cássio (44.7.2). O próprio César fica num dilema: embora recuse algumas honras, não as podia recusar todas, para não parecer que desprezava o Senado⁵⁹. Plutarco explora mais à frente o efeito nefasto da recusa: em resposta aos notáveis e ao povo que lhe vinham comunicar as honras votadas no senado César disse «que tais honras precisavam mais de contração que de acrescento», atitude (juntamente com o facto de se não levantar) que ofendeu não só o senado, mas também o povo (*César*, 60.4-5).

No entanto, César não é apresentado por Plutarco (nem pelos outros autores) como um tirano cruel. O autor reconhece que «quando tiveram fim as guerras civis, mostrou-se irrepreensível» e procedeu com moderação, magnitude e generosidade para com os inimigos derrotados, ao ponto de levantar as estátuas de Pompeio e recusar o uso de um corpo de guarda-costas, como é próprio do tirano retórico (*César*, 57.4-6). Trata-se do corolário do que já antes dissera, depois da morte de Pompeio: «escreveu aos amigos em Roma, a dizer que era este o maior e o mais doce prémio da vitória: o de salvar sempre alguns dos cidadãos que lutaram contra si» (*César*, 48.4). Com tais considerações e relatos de atitudes que falam por si (como a tolerância para com a deserção de Labieno ou o perdão do inimigo Domício Aenobarbo), Plutarco estabelece um padrão de comportamento clemente. Mas tais atitudes não anulam o essencial – que o biógrafo começara por estabelecer – que se tratava de tirania e de um “freio”⁶⁰.

A principal causa do ódio a César e o incentivo para a preparação da conjura é a ambição de ser rei: «Mas o ódio mais manifesto e que o levou à morte desencadeou-o o amor

⁵⁹ Cf. Díon Cássio, 44.3.3.

⁶⁰ Vide Pelling 2011: 427-429.

(*eros*) da realeza, que foi para muitos a causa principal e para os que há muito conspiravam o motivo oportuno» (*César*, 60.1). Reaparece a linguagem erótica que Plutarco usa diversas vezes ao tratar a ambição de César⁶¹, pelo que apresenta a causa como verosímil, mesmo antes de a ilustrar com exemplos. Suetónio deixa a pretensão monárquica mais no âmbito da *uox populi*⁶² e da adulação de terceiros. Um dos *exempla* usados é a anedota da aclamação de César como rei, quando ele descia de Alba Longa. César responde, para acalmar o tumulto que se gerou, que não é rei, mas César. Ora Plutarco comenta que «ele passou adiante não muito alegre nem bem disposto», algo que não está presente nos outros autores, como nota Pelling (2011: 447-448), o que faz supor que César queria mesmo ser rei e ficara contrariado.

O comportamento de César no já referido episódio dos *Lupercalia* é muito mais negativo na vida do próprio que na de António⁶³. Plutarco diz que César, irritado, destituiu os tribunos e insultou o povo (*César*, 61.10). Suetónio (*Júlio César*, 79.1) apresenta duas alternativas para o facto: o escasso êxito da proposta de realeza (através da imposição de uma coroa) ou o facto de os tribunos lhe terem frustrado a *gloria recusandi*. Mas, para Plutarco, a razão do ressentimento parece ser sobretudo porque o povo apelidou os tribunos como “Brutos”, isto é, fundadores da República. Como reação, César, troçando do povo, continua a apelidá-los de “Brutos” e “Cimeus”, isto é, “estúpidos”. Curiosamente, o pretexto de evitar a associação do governo de César com escravidão e tirania é usado com êxito pelo

⁶¹ Vide Pelling 2011: 445.

⁶² Traduzida em expressões como *infamia* e *uaria fama*: Suetónio, *Júlio César*, 17.2-3. Informações semelhantes em Díon Cássio, 44.15.

⁶³ Cf. *António*, 12. Como acontece em outras situações, como com o retrato de Sula na vida de Mário e na dele próprio. Vide Buszard 2008: 197.

tiranicida Décimo Bruto, para convencer César a comparecer no senado nos idos de Março, quando este já pretendia adiar a sessão (*César*, 64.5).

2.7. A sublimação do eros do César da tradição paralela

Se comparado com Suetónio, é surpreendente a omissão que Plutarco faz de questões amorosas e sexuais no que respeita a César⁶⁴. Suetónio desenvolve amplamente a vida sexual de César. O rumor de que, enviado à Bitínia para pedir apoio, se prostituiu a Nicomedes (boato amplificado, logo a seguir, pelo facto de Júlio se dirigir de novo para aquela região: *Júlio César*, 2) torna-se, mais tarde, em facto comprovado (*Júlio César*, 49.1), ilustrado com humor⁶⁵, para terminar como evidência, agravada pela generalização dos atos homossexuais passivos (*impudicitia*) e dos *adulteria*, que o tornam «o homem de todas as mulheres e a mulher de todos os homens» (*Júlio César*, 52.3). Entre os seus amores, se incluem mulheres de Roma e das províncias e rainhas, de que se destaca Cleópatra. O abuso das matronas, característico dos tiranos, inicia a descrição dos adultérios (*Júlio César*, 50.1), aos quais se associa a sumptuosidade, pelos donativos à amante Servília (*Júlio César*, 50.2), pelos gastos com as mulheres das províncias, como entoam os soldados no triunfo da Gália (*Júlio César*, 51), pelos donativos à rainha Êunoe e pela vida faustosa em companhia de Cleópatra (*Júlio César*, 52.1).

Quanto a Plutarco, mesmo o especial amor por Servília, desenvolvido em outras *Vidas* (*Catão Menor*, 24; *Bruto*, 5) e que motivou a suspeita da paternidade em relação a Bruto, é omitido na *Vida de César*. Nem a intimidade com Cleópatra é explorada

⁶⁴ Sobre a comparação entre Suetónio e Plutarco no que respeita a questões sexuais e as razões do último para a relutância em incluir tais matérias, *vide* Duff 1999: 94-97.

⁶⁵ *Vide* Brandão 2009: 76-78.

em Plutarco da mesma forma que em outras fontes, nas quais se fala de paixão de César e do uso dos atributos físicos por parte da rainha para seduzir⁶⁶. Plutarco descarta a opinião de que a guerra de Alexandria se desencadeou devido ao *eros* de César em relação a Cleópatra, e centra-se na teoria de que a causa foram as maquinações de Potino, as quais prefere desenvolver (*César*, 48.3ss). Além disso, César não é seduzido pela beleza dela, mas pela sua astúcia (o estratagema que arranja para chegar até ele) e a graça: «E diz-se que ele foi conquistado por este primeiro artifício de Cleópatra, que se mostrava encantadora, e que, subjogado à subsequente conversação e graça dela, a reconciliou com o irmão para reinarem em conjunto» (*César*, 49.3): uma atração mais intelectual que física, como sugere Beneker (2003: 15-20), para quem “o César de Plutarco não tem tempo para o amor”. Deste modo, o amor de César torna-se em Plutarco, por assim dizer, mais platónico, na medida em que se trata de amor do conhecimento. O *eros* de César é, pois, canalizado em Plutarco para o amor de nova glória (*César*, 58.4)⁶⁷ como veremos a seguir.

2.8. A crítica da ambição pura

A ambição desmedida de César é explicitamente criticada por Plutarco em *César* 58.4-5: «Megalómano e ambicioso por natureza, os muitos êxitos não o voltavam para a fruição dos trabalhos realizados, mas servia de espoleta e incentivo para o porvir, suscitando nele projetos de grandes feitos e amor de nova

⁶⁶ Cf. Apiano, *Guerras Civis*, 2.90; Lucano, 10.72-76; Suetónio, *Júlio César*, 52; Díon Cássio, 42.34.3-35.1.

⁶⁷ Vide Beneker 2003: 25. Este autor (p. 27-28) salienta ainda o paralelo com Alexandre, cuja ambição o leva a ser moderado no amor desde a juventude (*Alexandre*, 4.8) e mais tarde no que toca às mulheres da família de Dario (*Alexandre*, 21.7).

glória, como que já farto da que tinha». Esta condição (*physis*) do ambicioso – desejar sempre mais, em vez gozar o que já tem – está presente em diversas anedotas moralizantes e, concretamente na obra de Plutarco, no diálogo entre Pirro e o filósofo Cíneas, a propósito das conquistas que o rei pretende levar a cabo⁶⁸. A linguagem é erótica (*eros doxes*), como nota Pelling (2011: 435). Além disso, a ambição é tratada como uma doença (*pathos*)⁶⁹: «a paixão não era outra que inveja de si mesmo como se fosse de outro e uma competição pelos feitos futuros contra os feitos realizados». Afastados os competidores, especialmente Pompeio, resta-lhe o *zelos* em relação a si próprio e a competição (*philonikia*) com os feitos que ele próprio realizou, o que pode sugerir impulsos narcísicos, uma vez que o autor parece acentuar aqui a perspetiva negativa de *pathos*. Mas também se pode considerar, pela positiva, um esforço de superação de si próprio, como prefere interpretar Pinheiro (2010: 268).

Esta reflexão de Plutarco serve para introduzir os feitos que César projetava e que a morte veio cercear, como dirá Suetónio (*Júlio César*, 44), a começar pela invasão dos Partos. Mas o inverosímil projeto de um retorno pelo norte, «fechando este circuito de um império delimitado em todos os lados pelo Oceano» (*César*, 58.7), que não encontra eco no biógrafo latino, parece ceder à ideia de uma emulação da projetada viagem de circum-navegação de África por Alexandre (*Alexandre*, 68.1-3). Mas Plutarco é nitidamente mais suave na crítica da ambição de Alexandre do que da de César⁷⁰.

No sumário final, Plutarco tira uma conclusão pessimista acerca do resultado da ambição de César: «Mas daquele poder e soberania que a custo ganhou, depois de os buscar toda a vida

⁶⁸ Plutarco, *Pirro*, 14.5-14. Vide Buszard 2008: 204-205.

⁶⁹ Como nota Buszard 2008: 197.

⁷⁰ Vide Buszard 2008: 198; Pelling 2011: 436-439; Pérez Jiménez 2013: 194.

através de tantos perigos, não colheu senão o nome e a honra invejada entre os cidadãos» (*César*, 69.1). De facto, não pôde fruir dos resultados da sua ambição, nem sequer da ditadura perpétua, que foi tão breve (tinha-a recebido no mês anterior à morte). Este é o parco resultado do dado lançado na altura da passagem do Rubicão.

Segundo Buszard (2008: 211-212), é a *paideia* que explica a condenação da ambição de César: este, devido à ambição (que o levava a optar pelas armas em detrimento da oratória) não soube aproveitar os benefícios da *paideia*, um pouco à semelhança do seu familiar Mário (*Mário*, 2.2-4), embora não de um modo tão radical. Não podemos esquecer a busca do *ethos* presente na introdução ao *Alexandre*. Extrai-se sobretudo um modelo de comportamento ilusório e vão no que diz respeito à busca da glória⁷¹. Assim a *Vida de César* acaba por se transformar numa crítica à ambição exacerbada, enquanto doentia (*pathos*).

3. A NARRATIVA DA MORTE: *ETHOS* E *PATHOS*

Outro momento fundamental é a narrativa da morte. Os relatos de Plutarco e Suetónio são semelhantes e acabam por se tornar complementares no que respeita a informações ou a troca de palavras. Suetónio (*Júlio César*, 87.1) diz que o papel principal coube a Tílio Cimbro, um senador romano próximo de César, e Plutarco (*César*, 66.5) explica que o pretexto era uma súplica em favor do irmão que estava exilado. Segundo Plutarco (*César*, 66.2), ele feriu César na garganta. Suetónio precisa que se colocou por detrás de César e que o feriu pouco

⁷¹ Vide Duff 1999: 86-87.

abaixo do pescoço. O Queronense acrescenta que César lhe agarrou a arma, enquanto Casca pedia ajuda ao irmão Gaio. César defende-se com a única arma que tinha (um estilete) — só Suetónio menciona este incidente.

Também o grito de César («Trata-se então de violência?!») perante o atrevimento de Tílio Cimbro é registado unicamente por Suetónio e sugere o momento em que ele dá conta da real situação. Plutarco regista as palavras de César, mas em reação ao golpe de Casca — «Maldito Casca, que estás a fazer?» — e do pedido de ajuda deste ao irmão — «Irmão, acode-me!». Díon Cássio (44.19.4) sugere que César foi incapaz de dizer o que quer que fosse.

A morte é o momento supremo da revelação do *ethos* — é natural que se façam convergir os principais elementos biográficos e traços do carácter. As narrativas revelam a preocupação de César em cair composto, elemento mais explorado por Suetónio⁷², consonante com o cuidado que tinha com o corpo⁷³ e com a forma estudada e teatral de se apresentar em público. Plutarco informa que o gesto de cobrir a cabeça o fez por resignação, quando viu que o próprio Bruto o atacava, ao mesmo tempo que sugere que deixou de se defender e de gritar com os atacantes, como acontecera durante os primeiros momentos (*César*, 66.11-12).

A célebre exclamação ao ver Marco Bruto, *καὶ σὺ τέκνον*;

⁷² Suetónio diz que «Quando se deu conta de que era atacado de todos os lados por punhais desembainhados, cobriu a cabeça com a toga, ao mesmo tempo que fazia descer com a mão esquerda a dobra até à parte de baixo das pernas, de modo a cair com maior nobreza, com a parte inferior do corpo também tapada.». Apiano (*Guerras Civis*, 2.117) e Plutarco (*César*, 66.4) dizem que resistiu como um animal selvagem e só teve o gesto de cobrir a cabeça ao ser agredido por Bruto. *Vide* Brandão 2011: 31-37.

⁷³ *Júlio César*, 45. Segundo Gugel (1970: 17-18), trata-se de uma linha estruturante explorada por Suetónio na cena de morte, e o gesto de compor a toga gera efeito teatral.

(«Também tu, meu filho!») aparece em Suetónio (*Júlio César*, 82.3) e Dión Cássio (44.19.5) como versão alternativa de outras fontes. Não se aceita, geralmente, a apóstrofe como autêntica, por se basear na lenda de que Bruto era filho de César, facto inverosímil em termos cronológicos⁷⁴. Mas há quem defenda com fundamento a legitimidade daquelas palavras⁷⁵. É que Plutarco (*César*, 66.8) refere palavras emotivas de Casca pronunciadas em grego ao gritar pela ajuda do irmão. Ao contrário da prática dos historiadores antigos, o biógrafo Suetónio acolhe amiúde termos gregos das fontes, mas, pela forma como introduz a apóstrofe, não parece acreditar muito na sua autenticidade; e talvez a transcreva por puro escrúpulo de ser completo⁷⁶. O pormenor de que, quando os escravos o levaram na liteira, um braço do defunto ia pendente refletirá mais uma vez o gosto de Suetónio pelos pormenores realistas e mórbidos que os historiadores tendem a evitar⁷⁷.

Plutarco parece ser bastante influenciado pela história

⁷⁴ Bruto terá nascido por volta de 85 a.C., altura em que César teria apenas 16 anos. A relação do ditador com Servília situa-se muito mais tarde. *Vide* Butler & Cary 1927: 110 e 159-160.

⁷⁵ O termo τέκνον, primariamente de uso trágico e épico, é empregado como afetuoso desde Homero (*Iliada*, 9.437; *Odisseia*, 4.611), o que não acontece com *filius* latino. E muitos jovens latinos aprendem o grego como primeira língua, e só mais tarde o latim. Assim, o grego torna-se, para os jovens romanos das classes superiores, a língua da espontaneidade. Com base nestes argumentos, Dubuisson (1980: 881-890) conclui que a autenticidade da expressão é justificada; e se não é mencionada pela maior parte dos historiadores é porque não tem interesse para a história política.

⁷⁶ Tanto que contrasta com o seu relato principal. Autênticas ou não, estas palavras aumentam o carácter romanescos da narrativa, pelo que alcançaram grande fortuna em autores posteriores, como o *Et tu, Brute* no *Júlio César* de Shakespeare, e o *Et toi aussi, mon doux ami!* em *La nouvelle Héloïse* de Rousseau. *Vide* Lyons & Montgomer 1968: 37-39; Scanlan 1976: 60-61; Canfora 2000: 367; Pelling 2011: 482-483.

⁷⁷ E mais um exemplo da exploração do efeito teatral, segundo Gugel (1970: 21).

trágica⁷⁸, mas tal propensão estaria já nas fontes; e a morte de homens ilustres constituía até um género autónomo. Da narrativa depreendem-se elementos de um ritual, sobretudo quando Plutarco (*César*, 66.11) diz que «todos deviam empreender o sacrifício e provar da matança». Para o Queronense, Pompeio é uma presença forte, organizada em *Ringcomposition*: o relato começa com menção da estátua do Magno presente no local e a sugestão explícita de que o acontecimento foi presidido por um *daimon* que escolheu também o lugar (a Cúria anexa ao teatro de Pompeio); ao que se acrescenta que Cássio, ao passar diante da estátua, invocou o defunto, mesmo sendo epicurista, seguindo, por isso, o *pathos*, em vez do *logismos* (*César*, 66.1-2).

A presença do divino é retomada no final da cena, com a nota de que César caiu aos pés da estátua de Pompeio e que o pedestal ficou coberto de sangue, de modo que parecia que aquele presidia à vingança sobre o seu inimigo, enquanto este agonizava sob inúmeras feridas (*César*, 66.12-13). A associação parece irónica, pois César, na sua moderação, tinha reerguido estátuas de Pompeio (*César*, 57.6). Tal conotação com vingança está ausente de Suetónio: para ele, a culpa principal de César é o abuso do poder que o torna *iure caesus*. E, em contraste com o favor divino manifesto miraculosamente à passagem do Rubicão, Suetónio nota que naquele dia, sem conseguir auspícios favoráveis, César entra na Cúria menosprezando a *religio* (*Júlio César*, 81.4)⁷⁹.

Fez história como rastilho da desordem um inflamado discurso fúnebre de António, sobretudo depois de Shakespeare. Surpreende que Plutarco, que segue geralmente a prática da

⁷⁸ Vide La Penna 1987: 301-306; Foucher 2000: 773-801.

⁷⁹ O desprezo da religião é sobretudo salientado por Suetónio: *Júlio César*, 59.1; 77. Vide La Penna 1987: 287.

composição de belos discursos, não o faça aqui na *Vida de César*, nem sequer descreva as partes do elogio e seus efeitos na assistência como faz noutras *Vidas*⁸⁰. Suetónio, que não cria o tipo de discursos habituais na história antiga, mas prefere citação de frases lapidares, diz simplesmente que «Em lugar do elogio fúnebre, o cônsul António, pela voz de um arauto, pronunciou o senato-consulta, com o qual se outorgavam a César todas as honras divinas e humanas, e ainda o juramento com o qual todos se tinham comprometido a velar pela segurança pessoal dele, ao que acrescentou, da sua lavra, muito poucas palavras»⁸¹. Estas reacções à morte são importantes, porque a medida do ódio ou da estima pelo biografado ajuda a clarificar o *ethos*.

O biógrafo latino, faz, por sua vez, alusões trágicas, não só na referência ao trecho do *Julgamento das Armas* de Pacúvio cantado no funeral — ‘E havia de ser eu a salvá-los, para haver quem me assassinasse?’ — e algo semelhante da *Electra* de Atílio, mas também nos pormenores da morte de Hélvio, linchado por ter sido confundido com o seu homónimo Cornélio Cina, que pronunciara um violento discurso contra César: segundo um pormenor macabro, mencionado apenas por Suetónio, levaram a sua cabeça pela cidade espetada na ponta de um pau⁸². A ação da multidão em fúria fica assim assimilada à das Ménades que, sob a liderança de Agave, levam a cabeça de Penteu na ponta de um tirso (Eurípides, *Bacantes* 1139 ss). Só este acto cruento

⁸⁰ Plutarco, *Bruto*, 20.4.; *António*, 14.6-7; Cf. Díon Cássio, 44.36-49; e Apiano, *Guerras Civis*, 2.144-145. Vide Gascou 1984: 546-548.

⁸¹ Também Cícero (*Filípicas*, 1.31-32, e *Cartas a Ático*, 14.10.1) louva António pela sua moderação no discurso. Além disso, Suetónio parece insistir em negar a versão do longo discurso ao empregar a palavra *perpaucus*, usada somente aqui. Mas a versão do inflamado discurso teve maior fortuna: em Shakespeare e nos filmes de Hollywood. Vide Lyons & Montgomery 1968: 37-39.

⁸² *Júlio César*, 85.

apacou a multidão, que depois erigiu uma coluna *Parenti Patriae*. Plutarco (*César*, 68. 3-7) opta por desenvolver antes o processo que gerou a confusão de nomes e a morte do inocente.

Se a morte de César foi como que uma vingança de Pompeio, o crime em si consubstancia uma nova transgressão que exige expiação. A conotação trágica é salientada especialmente no último capítulo por Plutarco (*César*, 69.2-3) quando diz que um *daimon* vingador acompanhou César em vida e perseguiu depois os assassinos «através de toda a terra e de todo o mar, até não restar nenhum»⁸³, o que sugere imediatamente o *topos* das Erínias. Acresce o facto de Cássio se suicidar com o mesmo punhal com que tinha atacado César – destino que, por seu turno, Suetónio generaliza a alguns que violaram a sacralidade do herói⁸⁴.

A *Vida* encerra-se com a morte de Bruto, perseguido pelo seu próprio *daimon* mau, que, nota o biógrafo, «mostrava que o assassinio de César não fora bem aceite pelos deuses» (*César*, 69.6-13). E no fecho absoluto da *Vida* está uma palavra forte – *apethanen* ‘morreu’. Há um certo efeito catártico. Mas também se poderá vislumbrar pessimismo. Na verdade, a morte de Bruto pode representar o fim da oposição republicana organizada. É o remate, dir-se-ia propositadamente abrupto, da *Vida* e de um ciclo.

Suetónio, embora tal resulte em grande parte da estrutura das suas *Vidas*, é mais minucioso, sistemático e do seu tempo, enquanto erudito habituado ao trabalho de arquivo, como mostram os títulos de várias monografias perdidas⁸⁵. Tem como

⁸³ Apiano também salienta a vingança sobre os assassinos Trebónio, Décimo Bruto, Marco Bruto e Cássio: *Guerras Civis*, 3.26; 3.98; 4.135. Vide Pelling 2011: 497.

⁸⁴ *Júlio César*, 89.

⁸⁵ Com a profusão de exemplos que recolhe, deixa um maior trabalho

pano de fundo uma moral política romana, pelo que propõe um catálogo de imperadores, seguindo como referência um ideal imperial. Plutarco, embora também tivesse escrito *Vidas dos Césares* a começar em Augusto, opta por integrar César nas suas aproximações de *Vidas*, colocando lado a lado caracteres de dois grandes generais, autores de grandes conquistas e mudanças que afetaram de forma cabal a organização do mundo do seu tempo.

Como nota Pelling, Plutarco tem preferência pelos grandes temas, como a oposição dos aristocratas ao *demos*, presente desde o início da biografia; a propensão para a tirania ou para subverter a constituição (4.9; 13.4)⁸⁶. O facto de ser grego integrado no Império Romano poderá contribuir para o tornar mais abrangente na análise. A mensagem de Plutarco parece assim ser mais universal e essencial. A referida preocupação com o carácter (*ethos*) prende-se com o facto de pretender oferecer paradigmas de comportamento, de modo a promover, de acordo com o sugerido no início da *Vida de Péricles* (1-2), a imitação (*mimesis*), como dissemos no início.

No entanto, este par, *Alexandre-César*, incluiu-se no grupo dos quais não temos *synkrisis* no final, ou porque se perdeu ou

de indução ao leitor, embora seja mais direto nos julgamentos que faz do que à primeira vista possa parecer. Louva a *moderatio* e *clementia* de César no trato com os inimigos (*Júlio César*, 75.1); mas censura-o pela falta de *abstinentia* («respeito pelo alheio») nos cargos militares e civis (*Júlio César*, 54.1); considera gravosos os «atos e ditos» e o «abuso do poder absoluto» que tornam justa a sua morte (*Júlio César*, 76.1); ataca a sua jactância (*Júlio César*, 77), considera infame a aspiração monárquica (79.2).

⁸⁶ Pelling 2011b: 218; 260-262. Certas escolhas e omissões de Plutarco terão também a ver com a sua visão da política romana: o presente como parte da *kakopoliteia*; a ênfase nos dois partidos (*demos / oligoi*), segundo o modelo dos estereótipos gregos. Por outro lado tende a descartar realidades que não interessam ao modelo grego: *equites*, clientela, gladiadores. Vide Pelling 2011: 58-61.

porque neste caso a aproximação fosse evidente⁸⁷. Tendo em conta o conceito de que o *ethos* era imutável para os antigos, a dissimulação do carácter seguida de uma mudança reveladora de comportamento não se pode aplicar a César, que nunca esconde as suas ambições, antes as sublima de forma pragmática com benesses para o estado e particulares. A ambiguidade da *philotimia* ('ambição', 'desejo de honras') é equilibrada com a *philantropia* de César, um valor importante para Plutarco⁸⁸. A ambição de monarquia é, de algum modo, atenuada com a moderação, mas o resultado não deixa de ser tirania⁸⁹. Se Alexandre é um rei que se tornou conquistador, César é um conquistador que ambicionou ser rei em demasia e que da sua ambição pouco colheu. Sem transformar César num tirano desconfiado e cruel (que ele não foi), esta *Vida* é como que um manual prático de crítica à ambição exacerbada e irracional, dominada pelo *pathos* em vez de regida pelo *logos*.

⁸⁷ Apiano (*Guerras Civis*, 21.149-153) apresenta uma comparação, mas é encomiástico. *Vide* Penna 1987: 291-292; Duff 1999: 254-255; Pinheiro 2010: 263. Pelling 2011: 31-32 considera que, sendo o último capítulo uma conclusão tão forte, pode ter tornado dispensável uma eventual comparação. Sobre os muitos ecos da *Vida de Alexandre* na de César, *vide* Pérez Jiménez 2013: 188-199.

⁸⁸ *Vide* La Penna 1987: 283-289.

⁸⁹ Apesar de Suetónio salientar o desprezo da religião e zurzir na arrogância tirânica que o fez merecer a morte (*Júlio César*, 79), a *clementia* e *afabilitas*, as qualidades do general, a moderação na comida e bebida, bem como a qualidade da produção literária, fazem com que César deixe uma impressão balanceada e não seja colocado a par de outros tiranos arrogantes e cruéis, dados à moleza, sumptuosos e destruidores das Belas-Letras.

BIBLIOGRAFIA

EDIÇÕES, TRADUÇÕES E COMENTÁRIOS

a) *Plutarco*

- R. Flacelière, E. Chambry, 1979, *Plutarque. Vies*. Tome XV. Texte établi et traduit, Paris, Les Belles Lettres.
- D. Magnino, *Plutarco. Vite Parallele. Alessandro*. Introduzione, traduzione e note. *Cesare*. Introduzione de La Penna, A., traduzione e note de D. Magnino, Milano, BUR, 1987.
- C. Pelling, *Plutarch Caesar*. Translated with an introduction and commentary, Oxford, University Press, 2011.
- B. Perrin, *Plutarch. The Paralell Lives*. Vol. VII, Cambridge MA / London, Loeb Classical Library edition, 1919.
- K. Ziegler. *Plutarchi vitae parallelae*, vol. 2.2. 2nd edn., Leipzig, Teubner, 1968.

b) *Suetônio*

- H. E. Butler & M. Cary, *Suetonius Diius Iulius*, edited with comm. New-York, Oxford University Press, 1927 (with new introduction, bibliography and additional notes by G. B. Townend, 1982, 1993).
- M. Ihm, *Suetoni Tranquilli Opera, I : De vita Caesarum: libri VIII*, Stuttgart et Lipsiae, Teubner, 1908.

ESTUDOS

- R. Agazzi, *Giulio Cesare stratega in Gallia*. Pavia, Gianni Iuculano, 2006.
- J. Beneker, “No Time for Love: Plutarch’s Chaste Caesar”, *Greek, Roman, and Byzantine Studies* 43, 2003, 13-29.

- J. Beneker, “The Crossing of the Rubicon and the Outbreak of the Civil War in Cicero, Lucan, Plutarch and Suetonius”, *Phoenix* 65, 2011, 74-99.
- E. Bickel, “*Observationum satura, I: Iacta alea est*”, *Paideia* 7, 1952, 269-273.
- J. L. Brandão, “Páginas de Suetônio: Golpes de teatro à passagem do Rubicão”, *Boletim de Estudos Clássicos* 40, 2003, 45-51.
- J. L. Brandão, “Páginas de Suetônio: a morte de César”, *Boletim de Estudos Clássicos* 55, 2011, 31-37.
- J. L. Brandão, *Máscaras dos Césares. Teatro e moralidade nas Vidas suetonianas*, Coimbra, CECH, 2009.
- J. L. Brandão, *Plutarco. Vidas de Galba e de Otão*. Col. de autores gregos e latinos, Coimbra, IUC / S. Paulo, Annablume, 2012.
- J. L. Brandão, “A primazia de César: do ‘1º triunvirato’ aos idos de março”, in J. L. Brandão & F. Oliveira (coord.), *História da Roma Antiga I. Desde as origens à morte de César*, Coimbra, IUC, 2015, 389-427.
- J. L. Brandão, “A ditadura na Roma antiga”, in C. Benjamim, R. Picoli, F. Silva, R. Bueno (eds.), *Ditadura*, São Paulo, Max Limonad, 2017, 17-31.
- P. A. Brunt, *The Fall of the Roman Republic and Related Essays*, Oxford, Clarendon Press, 1988.
- B. Buszard, “Caesar’s Ambition: a Combined Reading of Plutarch’s *Alexander-Caesar* and *Pyrrhus-Marius*”, *TAPhA* 138, 2008, 185-215.
- L. Canfora, “Cesare continuato”, *Belfagor* 25, 1970, 419-429.
- L. Canfora, *Giulio Cesare. Il dittatore democratico*, Roma / Bari, Laterza, 2000.
- J. Carcopino, *Jules César*. Paris, Presses Universitaires de France, 1968.

- L. De Blois, “Soldiers and leaders in Plutarch’s *Galba* and *Otho*”, H. M. Shellenberg, V. E. Hirschmann, & A. Kriechhaus (eds.), *A Roman Miscellany. Essays in Honor of Anthony R. Birley on his Seventieth Birthday*, Gdansk, 2008, 5-13.
- F. Della Corte, *Suetonio eques Romanus*, Firenze, La Nuova Italia, 1967.
- F. Della Corte, “Cesare a Gades”, *Maia* 41, 1989, 95-98.
- M. Dubuisson, “Toi aussi, mon fils!”, *Latomus* 39, 1980, 881-890.
- T. Duff, *Plutarch’s Lives. Exploring Virtue and Vice*, Oxford, University Press, 1999.
- A. Foucher, “Nature et formes de l’‘histoire tragique’ à Rome”, *Latomus* 59, 2000, 773-801.
- J. Gascou, *Suétone historien*, Paris, de Boccard, 1984.
- A. Goldsworthy, *Caesar. The Life of a Colossus*. London, Weidenfeld & Nicolson, 2006.
- M. Gelzer, *Caesar. Politician and Statesman*, Oxford, Blackwell, 1968.
- E. S. Gruen, “Caesar as a politician”, in Griffin, M. (ed.), *A companion to Julius Caesar*. Chichester, Wiley-Blackwell, 2009, 23-36.
- J. Gugel, “Caesars Tod (Sueton, *Div. Iul.* 81,4-82,3). Aspekte zur Darstellungskunst und zum Caesarbild Suetons”, *Gymnasium* 77, 1970, 5-22.
- J. P. Hershbell, “Plutarch’s concept of history: philosophy from examples”, *AnSoc* 28, 1997, 225-243.
- E. Hohl, “Cäsar am Rubico”, *Hermes* 80, 1952, 246-249.
- A. La Penna, “Cesare secondo Plutarco”, introdução à *Vita di Cesare* in Magnino, D., *Plutarco, Vite Parallele. Alessandro. Cesare*. Introduzione, traduzione e note. Milano, BUR, 1987, 217-305.

- J. Landon, "P. Köln XIII 499 and the (In)Completeness of Plutarch's Caesar", *ZPE* 185, 2013, 107-110.
- M. Lyons, & H. C. Montgomery, "Friends, Romans and countrymen", *CB* 44, 1968, 37-39 e 41.
- J. D. Morgan, "The Death of Cinna the Poet", *CQ* 40, 1990, 558-559.
- C. Pelling, "Plutarch and Roman Politics", in B. Scardigli, *Essays on Plutarch's Lives*, Oxford, Clarendon Press, 1995, 319-356.
- C. Pelling, "Seeing Through Caesar's Eyes: Focalisation and Interpretation" in J. Grethlein, J. & A. Rengakos (eds.), *Narratology and interpretation: the content of narrative form in ancient literature*, Berlin, Walter de Gruyter, 2009, 507-526.
- C. Pelling, *Plutarch.Caesar*. Translated with introduction and commentary, Oxford, University Press, 2011.
- C. Pelling, *Plutarch and History. Eighteen Studies*. Swansea, Classical Press of Wales, 2011b.
- A. Pérez Jiménez, "Ensayo sobre dos Vidas comparadas: Alejandro y César" in A. Cosentino & Mariangela Monaca (a cura di), *Studium Sapientiae, Soberia Mannelli*, Rubbettino Editore, 2013, 189-199.
- J. Pinheiro, *Tempo e espaço da paideia nas Vidas de Plutarco*, Coimbra, IUC, 2010.
- T. M. Scanlan, "Suetonius' influence on Jean-Jacques Rousseau in *La nouvelle Héloïse*", *CB* 52, 1976, 60-61.
- D. Shorter, *The fall of the Roman Republic*. London-New York, Routledge, 2005.
- Ph. A. Stadter, "Rivisiting Plutarch's *Lives of the Caesars*" in A. Pérez Jiménez & F. Titchener (eds.), *Valori letterari delle opera di Plutarco. Studi offerti al professore Italo Gallo dall' The International Plutarch Society*, Málaga-Logan, 2005, 419-435.

- R. Syme, "Biographers of the Caesars", *MH* 37, 1980, 104-128.
- A. M. Tagliaschi, "Plutarco e la tragedia greca", *Dioniso* 34, 1960, 125-142.
- G. B. Townend, "The sources of the Greek in Suetonius", *Hermes* 88, 1960, 99.
- G. B. Townend, "Introdução" in H. E. Butler & Cary (ed.), *Suetonius Divus Iulius*. Edited with new introduction, bibliography and additional notes, London, Bristol Classical Press, 1982, 1993.
- S. Weinstock, *Divus Julius*. Oxford, Clarendon Press, 1971.

(Página deixada propositadamente em branco)

TRADUÇÃO¹

I. 1.² César desposou Cornélia³ a filha de Cina, que tinha governado sozinho⁴. Quando Sula detinha o poder⁵, como não foi capaz de a separar de César nem pelas esperanças nem pelo medo, confiscou-lhe o dote. 2. Mas a causa do ódio de Sula em relação a César era a ligação deste a Mário⁶. É que Júlia, a irmã do pai de César, era casada com Mário o Velho; dela era filho Mário o Jovem, primo de César. 3. A este não agradou o facto de ser a princípio negligenciado por Sula, que andava ocupado com uma infinidade de mortes. Então apresentou-se diante do

¹ A edição é a de Ziegler. Leipzig, Teubner, 1968. Trabalho realizado no âmbito do Proj. *Rome our Home: (Auto)biographical Tradition and the Shaping of Identity(ies)* (PTDC/LLT-OUT/28431/2017).

² Supõe-se geralmente que existe uma lacuna de um ou vários parágrafos perdidos, eventualmente devido à deterioração da extremidade do rolo. Há várias hipóteses sobre o material perdido. Também da *Vida de César* de Suetónio se perdeu o início. Para uma tentativa de identificar o material em falta, *vide* Duff 1999: 253-254; Pelling 2011: 129-130. Lunden 2013: 107-110 admite que a *Vida* possa estar completa.

³ Para casar com Cornélia divorciou-se ou rompeu o noivado com Cossúcia: cf. Suetónio, *Júlio César*, 1.1.

⁴ Cina foi consul de 87 a 84, o que leva alguns autores a falarem numa ditadura. Plutarco fala de uma espécie de monarquia. Suetónio (*Júlio César*, 1.1) prefere dizer simplesmente que Cina foi quatro vezes cônsul.

⁵ Em 82 a.C., Cornélio Sula (ou Sila) foi nomeado ditador por um período indeterminado, contrariamente ao costume, e com poderes legislativos (*dictator legibus scribendis et Reipublicae constituenda*). Abdicou em 81 e governou depois como cônsul em 80. O seu governo foi sobretudo funesto pelas prescrições, através das quais muitos dos seus apoiantes enriqueceram. Retirou-se para a Campânia em 79 e morreu pouco depois.

⁶ Estão implícitas as lutas entre Mário e Sula, guerra que culminou com a vitória e ditadura de Sula.

povo como candidato a um sacerdócio⁷ quando não era mais que um rapazola. Sula fez-lhe oposição secreta e providenciou para que ele falhasse o cargo. 4. Quando ponderava eliminá-lo, como alguns argumentassem que não seria razoável dar a morte a um rapaz daquela idade, ele respondeu que eles é que não eram sensatos, se não viam naquele rapaz muitos Mários⁸. 5. Quando tal dito foi reportado a César, este foi esconder-se por longo tempo entre os Sabinos. 6. Ora então, enquanto era transportado de noite de uma casa para a outra, por causa de uma doença, foi cair nas mãos de uns soldados de Sula que andavam a vasculhar aquelas terras e a prender os homens que ali se haviam escondido. 7. Depois de ter subornado com dois talentos um tal Cornélio, que era o comandante, foi libertado e, dirigindo-se imediatamente para o mar, zarpou em direção à Bitínia, para a corte do rei Nicomedes⁹. 8. Sem perder muito tempo junto deste, fez-se de novo ao mar e foi capturado junto à ilha de Farmacusa¹⁰ por piratas que já então dominavam o mar com grandes esquadras e numerosas embarcações¹¹.

⁷ Tratava-se do sacerdócio de *flamen Dialis*. Em número de 15, estes sacerdotes de Júpiter estavam sujeitos a uma série de restrições. Veleio Patérculo (2.43.1) e Suetónio (*Júlio César*, 1.1) parecem sugerir que ele se tornou mesmo sacerdote, mas as interpretações divergem. Para uma síntese da discussão sobre o assunto *vide* Pelling 2011: 134-136 e Butler & Cary 1927/1982: 43.

⁸ Cf. Suetónio, *Júlio César*, 1.3.

⁹ Trata-se de Nicomedes III Filopator. Suetónio (*Júlio César*, 2) esclarece que César fazia então primeiro serviço militar às ordens do pretor M. Minúcio Termo que o enviara em missão à Bitínia em 80-79 a.C. O biógrafo latino introduz desde logo o rumor de que César se tornara um catamito do rei, uma pecha desenvolvida mais à frente (*Jul.* 49). Plutarco omite a vida sexual de César. *Vide* Beneker 20013: 13-29.

¹⁰ A sul de Mileto, hoje Farmakosini.

¹¹ Suetónio (*Júlio César*, 4.1) situa o rapto alguns anos mais tarde, na viagem de César para Rodas, para auferir das lições de Apolónio Mólou, em 75-74 a.C., o que parece mais plausível. Sabemos por Plutarco, *César*, 2.6, e Veleio, 2.42.3, que o governador da Ásia, a quem César pede

II. 1. Primeiramente, quando lhe foi pedido um resgate de vinte talentos, riu-se na cara deles, por não fazerem ideia de quem tinham capturado, e ele mesmo concordou em dar-lhes cinquenta. 2. De seguida, enviou os que o rodeavam, uns para umas cidades, outros para outras, para providenciarem a soma, enquanto ele, unicamente na companhia de um amigo e dois criados¹², ficou entregue aos Cílicios, gente da pior casta de assassinos. Mostrava, contudo, tal desdém, que, sempre que queria dormir, enviava alguém para os mandar fazer silêncio. 3. Durante trinta e oito dias, como se estivesse não preso, mas rodeado de guarda-costas, partilhou, sem ponta de medo, os divertimentos e os exercícios deles. 4. E até os usou como ouvintes de alguns poemas e discursos que escreveu, mas àqueles que não os apreciavam chamava-lhes completos ignorantes e bárbaros. E frequentemente prometeu a rir que os enforcaria. Eles divertiam-se, atribuindo tal franqueza de língua a uma certa simplicidade ou chocarrice juvenil. 5. Uma vez que chegou o resgate de Mileto, e ele, depois de o entregar, foi libertado, tratou logo de reunir navios e zarpou do porto de Mileto no encalço dos corsários. Foi apanhá-los ainda ancorados junto à ilha e capturou a maior parte. 6. Das riquezas fez um botim, mas aos homens guardou-os na prisão em Pérgamo, enquanto ele próprio se dirigiu à presença de Iunco, o governador da Ásia, no pressuposto de que era a ele que, enquanto magistrado, competia a punição dos cativos. 7. Mas como este tinha os olhos postos nas riquezas (que não eram nada pequenas) e, no que dizia respeito aos prisioneiros, prometeu que iria pensar

autorização para castigar os piratas, era Iunco. Ora este governou a Ásia em 74. O rapto por piratas era um lugar-comum da retórica e do romance antigo. *Vide* Butler, & Cary 1983: 46-47; Canfora 2000: 9-14; Baldwin 1983: 222, Pelling 2011: 138-141.

¹² Segundo Suetónio (*Júlio César*, 4.1.), um médico e dois criados de quarto.

no caso quando tivesse tempo, César despediu-se dele e voltou para Pérgamo; e, conduzindo diante de si os piratas, enforcou-os a todos¹³, tal como lhes tinha afiançado vezes sem conta na ilha a título de brincadeira.

III. 1. A partir do momento em que o poder de Sula começou a definhar e os íntimos na pátria já o chamavam, navegou para Rodes, para estudar junto de Apolónio Mólón, um reputado mestre de retórica com fama de bom caráter, cujas lições também Cícero tinha seguido¹⁴. 2. Diz-se que César tinha uma excelente propensão natural para a retórica política e que a exercitava com grande ambição, pelo que deteve incontestavelmente o segundo lugar. 3. O primeiro deixou-o escapar, uma vez que se empenhava de preferência em ser o primeiro no poder e nas armas. Aquela intensidade da palavra, para a qual os dotes naturais o instigavam, não a conseguiu atingir, por causa dos comandos militares e da política, na qual obteve a primazia¹⁵. 4. Ele próprio, mais tarde, em resposta ao *Catão* de Cícero¹⁶, pede que não se compare o discurso de um militar de carreira com a acuidade de um orador talentoso, além do mais com tempo livre de sobra para se dedicar a tal arte.

IV. 1. De regresso a Roma¹⁷, acusou Dolabela por má administração da sua província e muitas cidades da Grécia

¹³ Suetónio (*Júlio César*, 74.1) refere o facto de lhes cortar primeiro as gargantas, como um dos exemplos da *lenitas* ('suavidade') na vingança.

¹⁴ Enquanto Suetónio (*Júlio César*, 4.1) coloca a viagem de estudo como consequência do falhanço na acusação a Cornélio Dolabela pelo crime de concussão, Plutarco estabelece a causalidade ao contrário: a perseguição judicial é um dos resultados do treino no estudo da retórica. *Vide* Pelling 2011: 141-142.

¹⁵ Suetónio (*Júlio César*, 55) dirá que César igualou ou superou os melhores tanto nas armas como na eloquência. Juntando-se ao coro de elogios dos autores antigos, o biógrafo latino ilustra a sua afirmação com o testemunho favorável de Cícero (*Bruto*, 261) e de Cornélio Nepos.

¹⁶ Na obra de César intitulada *Anticatão*.

¹⁷ Em 78 a.C., depois da morte de Sula.

ofereceram-lhe o seu testemunho¹⁸. 2. Então, Dolabela foi absolvido, mas César, em pagamento pela conivência da Grécia, defendeu-a quando esta perseguiu Públio António¹⁹ por corrupção perante Marco Luculo, pretor da Macedónia²⁰. 3. E foi de tal modo veemente, que António apelou para os tribunos, alegando que não estava em posição de igualdade na Grécia contra Gregos. 4. Em Roma, César brilhava com a enorme reputação que lhe granjeava a eloquência como advogado e colhia um imenso favor junto dos cidadãos comuns pela afabilidade com que cumprimentava e convivia, revelando uma capacidade de adulação que não era própria da sua idade. 5. Por causa do esplendor dos jantares e da mesa e de todo o seu modo de vida ganhou um crescente poder na vida pública. 6. Os que o invejavam, a princípio, julgando que, com a mímica dos recursos, tal poder iria diminuir rapidamente, permitiram-lhe disfrutar dele entre o povo. 7. Mas depois, quando tal poder se tornou desmedido e difícil de derribar e se encaminhava diretamente para a revolução geral, compreenderam que nenhum começo de ação deve ser considerado tão pequeno, que a persistência não o leve a tomar rapidamente grandes dimensões, já que se aproveita do menosprezo para se tornar irrefreável. 8. De qualquer modo, parece que o primeiro a suspeitar dele foi Cícero, bem como a temer tanto o aspeto radioso da política dele como o do mar,

¹⁸ Em 77 a.C. Trata-se do cônsul de 81, Gneu Cornélio Dolabela. Depois foi procônsul da Macedónia. Foi defendido por Cota e Hortênsio. Cf. Suetónio, *Júlio César*, 4.1.

¹⁹ Em 76 a.C. Não se chamava Públio, mas Gaio António Híbrida. Será o colega de consulado de Cícero em 63 a.C.

²⁰ Marco Lúculo, irmão do riquíssimo L. Licínio Lúculo. Há aqui mais um equívoco de Plutarco: Marco Luculo era na altura pretor peregrino, pelo que o julgamento se deu em Roma, e não na Macedónia como Plutarco sugere. A confusão de Plutarco talvez derive do facto de ele se tornar governador da Macedónia depois do seu consulado em 73 a.C.

e, ao perceber que debaixo da benignidade e da graciosidade escondia um caráter intrépido, Cícero comentou que em todos aqueles esquemas e políticas de César ele via um propósito tirânico²¹, 9. «mas, no entanto», – acrescentou –, «quando vejo tal cabeleira, arranjada de forma tão excêntrica, e ele a coçá-la com um só dedo, já não me parece que tal tipo tenha em mente algo de tão detestável como a destruição da constituição romana». Mas isso, de facto, vem mais tarde.

V. 1. A primeira prova do favor do povo para consigo obteve-a César quando, ao disputar com Gaio Popílio o lugar de tribuno militar, foi eleito à frente dele²². 2. A segunda, e mais evidente, quando por morte de Júlia, esposa de Mário, fez, enquanto sobrinho dela, um elogio brilhante no foro²³ e se atreveu²⁴ a expor durante o funeral as imagens de Mário – foi então a primeira vez que tal se viu depois do governo de Sula, já que aqueles homens²⁵ tinham sido declarados inimigos públicos. 3. Uma vez que, perante tal conduta, alguns se puseram a vociferar contra César, o povo clamou em resposta, recebendo-o com um vivo aplauso e manifestações de admiração, por ele, passado tanto tempo, ter como que reconduzido as mercês de Mário do Hades para a cidade. 4. Ora se proferir discursos fúnebres em honra de mulheres idosas era tradição entre os Romanos, já não era costume no caso de mulheres jovens, pelo que foi uma novidade quando César o

²¹ Sobre a política popular e alegada ambição da tirania, *vide* Introdução, 2.1 e 2.6.

²² Em 73 a.C.

²³ Em 69 a.C. Suetónio (*Júlio César*, 6.1) transcreve uma parte do discurso, em que César aproveita o ensejo para explorar a origem da família, concluindo que «...É inerente à estirpe a santidade dos reis, que entre os homens têm maior poder, e a sacralidade dos deuses, em cuja autoridade se fundamentam os próprios reis».

²⁴ Quando os partidários de Sula ainda dominavam o poder.

²⁵ Mário e seus aliados; ou Mário e o filho homónimo.

fez por ocasião da morte da sua esposa²⁶. 5. Tal atitude trouxe-lhe um certo favor, e ele logrou com aquela fatalidade conciliar a cumplicidade de muita gente, afeiçoada a um varão gentil e cheio de bom caráter. 6. Depois do funeral da mulher, foi na qualidade de questor para a Península Ibérica no séquito de Vétère²⁷, um dos pretores, a quem ele continuou sempre a estimar e cujo filho ele próprio tornou questor quando foi por sua vez magistrado. 7. Depois de terminar aquela magistratura, desposou em terceiras núpcias Pompeia²⁸, tendo já uma filha de Cornélia que viria mais tarde a casar com Pompeio Magno.

8. Como gastava dinheiro sem olhar a despesas e parecia conseguir uma glória breve e escassa à custa de grande dispêndio – quando na verdade obtinha o máximo a um baixo custo –, consta que antes de ser designado para algum cargo público já tinha uma dívida de mil e trezentos talentos. 9. É que não só desbaratou grandes somas dos seus próprios recursos quando foi nomeado curador da Via Ápia²⁹, como também, no cargo de edil, custeou trezentos e vinte pares de gladiadores; e por meio de outros patrocínios extravagantes relativos ao teatro, cortejos e banquetes anulava as ambições dos antecessores. De tal modo manipulou o povo, que cada qual buscava novos cargos e novas honras para o recompensar³⁰.

²⁶ Cornélia, filha de Cina, falecida também em 69 a.C.

²⁷ Gaio Antístio Vétère, propretor da Hispânia Ulterior em 69-68 a.C.

²⁸ Filha do cônsul de 88, Quinto Pompeio Rufo, e de Cornélia, a filha de Sula. Pompeia ficará casada com César de 67 a 61, altura em que reventará o escândalo de Clódio na festa da *Bona Dea*. Vide, à frente, 9 e 10.8-9.

²⁹ Em 65 a.C. Esta importante via deve o seu nome ao censor Ápio Cláudio que iniciou a construção em 312 a.C., durante a 2ª Guerra Samnita, para ligar estrategicamente Roma a Cápua. Mais tarde foi prolongada até Brundísio, o porto de onde se atravessava rapidamente para a Grécia.

³⁰ Sobre a relação de César com o *demos*, vide Introdução, 2.1.

VI. 1. Havia na cidade duas fações: a que derivava de Sula, muito poderosa, e a dos partidários de Mário, que, tendo sido subjugada e dispersa, experimentava uma completa humilhação. Como ele desejava revitalizar esta causa e ligar-se a ela, tratou de, no auge da ambição própria do cargo de edil, fazer em segredo estátuas de Mário e Vitórias portadoras de troféus, que levou de noite para o Capitólio, onde as colocou. 2. Ao romper do dia, o espanto tomou conta dos que viam todas aquelas obras cintilantes de ouro e produto de uma arte refinada (nas inscrições citavam-se as vitórias sobre os Cimbros³¹) perante a audácia de quem as tinha erigido (pois não deixava de se perceber quem fora), e rapidamente a notícia se espalhou, fazendo confluir toda a gente para tal espetáculo. 3. Mas uns gritavam que César conduzia uma política tirânica³² ao restabelecer honras que tinham sido enterradas por leis e por decretos, e que tal era uma forma de experimentar o povo, a ver se este, que já estava domado à partida, se mostrava adoçado pela sua munificência e lhe permitia tais brincadeiras e inovações. 4. Todavia os partidários de Mário, encorajando-se uns aos outros, mostraram-se de súbito numa multidão espantosamente numerosa e tomaram conta do Capitólio com o seu clamor. 5. Dos olhos de muitos jorravam lágrimas de contentamento ao ver a figura de Mário. E César era enaltecido com louvores, como sendo entre todos o único varão digno de partilhar a linhagem de Mário. 6. Ora, reunido o senado por causa desta questão, Lutácio Cátulo³³, que gozava

³¹ Cf. Suetónio, *Júlio César*, 11; Veleio Patérculo, 2.43.4. Mário venceu os Teutões e os Cimbros, em 102 e 101 respetivamente, povos germânicos originários da Jutulândia que, numa vaga migratória, tinham invadido a Gália e a Hispânia e infligido duras derrotas a exércitos romanos (em 113 e 105 a.C.) e ameaçavam entrar na Península Itálica.

³² Sobre a ambição da tirania, *vide* Introdução, 2.1 e 2.6.

³³ O *princeps senatus*. Cônsul de 78 e censor em 65 a.C. Rival de César na corrida para o pontificado máximo em 63: *vide* à frente 7.1.

então de excelente reputação entre os Romanos, levantando-se para acusar César, proferiu aquele dito memorável: «já não é através de minas que tomas o poder, César, mas com máqui- nas de assédio». 7. Mas quando César, ao falar em sua defesa, convenceu aquele conselho, os seus admiradores ainda ficaram mais excitados e exortavam-no a não desistir dos seus propósitos perante ninguém, pois, com o apoio do povo, ele a todos exce- deria e chegaria ao topo do poder.

VII. 1. Como naquela altura por morte de Metelo, o pontífice máximo³⁴, trataram de disputar aquele sacerdócio, que era muito cobiçado, Isaurico³⁵ e Cátulo, varões notabilíssimos e com enorme poder no senado, César, em vez de ceder perante eles, tratou de se apresentar ao povo para disputar o cargo. 2. Uma vez que a base de apoio se afigurava equilibrada, Cátulo, que, por ter uma reputação maior mais temia a incerteza, mandou alguém para convencer César a abandonar tal ambição em troca de grande soma de dinheiro. Mas como ele tinha pedido emprestado ainda mais, disse que iria disputar o lugar. 3. Quando chegou o dia, respondeu à mãe, que o acompanhava à porta em lágrimas, enquanto a beijava: «Ó mãe, hoje verás o teu filho ou pontífice máximo ou exilado»³⁶. 4. Concluída a votação, que se revelou conflituosa, ele venceu e infundiu no senado e nos aristocratas o medo de que levasse o povo a um extremo de atrevimento. 5. Consequentemente, o grupo liderado por

³⁴ Quinto Cecílio Metelo Pio, cônsul em 80 a.C. Como procônsul da Hispânia Ulterior combateu Sertório a partir de 79 a.C.

³⁵ Servílio Isaurico, cônsul de 79 a.C. Deve o cognome ao triunfo, obtido em 74, sobre os Isáurios, povo (famoso pelas suas pilhagens) que combateu enquanto governador da Cilícia a partir de 78. Foi Censor em 55 a.C.

³⁶ Suetônio (*Júlio César*, 13) apresenta uma variante: «não regressaria a casa a não ser como pontífice». Cf. Dión Cássio, 37.37.

Pisão³⁷ e Cátulo acusou Cícero de ter poupado César, quando este tinha dado o flanco no âmbito do caso de Catilina³⁸. 6. Pois Catilina, que tinha a intenção não só de revolucionar a constituição, mas também de destruir completamente o poder e baralhar toda a política, foi ele próprio banido, depois de incorrer em provas menores, antes de serem revelados os planos mais radicais³⁹. Deixou, contudo, Lêntulo⁴⁰ e Cetego⁴¹ na cidade como proscritores da conspiração. 7. É incerto se César lhes facultou à socapa algum estímulo ou meios⁴², mas quando eles foram severamente acusados no senado e o cônsul Cícero interpelava cada senador sobre o castigo a aplicar, todos antes de César recomendavam a morte. 8. Porém César, levantando-se, proferiu um discurso estudado, alegando que a execução sem julgamento de varões de condição e linhagem ilustre lhe não parecia salvaguardar o respeito nem pelos costumes ancestrais nem pela justiça, salvo em caso de extrema necessidade. 9. Mas

³⁷ Gaio Calpúrnio Pisão, cônsul de 67. Foi um opositor da *lex Gabinia*, que conferia poderes especiais a Pompeio na luta contra a pirataria no Mediterrâneo. Foi depois procônsul das Gálias. Acusado de concussão e da morte injusta de um gaulês, foi defendido por Cícero. Pisão e Cátulo tentaram, em vão, que Cícero implicasse César na conjura de Catilina: cf. Salústio, *A conjura de Catilina*, 49.

³⁸ Salústio (*A conjura de Catilina*, 49.1) diz que eles não conseguiram coagir Cícero nem com súplicas, nem com a influência nem com dinheiro para que César fosse falsamente acusado por intermédio dos Alóbroges ou de outrém.

³⁹ Plutarco trata a famosa conspiração de Catilina em várias vidas: *Cícero*, 10-24; *Catão Menor*, 22-24; *Crasso*, 13.3-5. Para uma comparação dos relatos, *vide* Pelling 2011b: 45-63.

⁴⁰ Cornélio Lêntulo Sura, cônsul em 71 a.C. padrao de Marco António.

⁴¹ Cornélio Cetego, jovem senador, que seria encarregado de assassinar Cícero.

⁴² É provável que César e Crasso tivessem estado entre os que, em 64 a.C. apoiaram a candidatura, regular, de Catilina ao consulado de 63, mas depois se tivessem demarcado da conjura.

se os mantivessem presos, nas cidades da Itália⁴³ que o próprio Cícero escolheria, até à derrota de Catilina, tal permitiria mais tarde ao senado deliberar em paz e serenidade sobre cada um deles⁴⁴.

VIII. 1. Tal parecer afigurou-se tão humano e acompanhado de um discurso tão sólido, que não só o apoiaram os que tomaram a palavra depois dele, como também muitos dos que tinham falado antes retiraram os pareceres expostos e passaram a apoiar o dele, até que o assunto chegou a Catão⁴⁵ e a Cátulo⁴⁶. 2. Estes opuseram-se encarniçadamente. E Catão, enquanto fazia o discurso, levantou a suspeita contra ele e opôs-se com firmeza. Os homens foram entregues para serem executados, e, quando César ia a sair do senado, muitos dos jovens da guarda de Cícero dirigiram-se todos à uma de espadas nuas contra ele. 3. Diz-se que Curião⁴⁷, envolvendo-o com a toga, o retirou dali. O próprio Cícero, quando os jovens olharam para ele, acenou negativamente, porque temesse o povo, ou considerasse tal morte cabalmente injusta e ilegal. 4. Se este episódio é verdadeiro,

⁴³ Prática usada para os reféns de povos estrangeiros.

⁴⁴ Uma reconstrução do discurso de César em Salústio, *A conjura de Catilina*, 51. Sobre a proposta de César, *vide* também Suetónio, *Júlio César*, 14. A proposta de prisão devia ser permanente, como sugerem todas as outras fontes, e não a prazo, caso contrário seria inconcebível o confisco dos bens. *Vide* Pelling 2011: 162-166.

⁴⁵ Márcio Pórcio Catão, neto de Catão o Censor, conhecido como Catão de Útica por se ter suicidado naquela cidade africana, depois de conhecer a derrota da causa republicana. Seguidor da doutrina estóica e dos ideais republicanos tornou-se famoso pela sua verticalidade moral. Era então tribuno eleito. Salústio (*A conjura de Catilina*, 52) apresenta também uma versão do seu discurso.

⁴⁶ Cátulo, em rigor, enquanto ex-cônsul, teria falado antes de César, que era pretor eleito.

⁴⁷ Gaio Escribónio Curião, cônsul em 76 a.C. e depois governador da Macedónia. Proferiu duros discursos contra César. Era pai do Curião homónimo, tribuno da plebe em 50 a.C., que se passou para o lado de César.

não percebo como é que Cícero não o mencionou na obra sobre o seu consulado⁴⁸. Assumiu, todavia, mais tarde a culpa de não ter aproveitado a excelente oportunidade que a ocasião lhe oferecia contra César, mas acobardara-se perante o povo, que estava excessivamente ligado a César. 5. Ele mesmo veio ao senado poucos dias depois para se defender dos assuntos sobre os quais recaíam as suspeitas e confrontou-se com um sério alvoroço. E como o tempo da reunião se tornou mais longo que o habitual, o povo acorreu aos gritos e rodeou o senado, a reclamar o seu homem e a exigir que o deixassem sair.

6. Por conseguinte, Catão, temendo sobremaneira que uma revolução adviesse dos carenciados, que eram os mais incendiários de todo o povolêu e colocavam em César as suas esperanças, convenceu o senado a atribuir-lhes uma pensão mensal de trigo.

7. Pelo que com esta dádiva se acrescentaram sete milhões e quinhentas mil dracmas às despesas anuais⁴⁹. No entanto, esta medida debelou manifestamente o enorme receio do momento, assim como quebrou a maior parte do poder de César e diluiu-o no momento certo, quando ele estava para assumir a pretura⁵⁰ e se tornava mais temível em virtude do cargo.

IX. 1. Durante esta magistratura não aconteceu nenhuma desordem⁵¹, mas ocorreu um desagradável incidente no que respeita à sua família. 2. Públio Clódio⁵² era um homem de nobre

⁴⁸ Umás memórias (*commentarius*) sobre o consulado escritas em grego que se perderam: cf. Cícero, *Cartas a Ático*, 1.19.10. Subsiste o poema em latim *De consulatu suo* 'Sobre o seu consulado'.

⁴⁹ Cf. *Catão Menor*, 26.1. As distribuições subsidiadas começaram com Gaio Graco. Em 58 a.C. o tribuno Clódio tornará as distribuições gratuitas. Catão terá alargado o número dos beneficiários.

⁵⁰ A pretura começava a 1 de Janeiro. O colega de César foi de novo Bíbulo.

⁵¹ Suetónio (*Júlio César*, 15-16) apresenta um exercício da magistratura bem mais turbulento.

⁵² Públio Clódio Purcuro, questor designado. Tinha sido um dos

linhagem e célebre pela riqueza e pela facúndia, mas no que toca a insolência e prepotência na depravação não cedia o lugar a nenhum dos afamados facínoras. 3. Este homem apaixonou-se por Pompeia, a mulher de César, e nada contra a vontade dela; mas a vigilância em torno dos aposentos das mulheres era apertada, e a mãe de César, Aurélia, era uma mulher sensata, que nunca largava de vista a jovem esposa, o que tornava difícil e arriscado o encontro deles.

4. Ora os Romanos têm uma divindade a que chamam Bona Dea⁵³, tal como os Gregos lhe chamam Gineceia. Os Frígios, que a reclamam como sua, dizem que era a mãe do rei Midas⁵⁴; os Romanos que é uma ninfa dríade que se uniu a Fauno; e os Gregos que é aquela mãe de Dioniso de que se não pode pronunciar o nome⁵⁵. 5. Por isso, quando celebram o festival, cobrem as tendas com sarmentos de videira, e uma serpente sagrada é colocada junto da deusa, em consonância com o mito. 6. Não é permitida a entrada a nenhum homem, nem tão pouco a sua permanência na casa durante a celebração dos ritos sagrados. Mas as próprias mulheres, entre si, cumprem no que toca à liturgia diversos ritos semelhantes aos órficos, pelo que se diz. 7. Quando chega então o tempo da festa ****, a mulher do cônsul ou pretor, enquanto ele próprio sai juntamente com tudo

referidos jovens guarda-costas de Cícero. Mais tarde, quando tribuno da plebe, em 58, fez exilar o orador, de quem se tornara inimigo, porque este, por pressão da esposa Terência, terá desmentido o alibi apresentado por Clódio, no sentido de que por altura do festival da Bona Dea se encontrava fora de Roma. Cf. Plutarco, *Cícero*, 28-29. Em 52 foi assassinado na Via Ápia pelo bando rival de Milão.

⁵³ Em grego *Agathe*. Trata-se de um ritual mistérico, denominado *damia*, realizado somente pelas mulheres em casa de um magistrado *cum imperio*, ou cônsul ou pretor. César, além de pretor, era Pontífice Máximo, como se viu.

⁵⁴ Cíbele, a Grande Mãe, de origem frígia.

⁵⁵ Perséfone.

o que é do sexo masculino, toma conta da casa e organiza-a. 8. Os ritos mais importantes cumprem-se de noite, ocasião em que jogos se combinam com vigílias e há também lugar para bastante música.

X. 1. Como cabia então a Pompeia a organização da festa, Clódio, que ainda não tinha barba⁵⁶ e julgava por isso que passava despercebido, apareceu com as roupas e os apetrechos de uma citarista, semelhante no aspeto a uma jovem mulher⁵⁷. 2. E, deparando com as portas abertas, foi introduzido sem problemas por uma criada cúmplice, que correu a informar Pompeia. Com a demora, Clódio ficou sem paciência para ficar no local onde tinha sido deixado. Pôs-se a deambular pela grande casa e, enquanto evitava a luz, encontrou-o uma ajudante de Aurélia, que, como uma mulher a outra mulher, o convidou para jogar. Como ele não queria, arrastou-o para o meio da divisão e quis saber quem ele era e de onde vinha. 3. Mas quando Clódio disse que estava à espera da Habra de Pompeia, pois assim se chamava a escrava, foi descoberto pela voz; e a ajudante precipitou-se de rompante aos guinchos para a luz e para o grupo, clamando que tinha descoberto um homem. Enquanto as mulheres debandavam em pânico, Aurélia pôs fim aos ritos da deusa e tapou os vestígios deles. Ela própria, depois de mandar fechar as portas, percorreu a casa com lanternas, à procura de Clódio. 4. Foi encontrá-lo refugiado no quarto da moça que lhe tinha permitido a entrada; e ele, uma vez reconhecido, foi reconduzido porta fora pelas mulheres. 5. As senhoras regressaram a casa e contaram, logo nessa noite, o sucedido aos seus maridos, pelo que, no dia seguinte, corria pela cidade o relato de que Clódio

⁵⁶ Mas tinha 29 anos.

⁵⁷ Há quem veja na história um desafio às normas, como aconteceu com jovens aristocratas de todos os tempos, à maneira de Alcibiades cf. Pelling 2011: 174-175.

tinha cometido atos sacrílegos e devia uma reparação, não apenas aos que foram ultrajados, mas de igual modo à cidade e aos deuses. 6. Então, um dos tribunos da plebe indiciou Clódio por impiedade⁵⁸, e os mais poderosos do senado uniram-se contra ele, alegando outros atrevimentos horríveis e adultério com a irmã, que era casada com Luculo. 7. Mas contra o zelo destes se interpôs o povo em defesa de Clódio, e grande era o apoio contra os juízes, que estavam sem pinga de sangue e com medo da turba. 8. Quanto a César, repudiou imediatamente Pompeia, mas, chamado como testemunha no processo, disse nada saber do que se proferia contra Clódio. 9. Ora, como o seu discurso se apresentava contraditório, o acusador perguntou: «Como é que então repudiaste a tua mulher?»; «Porque» – respondeu ele – «julgo preferível que da minha mulher nem suspeita exista»⁵⁹. 10. Uns afirmavam que César dizia aquilo que pensava; mas outros sustentavam que o fazia para agradar ao povo, que estava empenhado em salvar Clódio. 11. Este escapou então à acusação, tendo a maioria dos juízes apresentado as suas decisões em caracteres ilegíveis⁶⁰, de modo a não correrem riscos entre a multidão ao condená-lo, nem a arruinarem a reputação perante os aristocratas ao absolvê-lo.

XI. 1. Logo que César abandonou a pretura obteve a província da Hispânia, mas como lhe estava a ser difícil lidar com os credores, que lhe estorvavam a partida e reclamavam,

⁵⁸ Erro de Plutarco. O processo foi levado pelo pretor Q. Cornifício e o acusador foi L. Cornélio Léntulo Crure, cônsul de 49. A acusação foi de *incestum*. Vide Pelling 2011: 40 n.119.

⁵⁹ Cf. Plutarco, *Cícero*, 29.9; Suetónio, *Júlio César*, 74.2, Dión Cássio, 37.45.2. César na altura do julgamento, em maio de 61, não devia estar em Roma, mas na Hispânia.

⁶⁰ Cf. Plutarco, *Cícero*, 20.6. Plutarco parece ter confundido o sistema de votação romano. Provavelmente significa que muitos se abstiveram.

valeu-se de Crasso⁶¹, que era o mais rico dos Romanos, mas que precisava do viço e do ardor de César na sua oposição política a Pompeio. 2. Uma vez que Crasso satisfez os mais exigentes e implacáveis dos credores e deu como garantia oitocentos e trinta talentos, ele partiu então para o comando da província. 3. Diz-se que, na travessia dos Alpes, passando por uma qualquer terriola bárbara, habitada por muito poucas pessoas e miserável, os companheiros, na risota e na brincadeira, perguntaram: «Será que também aqui existem ambições pelo poder, competições pelo primeiro lugar e invejas dos poderosos entre si?», 4. ao que César respondeu prontamente: «Eu antes queria ser o primeiro entre estes que o segundo entre os Romanos!». 5. E acrescenta-se de igual modo que, na Península Ibérica, ao ler num momento livre uma qualquer obra sobre Alexandre, ficou deveras ensimesmado durante longo tempo e depois chorou. 6. Como os amigos lhe perguntassem, admirados, qual o motivo das suas lágrimas, ele disse: «Não vos parece suficiente motivo de lamento que Alexandre com a minha idade já reinasse sobre tantos, quando eu ainda nada realizei de notável?»⁶².

⁶¹ Trata-se do riquíssimo M. Licínio Crasso, que foi cônsul com Pompeio em 70 a.C. e que constituirá com este e com César o impropriamente designado 1º triunvirato. Morrerá em 53 na derrota de Carras, na guerra que moveu aos Partos.

⁶² Plutarco coloca, como Díon Cássio (37.52.2), o episódio no decorrer da pretura. Já Suetónio (*Júlio César*, 7.1-2) situa esta comparação com Alexandre igualmente na Hispânia, mas na altura do desempenho do cargo de questor – o que faz mais sentido, tendo em conta a idade de Alexandre (a questura atingia-se pelos 30 anos e a pretura pelos 40). Além disso, o biógrafo latino situa o episódio junto ao templo de Hércules em Gades (no que é secundado por Díon Cássio) e acrescenta que o elemento motivador do pranto foi a contemplação de uma estátua de Alexandre. Plutarco situa o episódio mais de acordo com a lógica da narrativa, na sequência da anedota situada na travessia dos Alpes e enquadrado também no tema da ambição de César. Além disso, Suetónio e Díon Cássio acrescentam um sonho de César que implicava comércio carnal com a mãe. Suetónio dá a explicação dos intérpretes: a *mater subiecta* seria a

XII. 1. Uma vez chegado à Península Ibérica, atirou-se imediatamente ao trabalho, de modo que, em poucos dias, juntou dez coortes⁶³ às vinte anteriormente existentes e, empreendendo uma campanha contra os Galaicos e os Lusitanos, conquistou-os e avançou até ao mar exterior, submetendo povos antes não sujeitos aos Romanos⁶⁴. 2. Depois de administrar bem os assuntos da guerra, não dirigia pior os da paz, estabelecendo a concórdia nas cidades e, acima de tudo, tentando sanar as dissensões entre devedores e credores. 3. Prescreveu pois que o credor recolhesse por ano do devedor dois terços dos rendimentos, deixando ao possuidor o usufruto do remanescente até que fosse saldado o empréstimo. 4. Com tais ações ganhou boa reputação, pelo que, ao deixar o cargo⁶⁵, não só se tinha tornado rico ele próprio como tinha trazido lucros aos soldados através das campanhas e tinha sido aclamado *imperator* por eles.

XIII. 1. Uma vez que os aspirantes ao triunfo deviam esperar fora de portas, e os candidatos ao consulado deviam apresentar-se na cidade para tratar do assunto, ele, como se encontrava nesta contradição e tinha chegado por altura das eleições consulares, enviou ao senado uma solicitação para que lhe fosse concedido candidatar-se ao consulado *in absentia*⁶⁶ através dos amigos. 2. Mas Catão, que primeiro se apoiava na

terra, o que lhe augurava o domínio do mundo. Tal profecia *post eventum* pode fazer-nos suspeitar de uma criação do próprio César, dada a sua cultura literária, para favorecer o seu mito. *Vide* La Penna 1987: 235-236; Della Corte 1989: 95-98 ; Pelling 2011: 257 e 2011b: 3-4, 182-184. Resumo da informação tratada em Introdução, 2.4.

⁶³ Ou seja, o equivalente a mais uma legião: *vide* Pelling 2011: 184.

⁶⁴ Cf. descrição mais alargada das operações militares em Díon Cássio, 37.52.3-53. Este autor salienta (37.52.1) que César pretendia emular Pompeio.

⁶⁵ Sem esperar pelo sucessor, como salientam Suetónio, *Júlio César*, 18.1, e Díon Cássio, 37.54.1, na pressa de se apresentar ao consulado.

⁶⁶ Havia precedentes em casos especiais, como Mário, enquanto estava fora a combater os Cimbros e os Teutões.

lei contra tal pretensão, e depois, ao ver que muitos tinham sido aliciados por César, ia diferindo a questão no tempo e esgotava o dia a discursar⁶⁷, pelo que César decidiu descartar o triunfo para agarrar o consulado. 3. E mal chegou, entregou-se a um esquema político que iludiu a todos exceto Catão: a saber, a reconciliação de Pompeio e Crasso, os mais poderosos da cidade⁶⁸. 4. César logrou trazê-los da desavença para a amizade e, reunindo sobre si o poder de ambos, através de uma ação catalogada como humanidade, mudou o regime político sem que alguém desse conta. 5. Não foi pois, como muitos pensam, a discórdia entre César e Pompeio que desencadeou as guerras intestinas, mas antes a amizade⁶⁹: juntaram-se primeiro para a destruição da aristocracia e depois entraram de igual modo em conflito um com o outro. 6. A Catão, que frequentemente previa o que ia acontecer, foi dado colher então a fama de homem amargo e metedição, mas, mais tarde, de conselheiro perspicaz e desventurado.

XIV. 1. No entanto, César, ladeado pela amizade de Crasso e Pompeio⁷⁰, como se fossem guarda-costas, foi escoltado até ao

⁶⁷ Catão usava o seu direito de discursar o tempo que quisesse sobre o que quisesse. E os decretos tinham de ser votados antes do pôr do sol.

⁶⁸ Trata-se da formação do impropriamente chamado 1º triunvirato. Não era uma instituição formal, como mais tarde o triunvirato de Octávio, António e Lépido, em 43 a.C., mas antes um acordo de cavalheiros para lograrem atingir objetivos que não alcançariam sozinhos: uma espécie de «conspiração» levada a cabo pelos três *principes*, segundo Tito Lívio (*Epítome do livro* 103); ou, como o caracterizaria Varrão, um «monstro de três cabeças» – *Tricaranos* – expressão transmitida por Apiano (*Guerras Civis*, 2.9). Constituíram tal aliança (*societas*) para que se não fizesse nada na *res publica* que prejudicasse qualquer um deles, como diz Suetónio (*Júlio César*, 19.2). Era uma *potentiae societas* ('aliança de poder'), segundo Veleio Patérculo (2.44.1). *Vide* Introdução, 2.2.

⁶⁹ Esta seria uma afirmação de Catão: cf. Plutarco, *Pompeio*, 47.2-3.

⁷⁰ Há discussão sobre a data deste acordo entre os três. Dión Cássio (37.58.1) sugere que os próprios o terão ocultado enquanto puderam. Suetónio (*Júlio César*, 19.2) diz que a aliança se fez quando foram

consulado⁷¹. 2. E foi designado de forma brilhante, juntamente com Calpúrnio Bíbulo⁷². E, assumindo o poder, introduziu imediatamente leis próprias não de um cônsul, mas de um tribuno da plebe assaz temerário, com propostas de colônias no estrangeiro e distribuições de terra para agradar às massas⁷³. 3. Perante a oposição dos notáveis⁷⁴ no senado, ele que há muito procurava um pretexto, pôs-se a clamar, protestando que era empurrado para o povo contra a vontade e que iria obsequiá-lo por causa da arrogância e inflexibilidade do senado, pelo que se apresentou

atribuídas como províncias para os cônsules de 58 «as florestas e os pastos». Em princípio, tal sorteio acontecia antes de conhecidos os resultados eleitorais, segundo uma lei de Gaio Graco. É de crer que os opositores suspeitassem que César seria eleito. Cícero confia a Ático (Cícero, *Cartas a Ático*, 2.3.3-4) que, em dezembro de 60, Cornélio Balbo lhe veio pedir apoio para as reformas a realizar durante o consulado de César, com a garantia de que este iria seguir sempre o conselho do arpinate e de Pompeio, além de que iria tentar uma aproximação entre Pompeio e Crasso. A reação do orador parece sugerir que o acordo entre os três não se terá tornado público antes de janeiro de 59. Além disso, as fontes deixam perceber uma consolidação faseada da aliança. *Vide* Carcopino 1950: 717-718; 1968: 203-205; Butler & Cary 1993: 62-63; Canfora 2000: 69-79; Pelling 2011: 188-191; Brandão 2015: 391-392.

⁷¹ Plutarco faz eco do costume de os apoiantes escoltarem os candidatos às assembleias de voto. *Vide* Pelling 2011: 195.

⁷² No ano de 59 a.C. Plutarco omite a corrupção eleitoral feita em associação com o outro candidato Lúcio Luceio: cf. Suetónio, *Júlio César*, 19.1.

⁷³ Tratava-se, numa primeira lei (Plutarco não distingue), de distribuir terras quer para os necessitados (cf. Plutarco, *Pompeio*, 47.3, *Catão Menor*, 31.4), mas também para os veteranos de Pompeio, que tinham combatido Mitridates (Plutarco, *Pompeio*, 48.1). Os beneficiários não podiam alienar as terras por vinte anos (Apiano, *Guerras Civis*, 3.5.24). Para o efeito foi nomeada uma comissão de vinte homens da qual César se excluiu para mostrar isenção. A reforma era cofinanciada pelos proveitos das conquistas de Pompeio (cf. Dión Cássio, 38.1-2). O próprio Cícero (*Cartas a Ático*, 2.3) apoia a princípio esta lei. Mais tarde foi promulgada uma segunda *lex agraria* que propunha a distribuição do rico, e até então preservado, campo da Campânia entre 20 000 cidadãos com mais de três filhos. Foi restaurada a independência de Cápuia como colónia de cidadãos romanos.

⁷⁴ Além do cônsul Bíbulo, Catão, Luculo e Cícero: cf. Plutarco, *Catão Menor*, 31.5, *Pompeio*, 47.4; Dión Cássio, 38.2.

diante do povo. 4. Acompanhado de um lado por Crasso e de outro por Pompeio, perguntou se aprovavam as leis. Como lhe responderam que apoiavam, exortou-os a ajudarem-no contra os que ameaçavam opor-se-lhes com espadas. 5. Eles prometeram apoio, e Pompeio até disse que contra as espadas avançaria com uma espada e um escudo. 6. Com tal dito deixou os aristocratas amargurados, por escutarem palavras que não eram dignas do respeito que por ele nutriam, nem adequadas ao respeito pelo senado, mas tontas e agarotadas; porém o povo apreciou-as⁷⁵.

7. César, filando-se ainda mais ao poder de Pompeio, prometeu-lhe a filha Júlia, que já estava prometida a Servílio Cepião⁷⁶, e disse que daria a Servílio a filha de Pompeio, que também não estava descomprometida, mas já noiva de Fausto, o filho de Sula. 8. Pouco depois, César casou com Calpúrnia, filha de Pisão⁷⁷, pelo que tratou de estabelecer Pisão como cônsul para o ano seguinte, perante os violentos protestos e brados de Catão de que não se podia tolerar a prostituição do poder por meio de casamentos e que através de mulheres outorgassem uns aos outros os governos de províncias, os comandos militares e os poderes.

9. Quanto ao seu colega de consulado, Bíbulo, uma vez que não obtinha qualquer resultado com a oposição às leis, antes se arriscava amiúde a ser morto no foro com Catão, concluiu o tempo do cargo fechado em casa⁷⁸. 10. Pompeio, mal se casou,

⁷⁵ Cf. Plutarco, *Pompeio*, 47.5.

⁷⁶ Deste político apenas se sabe com segurança que apoiou César, contra Bíbulo, na candidatura ao consulado: cf. Suetônio, *Júlio César*, 21.

⁷⁷ L. Calpúrnio Pisão Cesônio, que seria cônsul de 58 a.C., juntamente com Gabínio.

⁷⁸ Limitando-se a enviar mensagens a dizer que os sinais no céu não eram favoráveis, como era prerrogativa sua (Suetônio, *Júlio César*, 20.1-2; Díon Cássio, 38.6.5-6): uma atuação ineficaz como nota Cícero (*Cartas a Ático*, 2.15.2 e 2.19.2). E, no que toca a autoridade religiosa, César era *Pontifex Maximus*. Alguns por graça diziam “no consulado de Júlio e de César”, em vez de “no consulado de César e de Bíbulo”.

encheu o foro de homens em armas e juntou-se ao povo na aprovação das leis e na atribuição a César da Gália Cisalpina e toda a Transalpina, a que acrescentou o Ilírico, com quatro legiões por cinco anos⁷⁹. 11. A Catão, que tentava opor-se a tais resoluções, César mandou-o conduzir à prisão, pensando que ele apelaria para os tribunos. 12. Mas como aquele caminhava calado, César, ao ver não só os aristocratas desgostados, mas que também o povo, com reverência pela virtude de Catão, o seguia em silêncio e abatido, ele próprio pediu secretamente a um dos tribunos para libertar Catão⁸⁰. 13. Quanto aos outros senadores, muito poucos se reuniam com ele no senado, e os restantes, descontentes, mantinham-se afastados. 14. Cosídio, um senador bastante idoso, disse-lhe que os outros não compariam por medo das armas e dos soldados. César perguntou-lhe então: «Porque não te manténs também tu em casa com medo?». 15. E respondeu-lhe Cosídio: «A velhice faz com que eu não tenha medo: pois, sendo escassa a vida que ainda me resta, não carece de muitos cuidados».

16. Mas a mais vergonhosa medida política do consulado de César parecia ser a eleição para tribuno da plebe do famoso Clódio⁸¹, o autor dos ultrajes no que respeita ao casamento e

⁷⁹ Cf. Suetónio, *Júlio César*, 22.1; Díon Cássio, 38.8.5. A atribuição das províncias era feita por sorteio antes das eleições. Mas os cônsules, prevendo a vitória de César, atribuíram aos cônsules de 59 o proconsulado sobre as florestas e pastagens de Itália (Suetónio, *Júlio César*, 19.2). O tribuno Vatínio apresentou uma proposta (*lex Vatinia*) de atribuir a César um comando especial de cinco anos (até 54) sobre as províncias da Gália Cisalpina e do Ilírico, à frente de 3 legiões, com o direito de escolher os legados. O Senado acrescentou a Gália Transalpina, cujo procônsul já designado falecera, e uma legião, para antecipar a vontade do povo (como sugere Suetónio) mas também para afastar mais César da influência sobre a política em Roma.

⁸⁰ Cf. Plutarco, *Catão Menor* 33.1-5; Suetónio, *Júlio César*, 20.4. Díon Cássio, 38.3.

⁸¹ Foi-lhe permitida a passagem à plebe mediante adoção. Cf.

aos mistérios nocturnos⁸². 17. Foi, pois, eleito para a destruição de Cícero, e César não partiu para o seu comando antes de ter, juntamente com Clódio, formado uma facção contra Cícero e de o ter escorraçado de Itália⁸³.

XV. 1. Estes são pois, segundo se diz, os acontecimentos que precederam os feitos relativos à Gália⁸⁴. 2. O tempo das guerras que empreendeu e das campanhas com que subjugou a terra dos Celtas, como se estivesse a tomar outro começo e a enveredar por um outro caminho da vida e de novas realizações, demonstrou que ele como soldado e comandante não cedia a palma a nenhum dos que são bastante admirados pelos comandos e que se tornaram grandiosos. 3. Se alguém

Suetónio, *Júlio César*, 20.4; Díon Cássio, 38.11.2; Cícero, *Sobre a sua Casa*, 41.

⁸² A intromissão nas festas da Bona Dea, ritual exclusivamente reservado a mulheres. Cf. atrás 9-10.

⁸³ A sequência dos acontecimentos é narrada por Plutarco em *Cícero*, 29-32. Tratou-se de uma vingança de Clódio, por Cícero lhe ter desmontado um alibi no inquérito sobre a profanação do ritual da Bona Dea (Clódio alegou estar ausente de Roma, facto que Cícero negou, acaso por instigação da esposa Terência, que teria ciúmes de Clódia, irmã de Clódio). Além disso, o orador terá declinado o convite para acompanhar César como legado (cf. Cícero, *Cartas a Ático*, 2.18.3), o que pode explicar o empenho (expresso sobretudo na *Vida de César*) em castigar Cícero. Este, acusado de ter executado os cúmplices de Catilina sem julgamento, em 63 a.C., viu-se obrigado, perante a passividade conivente de Pompeio, a exilar-se na Macedónia, e os seus bens foram confiscados.

⁸⁴ Como fontes para o período da conquista da Gália Plutarco (tal como as outras fontes paralelas, Suetónio e Apiano) contava com as *Memórias* (commentarii) da *Guerra da Gália* do próprio César (e de Hircio), bem como relatos de testemunhas, como Asínio Polião e Ópio, além de anedotas da tradição oral. Vide Pelling 2011: 203-206.

o comparar com os Fábios⁸⁵, Cipiões⁸⁶ ou Metelos⁸⁷, e com os seus coevos ou pouco anteriores a ele, como Sula, Mário e ambos os Luculos⁸⁸, ou o próprio Pompeio, cuja glória floresce até aos céus por toda a espécie de valor na guerra, 4. César revela-se superior no que toca aos seus feitos: a um pela dureza dos lugares em que combateu, a outro pela extensão de terra que conquistou, a outro pelo número e força dos inimigos que venceu, a outro pelo cunho estranho e insidioso dos costumes com que lidou, a outro pela equidade e brandura para com os subjugados, a outro pelos donativos e favores para com os companheiros de armas, 5. e a todos pela quantidade de batalhas que travou e de adversários que eliminou. Pois, sem chegar a combater dez anos na Gália, tomou à força para cima de oitocentas cidades, subjugou trezentos povos, e, tendo enfrentado sucessivamente três milhões de inimigos, matou um milhão em combate corpo a corpo e levou os restantes cativos⁸⁹.

⁸⁵ Pensamos sobretudo em Quinto Fábio Máximo, cognominado o *Cunctator* pela sua estratégia prudente face a Aníbal, durante a 2ª Guerra Púnica. Plutarco consagra-lhe uma das *Vidas* e emparelha-o com Péricles.

⁸⁶ Públio Cornélio Cipião Africano, que venceu Aníbal em 202 a.C.; mas também o irmão deste, Lúcio, cognominado Asiático, depois de vencer Antíoco III em Magnésia, em 190; e o neto do primeiro por adoção, Cipião Emiliano, destruidor de Cartago, em 146.

⁸⁷ Q. Cecílio Metelo, o cônsul de 251 que venceu Asdrúbal na batalha de Panormo, durante a 1ª Guerra Púnica, e capturou os seus elefantes de guerra; ou Q. Cecílio Metelo Numídico, que combateu Jugurta, ainda que de forma não conclusiva, e recebeu por isso aquele cognome; ou ainda Q. Cecílio Metelo Pio que lutou contra Sertório. *Vide* Pelling 2011: 208-209.

⁸⁸ Lúcio Licínio Luculo, que combateu Mitridates até ser substituído por Acílio Glabrião (acusado de prolongar a guerra no seu interesse) e, depois, por Pompeio; e M. Terêncio Varrão Luculo, irmão do anterior e famoso pelas suas vitórias na Trácia.

⁸⁹ Os números variam. Cf. Plutarco, *Pompeio*, 67.6; Veleio Patérculo, 2.47.1; Plínio, *História Natural*, 7.92; Apiano, *Guerras Cívicas*, 2.73.

XVI. 1. Gozou de tal favor e dedicação da parte dos soldados que os que nas campanhas anteriores em nada se destacavam dos outros se tornavam invencíveis e imparáveis perante qualquer risco pela glória de César. 2. Foi o caso de Acílio, a quem, na batalha em Marselha⁹⁰, depois de subir para um navio inimigo, foi amputada a mão direita em que tinha a espada, mas não largou o escudo na esquerda, e, golpeando os inimigos no rosto, repeliu-os a todos e tomou conta da embarcação⁹¹. 3. Tal foi também o caso de Cássio Ceva⁹², que na batalha de Dirráquio⁹³, depois de ferido num olho por um projétil, de ter sido trespassado num ombro por um dardo e numa anca por outro, de ter recebido no escudo cento e trinta golpes de armas, chamava os inimigos, como que para se render. 4. Dos dois que se aproximaram, a um feriu-o no ombro com a espada e a outro repeliu-o com um golpe no rosto, ao passo que ele próprio foi salvo pelos camaradas, que se colocaram em volta dele. 5. E, na Britânia, uma vez que os inimigos se lançaram sobre os primeiros dos centuriões que tinham caído num local pantanoso e cheio de água, um soldado, enquanto o próprio César observava a batalha, arremeteu para o meio deles e, além de sobressair por diversos atos de notável coragem, salvou os centuriões pondo em fuga os bárbaros⁹⁴. 6. Ele próprio,

⁹⁰ Durante a guerra civil. No caminho para a Hispânia, César pôs cerco a Massília (atual Marselha) que, a pretexto de neutralidade, lhe fechou as portas. Mas como não queria perder a vantagem do tempo, deixa o cerco a cargo de Gaio Trebônio, que fora seu legado na Gália desde 54, e a frota a cargo de Décimo Bruto.

⁹¹ Cf., para Acílio e Ceva, Valério Máximo, 3.2.22-23; Suetónio, *Júlio César*, 68.4.

⁹² Cf., além dos autores da nota anterior, César, *A Guerra Civil*, 52-53; Apiano, *Guerras Civis*, 2.60.

⁹³ Contra o exército de Pompeio. Cf., *infra*, 39.

⁹⁴ Cf. Valério Máximo, 3.2.23. Díon Cássio, 37.53.3, situa o acontecimento na Hispânia. Os dois autores parecem identificar este soldado, anónimo em Plutarco, com o Ceva da anedota anterior.

atravessando a custo depois de todos os outros, lançou-se à corrente lamacenta e, apenas sem o escudo, ora a nado ora a pé, lá a atravessou. 7. Perante os sinais de admiração de quantos estavam com César, que correram para ele cheios de alegria e em gritos de júbilo, ele, assaz cabisbaixo e em lágrimas, lançou-se aos pés de César, a pedir perdão por ter lançado fora o escudo. 8. E em África, tendo os que estavam às ordens de Cipião⁹⁵ tomado um navio de César, no qual navegava Gânio Petrão⁹⁶, questor designado, fizeram dos outros prisioneiros, mas disseram que concediam a libertação ao questor. 9. Ele, porém, alegando que não era costume dos soldados de César receber indulto, mas sim concedê-lo, suicidou-se com um golpe da espada.

XVII. 1. Tais audácias e desejos de honra era o próprio César a alimentá-los e a promovê-los, primeiro, por não regatear gratificações e honras, dando mostras de que juntava as riquezas provenientes da guerra, não para seu luxo e deleite pessoais, mas que essas se encontravam depositadas à sua guarda como prémio comum de bravura, e que partilhava da riqueza tanto quanto concedia aos soldados que o mereciam; depois, por se submeter prontamente a qualquer perigo e não se furtar a nenhuma canseira. 2. Dada a sua ambição, não se admiravam perante o seu gosto pelo risco. Espantava-os a sua resistência à fadiga, comparada com a força que o corpo parecia ter, já que era de condição débil, de carnadura branca e delicada, sofria da cabeça e estava sujeito a ataques epiléticos, mal que o acometeu pela primeira vez em Córdova, segundo se diz⁹⁷. 3. Não usava a enfermidade como pretexto

⁹⁵ O comandante dos Pompeianos em África, em 46, durante a guerra civil.

⁹⁶ Personagem desconhecida.

⁹⁷ Cf. retrato mais desenvolvido em Suetónio, *Júlio César*, 45.1. O retrato físico é uma das rubricas obrigatórias da biografia. Plutarco destaca

para uma vida mole, mas tomava como tratamento da doença a atividade militar, caminhadas intermináveis, uma dieta frugal, uma vida sempre ao ar livre, trabalho duro, de modo a combater o mal e a manter o corpo imunizado. 4. Dormia pois a maior parte das vezes em carruagens ou liteiras, aplicando o seu descanso à ação, e durante o dia fazia-se transportar para fortificações, cidades e acampamentos, acompanhado de um escravo sentado, dos que estavam acostumados a escrever por ditado, e de um soldado com uma espada, perfilado atrás. 5. E avançava tão rápido que, da primeira vez que fez a viagem de Roma ao Ródano, chegou ali no oitavo dia. 6. Tinha desde criança facilidade em cavalgar, pois estava habituado a conduzir o cavalo a toda a brida, com as mãos afastadas e entrelaçadas atrás das costas⁹⁸. 7. Durante aquela campanha, exercitou-se a ditar cartas enquanto cavalgava e a fazê-lo a dois escribas ao mesmo tempo, ou até a mais, como diz Ópio⁹⁹.

a força anímica por contraste com a debilidade física, ao passo que Suetônio começa por salientar uma imagem de vigor e beleza, embora não deixe de assinalar os ataques epiléticos, que remete para o final da vida. A nota negativa de Suetônio (*Júlio César*, 45.2-3) vai sobretudo para os excessivos cuidados com o corpo e vestuário, conotados com costumes efeminados, ou com a suposta aspiração a uma monarquia, como sugere Díon Cássio (43.43.2). *Vide* Weinstock 1971: 338-340; Gasco 1984 : 733 ; Pelling 2011: 213-215. Cf. Introdução, 1.

⁹⁸ Sobre a perícia na equitação e a velocidade de César nas marchas, cf. Suetônio, *Júlio César*, 57.

⁹⁹ Gaio Ópio é íntimo de César e responsável pela correspondência. A sua obra sobre César seria largamente panegírica (Cícero, *Cartas ao irmão Quinto*, 3.1.8; Aulo Gélio, 17.9.1). Ópio é fonte invocada por Suetônio para negar a paternidade de César sobre o filho de Cleópatra (*Júlio César*, 52.2), para atestar a indiferença pela comida (*Júlio César*, 53) e para ilustrar a *facilitas* e *indulgentia* de César para com os amigos (*Júlio César*, 72). Alguns atribuem-lhe a redação da *Guerra de África* e da *Guerra da Hispânia*. Segundo Townend (1987: 325-342), Suetônio parece dever a Ópio o esquema de abordagem de César, e dos seus sucessores, em termos das suas características dominantes, ilustradas com anedotas retiradas da sequência cronológica. *Vide* Brandão 2009: 45.

8. Diz-se também que, César foi o primeiro a inventar uma forma de comunicar com os amigos por carta¹⁰⁰, se a ocasião não consentia esperar por uma entrevista pessoal para assuntos urgentes, pela quantidade de afazeres ou pela dimensão da cidade. 9. Sobre a moderação no regime alimentar apresentam a seguinte prova: quando, em Milão, o seu hóspede Valério Leonte o recebeu a jantar e lhe serviu espargos temperados com um óleo perfumado em vez de azeite, ele não só comeu placidamente como censurou os amigos que não gostaram: 10. «teria bastado» – disse ele – «não comer do que não gostavam. Mas quem reprova esta saloioice é ele próprio um saloio»¹⁰¹. 11. Certa vez, em viagem, compelido por uma borrasca a ir para o casebre de um homem pobre, como não encontrou mais que um quarto que mal podia albergar um só, disse para os seus amigos que, quando se tratava de honras, devia ceder-se aos mais poderosos, quando se tratava de necessidade, devia ceder-se aos mais fracos. Mandou Ópio descansar, enquanto ele próprio passou a noite com os outros debaixo do alpendre da porta.

XVIII. 1. Na verdade, a primeira das suas guerras da Gália¹⁰² foi contra os Helvécios e os Tigurinos¹⁰³, que depois de terem queimado as suas doze cidades e quatrocentas aldeias,

¹⁰⁰ Usando um código, referido por Suetónio (*Júlio César* 56.6) e Dión Cássio (40.9.3), que consistia na troca de cada letra pela quarta a contar da pretendida (troca de A por D, e assim sucessivamente).

¹⁰¹ Suetónio (*Júlio César*, 53) diz que César comeu mais que o habitual para não parecer que desprezava as maneiras do anfitrião. Talvez se tratasse de uma tentativa atabalhoada de impressionar, oferecendo um azeite perfumado, mais caro que o habitual, mas que não se destinava a uso culinário. *Vide* Pelling 2011: 217.

¹⁰² Em 58 a.C.

¹⁰³ Uma das quatro tribos dos Helvécios, cf. César, *A Guerra da Gália*, 1.12.4.

avançaram através da Gália sujeita aos Romanos¹⁰⁴, como outrora os Cimbros e os Teutões¹⁰⁵, a quem na bravura não pareciam ser inferiores, além de igualarem o número: trezentos mil ao todo, dos quais cento e noventa mil combatentes. 2. Aos Tigurinos esmagou-os não ele próprio, mas Labieno¹⁰⁶, por si enviado, junto ao rio Arar. Quanto aos Helvécios, uma vez que eles se lhe interpuseram inesperadamente no caminho quando ele conduzia o exército para uma cidade amiga¹⁰⁷, antecipou-se a refugiar-se num local fortificado. 3. Ali, depois de reunir as forças e de as dispor em ordem de batalha, quando lhe foi trazido o cavalo, disse: «este vou usá-lo depois de vencer, para a perseguição; por agora, toca a correr contra os inimigos!»¹⁰⁸. E lançou-se a pé ao assalto. 4. Depois de com o tempo e a custo ter repellido a horda, encontrou os maiores trabalhos junto aos carros e à paliçada, já que aí resistiam não só os combatentes, mas também as crianças e as mulheres, que defendendo-se até à morte foram trucidados, de tal sorte que a batalha só terminou à meia noite. 5. À feliz proeza da vitória acrescentou uma ação melhor: a de agrupar os bárbaros fugidos da batalha, que

¹⁰⁴ Cf. César, *A Guerra da Gália*, 1.2-29; Díon Cássio, 38.31-34. De facto, eles não chegaram a avançar pela Gália Narbonense, como Plutarco sugere. Pressionados por povos germânicos a norte e alarmados por Ariovisto se ter instalado a Oeste, os Helvécios decidiram migrar, com o fito de ocupar a região da atual Saintes, na Gália Ocidental. Como César lhes negara a passagem pela província romana, obtiveram autorização para marchar pelo território dos Sequanos. Ao saber do objetivo final da viagem, César resolveu atacar, com o pretexto de evitar o perigo para a província (*A Guerra da Gália*, 1.10). Vide Pelling 2011: 220-221; Brandão 2015: 396.

¹⁰⁵ Tribos germânicas vencidas por Mário. Cf. nota a 6.2.

¹⁰⁶ Tito Labieno, o principal legado de César na Gália. Na guerra civil, passará para o lado pompeiano.

¹⁰⁷ Bibracte, capital dos Éduos: atual Mont-Beuvray.

¹⁰⁸ Fez o mesmo a todos os cavalos para evitar a tentação da fuga dos soldados e obrigá-los a combater com denodo. Cf. César, *A Guerra da Gália*, 1.25.1; Suetónio, *Júlio César*, 60.

contavam cem mil, e forçá-los a retomar a terra que tinham abandonado e as cidades que tinham destruído. 6. César procedeu deste modo, com receio de que, ficando aquela terra deserta, os Germanos atravessassem o rio e a viessem a ocupar.

XIX. 1. Quanto à segunda guerra, combateu-a em prol dos Gauleses contra os Germanos, se bem que antes, em Roma, tivesse reconhecido o rei destes, Ariovisto, como aliado¹⁰⁹. 2. Mas tratava-se de vizinhos insuportáveis para os povos que lhes estavam sujeitos¹¹⁰, e, se lhes dessem oportunidade, não parecia que se mantivessem sossegados nos seus domínios, mas iriam expandir-se e apoderar-se da Gália. 3. Ao ver que os seus oficiais estavam receosos, e sobretudo aqueles que dos nobres e da juventude o acompanhavam para gozar da boa vida e das riquezas resultantes da campanha de César, reunindo-os em assembleia, mandou-os ir embora e não se exporem a perigos sem vontade, já que se mostravam tão cobardes e moles¹¹¹. 4. E

¹⁰⁹ Cf. César, *A Guerra da Gália*, 1.30-54. Ariovisto tinha feito uma aliança com Roma durante o consulado de César em 59: cf. Dión Cássio, 38.34.3.

¹¹⁰ Os aliados Romanos. Os Arvernos e Sequanos tinham pedido ajuda a Ariovisto contra os Éduos. Aquele enviou 15 mil homens, mas os Éduos, derrotados, tiveram de ceder reféns aos Arvernos e Sequanos. Entretanto também os aliados do rei germano estavam descontentes, particularmente os Sequanos, porque tiveram de ceder parte do território a um grupo de mais 24 mil Germanos que atravessaram o Reno. Havia o temor de que a Gália fosse invadida por Germanos. O pretexto que César encontra é um pedido de ajuda de uma assembleia de chefes Arvernos, Sequanos e Éduos, depois de verem o êxito do general no que toca aos Helvécios. Cf. César, *A Guerra da Gália*, 1.30-33; Dión Cássio, 38.34. Dión Cássio (38.34.6) nota que as exigências de César visavam sobretudo provocar Ariovisto. Brandão 2015: 396-397.

¹¹¹ Os soldados estavam apavorados com os rumores sobre a invencibilidade do inimigo (César, *A Guerra da Gália*, 1.39). Plutarco atribuiu as hesitações à moleza dos tribunos militares de origem aristocrática; mas Dión Cássio (38.35.2) acrescenta ao medo uma questão política: não era uma guerra autorizada por Roma, mas antes o resultado da ambição de César, pelo que ameaçavam amotinar-se.

que ele próprio – acrescentou – avançaria contra os Bárbaros só com a décima legião, já que nem iria combater inimigos mais fortes que os Cimbro, nem ele próprio era um comandante inferior a Mário. 5. Desde logo, a décima legião lhe enviou delegados a manifestar-lhe o seu agradecimento, enquanto as outras censuravam os respetivos comandantes. E todos, já cheios de energia e entusiasmo, prosseguiram o caminho por muitos dias, até que estabeleceram o acampamento a duzentos estádios do inimigo. 6. Então, a própria chegada dele como que quebrantou um pouco o arrojo de Ariovisto. 7. Como este não estava à espera que Romanos atacassem Germanos, cujo assalto não pareciam aguentar, ficou espantado com a audácia de César e via perturbação no seu exército. 8. E ainda ficaram mais desalentados com os oráculos das mulheres santas, que vaticinavam observando os remoinhos dos rios e tirando ilações a partir do movimento e do barulho das correntes: não consentiam que se desse batalha antes que brilhasse a lua nova. 9. A César, que tinha conhecimento de tais motivos e via que os Germanos se mantinham perfeitamente sossegados, pareceu-lhe preferível travar combate enquanto eles estavam de pé atrás a ficar parado à espera de um momento oportuno para aqueles. 10. E, lançando o assalto às defesas e às cristas sobre as quais estavam acampados, enraiveceu-os e provocou-os a descerem para combater com fúria. 11. Como se gerou entre eles uma clara debandada, ele perseguiu-os por quatrocentos estádios até ao Reno e encheu toda a planície de mortos e de despojos. 12. Quanto a Ariovisto, logrou atravessar o Reno com uns poucos. Dizem que a soma dos mortos ascendia a oitenta mil.

XX. 1. Concluída esta ação, César deixou o exército a passar o inverno entre os Sequanos¹¹², enquanto ele próprio,

¹¹² Povo gaulês aliado que tinha a capital em *Vesontio* (Besançon).

querendo prestar atenção ao que se passava em Roma, desceu à Gália Padana, que pertencia à porção territorial confiada ao seu governo: é que o rio chamado Rubicão divide a Gália Cisalpina do resto da Itália¹¹³. 2. Ali instalado, desenvolvia uma política demagógica, pois muitos chegavam junto dele, pelo que concedia o que cada qual solicitava e a todos despedia, ou já com o benefício, ou na esperança de o obter. 3. E, durante todo o tempo da campanha, sem que Pompeio desse conta, ora subjugava os inimigos com as armas dos cidadãos, ora com as riquezas dos inimigos conquistava e submetia os cidadãos. 4. Mas quando ouviu dizer que os Belgas, os mais poderosos dos Gauleses e senhores de um terço de toda a Gália, se tinham revoltado e reunido uns bons milhares de homens armados, deu logo meia volta e acorreu a toda a pressa¹¹⁴. 5. E, caindo sobre os inimigos que andavam a devastar os aliados gauleses, fez debandar os mais cerrados e mais numerosos, que combateram de forma infame, e trucidou-os, a tal ponto que, dada a quantidade de cadáveres, lagos e rios profundos se tornaram transitáveis para os Romanos. 6. Dos revoltosos, todos os da região do Oceano se renderam sem resistência, pelo que avançou com o exército contra os mais selvagens e combativos, os Nérvios. 7. Estes, que viviam em bosques densos e tinham colocado a família e os haveres nas profundezas da floresta, bem longe dos inimigos, caíram sobre César, numa horda de sessenta mil, enquanto ele estava a construir uma trincheira e não esperava naquele momento a batalha. Puseram em fuga os cavaleiros e, depois de envolverem a décima segunda e a sétima legião, mataram todos os centuriões. 8. Se César, agarrando no escudo e arredando

¹¹³ Cf., *infra*, 32.5.

¹¹⁴ Cf. César, *A Guerra da Gália*, 2.1-34.

diante de si os combatentes, não carregasse sobre os bárbaros, e se a décima legião¹¹⁵, perante o perigo que ele corria, não se lançasse das cristas e rompesse as fileiras dos inimigos, parece que ninguém teria sobrevivido. 9. Então, graças à audácia de César, travaram uma batalha, por assim dizer, acima das próprias forças. Mas nem assim fizeram retroceder os Nérvios, pelo que trucidaram os resistentes. 10. Dizem que se salvaram quinhentos de sessenta mil, e três dos quatrocentos senadores.

XXI.1. Informado de tal sucesso, o senado decretou quinze dias feriadados de sacrifícios aos deuses e de festejos, mais do que por qualquer vitória anterior. 2. De facto, o perigo parecia grande, por se terem alvoroçado ao mesmo tempo tantos povos; e, sendo César o vencedor, o favor das massas para com ele tornava a vitória mais brilhante.

3. Quanto a ele próprio, depois de ter tratado devidamente dos assuntos da Gália, passou de novo o inverno nas terras do Pó, controlando os seus interesses na Urbe. 4. Pois não só os candidatos às magistraturas, que recorriam ao seu patrocínio e com o dinheiro dele corrompiam o povo, eram eleitos e tratavam de tudo o que ia aumentar o poder de César, 5. mas também a maior parte dos mais ilustres e mais poderosos se encontraram com ele em Luca¹¹⁶: Pompeio, Crasso, Ápio¹¹⁷, o governador da Sardínia, e Nepos¹¹⁸, o procônsul da Hispânia; de modo que se apresentaram lá cento e vinte litores e mais de duzentos senadores.

¹¹⁵ Enviada por Labieno, que se tinha apossado do acampamento do inimigo situado numa posição superior, como diz César (*A Guerra da Gália*, 2.26.4).

¹¹⁶ Em 56. Luca ficava fora de Itália, uma vez que César como procônsul não podia cruzar a fronteira da sua província.

¹¹⁷ Ápio Cláudio Pulcro, pretor na altura. Foi cônsul em 54.

¹¹⁸ Q. Cecílio Metelo Nepos, cônsul de 57.

6. Reunidos em conselho, decidiram o seguinte: Pompeio e Crasso deviam ser eleitos cônsules¹¹⁹ e devia ser atribuído a César dinheiro e o comando por outros cinco anos¹²⁰. 7. Era isso que parecia o mais disparatado a quem tinha bom senso, pois os que recebiam tanto dinheiro de César convenciam o senado a conceder-lho, como se ele o não tivesse; ou melhor, obrigavam o senado, enquanto este lamentava aquilo que votavam. 8. Como Catão não estava presente, pois tinham-no convenientemente afastado para Cipro, Favônio¹²¹, que era um zeloso seguidor de Catão, nada conseguiu com a sua oposição, pelo que saiu porta fora e se pôs a clamar ao povo. 9. Porém, ninguém lhe deu apoio, uns por deferência para com Pompeio e Crasso, mas a maioria para agradar a César; e, como depunham as suas esperanças neste, mantinham-se sossegados.

XXII. 1. Ao voltar de novo para junto das suas forças na Gália, César foi ao encontro de uma vasta guerra na zona¹²². Dois grandes povos germânicos tinham acabado de atravessar o Reno

¹¹⁹ Para 55, e não Domício Aenobarbo, que pretendia pôr fim ao proconsulado de César na Gália. Estas decisões parecem ter sido inicialmente secretas e tomadas apenas pelos três, depois de despedido o resto dos senadores: cf. Plutarco, *Crasso*, 14.5-15.2, *Pompeio*, 51.3-6. *Vide* Pelling 2011: 246-247.

¹²⁰ Pela *Lex Pompeia Licinia*. Enquanto as Hispânias eram atribuídas a Pompeio e a Síria a Crasso, pela *lex Trebonia*.

¹²¹ Marco Favônio, tribuno da plebe em 60 a.C. e pretor em 49.

¹²² Plutarco salta as campanhas da segunda metade do ano 56 a.C. (correspondente ao livro III da *Guerra das Gálias* de César), particularmente contra os Vénetos, povo de grandes marinheiros da região da Armórica, cujos navios eram superiores aos da frota romana, esta entregue ao comando de Décimo Júnio Bruto. Na mesma altura, o legado Quinto Titúrio Sabino vence Virídoxix, chefe dos Unelos (ou Venelos) na vizinha península de *Cotentin*, e Públio Crasso obtinha importantes vitórias contra povos da Aquitânia, que até receberam ajuda de antigos companheiros de Sertório. Mas como nota Pelling (2011: 249), estas campanhas foram sobretudo conduzidas pelos legados. A omissão poderá obedecer, portanto, a critérios biográficos: a tendência para centrar os relatos na pessoa do biografado. *Vide* Brandão 2015: 398.

e ocupado a terra. Uns eram os chamados Usípetes e os outros os Tencteros¹²³. 2. Sobre a guerra que se gerou contra eles, César, nas suas *Memórias*¹²⁴, deixou escrito que os bárbaros, depois de enviarem embaixadores, o atacaram durante as tréguas numa deslocação; e que, por isso, com oito mil cavaleiros, puseram em fuga os cinco mil dele próprio, que não contavam com o ataque. 3. De seguida, terão de novo enviado outros junto dele com propósitos enganadores, delegação que ele reteve enquanto conduzia uma campanha contra os bárbaros, alegando que era ingénuo manter a boa fé com pessoas tão desleais e desrespeitadoras de tratados. 4. No entanto, Tanúsio¹²⁵ diz que Catão, quando o senado decretava festas e sacrifícios por aquela vitória, proferiu a opinião de que César devia ser entregue aos bárbaros, para esconjurar a traição a um tratado que recaía sobre a cidade e desviar a maldição para o culpado. 5. Dos que tinham atravessado o rio foram trucidados quatrocentos mil; os poucos que regressaram foram acolhidos pelos Sicambros, um povo germânico. 6. Este foi o pretexto para carregar sobre eles, já que além do mais aspirava à glória de ser o primeiro homem a atravessar o Reno com um exército¹²⁶. César tratou de lançar uma ponte sobre o Reno, apesar de o rio ser

¹²³ Ou Usípios. Os Usípetes e os Tencteros, pressionados pelos Suevos, tinham-se instalado no território dos Menápios, na Gália Belga, e pediam uma aliança com Roma em termos semelhantes aos que antes tinha proposto Ariovisto. Cf. César, *A Guerra da Gália*, 4.1-2; 4.4.1; 4.6.1. César venceu-os e dizimou-os impiedosamente, facto considerado em Roma pelos inimigos políticos como violação do direito das gentes.

¹²⁴ Os *Commentarii de Bello Gallico*: 'A Guerra da Gália'.

¹²⁵ Trata-se de Tanúsio Gémino, um historiador hostil a César e um dos últimos autores de *Annales* da República. Um autor enfadonho, segundo o testemunho de Séneca, *Cartas a Lucílio*, 93.11. Teria composto uma *História* desde as origens (visto que Macróbio, 1.16.33, dele cita dados sobre o período monárquico) à época do autor. *Vide* Brandão 2009: 40.

¹²⁶ Tal primazia é sublinhada também em Suetónio, *Júlio César*, 25.2, e Díon Cássio, 39.48.4, 50.1.

bastante largo e naquele ponto profundo, violento e rápido, e de bater contra os esteios da ponte até os despedaçar com os troncos e pedaços de madeira transportados corrente abaixo. 7. Mas César aguentou tal revés com recurso a uma paliçada de grandes traves de madeira estacadas através do leito, e uma vez refreado o ímpeto da corrente com uma barreira, exibiu um milagre superior a quanto é credível, ao completar a ponte em dez dias¹²⁷.

XXIII. 1. Assim fez atravessar as suas forças, já que ninguém se atrevia a enfrentá-lo, e como até os Suevos, os mais poderosos dos Germanos, se retiraram para os mais profundos e arborizados vales¹²⁸, tratou de lançar fogo às terras dos inimigos e de encorajar os que se mantinham sempre favoráveis aos Romanos¹²⁹, para logo regressar à Gália, depois de ter passado uns dezoito dias na Germânia. 2. A campanha contra os Bretões foi de uma audácia memorável, pois foi ele o primeiro a avançar com uma armada sobre o oceano ocidental e a navegar pelo Atlântico para levar um exército para a guerra¹³⁰. 3. Apesar de a ilha ser objeto de dúvida pela grandeza e suscitar grande disputa entre diversos historiadores, sobre se era um nome ou uma fábula inventada que nem tinha existido nem existia¹³¹, ele procurou conquistá-la e estendeu a autoridade romana para fora

¹²⁷ César, *A Guerra da Gália*, 4.16-18. Vide Agazzi 2006: 74-78.

¹²⁸ Distorção dos factos. Os Suevos retiraram não por medo, mas para reunirem as forças e prepararem o combate, segundo César, *A Guerra da Gália*, 4.19.2-3. Mas César, cumprido o objetivo da demonstração de força, retirou para a Gália.

¹²⁹ Refere-se aos Úbios.

¹³⁰ Cf. Suetónio, *Júlio César*, 25.2; Apiano, *Guerras Civis*, 2.150. César apercebeu-se de que Gauleses tinham recebido de lá reforços nas guerras anteriores: cf. César, *A Guerra da Gália*, 4.20.

¹³¹ Cf. Díon Cássio, 39.50.3-4. César (*A Guerra da Gália*, 4.21) diz que enviou Gaio Voluseno como explorador num barco de guerra e que recebeu enviados de vários povos a prometer a submissão a Roma. Supomos que, nesta altura, já teria, pelo contacto com os povos que viviam junto ao Canal, um conhecimento mais preciso sobre a ilha do que era comum em Roma.

do mundo habitado. 4. Depois de navegar duas vezes até à ilha a partir da contracosta gaulesa e de maltratar os inimigos em muitas batalhas¹³², mais do que beneficiar os seus homens (pois nada havia que valesse a pena tomar de gente que levava uma vida dura e pobre)¹³³, pôs fim à guerra – não o fim que havia desejado –, mas ainda recebeu reféns do rei e impôs um tributo, após o que deixou a ilha¹³⁴. 5. Quando se preparava para fazer a travessia, chegou-lhe uma carta da parte dos amigos em Roma, a anunciar a morte da sua filha: morrera ao dar à luz em casa de Pompeio. 6. Foi grande a dor que acometeu Pompeio e foi grande a dor de César. Também os amigos ficaram perturbados, porque estavam cortados os laços familiares que mantinham em paz e concórdia o Estado já, quanto ao resto, enfermo. É que, além disso, faleceu imediatamente também o recém-nascido¹³⁵, não muitos dias depois do trespasse da mãe. 7. Então, a multidão

¹³² A primeira expedição revelou-se difícil pelo facto de o ano (55 a.C.) já ir adiantado, com o conseqüente agravamento das condições do mar, da hostilidade dos Britanos ao desembarque e, já em terra, pela falta do apoio da cavalaria, já que os navios que a transportavam se tinham transviado. Com efeito, César parece ter encontrado mais resistência do que previa, sobretudo por causa da ação dos carros de guerra britânicos (cf. César, *A Guerra da Gália*, 4.20-36; Dión Cássio, 39.50-52). Em meados do ano seguinte (54 a.C.), César parte de novo rumo à ilha com uma numerosa frota preparada de acordo com as necessidades de abordagem aprendidas no ano anterior. Muito a custo consegue ultrapassar o Tamisa e vencer a coligação capitaneada pelo rei Cassivelauno, escolhido entre os reis locais para os liderar nesta guerra (Cf. César, *A Guerra da Gália*, 5.5-23; Dión Cássio, 40.1-4).

¹³³ Havia certamente rumores exagerados sobre riquezas: cf. César, *A Guerra da Gália*, 5.12; Suetónio, *Júlio César*, 47.

¹³⁴ O resultado económico foi escasso, mas César conseguiu dissuadir os Britanos de prestar ajuda a povos gauleses revoltosos (cf. César, *A Guerra da Gália*, 4.21) e colhe em Roma o efeito propagandístico de tal ação (cf. Dión Cássio, 39.53). A Britânia só será conquistada em 43 d.C. pelo imperador Cláudio. *Vide* Canfora 2000: 122-123; Pelling 2011: 255-258; Brandão 2015: 399.

¹³⁵ Tratava-se de uma menina, segundo Plutarco, *Pompeio*, 53.4; Dión Cássio, 39.64, e de um rapaz, segundo Veleio Patérculo, 2.47.2.

tomou o corpo de Júlia, contra a vontade dos tribunos, e levou-o para o Campo de Marte, onde, uma vez prestadas as honras fúnebres, jaz sepultada.

XXIV. 1. Como o exército de César era agora enorme, ele viu-se na necessidade de o dividir em diversos aquartelamentos de inverno¹³⁶. E, enquanto ele próprio voltou para a Itália como costumava¹³⁷, levantou-se de novo toda a Gália, e grandes exércitos acorriam a fustigar os quartéis de inverno e a assaltar as defesas dos Romanos. 2. Os mais numerosos e mais fortes dos revoltosos com Ambórix¹³⁸ aniquilaram Cota, juntamente com o seu acampamento, e Titúrio¹³⁹. 3. Cercando, também, com sessenta mil homens a legião que estava sob o comando de Cícero¹⁴⁰, sitiaram-na. E pouco faltou para a tomarem de assalto, pois que todos estavam feridos e resistiam com coragem para além das forças. 4. Quando tais novas foram anunciadas a César que estava longe, este deu rapidamente meia volta e, reunindo ao todo sete mil homens, apressou-se a ir livrar Cícero do cerco. 5. Não passou despercebido aos sitiantes, que lhe saíram ao caminho para dar cabo dele, mostrando desprezo pela exiguidade das suas tropas. 6. Ele, por dolo, fugia continuamente e tomou um lugar adequado ao combate de poucos contra muitos, para aí construir um campo fortificado. E não só

¹³⁶ Separados na zona belga.

¹³⁷ Imprecisão de Plutarco e de Dión Cássio (40.9.1). César (*A Guerra da Gália*, 5.24.8) diz que decidiu esperar na Gália até que recebesse informações de que as legiões estavam nos aquartelamentos de inverno.

¹³⁸ Um dos dois reis dos Eburones.

¹³⁹ L. Arunculeio Cota e Titúrio Sabino. Segundo o relato de César (*A Guerra da Gália*, 5.26-37), os Eburones montaram uma emboscada quando os dois legados deslocavam as tropas, supostamente para um local mais seguro.

¹⁴⁰ Quinto, irmão do conhecido orador Marco Túlio Cícero. Ambórix convenceu os Nérvios a, juntamente com outros povos, atacarem o acampamento de Quinto: cf. César, *A Guerra da Gália*, 5.39.52.

manteve os seus afastados de toda a luta, como ainda os obrigou a levantar a paliçada e a barricar as portas, como se estivessem amedrontados, manobrando de modo a ser subavaliado. 7. Por fim, com uma surtida pôs em fuga os atacantes, que por causa da confiança avançavam ao acaso, e massacrou muitos deles¹⁴¹.

XXV.1. Tal sucesso acalmou as numerosas revoltas que então havia entre os Gauleses; efeito que teve também ele próprio, ao apresentar-se naquele inverno sempre em cima do acontecimento por toda a parte e ao tomar prontamente conta das sublevações. 2. Além disso, chegaram-lhe de Itália três novas legiões em substituição das baixas: duas delas forneceu-lhas Pompeio do seu próprio exército¹⁴², e uma era de recrutas da Gália Transpadana¹⁴³.

3. Mas longe destes territórios começavam a despontar as sementes da maior e mais perigosa guerra que aí ocorreu – sementes aí deitadas há longo tempo, em segredo, e disseminadas pelos mais poderosos varões das tribos mais belicosas, sementes que ganharam força, alimentadas pela numerosa juventude que de todas as partes se reunia em armas, pelas imensas riquezas recolhidas para o efeito, pela robustez das cidades e pela inacessibilidade das terras. 4. Era então a estação do inverno: os rios estavam gelados, os bosques cobertos de neve, as planícies alagadas pelas torrentes; e, nuns sítios, os caminhos tornavam-se indistintos devido à profundidade da neve; noutros, as marchas tornavam-se incertas devido ao transbordo de pântanos e

¹⁴¹ Sucodem-se campanhas duras e campanhas punitivas contra os Nérvios, Tréveros (esta liderada por Labieno), Eburões, incluindo a vitória de Labieno sobre Induciomaro, factos que Plutarco omite. Numa demonstração de força, César atravessa de novo o Reno, para dissuadir os Germanos de prestarem ajuda aos revoltosos. *Vide* Brandão 2015: 400.

¹⁴² Só uma foi fornecida por Pompeio, a I: Cf. César, *A Guerra da Gália*, 8.54; *A Guerra Civil*, 3.88. *Vide* Pelling 2011: 262-263.

¹⁴³ Gália Cisalpina, ou Gália Citerior.

torrentes, entraves que pareciam fazer as terras dos revoltosos completamente inexpugnáveis para César. 5. Tinham-se então revoltado muitas tribos, mas a iniciativa era dos Arvernos e Carnutos. O comando supremo da guerra detinha-o por eleição Vercingétorix, cujo pai¹⁴⁴ os Gauleses tinham matado por suspeita de pretender impor a tirania.

XXVI. 1. Este, então, depois de dividir as suas forças em várias unidades e de designar outros tantos comandantes, tratava de conciliar para si todo o perímetro até às ribas do Árar¹⁴⁵, com a intenção de despertar toda a Gália para a guerra, quando já em Roma se concertavam posições contra César¹⁴⁶. 2. Se tivesse agido um pouco mais tarde, com César mergulhado na guerra civil, um terror em nada inferior àquele das guerras com os Cimbros teria tomado conta da Itália. 3. Nessa altura, César, reputado por natureza em usar na perfeição todos os recursos da guerra, e sobretudo em aproveitar a ocasião, logo que soube da revolta, tratou de se pôr a caminho¹⁴⁷. Pelas próprias vias que percorreu, pela energia e rapidez da marcha durante tal inverno, mostrava aos bárbaros que se aproximava um exército imbatível e invicto. 4. Pois no lugar onde já era incrível que um enviado ou correio dos dele pudesse desenvencilhar-se por muito tempo, era aí que ele aparecia com todo o exército, a devastar terras, a destruir os redutos, a subjugar cidades, a receber os que se passavam para o seu lado¹⁴⁸. 5. Até que se envolveu na guerra

¹⁴⁴ Celta.

¹⁴⁵ Atual rio Saône. O jovem caudilho segue uma política impopular de terra queimada, mas não pode rivalizar com a experiência militar de César e comete erros táticos que levam a que os seguidores o cheguem a considerar um traidor (César, *A Guerra da Gália*, 7.20.). Vide Agazzi 2006: 109 ss.

¹⁴⁶ Em Roma, os conflitos agudizam-se com a morte de Clódio na Via Ápia, e Pompeio é nomeado cônsul único (*sine collega*).

¹⁴⁷ Porque estava na Gália Cisalpina na altura.

¹⁴⁸ Plutarco faz generalizações e omite acontecimentos para se

contra ele também o povo dos Éduos, que anteriormente se autoproclamavam irmãos dos Romanos e eram cumulados de excelsas honras, mas que, ao juntarem-se então aos revoltosos, infundiram no exército de César um grande desalento¹⁴⁹. 6. Por isso, movendo-se dali, passou pelas terras dos Língones, na mira de atingir a dos Sequanos, que eram amistosos e, relativamente ao resto da Gália, ficavam ao alcance de Itália. 7. Ali caíram sobre ele os inimigos e cercaram-no às dezenas de milhares. Depois de investir para o combate, levou a melhor sobre todos os atacantes, repelindo os bárbaros ao fim de longo tempo e com grande mortandade. 8. Mas parece que ele no início esteve a ponto de ser vencido; os Arvernos até exibem um punhal pendurado num templo como um suposto despojo arrebatado a César. Ele, ao vê-lo mais tarde, riu-se; e perante as exortações dos amigos no sentido de o retirar, não o permitiu, por considerá-lo sagrado.

XXVII. 1. De qualquer modo, a maior parte dos que

centrar depois no cerco de Alésia. Passa por cima de outros assédios importantes, como o cerco da cidade de Avárico, nas terras dos Bitúriges, que termina com um massacre que não poupou velhos, mulheres ou crianças, num total de 40 mil pessoas, segundo afirma o próprio César (*A Guerra da Gália*, 7.28). Ou o frustrado ataque a Gergóvia, onde Vercingétorix se fortificara. Segundo Díon Cássio, tratou-se de uma derrota militar enquanto César estava ausente a tentar evitar uma deserção dos Éduos. *Vide* César, *A Guerra da Gália*, 7.44-51; Díon Cássio, 40.38.1. Plutarco omite ainda os sucessos a norte, no território dos Sénones e Parisios: uma retumbante vitória que Labieno obtém, por sua conta, em Lutécia (atual Paris). Cf. César, *A Guerra da Gália*, 7.56-62. Neste caso compreende-se que critérios biográficos justificam a seleção do material, centrado na personagem principal, tratada nesta parte com discurso encomiástico. *Vide* Pelling 2011: 263-268; Brandão 2015: 400.

¹⁴⁹ Embora seja a contragosto que reconhecem Vercingétorix como chefe supremo. Tal acontece por altura do ataque a Gergóvia que corre mal a César e que Plutarco omite.

escaparam na altura refugiou-se com o rei na cidade de Alésia¹⁵⁰. 2. E enquanto César assediava a cidade, que se afigurava inexpugnável pela grandiosidade das muralhas e multidão dos defensores, deparou-se com um perigo vindo do exterior maior do que qualquer descrição. 3. É que o que de mais forte havia na Gália, reunido de entre os povos, havia chegado em armas a Alésia em número de trezentos mil¹⁵¹. 4. E os combatentes na cidade não eram menos de cento e setenta mil¹⁵². De modo que César, apanhado no meio de tamanha contenda e assediado, foi obrigado a lançar uma dupla linha de muralhas: uma pelo lado da cidade, e outra pelo dos atacantes que chegavam. É que, se aquelas forças se juntassem, estariam completamente perdidas as que ele tinha ao seu comando. 5. Por muitas razões o perigo de Alésia obteve justa glória, já que produziu feitos de coragem e astúcia como nenhum outro combate. Mas acima de tudo devia admirar-se o facto de César ter atacado e vencido tantas dezenas de milhar no exterior sem que os da cidade dessem conta, e mais, sem que dessem conta mesmo aqueles que de entre os soldados romanos estavam a guarnecer a muralha virada para a cidade¹⁵³. 6. De facto, estes não se aperceberam de nada antes de ouvirem do lado de Alésia os lamentos dos homens e gritaria das mulheres, ao verem então do outro lado numerosos escudos ornados com prata e ouro e muitas couraças cheias de sangue,

¹⁵⁰ Muito provavelmente o atual Mont Auxois, a cujos pés se encontra a povoação de Alise-Sainte-Reine.

¹⁵¹ Que incluíam mesmo antigos aliados de César, como ele próprio lamenta (César, *A Guerra da Gália*, 7.75-76)

¹⁵² Números exagerados. César (*A Guerra da Gália*, 7.71) fala de 80 000.

¹⁵³ Plutarco não diz que o ataque se deu dos dois lados, com uma surtida também dos sitiados sobre os pontos mais débeis do cerco romano. César (*A Guerra da Gália*, 7.74) explora o efeito psicológico sobre os soldados do clamor da luta que ouvem do lado oposto, mas não podem ver – circunstância potencialmente mais perturbadora dos espíritos.

bem como taças e tendas gaulesas trazidas pelos Romanos para o acampamento. 7. Assim, rapidamente, como se fosse um fantasma ou um sonho, tão grande exército desapareceu e se dispersou, tendo a maior parte deles caído em combate. 8. Quanto aos que se barricavam em Alésia, depois de darem não poucos trabalhos a si próprios e a César, renderam-se por fim. 9. O comandante supremo naquela guerra, Vercingétorix, depois de envergar as mais belas armas e adornar a montada, saiu pelos portões a cavalo. 10. E, tendo executado um círculo em torno de César, que estava sentado, desmontou então do cavalo, retirou as armas e sentou-se aos pés daquele, mantendo-se em silêncio, até que foi entregue para ser feito prisioneiro para o triunfo¹⁵⁴.

XXVIII. 1. César tinha resolvido há muito tempo aniquilar Pompeio, tal como este resolvera por certo aniquilá-lo a ele. Como Crasso, que aguardava como terceiro concorrente entre os dois, perecera entre os Partos¹⁵⁵, restava, a um, o caminho para se tornar o mais poderoso, aniquilando o que já o era; e, a outro, para não sofrer tal destino, a tarefa de arredar do caminho aquele que temia. 2. De facto, tal receio só acometera Pompeio recentemente, já que até então menosprezava César, por não considerar tarefa difícil fazer rebaixar de novo quem ele próprio tinha elevado. 3. Mas César tinha desde o princípio

¹⁵⁴ A composição cénica de Plutarco contrasta com a concisão de César (*A Guerra da Gália*, 7.89): *Vercingetorix deditur, arma proiciuntur* («Vercingétorix rendeu-se, as armas depuseram-se»). Díon Cássio (40.41) salienta a imponência da figura, que aparece subitamente diante de César, a sua esperança de clemência, depois frustrada pelo procônsul, a atitude de súplica, bem como o sentimento de piedade gerado nos presentes pelo contraste (um *topos* trágico) com a condição anterior do guerreiro. Cf. Floro, 1.45.26. Vercingétorix só foi executado no final do triunfo da Gália, realizado em 46 a.C. Plutarco omite o relato das campanhas de 51, correspondentes ao livro VIII da Guerra das Gálias, redigido não por César, mas por Hircio. *Vide* Pelling 2011: 272-273.

¹⁵⁵ Na batalha de Carras em 53 a.C. Cf. Plutarco, *Crasso*, 16-33.

traçado um plano, tal como um atleta que ganha um grande avanço em relação aos concorrentes, e, com a experiência das guerras da Gália, aprestou o exército, aumentou a sua glória, elevando os seus feitos até rivalizarem com os sucessos de Pompeio. 4. Aproveitava as oportunidades que lhe oferecia quer o próprio Pompeio, quer a ocasião e a má política em Roma, em virtude da qual os aspirantes aos cargos colocavam bancas de dinheiro no meio da rua, corrompendo sem pudor as massas. E o povo, comprado, descia a brigar pelos que pagavam, não com o voto, mas com arcos, com espadas e com fundas. 5. Separavam-se muitas vezes só depois de terem desonrado a tribuna com sangue e cadáveres, deixando a cidade na anarquia, como nau a vogar sem timoneiro, de modo que quem tinha bom senso já se contentava que, de tal delírio e turbilhão, os assuntos públicos descambassem em monarquia, antes que noutra coisa pior¹⁵⁶. 6. E muitos eram os que se atreviam já a afirmar em público que a situação política não tinha remédio, a não ser através da monarquia, e que era preciso aceitar este remédio do mais dócil dos médicos que o oferecia, referindo-se implicitamente a Pompeio. 7. Este, se bem que no discurso dava ares de declinar a oferta, pelas ações tinha em vista acima de tudo ser nomeado ditador. De comum acordo, Catão e os seus partidários convenceram o senado a nomeá-lo cônsul único, de modo a que não se tornasse ditador à força, consolado com uma “monarquia” mais legal. 8. Também lhe prorrogaram o tempo dos governos provinciais. Tinha dois: a Península Ibérica e toda a Líbia¹⁵⁷, as quais controlava por meio de legados e da manutenção de exércitos, para

¹⁵⁶ Tais confrontos entre grupos rivais culminaram no assassinio de Clódio na Via Ápia às mãos dos bandos de Milão em janeiro de 52 a.C.

¹⁵⁷ Isto é, a província da África, provavelmente um erro. *Vide* Pelling 2011: 281-282.

os quais tomava anualmente do tesouro público mil talentos.

XXIX. 1. Por conseguinte, César fez enviar a intenção de se candidatar ao consulado e a um igual tempo de proconsulado¹⁵⁸. A princípio, Pompeio mantinha-se em silêncio, enquanto os que estavam com Marcelo¹⁵⁹ e Léntulo¹⁶⁰ se opunham, porque, além do mais, detestavam César e tratavam de fazer o necessário e o desnecessário para desonra e opróbrio dele. 2. De facto, retiraram a cidadania aos habitantes de Novo Como, recentemente estabelecidos na Gália por César¹⁶¹, e Marcelo,

¹⁵⁸ César solicitara ao senado o prolongamento do seu comando, que terminaria em 1 de Março de 50 a.C., até ao final de 49 a.C., mantendo o seu *imperium* até ser cônsul, porque temia ficar, enquanto *priuatus*, à mercê dos seus inimigos: cf. Apiano, *Guerras Civis*, 2.25; Plutarco, *Pompeio*, 56.1. Um decreto popular de 52 assegurava a César a possibilidade de se candidatar ao consulado para 48 *in absentia*: cf. Suetónio, *Júlio César*, 26.1. O próprio Pompeio, cônsul sem colega nesse ano, teria concordado a princípio, segundo Plutarco (*Pompeio*, 56.2). Mas depois Pompeio fez passar uma lei em que obrigava os candidatos a magistrados a estarem presentes em Roma, sem introduzir a exceção a favor de César – por esquecimento, segundo Suetónio (*Júlio César*, 28.3), o que parece pouco credível. Para uma análise dos problemas, *vide* Pelling 2011: 283-294.

¹⁵⁹ Marco Cláudio Marcelo, cônsul de 51 a.C., propusera ao senado que César fosse substituído na sua província, com a justificação de que a Gália estava pacificada. Pretendia assim cercar a base para a candidatura de César *in absentia*: cf. Suetónio, *Júlio César*, 28.2; Dión Cássio, 40.59.1. Plutarco parece confundir-lo com o cônsul de 49, Gaio Marcelo, irmão do primeiro, ao mencioná-lo junto com Léntulo (nota seguinte). O cônsul de 50 era também Gaio Marcelo, primo daqueles, o que contribui para potenciar a confusão.

¹⁶⁰ Lúcio Cornélio Léntulo Crure, cônsul de 49, juntamente com Gaio Marcelo.

¹⁶¹ Cf. Suetónio, *Júlio César*, 28.3. Trata-se da atual Como, na altura uma colónia de direito latino (e, em princípio, não de cidadania plena) fundada em 89 pelo pai de Pompeio e refundada por César, com o nome de *Nouum Comum*, por proposta do tribuno da plebe Vatínio em 59 a.C. Os magistrados nas colónias de direito latino adquiriam automaticamente a cidadania plena – uma forma de Roma ter na mão as elites governativas locais. Mas por outro lado, também Suetónio (*Júlio César*, 8) diz que, desde o regresso da Hispânia como questor,

no exercício do consulado, vergastou um dos senadores deles que tinha vindo a Roma¹⁶², acrescentando que lhe aplicava tais marcas por ele não ser romano¹⁶³, e mandou-o ir mostrá-las a César no regresso. 3. Depois do consulado de Marcelo, já César fazia jorrar abundantemente as riquezas da Gália sobre todos os detentores de cargos políticos, libertando o tribuno Curião¹⁶⁴ de empréstimos e dando ao cônsul Paulo¹⁶⁵ mil e quinhentos talentos, com os quais este acrescentou como adorno do forum a basílica, o famoso monumento construído em lugar da basílica Fúlvia¹⁶⁶. 4. Então Pompeio, com receio desta aliança, tratou já às claras, quer pessoalmente quer por intermédio de amigos, de que fosse designado um sucessor para o comando que César detinha e mandou reclamar a devolução dos soldados que lhe tinha fornecido para a guerra das Gálias¹⁶⁷. E ele devolveu-os, depois de presentear cada homem com duzentas e cinquenta dracmas. 5. Os que trouxeram os soldados a Pompeio, ao espalharem um discurso que nem era correto nem benevolente

César defendia as aspirações das colónias transpadanas de direito latino à cidadania romana plena.

¹⁶² Apiano (*Guerras Civis*, 2.26) salienta que se tratava de um ex-magistrado e, portanto, cidadão romano de pleno direito.

¹⁶³ Porque um cidadão romano não podia ser condenado ou açoitado sem ter direito de apelo, direito que os romanos consideravam tão antigo como a República, ou mesmo mais: cf. Cícero, *República*, 2.53.

¹⁶⁴ Gaio Escríbônio Curião, tribuno da plebe em 50, filho do cônsul homónimo de 76 (cf. atrás 8.3). Inicialmente era hostil a César, mas terá sido subornado. Cf. Apiano, *Guerras Civis*, 2.26. Durante a guerra civil, será enviado para a Sicília, para prevenir o corte no fornecimento de cereais, e depois passa à África, onde é derrotado e morto numa emboscada lançada pelo rei Juba da Numídia, aliado de Pompeio.

¹⁶⁵ L. Emílio Paulo, cônsul de 50 a.C.

¹⁶⁶ Construída em 179 a.C.

¹⁶⁷ Com o pretexto de reforçar o exército da Síria e preparar a guerra contra os Partos, o senado exige uma legião a Pompeio e outra a César. Pompeio declara que cede a que emprestara a César. Desta forma César perde duas. Tais legiões não chegaram a partir para a Síria.

acerca de César, cegaram Pompeio com esperanças vãs, sugerindo que este era prezado pelo exército de César e que, enquanto estava ali a gerir a custo a situação por causa da inveja de uma política podre, o exército estava lá, preparado para o apoiar, e que mal se transferisse para a Itália se passaria logo para o lado dele: a tal ponto César se tinha tornado insuportável pela quantidade de campanhas, e suspeito por causa do receio de uma monarquia. 6. Perante tais informações, Pompeio relaxou e negligenciou a preparação dos exércitos, como se não tivesse receio, e julgava dominar César com discursos, propostas de lei e votando contra. 7. Destas manobras César não fazia caso, e até se diz que um certo centurião vindo da sua parte, ao parar diante da cúria e ao saber que o senado não concedia mais tempo ao comando de César, afirmou «mas é esta que lho vai conceder!», enquanto batia com a mão no punho da espada¹⁶⁸.

XXX. 1. Não obstante, a exigência de César continha uma brilhante aparência de razoabilidade. Ele propunha, pois, depor as próprias armas e que Pompeio fizesse o mesmo¹⁶⁹, para que, reduzidos os dois a cidadãos privados, encontrassem algum benefício junto dos concidadãos, alegando que os que lhe retiravam as tropas confirmavam ao outro as que ele detinha;

¹⁶⁸ Cf. Apiano, *Guerras Civis*, 2.25, que atribui as palavras ao próprio César. Plutarco continua a glosar o tema da devoção dos soldados, como nota Pelling 2011: 301-302. Também se conta algo de semelhante a propósito de Octávio, quando exigiu o consulado em 43, sem ter idade para o exercer (cf. Suetónio, *Augusto*, 26.1; Díon Cássio, 46.43.4) e de Níger em 193 d.C.: cf. Díon Cássio, 75 (74) 6.2a. O dito pode ter-se tornado numa espécie de lugar-comum para significar poder tomado pela força das armas. Segundo Suetónio (*Júlio César*, 29.1), César repetia que «mais dificilmente o expulsariam do primeiro para o segundo lugar entre os cidadãos do que do segundo para o último» - palavras provavelmente transmitidas por Asínio Polião. Vide Gelzer 1969: 189; Canfora 2000: 145-146 e 152-155.

¹⁶⁹ Cf. César, *A Guerra Civil*, 1.9; Suetónio, *Júlio César*, 29.2. Propostas veiculadas através do tribuno Curião.

que acusavam um de ser tirano¹⁷⁰, enquanto faziam do outro isso mesmo. 2. Quando Curião proferiu tal proposta de César diante do povo foi efusivamente aplaudido, e houve até quem lhe colocasse coroas de flores como aos atletas¹⁷¹. 3. António, enquanto tribuno, apresentou à multidão uma carta de César que secundava a proposta e leu-a em alta voz, contra a oposição dos senadores¹⁷². 4. Mas Cipião¹⁷³, sogro de Pompeio, apresentou no senado uma proposta no sentido de que, se num dia marcado César não depusesse as armas, fosse declarado inimigo público¹⁷⁴. 5. E interrogados os senadores, para saber se Pompeio devia licenciar os soldados e, a seguir, se César devia fazer o mesmo, muito poucos votaram a favor no primeiro caso, e a grande maioria no segundo. Mas quando António e os companheiros fizeram de novo a proposta de que ambos deixassem os respetivos comandos, aprovaram todos em peso. 6. Porém, Cipião insistiu com violência e o cônsul Lêntulo pôs-se a clamar que eram precisas armas contra o bandoleiro, não votos¹⁷⁵. Dispersaram-se então e mudaram as vestes em sinal de luto por causa da rebelião.

¹⁷⁰ Sobre a alegada ambição da tirania, *vide* Introdução, 2.6.

¹⁷¹ Continuação do motivo da corrida de atletas, já referido em 28.1 e 3: *vide* Pelling 2011: 275-277 e 304.

¹⁷² Geralmente pensa-se que será um engano, uma troca por Curião, que leu uma carta de César no senado. Pelling (2011 304-305) pensa que pode muito bem ser António, triúmviro no ano seguinte, que fez um discurso diante do povo no dia 21 de Dezembro. De qualquer modo, estava-se no final do ano, no momento da mudança.

¹⁷³ Q. Cecílio Metelo Pio Cipião: nome adquirido por adoção, pois que antes era P. Cornélio Cipião Nasica. Tinha sido cônsul em 52 a.C. na última parte do ano (na primeira parte, o cônsul era apenas Pompeio, como vimos). Nesse mesmo ano, Pompeio casara com a filha dele, Cornélia, afastando-se assim de César.

¹⁷⁴ Cf. César, *A Guerra Civil*, 1.2.6.

¹⁷⁵ Lêntulo seria em rigor cônsul designado. Plutarco parece amalgamar de forma não cronológica conteúdos de diferentes sessões do senado a de 1 de dezembro de 50 e de 1 de janeiro de 49 e subsequentes debates dos dias 5, 6 e 7 do mesmo mês. *Vide* Pelling 2011: 302-306.

XXXI.1. Chegaram então cartas de César com propostas aparentemente moderadas (pois abdicava de tudo o resto e pedia que lhe fosse dada a Cisalpina e o Ilírico, juntamente com duas legiões, até que obtivesse o segundo consulado), e Cícero, o orador, acabado de regressar da Cilícia¹⁷⁶, empenhava-se na reconciliação suavizando Pompeio; mas este embora condescendesse no resto, teimava em retirar-lhe os soldados. 2. Então Cícero, por um lado, tratava de convencer os amigos de César a concertarem a paz, contentando-se com as referidas províncias e com apenas seis mil soldados. Pompeio, por outro, mostrava-se flexível para fazer concessões, mas o cônsul Léntulo e seus comparsas não o permitiam, antes insultaram e expulsaram do senado António e Curião de forma desonrosa¹⁷⁷. 3. Assim preparam eles próprios para César o mais plausível dos pretextos, por meio do qual ele atizou ao máximo os soldados, ao mostrar homens de alto estatuto e detentores de cargos a fugirem em carros alugados e em trajas servis. Saíram, pois, de Roma nestes preparos por medo.

XXXII. 1. Estavam então com ele não mais de trezentos cavaleiros e cinco mil soldados de infantaria¹⁷⁸. Como tinha

¹⁷⁶ Depois e exercer o proconsulado.

¹⁷⁷ Apesar de César mostrar abertura para manter até apenas uma legião (Cícero mediou as conversações com Pompeio), a proposta não foi aceite, pelo que foi votado um prazo limite para o licenciamento das tropas e a recusa da candidatura *in absentia*. César devia renunciar ao seu comando em março, caso contrário, seria considerado inimigo público (cf. César, *A Guerra Civil*, 1.2; Díon Cássio, 41.2.2). O veto interposto por dois tribunos de 49 (M. António e Quinto Cássio Longino) foi bloqueado (no dia 7 de janeiro) por um *senatusconsultum ultimum* ('última resolução do senado', que, na prática, suspendia a "constituição" normal), e os dois tribunos fogem da cidade juntamente com Curião (tribuno do ano anterior) e vão juntar-se a César. Cf. Veleio Patérculo, 2.49.3-4; Suetónio, *Júlio César*, 29.2, 31.1; Díon Cássio, 41.1-3; César, *A Guerra Civil*, 1.1-5; Apiano, *Guerras Civis*, 2.32-33. Segundo Pelling 2011: 309, Plutarco não parece compreender o veto dos tribunos e o seu âmbito, pelo que coloca a questão em termos de honra-desonra.

¹⁷⁸ César toma a iniciativa de invadir a Itália com apenas uma legião

deixado o resto do exército além dos Alpes, estavam para ser enviados os que o deviam trazer. 2. Mas vendo que o começo das manobras que punha em marcha e o ataque não carecia da presença de grande número de homens, mas antes da coragem para assustar e do rápido aproveitamento da oportunidade (pois era mais fácil provocar o pânico com assalto inesperado do que vencer com um avanço preparado), 3. mandou os tribunos e os centuriões, armados de espadas e sem outras armas, tomarem conta de Arimínio, uma grande cidade da Gália¹⁷⁹, evitando o mais possível mortes e desordem, e confiou a força a Hortênsio¹⁸⁰. 4. Quanto a ele próprio, passou o dia em público a assistir ao treino de gladiadores e a fruir de tal espetáculo¹⁸¹. Pouco antes da noite, depois de cuidar da higiene pessoal, passou à sala de jantar e conversou por breve tempo com os que tinham sido convidados para o jantar. Quando já estava escuro, levantou-se, saudando os restantes e exortando-os a esperarem por ele como se fosse regressar. No entanto, a uns poucos dos amigos tinha-lhes ordenado que o seguissem, não todos juntos, mas cada qual por seu lado. 5. Ele próprio, subindo para uma carroça alugada, conduziu-a primeiro por um caminho alternativo, virando depois em direção a Arimínio¹⁸². Quando chegou junto ao rio que separa

(a XIII, a que em breve se juntam mais duas: a XII e a VIII), pelo que não dará tempo aos inimigos de prepararem um exército.

¹⁷⁹ A atual Rimini, na Gália Cisalpina.

¹⁸⁰ Q. Hortênsio Hórtalo, filho homónimo do orador que fora o maior expoente da oratória romana antes da ascensão de Cícero.

¹⁸¹ Suetónio (*Júlio César*, 31.1) salienta o secretismo e dissimulação: «imediatamente enviou umas coortes em segredo, para não levantar suspeitas; assistiu a um espetáculo público, para disfarçar, e examinou a maquete, segundo a qual pensava construir uma escola de gladiadores; e, como habitualmente, tomou parte num banquete em numerosa companhia». Vide Brandão 2003: 45-51. Vide introdução, 2.5.

¹⁸² Suetónio (*Júlio César*, 31.2), além do secretismo, desenvolve uma cena de suspense com um relato surreal: «De seguida, depois do

a Gália Cisalpina do resto da Itália (chama-se Rubicão), foi tomado pela meditação, por estar mais perto do perigo, e, abalado pela magnitude da ousadia, susteve a corrida. 6. E, cessando o avanço, longo tempo ponderou em silêncio de si para si, passando de uma a outra opinião, pelo que a sua resolução sofria muitas reviravoltas 7. Esquadrinhou muitas das questões com os amigos presentes, entre os quais estava Asínio Polião¹⁸³, analisando a amplitude dos infortúnios que a travessia iria desencadear para todos os homens e, em contrapartida, a grande fama que o facto deixaria aos vindouros¹⁸⁴. 8. Finalmente, por um impulso¹⁸⁵, como que

pôr-do-sol, atrelando ao seu carro as mulas de um moinho das redondezas, enveredou com um modesto acompanhamento por um caminho secretíssimo. Como, depois de as luzes se apagarem, se desviou do caminho, andou errante longo tempo, até que por fim, ao alvorecer, encontrou um guia e lá se desembaraçou a pé por sendas deveras estreitas». *Vide* Canfora 2000: 159-160.

¹⁸³ Que acompanhou César na Guerra da Gália e na Guerra Civil. Veio a ser cônsul em 40 a.C. Era um bom orador e autor de uma história perdida das guerras civis. A ele dedicou Virgílio a *Bucólica* IV sobre o advento de uma nova era. Foi o construtor da primeira biblioteca pública de Roma.

¹⁸⁴ Plutarco (*César*, 32.7) centra-se na consciência dos males que, com a travessia do rio, advirão para a humanidade, mas que serão compensados com a glória futura; Apiano (2.36) faz César preferir a felicidade pessoal à da humanidade. Suetónio (*Júlio César*, 31.2) limita-se a constatar o dilema: «Alcançadas as suas coortes junto ao rio Rubicão, que marcava a fronteira à sua província, parou por momentos, e, refletindo na magnitude da empresa, voltou-se para os que estavam próximos e exclamou: 'Até agora, ainda podemos voltar para trás, porque, se atravessarmos esta pequena ponte, tudo terá de ser resolvido pelas armas': *vide* Gascou (1984: 21-22). Este autor crê que usaram a mesma fonte, e que Suetónio atenuou o cinismo de César.

¹⁸⁵ De acordo com a propensão natural de César para a ação militar, que o fez colocar em segundo lugar a retórica política: cf. 3.2-3. *Vide* Buszard 2008: 195-196. Suetónio, no seu gosto pelo maravilhoso e pelo romanesco, afirma que a solução do dilema adveio de uma personagem sobrenatural que atravessou o rio a tocar trombeta: «apareceu de repente uma figura de excelsa estatura e beleza, sentada nas proximidades a tocar

saltando da reflexão para a ação futura, proferiu aquele intróito comum aos que embarcam em destinos complicados e temerários: «toca a lançar o dado!¹⁸⁶». Lançou-se na travessia¹⁸⁷ e, percorrendo já velozmente o restante caminho, caiu sobre Arimínio ainda antes de ser dia e tomou-a. 9. Diz-se que na noite anterior à travessia teve um sonho monstruoso: afigurava-se-lhe que tinha com a própria mãe uma união nefanda¹⁸⁸.

XXXIII. 1. Depois da tomada de Arimínio, foi como se abrissem as largas portas da guerra¹⁸⁹ ao mesmo tempo por toda a terra e por todo o mar, e como se, junto com as fronteiras da província, fossem violadas as leis da cidade. Ninguém pensaria

flauta. Como, além dos pastores, acorriam para o ouvir muitos soldados dos postos vizinhos, e entre eles os trombeteiros, a personagem, depois de arrebatado a trombeta a um destes, precipitou-se para o rio e, começando a tocar uma marcha com enorme pujança, dirigiu-se para a outra margem» (*Júlio César*, 32). Há quem pense que pode ter sido um expediente do próprio César para convencer os hesitantes, do género do atribuído a Pisístrato, que se teria feito acompanhar de uma mulher de uma tal estatura e beleza que passou por Atena (Heródoto, 1.60; um estratagemas antigo e simples para Aristóteles, *Constituição dos Atenienses*, 14.4.): *vide* Canfora 2000: 160-161; Della Corte 1967: 64.

¹⁸⁶ A expressão figura também em Plutarco, *Pompeio*, 60.2. Cf. Suetónio, *Júlio César*, 32: «Avante para onde os prodígios dos deuses e a iniquidade dos nossos inimigos nos chamam. O dado está lançado». *Alea iacta est*, em Suetónio, será uma tradução aproximada do grego por parte da sua fonte, Asínio Polião, testemunha ocular do feito. *Vide* Bickel 1952: 269-273; Townend 1960: 99; Dubuisson 1980: 885-886; Gasco 1984: 23 n. 24; Pelling 2011: 317-318.

¹⁸⁷ Na madrugada de 11 de janeiro de 49 a.C. Cf. Veleio Patérculo, 2.49.4; Plutarco, *Pompeio*, 60.1-3.

¹⁸⁸ Suetónio (*Júlio César*, 7.2) e Dión Cássio (37.52.2) situam este sonho em Gades, na altura em que César era questor, quando compara os seus parques feitos com os de Alexandre com idêntica idade. Ambos os autores interpretam o sonho como prenúncio de grande poder; e Suetónio especifica que a mãe representa a terra. Sobre esta parte, *vide* Introdução, 2.4 e 2.5.

¹⁸⁹ Uma alusão de Plutarco às portas do templo de Jano, que eram abertas quando havia guerras e fechadas quando reinava a paz em todo o império. *Vide* Pelling 2011: 321-322.

que eram homens e mulheres que vagueavam como outrora apavorados através de Itália, mas eram as próprias cidades que, levantadas em fuga, se precipitavam umas através das outras. 2. Quanto a Roma, uma vez apinhada com a afluência de populações dos arredores, por causa das fugas e migrações, não era fácil à autoridade fazê-la obedecer ou contê-la com discursos, pelo que, no meio do grande tsunami e turbilhão, pouco faltou para se destruir por si própria. 3. É que paixões contrárias e movimentos violentos prevaleciam por todo o lado. E nem os que estavam satisfeitos se mantinham sossegados, pois em tão grande cidade deparavam-se amiúde com receosos e descontentes, e, ao mostrarem-se confiantes no porvir, tornavam-se fonte de querelas. 4. Ao próprio Pompeio, que estava amedrontado, uns acoassavam-no de um lado, outros de outro; para uns, porque aumentara o poder de César contra si próprio e contra a autoridade oficial, enquanto outros o acusavam de permitir que Léntulo e os seus partidários tratassem César com arrogância, quando este se mostrava flexível e propunha soluções razoáveis. 5. E Favónio exortava-o a bater com o pé no chão, já que ele se tinha certa vez gabado numa reunião do senado de que não deixaria que se afadigassem ou preocupassem com a preparação da guerra, pois, quando chegasse a ocasião, com o bater do pé no chão encheria a Itália de exércitos¹⁹⁰. 6. No entanto, também na altura Pompeio superava César no número das forças. De facto, ninguém permitiu ao homem fazer uso dos seus planos. Mas, por causa das numerosas notícias, boatos e terrores, de que a guerra já estava em curso e tomava conta de tudo, ele quebrou e deixou-se levar pelo arrebato geral: votou o

¹⁹⁰ Cf. Plutarco, *Pompeio*, 57.5.

estado de emergência¹⁹¹ e abandonou a cidade¹⁹², ordenando ao senado que o seguisse, e que não permanecesse nenhum dos que preferiam a pátria e a liberdade à tirania¹⁹³.

XXXIV. 1. Quanto aos cônsules, fugiram sem fazer os sacrifícios que são de regra antes da partida; e fugiu também a maior parte dos senadores, recolhendo o que calhava do que era seu à maneira de uma pilhagem, como se tomassem o de outros. 2. Até alguns que antes eram assaz apoiantes da causa de César perderam na altura o discernimento por causa do terror e foram levados sem necessidade na torrente de tal arrebatamento. 3. O que metia mais dó era o panorama da cidade: acometida por tal tempestade, parecia um navio conduzido por timoneiros desalentados contra o que lhe aparecia pela frente. 4. Mesmo assim, apesar da desgraça de tal migração, os homens consideravam o exílio como pátria, por causa de Pompeio, e deixavam Roma como campo militar de César. 5. Tanto que até Labieno¹⁹⁴, homem contado entre os maiores amigos de César, que se tinha tornado seu legado e que combatera ao lado dele com grande bravura em todas as guerras da Gália, nessa altura desertou e foi juntar-se a Pompeio. Contudo, César enviou-lhe no enalço quer o dinheiro quer a bagagem. 6. Avançando contra Domício¹⁹⁵, que à frente de trinta coortes ocupara Corfíno,

¹⁹¹ Cf. Díon Cássio, 41.3.3.

¹⁹² A 17 de janeiro. Cf. Plutarco, *Pompeio*, 61; Díon Cássio, 41.6.1-2; Apiano, *Guerras Civis*, 2.36-37. Cícero (*Cartas a Ático*, 7.11.3-4, 10.8.4) lamenta tal comportamento Temistocleano, como regista também Plutarco, *Pompeio*, 63. Pompeio ordenou a evacuação da Urbe para Cápua e depois para a Apúlia.

¹⁹³ Sobre a alegada ambição da tirania, *vide* Introdução, 2.6.

¹⁹⁴ Cf. n. a 18.2.

¹⁹⁵ Lúcio Domício Aenobarbo, cônsul de 54 a.C. Foi o sucessor designado de César na Gália. Domício pede ajuda a Pompeio para juntos bloquearem César, mas aquele ignora-o: cf. César, *A Guerra Civil*, 1.17-19.

assentou acampamento ao lado. Este, tomado pelo desespero, pediu ao médico, que era um escravo, uma poção, e, quando ele lhe facultou, pegou nela e bebeu-a com a intenção de morrer. 7. Dentro em pouco, ao ouvir dizer que César usava de uma admirável benevolência para com os prisioneiros¹⁹⁶, começou ele próprio a lamentar o que tinha feito e a censurar-se pela decisão precipitada. 8. Mas quando o médico o animou, dizendo-lhe que tinha bebido um soporífero não letal, levantou-se todo contente, foi ter com César, tomou-lhe a mão direita e tratou de se ir de novo juntar a Pompeio¹⁹⁷. 9. Tais novas, ao chegarem a Roma, acalmavam as pessoas, e alguns dos que tinham fugido regressaram¹⁹⁸.

XXXV.1. César recebeu as tropas de Domício, bem como as outras, as que tinham sido arroladas para Pompeio nas cidades e que ele se adiantou a tomar. Quando as suas forças se tornaram numerosas e temíveis, foi no encalço do próprio Pompeio. 2. Este não esperou a chegada, mas, escapando para Brundísio, despachou os cônsules à frente com o exército para Dirráquio, e ele próprio zarpou pouco depois da chegada de César¹⁹⁹, como demonstrarei em pormenor na futura biografia dele²⁰⁰. 3. Embora César o pretendesse perseguir de imediato, viu-se impedido por falta de navios, pelo que tornou para Roma, tendo-se assenhoreado de toda a Itália em

¹⁹⁶ Desde logo, a libertação de Públio Cornélio Léntulo Espínter (cônsul de 57). Seguiu-se a restituição do dinheiro depositado por Domício no erário da cidade. Cf. César, *A Guerra Civil*, 1.16-23; Apiano, *Guerras Civis*, 2.38.

¹⁹⁷ Segundo Suetónio (*Nero* 2.3), Domício, arrependendo-se, vomitou o veneno e deu a liberdade ao escravo por ter preparado uma poção fraca.

¹⁹⁸ Dissipou-se o temor de que se comportasse como Sula. O efeito esperado, como nota Cícero (*Cartas a Ático*, 8.13).

¹⁹⁹ Pompeio chegou a Brundísio a 25 de fevereiro e partiu a 17 de março. César tinha chegado a 9 de março.

²⁰⁰ *A Vida de Pompeio*, 62.2-6.

60 dias sem derramar sangue²⁰¹. 4. Uma vez que encontrou a cidade mais estabilizada do que esperava, e nela uma grande parte do senado, conversou com eles em termos razoáveis e populares, convidando-os a enviarem homens a Pompeio para um acordo conveniente²⁰². 5. Ninguém lhe prestou ouvidos, ou porque temiam Pompeio, que tinham abandonado, ou porque supunham que César não pensava assim e só proferia belas palavras. 6. Uma vez que o tribuno da plebe, Metelo, o impedia de deitar a mão ao dinheiro entesourado e citava umas leis sobre isso²⁰³, ele respondeu que o tempo das armas não era tempo de leis. 7. «Se os acontecimentos não te agradam, então põe-te a mexer daqui; a guerra não precisa de liberdade de linguagem, mas quando eu depuser as armas, depois de feito o acordo, poderás vir então para cá com demagogias. 8. E digo isto» – acrescentou – «desistindo dos meus direitos, porque me pertences também tu e todos quantos tomei dos que fizeram conluio contra mim». 9. Tendo dirigido estas palavras a Metelo, encaminhou-se para as portas do tesouro. Mas, como não apareciam as chaves, chamou os ferreiros e mandou-os rebentar a fechadura. 10. Uma vez que de novo se lhe interpunha Metelo, e com a aprovação de alguns, César, levantando a voz, ameaçou matá-lo se ele não deixasse de o aborrecer. 11. «E tu não ignoras, rapazinho» – acrescentou –, «que me é mais difícil dizê-lo que fazê-lo!»²⁰⁴. Tal afirmação fez

²⁰¹ César divide as forças em várias partes, para assegurar o controlo de Itália, e garantir o controlo da Sardenha e da Sicília, de modo a prevenir o corte no fornecimento de cereais. César, *A Guerra Civil*, 1.25-30; Dión Cássio, 41.12; Apiano, *Guerras Civis*, 2.39-40.

²⁰² Cf. César, *A Guerra Civil*, 1.32.

²⁰³ Provavelmente a reserva intocada que o tesouro de Saturno tinha constituído a seguir à invasão gaulesa (390 a.C.) para ser usado unicamente em situações de crise para o estado. Cf. Apiano, *Guerras Civis*, 2.41.

²⁰⁴ Cf. Dión Cássio, 41.17.1-2.

Metelo retirar-se aterrado, e tudo o mais foi fácil e prontamente colocado à disposição dele para a guerra.

XXXVI. 1. Dirigiu-se em campanha para a Península Ibérica²⁰⁵, pois tinha decidido, antes de mais expulsar Afrânio e Varrão, legados de Pompeio, e submeter ao seu controlo as forças ali estacionadas e as províncias²⁰⁶, de modo a marchar contra Pompeio sem deixar qualquer inimigo na retaguarda²⁰⁷.

2. Colocou muitas vezes em risco a sua vida, em emboscadas, e o exército, sobretudo devido à fome; mas não cessou de perseguir, desafiar e sitiar os homens até se assenhorear pela força dos acampamentos e dos exércitos²⁰⁸. Os comandantes, porém, puseram-se em fuga para junto de Pompeio²⁰⁹.

²⁰⁵ No início de abril, deixando Emílio Lépidio como prefeito da cidade e Marco António como comandante das tropas da Itália. Cf. César, *A Guerra Civil*, 1.34-86.

²⁰⁶ Os legados de Pompeio, Lúcio Afrânio (cônsul de 60, que já antes lutara contra Sertório), M. Terêncio Varrão (o erudito, que já lutara às ordens de Pompeio contra os piratas) e M. Petreio (que derrotara Catilina em 63), que comandavam uma força de 5 legiões, 8 coortes auxiliares e 5 mil cavaleiros.

²⁰⁷ Faz deslocar para a Hispânia 6 legiões da Gália e ainda 5 mil tropas auxiliares e 3 mil de cavalaria. Segundo Suetónio (*Júlio César*, 34.2), César afirmava que «avançava contra um exército sem general e que de lá regressaria contra um general sem exército». No caminho, César montou cerco a Massília (atual Marselha) que, a pretexto de neutralidade, lhe fechou as portas. Para não perder a vantagem do tempo, deixou o cerco a cargo de Gaio Trebônio, que fora seu legado na Gália desde 54, e a frota a cargo de Décimo Bruto.

²⁰⁸ Plutarco salta os pormenores dos combates. Cf. César, *A Guerra Civil*, 1.34-2.22. César, juntando-se ao legado Fábio, vence Petreio e Afrânio em Ilerda, graças à superioridade da cavalaria e à sua paciência em evitar batalha, numa campanha de apenas 40 dias (cf. César, *A Guerra Civil*, 2.32.5). A falta de alimentos afetou os dois lados e acabou por ditar a rendição. Pelo meio, fica até um momento de confraternização entre as tropas, brutalmente cerceado por Petreio. César continua a demonstrar o seu génio de estratega, bem como a já habitual moderação e sentido de estado, libertando os generais vencidos. Mais tarde rende-se Varrão. *Vide* Gelzer 1968: 212-217; Pelling 2011: 334-336; Brandão 2015: 406-407.

²⁰⁹ Porque César os libertou.

XXXVII.1. Depois de César regressar a Roma²¹⁰, o sogro exortou-o a enviar alguém a Pompeio para tratar da cessação das hostilidades, mas Isaurico²¹¹ para agradecer a César opôs-se. 2. Nomeado ditador pelo senado²¹², fez regressar os exilados, restituiu os direitos aos filhos dos desventurados do tempo de Sula²¹³, aliviou os devedores com algum desagravamento dos juros²¹⁴ e despachou outros assuntos administrativos do género... não muitos. Mas, no espaço de onze dias, renunciou

²¹⁰ César deixa na Hispânia Quinto Cássio Longino, com poderes de pretor, uma escolha que se revelará desastrosa, e vai receber a capitulação de Massília, onde deixa uma guarnição de duas legiões. Cf. César, *A Guerra Civil*, 2.21-22. Plutarco omite uma série de revezes importantes: Curião, que da Sicília passara à África, é derrotado e decapitado na sequência de uma emboscada lançada pelo rei Juba da Numídia, aliado de Pompeio; Lúcio António sofre uma derrota menor na Ilíria; a IX legião, descontente com o alastrar da guerra, com a demora no pagamento e com a ausência de saque, amotina-se em Placência, e só a capacidade de liderança e firmeza de César a faz voltar à disciplina. Cf. Apiano, *Guerras Civis*, 2.44-47; César, *A Guerra Civil*, 2.13-44; Suetónio, *Júlio César*, 69; Díon Cássio, 41.26-36, 40-42. *Vide* Brandão 2015: 407.

²¹¹ P. Servílio Isaurico, filho do referido atrás (7.1) Servílio Isaurico (o cônsul de 79 e censor em 55 a.C.). Foi cônsul em 48 e em 41.

²¹² Um ditador não era nomeado pelo senado (nem pelo povo – a versão de Apiano, *Guerras Civis*, 2.48). Deveria ser um dos cônsules a nomear o ditador e a apresentá-lo diante do povo. Mas havia precedentes de um ditador nomeado pelo povo, na ausência de cônsules: a nomeação de Fábio Máximo em 217 a.C., depois do desastre do lago Trasimeno, e de Q. Fúlvio Flaco, para promover eleições na ausência dos cônsules em 210 (Tito Lívio, 22.31.8; 27.5.16). César tinha sido nomeado ditador (provavelmente *comitiorum habendorum causa*, i. e. 'para promover eleições'), através de uma lei proposta pelo pretor M. Lépidio, quando ainda vinha em viagem da Hispânia para Itália. Ao contrário do que era habitual, não nomeou um mestre de cavalaria. Sobre a ditadura em Roma, *vide* Brandão 2017: 17-31.

²¹³ Os direitos políticos dos filhos dos proscritos no tempo de Sula, a quem tinham sido confiscados também os bens.

²¹⁴ César recusou-se a abolir as dívidas, como os radicais pretendiam. Para o pagamento em bens móveis e imóveis estes deviam ser cotados segundo o valor que tinham antes da guerra, mediante a arbitragem do pretor urbano. Cf. César, *A Guerra Civil*, 3.1.2; Suetónio, *Júlio César*, 42.2; Apiano, *Guerras Civis*, 2.48; Díon Cássio, 41.37-38.

ao governo autocrático, proclamou-se cônsul a si próprio e a Servílio Isaurico e retomou a campanha militar. 3. E, forçando a marcha, ultrapassou o resto das forças e com seiscentos cavaleiros escolhidos e cinco legiões²¹⁵, embora fosse o solstício do inverno, nos princípios de janeiro (mês que corresponderia ao ateniense Posídeon²¹⁶), fez-se ao mar²¹⁷. 4. E, depois de atravessar o Jónio, tomou Órico e Apolónia²¹⁸ e mandou os barcos de volta para Brundísio, para os soldados que se tinham atrasado na marcha. 5. Mas os que estavam a caminho, já sem a juventude física e fatigados por um sem-número de provações²¹⁹, mostravam-se queixosos contra César: 6. «Até quando e a que limites este homem nos arrastará, levando-nos de um lado para o outro e usando-nos como se fôssemos seres incansáveis e inanimados. Até o ferro se desgasta com pancadas, e em tão longo tempo deve-se poupar um pouco o escudo e a couraça. 7. Será que nem pelas nossas feridas César reconhece que comanda mortais e que nascemos para sofrer dores próprias de mortais? Nem a um deus é possível forçar a estação do inverno e o tempo do vento no mar. Mas este arrisca-se não como quem persegue inimigos, mas como se fugisse deles». 8. E com tais ditos, encaminhavam-se vagarosamente para Brundísio. Mas, quando ao chegarem, descobriram que César já tinha zarpado, mudaram imediatamente de atitude e censuravam-se, apelidando-se de traidores do comandante; censuravam também os oficiais por

²¹⁵ César (*A Guerra Civil*, 3.6.2) diz que eram sete legiões.

²¹⁶ I.e. o mês de Poseídon. O sexto mês do calendário ateniense: cobre parte de dezembro e parte de janeiro. Mas o calendário romano nesta altura estava bastante adiantado em relação ao ano solar.

²¹⁷ A 4 de janeiro de 48.

²¹⁸ Os habitantes locais obrigaram os pompeianos ali sitiados a renderem-se, e quase todas as cidades do Epiro lhes seguiram o exemplo. Cf. César, *A Guerra Civil*, 3.11-12.

²¹⁹ *Ponon*. Outras edições aceitam *polemon*.

não terem apressado a marcha. 9. E, sentados sobre as arribas, olhavam para o pélagos e para o Epiro, procurando divisar os navios sobre os quais haviam de atravessar até junto dele.

XXXVIII. 1. Em Apolónia, César, não tendo forças suficientes para dar batalha por causa do atraso das que estavam do outro lado²²⁰, encontrava-se em apuros e inquieto e tomou uma decisão arriscada. Às ocultas de todos, meteu-se num barco de doze remos e zarpou em direcção de Brundísio, embora o mar estivesse bloqueado por uma vastíssima frota inimiga. 2. Embarcou então de noite, disfarçado com roupa de escravo, e, acomodando-se como um qualquer entre os anónimos, permaneceu sossegado. Enquanto o rio Aoo²²¹ conduzia o navio para o mar, a brisa matinal, que naquela altura trazia a calma à embocadura empurrando as ondas para longe, foi anulada por um vento forte do mar que soprara de noite. 4. O rio enfurecia-se com a preia-mar e com o confronto das ondas, ao mesmo tempo que era velozmente repuxado para trás com um grande fragor e com fortes redemoinhos, pelo que se tornava impraticável para o timoneiro forçar a passagem. Este, mudando de decisão, mandou os marinheiros conduzirem para trás o barco. 5. Apercebendo-se disso, César revelou-se e, agarrando a mão do timoneiro, que estava atónito com tal aparição, disse: «Vamos, bom homem, tem coragem e nada temas: transporta César e a fortuna de César que com ele navega!» 6. E logo os marinheiros

²²⁰ Entretanto César continua a fazer tentativas de paz: envia, através do pompeiano Vibúlio, uma missiva com uma proposta de entendimento, mas Pompeio interrompe a leitura, dizendo que não quer ficar a dever a vida à generosidade de César. Cf. César, *A Guerra Civil*, 3.10; 3.18.3-5; Plutarco, *Pompeio*, 65.3-4. Díon Cássio, 41.53.2-54.3. Outras propostas de conciliação são feitas de parte a parte, mas, segundo César, torna-se evidente que, para os pompeianos, qualquer tentativa de paz passará pela entrega da cabeça de César (César, *A Guerra Civil*, 3.19). Vide Gelzer 1969: 223-227.

²²¹ Atual rio Vjosa.

se esqueceram da tempestade e, agarrados aos punhos dos remos, procuravam vencer o rio com todo o empenho. Mas, como era impossível passar, depois de receber muita água do mar e de correr perigo na foz do rio, lá consentiu muito a contragosto que o timoneiro voltasse para trás. 7. À chegada veio ao encontro dele uma multidão de soldados com imensas repreensões e deveras ressentidos, por ele não confiar que era capaz de vencer só com eles, e por estar preocupado e se arriscar por causa dos ausentes, como se não confiasse nos presentes²²².

XXXIX. 1. Depois disto, António fez a travessia a partir de Brundísio com as forças, e César, encorajado, tratou de desafiar para o combate Pompeio, que estava acampado em boa posição e bem abastecido por terra e por mar, enquanto ele próprio não conseguia o suficiente desde o início e depois se viu severamente oprimido pela privação do necessário. 2. De facto, os soldados cortavam uma determinada raiz²²³ e ingeriam-na misturada com leite; e, certa vez, depois de fazerem pães a partir dela, acercando-se dos postos avançados dos inimigos, lançaram-nos lá para dentro e espalharam-nos, explicando que enquanto a terra produzisse tais raízes não cessariam de sitiá-lo Pompeio. 3. Mas Pompeio não permitia que se divulgassem nem tais pães nem tais palavras à turba, pois os soldados desmoralizariam, receosos de inimigos que eram ferozes e impassíveis como as feras. 4. Sempre ocorreram alguns combates esporádicos em torno das defesas de Pompeio, e em todos César levou a melhor exceto num, aquele em que se gerou uma debandada e ele se arriscou a perder mesmo o acampamento. 5. É que ao ataque de Pompeio nenhum resistiu, mas as trincheiras enchiam-se dos

²²² Cf. Apiano, *Guerras Civis*, 2.56-58. César omite o episódio no seu *Bellum Civile*.

²²³ Designada como *chara*. Cf. César, *A Guerra Civil*, 3.48

caídos em combate, e os que se apressavam na fuga tombavam junto às suas próprias paliçadas e muralhas. 6. Mas César, ao aparecer, tentava fazer voltar os que fugiam, sem nada conseguir; antes pelo contrário, quando tentava segurar os estandartes, os alferes deitavam-nos fora, de modo que os inimigos tomaram trinta e dois, e ele próprio esteve bem perto da morte. 7. Na verdade, deitando a mão a um homem grande e forte que ia a passar por ele em fuga, ordenou-lhe que se detivesse e enfrentasse os inimigos, mas aquele, completamente desvairado perante o perigo, levantou a espada para o atacar: antecipou-se o escudeiro de César, decepando o ombro ao soldado. 8. Nessa altura, desesperou mesmo da sua situação, até ao momento em que Pompeio, por precaução ou por um acaso, em vez de levar até ao fim o grande cometimento, se retirou, depois de empurrar os fugitivos para dentro das trincheiras. Então César disse para os amigos, enquanto se retirava: «hoje a vitória seria dos inimigos, se tivessem um vencedor!»²²⁴ 9. Quanto a ele próprio, depois de regressar à tenda e se deitar, passou aquela noite, a mais atormentada de todas, em cogitações complicadas, de como era um mau estratega, já que, embora estivessem perto terras abundantes e cidades afortunadas da Macedónia e da Tessália, tinha deixado de conduzir a guerra para lá, para assentar arraiais ali junto ao mar, que estava sob o controlo dos inimigos, mais assediado pelas necessidades que a assediar com as armas. 10. Assim às voltas e atormentado perante o impasse e a dificuldade da atual situação, fez levantar o exército, decidido

²²⁴ O dito figura também em Suetónio, *Júlio César*, 36; Plutarco, *Pompeio*, 65.5; Apiano, *Guerras Civis*, 2.62. Mas Pompeio terá suspeitado de que poderia tratar-se de uma cilada com uma debandada fingida, como sugere o próprio César (*A Guerra Civil*, 3.70), secundado por Apiano. César acrescenta (*A Guerra Civil*, 71) que Pompeio, por esta batalha, foi aclamado *imperator*; o mesmo se repete em Díon Cássio, 41.52.1.

a conduzi-lo contra Cipião na Macedónia. 11. Pois assim ou atraía Pompeio para um lugar onde este iria combater sem o mesmo abastecimento a partir do mar, ou venceria Cipião²²⁵, no caso de este ser deixado isolado²²⁶.

XL. 1. Tal sucesso induziu o exército de Pompeio e o círculo de comandantes ao seu redor a seguir de perto César, como se estivesse derrotado e fugitivo. 2. Mas o próprio Pompeio mantinha-se cauteloso em arriscar tanto numa batalha; e, muito bem preparado em tudo para procrastinar, pensava desgastar e exaurir a pujança dos inimigos, já de si fraca. 3. É que os mais aguerridos do exército de César tinham de facto experiência e bravura deveras imparável para os combates, mas no que toca a andanças e acampamentos, bem como para guardar as muralhas e fazer guardas noturnas, mostravam-se em baixo de forma por causa da idade, e estavam fisicamente pesados para os trabalhos, de modo que, devido à fraqueza, perdiam a coragem. 4. Além disso, nessa altura constou que uma doença infecciosa com origem na alimentação inadequada grassava no exército de César. E, o que é mais relevante, como este não nadava em dinheiro nem estava fornecido de alimentos, parecia que dentro em pouco se aniquilaria por si mesmo.

XLI. 1. Uma vez que por causa disto Pompeio não queria combater, só Catão o louvava pelo facto de poupar a vida dos cidadãos. É bem verdade que este, ao ver que o número dos inimigos caídos em combate tinha atingido o milhar, se afastou de cabeça

²²⁵ O sogro de Pompeio (cf. atrás 30.4), então procônsul da Síria, cujas duas legiões estavam controladas pelas forças de Cássio Longino e de Domício Clavino.

²²⁶ Com efeito, colocado entre o dilema de voltar a Itália, e deixar o sogro Cipião com as tropas da Síria à mercê do inimigo, ou continuar a perseguir César na Grécia, Pompeio decide-se pela segunda opção. Cf. Plutarco, *Pompeio*, 66; César, *A Guerra Civil*, 3.78; Veleio Patérculo, 2.52.2; Apiano, *Guerras Civis*, 2.65; Dión Cássio, 41.52.2-3.

coberta e a chorar. 2. Mas todos os outros censuravam Pompeio por evitar a batalha e provocavam-no, chamando-lhe Agamémnon e rei dos reis, como se não quisesse deixar o poder absoluto e andasse ufano de ter tantos comandantes dependentes dele e num vaivém para a sua tenda. 3. Favônio, que imitava a franqueza de Catão, queixava-se de forma tonta de que naquele ano não teria oportunidade de saborear os figos em Túsculo por causa da sede de poder de Pompeio. 4. Afrânio (que tinha acabado de regressar da Hispânia onde exercera um comando desastrado), acusado de entregar o exército por dinheiro, perguntava porque não lutavam contra o comerciante que lhe tinha comprado as províncias²²⁷. 5. Empurrado por todos estes para a batalha a contragosto, Pompeio lançou-se em perseguição de César.

6. Este, porém, cumpriu aquela marcha penosamente, sem ter quem lhe fornecesse provisões, pois todos o desprezavam devido à recente derrota. 7. Mas quando tomou Gonfos, cidade da Tessália²²⁸, não só alimentou o exército, como também o libertou da doença de forma inesperada. 8. Deparando, pois, com vinho em abundância, trataram de beber à farta; depois andaram na galhofa e na pândega pelo caminho com a bebedeira, pelo que afastaram e superaram a enfermidade, mudando a condição física.

XLII. 1. Quando ambos alcançaram Farsalo²²⁹, trataram de montar os acampamentos. Pompeio mostrava-se de novo

²²⁷ Cf. relatos semelhantes em Plutarco, *Pompeio*, 67.3; Apiano, *Guerras Civis*, 2.67.

²²⁸ César entregou a cidade aos soldados para ser saqueada. Cf. César, *A Guerra Civil*, 2.80-81; Apiano, *Guerras Civis*, 2.64.

²²⁹ Sobre a batalha de Farsalo, cf. relatos contínuos paralelos: César, *A Guerra Civil*, 3.82-89; Plutarco, *Pompeio*, 67-73; Apiano, *Guerras Civis*, 65-82; Díon Cássio, 41.53-60. Além de César, uma fonte importante será Asínio Polião, que estava presente, como demonstra Pelling 2011: 356-358.

inclinado de espírito para o anterior raciocínio, ainda por cima tinham-se-lhe manifestado prodígios funestos e uma visão durante o sono: pois afigurava-se-lhe que se via a si próprio no teatro aplaudido pelos Romanos. 2. Mas os que o rodeavam estavam de tal modo confiantes e tinham tais expectativas de vitória, que Domício, Espínter²³⁰ e Cipião já disputavam o pontificado máximo de César, altercando um com o outro; e muitos enviaram a Roma quem lhes tratasse de arrendar e ocupar de antemão casas adequadas para côsules e pretores, como se fossem imediatamente ocupar magistraturas depois da guerra²³¹. 3. Sobretudo os cavaleiros andavam ansiosos pela batalha, ajaezados com requinte pelo resplendor das armas, o aspeto nutrido dos cavalos e a beleza física; emproados também devido ao seu número, pois que eram sete mil, contra os mil de César. 4. Também o número de peões não era comparável, já que se alinhavam quarenta e cinco mil de um lado e vinte e dois mil do outro.

XLIII. 1. César, depois de reunir os soldados e lhes anunciar que Cornifício estava já perto com duas legiões e que mais cinco coortes estavam aquarteladas com Caleno na zona de Mégara e Atenas, perguntou se preferiam esperar por estes ou arriscar sozinhos eles próprios. 2. Eles gritaram que não queriam esperar, mas tratar antes de maquinar e manobrar de modo a travar combate o mais breve possível com os inimigos. 3. Enquanto ele fazia a purificação do exército e sacrificava a primeira vítima, o adivinho disse-lhe que dentro de três dias ocorreria uma batalha decisiva contra os inimigos. 4. Perguntando César se ele via nas entranhas das vítimas algum sinal favorável sobre o resultado,

²³⁰ P. Cornélio Léntulo Espínter, cônsul de 57 a.C.

²³¹ César, *A Guerra Civil*, 3.82-83. Cícero (*Cartas aos Amigos*, 7.3.2), que, depois de hesitar longamente, se juntara a Pompeio, constata que, no acampamento, não via «nada de bom, exceto a causa».

aquele replicou-lhe: «quanto a isso, tu próprio poderás responder melhor a ti próprio, pois os deuses mostram uma grande reviravolta e mudança para a situação oposta à atual. Portanto, se tu crês que estás a ir bem presentemente, espera então por pior fortuna. Mas se achas que vais mal, então espera por melhor». 5. Na noite anterior à batalha, enquanto ele fazia a ronda das sentinelas por volta da meia noite, foi visto um facho de luz no céu que, passando a luzir em chama por cima do acampamento de César, pareceu ir cair no campo de Pompeio. 6. Na patrulha da manhã, perceberam que grassava uma crise de pânico entre os inimigos²³². 7. Mas César não planeava combater naquele dia, pelo que levantou o acampamento com o fito de marchar para Escotussa²³³.

XLIV. 1. Quando as tendas já estavam desmontadas, os exploradores chegaram junto dele a toda a brida a reportar que os inimigos desciam para dar batalha. Tendo ficado bastante satisfeito e depois de prestar culto aos deuses, tratou de alinhar a infantaria pesada, disposta em três frentes. 2. À testa da do meio colocou Domício Calvino²³⁴; e, quanto às alas, António ficou com uma, e ele próprio ficou com a direita, com a intenção de combater com a décima legião. 3. Mas ao ver os cavaleiros inimigos contrapostos deste lado, temendo o brilho e o número deles, ordenou que seis coortes das linhas mais distantes viessem à volta ter com ele sem serem vistas e colocou-as atrás do lado direito, depois de as instruir sobre o que deviam fazer quando os cavaleiros inimigos carregassem. 4. O próprio Pompeio

²³² Cf. *Pompeio*, 68.2-3. Apiano (*Guerras Civis*, 2.68) refere as interpretações opostas do fenómeno por parte dos dois campos.

²³³ Localidade situada a noroeste de Farsalo. César (*A Guerra Civil*, 3.85) refere a intenção de se pôr em marcha, mas não menciona Escotussa.

²³⁴ Cônsul em 53.

tinha uma das alas²³⁵, Domício a da esquerda, e o sogro Cipião comandava a do meio. 5. Todos os cavaleiros se agruparam em peso sobre o lado esquerdo, para envolverem o lado direito do inimigo e provocarem uma clara debandada à volta do próprio comandante. 6. É que nada resistiria ao peso das tropas de infantaria, mas tudo o que lhe aparecesse pela frente seria esmagado e feito em pedaços quando, ao mesmo tempo, se desse a carga de tantos cavaleiros. 7. Quando ambos estavam para dar o sinal de batalha, Pompeio ordenou aos infantes que se mantivessem na posição e permanecessem em formação cerrada para receber o assalto dos inimigos até que estes estivessem ao alcance do lançamento dos dardos. 8. Ora César diz²³⁶ que aquele também falhou neste aspeto, ignorando que o ímpeto gerado no início com a corrida e a carga, além de dar força aos golpes, inflama o espírito, que se reanima por efeito do recontro. 9. O próprio César preparava-se para pôr a infantaria em movimento e avançava já para a ação quando repara num dos centuriões, um homem que lhe era leal e experiente na guerra, que encorajava os seus homens e os desafiava para uma competição de bravura. 10. Chamando-o pelo nome, disse: «Que podemos esperar, ó Gaio Crassínio? Como estamos nós de coragem?». E Crassínio, estendendo a mão direita, retorquiu em altos brados: «Vamos ter uma brilhante vitória, ó César. A mim, esteja eu vivo ou morto, hoje vais elogiar-me!»²³⁷. 11.

²³⁵ Cf. *Pompeio*, 69.1. A informação não parece ser exata. César (*A Guerra Civil*, 3.88) diz que ele comanda a esquerda, em frente a si próprio. Mas também pode acontecer que Plutarco se baseie em Asínio Polião, numa correção que este tenha feito a César: *vide* Pelling 2011: 365.

²³⁶ Em *A Guerra Civil*, 3.92. A ideia de Pompeio seria cansar os soldados de César com uma corrida mais longa.

²³⁷ Cf. *Pompeio*, 71.1-4. César (*A Guerra Civil*, 3.91) diz que se chama Crastino. Segundo Apiano (*Guerras Civis*, 2.82), César prestou honras ao seu corpo e construiu-lhe um túmulo particular perto da vala-comum

Mal disse isto, lança-se a correr contra os inimigos, levando consigo os seus cento e vinte soldados. 12. Depois de destroçar os da primeira linha e enquanto forçava o avanço com grande mortandade, foi travado por um golpe de espada através da boca, de tal modo que a ponta sobressaiu pela nuca.

XLV. 1. Deste modo, enquanto no centro se dava o choque e o combate da infantaria, os cavaleiros de Pompeio carregavam impetuosamente a partir da ala, distribuindo os esquadrões de forma a envolver a direita inimiga. 2. E antes do ataque deles, saíram a correr as tropas de César, sem usarem os dardos para lançar, como era habitual, nem para ferir de perto as coxas e as pernas dos inimigos, mas alvejando os olhos e ferindo o rosto, pois tinham sido instruídos para assim procederem por César, 3. na expectativa de que os cavaleiros, sendo homens não muito familiarizados com guerras e com ferimentos, novatos e emproados pela beleza e idade, iriam temer sobretudo tais golpes e deter-se, receosos quer do perigo presente, quer da deformidade futura. 4. E foi mesmo esse o resultado: não suportavam os dardos erguidos, nem aguentavam ver o ferro em frente aos olhos, mas voltavam-se e cobriam-se para proteger o rosto. 5. E, por fim, depois de se desorganizarem, deram meia volta e puseram-se em fuga, deitando tudo a perder de forma vergonhosa. 6. De facto, os que os venceram foram logo cercar os infantes e, caindo sobre eles pela retaguarda, destroçaram-nos. 7. Pompeio, quando do outro²³⁸ lado viu os cavaleiros dispersos em fuga, não foi mais o mesmo, nem se lembrava de que era Pompeio o Grande, mas como se fosse completamente privado do bom senso por um deus [ou atarantado por uma derrota infligida por uma divindade],

dos restantes. Trata-se de mais uma anedota para ilustrar a especial devoção dos soldados a César que tanto Plutarco como Suetónio salientam.

²³⁸ Pompeio estaria do mesmo lado e não do outro.

foi-se embora sem uma palavra, retirando-se para a sua tenda, e aí esperou sentado o desfecho, até que se deu a debanda geral do seu exército, e os inimigos assaltavam já a paliçada e combatiam contra os defensores do campo. 8. Nesse momento, como se tivesse recuperado as faculdades e, segundo dizem, proferindo aquele dito – «Mas então, até o acampamento?!» –, despiu a farda de combate e de comando e, trocando-a por uma adequada à fuga, escapou secretamente. 9. Mas o género de sorte que teve mais tarde, e como foi morto, depois de se entregar aos Egípcios, hei-de narrá-lo na biografia dele²³⁹.

XLVI. 1. Quanto a César, ao penetrar no acampamento de Pompeio, viu caídos por terra os inimigos já mortos e os que estavam a ser eliminados e disse então com um suspiro: «Foi isto que quiseram; levaram-me a tal dificuldade que eu, Gaio César, vencedor de grandiosas batalhas, teria sido condenado, se licenciasses os exércitos²⁴⁰». 2. Asínio Polião diz que César proclamou tais palavras em latim naquela altura, e que ele próprio as verteu para grego²⁴¹. 3. Diz também que a maior parte dos mortos eram criados, mortos durante o assalto à paliçada, e que dos soldados não tombaram mais de seis mil²⁴². 4. Dos que foram capturados

²³⁹ *Pompeio*, 77-80.

²⁴⁰ Cf. Suetónio, *Júlio César*, 30. Suetónio (que não descreve batalhas) apresenta o dito noutro contexto: no das causas da guerra civil, como aval da opinião de que César era movido pelo medo de ter de responder pelas ilegalidades do seu 1º consulado, risco confirmado pelas explícitas ameaças de Catão.

²⁴¹ Provavelmente seria ao contrário, como sugerem Flacelière e Chambry 1975: 138-139. Os editores tendem a aceitar a troca da posição de “latim” e “grego”, tendo em conta a lógica. De facto, César como muitos outros aristocratas romanos, usava o grego como língua da espontaneidade, por a ter aprendido na infância: Plutarco e Suetónio referem troca de palavras em grego no momento crítico da morte.

²⁴² César (*A Guerra Civil*, 3.99) dá outros números – 15 mil mortos e 24 mil prisioneiros entre os Pompeianos, enquanto dos seus teriam perecido 200 soldados e 30 centuriões, entre os quais Crastino.

com vida César incorporou a maioria nas suas legiões, e a muitos dos notáveis concedeu indulto, entre os quais estava Bruto²⁴³, o que o assassinou mais tarde. Sobre este se diz que César estava em cuidados porque ele não aparecia e que se mostrou sobremaneira contente quando ele se lhe apresentou diante a salvo.

XLVII. Entre os muitos prodígios da vitória que surgiram, o mais famoso regista-se em Trales²⁴⁴. É que no templo da Vitória elevava-se uma estátua de César, e o próprio espaço ao redor dela, além de sólido por natureza, estava pavimentado com pedra dura. Dizem que dali brotou uma palmeira²⁴⁵ junto à base da estátua. 3. Em Patávio, Gaio Cornélio, homem famoso pela adivinhação, concidadão e familiar do historiador Lívio, encontrava-se por acaso naquele dia sentado no sítio dos auspícios. 4. Em primeiro lugar, como diz Lívio, percebeu o momento da batalha e disse para os presentes que se estava a resolver a questão e que os homens se encontravam para a ação. 5. Entregando-se de novo a perscrutar e a observar os sinais, saltou com entusiasmo a gritar: «Vences, ó César!». 6. Perante o espanto dos que estavam presentes, retirou a coroa da cabeça e afirmou sob juramento que não a colocaria de novo antes que o facto confirmasse a sua arte. Quanto a isto, a verdade é que Lívio assevera que foi assim que aconteceu.

XLVIII. 1. Tendo atribuído a liberdade ao povo da Tessália como prémio da vitória²⁴⁶, foi no encalço de Pompeio. Chegado

²⁴³ Marco Júnio Bruto, filho de Servília, amante de César, e sobrinho de Caão de Útica. Suicidou-se na sequência da batalha de Filipos, em 42 a.C., como se descreve no final desta *Vida*. Domicio Aenobarbo foi, segundo César (*A Guerra Civil*, 3.99) morto pela cavalaria enquanto fugia.

²⁴⁴ Cidade da Cária.

²⁴⁵ Evidentemente símbolo de vitória. Cf. César, *A Guerra Civil*, 3.105.

²⁴⁶ Vários autores acham que seria apenas a Farsalo, porque, ao menos oficialmente, a Tessália era livre desde 196 a.C., com exceção de Farsalo.

à Ásia²⁴⁷, libertou os habitantes de Cnidos, por complacência para com Teopompo, o compilador de mitos²⁴⁸, e aliviou todos os habitantes da Ásia em um terço dos impostos²⁴⁹. 2. Tendo aportado em Alexandria²⁵⁰ logo depois da morte de Pompeio, desviou o olhar de Teódoto²⁵¹ que lhe trazia a cabeça de Pompeio e, ao receber o anel deste varão, chorou²⁵². 3. E quanto aos companheiros e familiares dele, que, vagueando por aquela terra, tinham sido capturados pelo rei, a todos tratou com gentileza e atraiu-os a si. 4. E escreveu aos amigos em Roma, a dizer que era este o maior e o mais doce prêmio da vitória: o de salvar sempre alguns dos cidadãos que lutaram contra si²⁵³.

²⁴⁷ As fontes paralelas integram nesta viagem uma ação reveladora da temeridade de César, que, ao atravessar o Helesponto num pequeno barco de transporte, se deparou com L. Cássio ao comando de dez navios de guerra, mas este rendeu-se. Cf. Suetônio, *Júlio César*, 63; Díon Cássio, 42.6.2. Este Cássio não é conhecido; não se tratava de Lúcio Cássio Longino, que combatia do lado de César. Apiano (*Guerras Civis*, 3.105) pensa que era o tiranicida, Gaio Cássio Longino (o que era impossível, porque se encontrava na Sicília e não chegaria a tempo), pelo que estabelece o contraste entre esta atitude de medo, quando César se encontrava vulnerável, com a coragem demonstrada nos idos de março, quando César se encontrava no auge do poder.

²⁴⁸ Conhecido como Gaio Júlio Teopompo, mitógrafo. Teria certamente prestado outros serviços a Roma e à causa de César: *vide* Pelling 2011: 378-9.

²⁴⁹ Cf. Apiano, *Guerras Civis*, 5.4.19; Díon Cássio, 42.6.3.

²⁵⁰ Chegou com 2 legiões muito incompletas devido aos feridos (cf. César, *A Guerra Civil*, 3.106), totalizando 3 200 soldados de infantaria e 800 cavaleiros. *Vide* Pelling 2011: 380-1.

²⁵¹ Teódoto de Quíos, ou de Samos segundo Apiano (*Guerras Civis*, 2.84), mestre de retórica do jovem Ptolemeu XIII, irmão e esposo de Cleópatra.

²⁵² Plutarco descreve em *Pompeio*, 77-80 a chegada de Pompeio ao Egito e sua morte ao desembarcar, por conselho de Teódoto, e justificada com a célebre sentença «um homem morto não morde!»; bem como o simples funeral na praia do seu corpo, sem cabeça, numa pira improvisada pelo liberto Filipe, a que se junta um velho soldado romano. A comoção de César perante o inimigo morto, embora plausível, era um *topos*, com diversos paralelos nos relatos histórico-biográficos.

²⁵³ A ostentação da *clementia* é uma das características da atuação política de César.

5. Quanto à guerra naquele local²⁵⁴, uns dizem que não era uma necessidade, mas que foi travada por amor de Cleópatra, e se tornou inglória e perigosa para ele. Outros culpam os conselheiros do rei, e principalmente o eunuco Potino²⁵⁵, que era o mais poderoso e que, tendo matado recentemente Pompeio e afastado Cleópatra²⁵⁶, maquinava secretamente contra César. 6. Foi por isso, dizem, que ele, dali em diante, começou a passar a noite a beber, para sua segurança pessoal. Mas o eunuco era abertamente insuportável, pois dizia e fazia muita coisa malévola e insolente contra César. 7. Com efeito, aos soldados que receberam as medidas do pior e mais velho cereal, mandou-os pegar nelas e contentarem-se por estarem a comer o que era dos outros; e nos jantares usava vasos de madeira e de barro, como se César tivesse em sua posse todos os de ouro e prata como penhor do débito. 8. É que o pai do atual rei devia a César dezassete milhões e meio de dracmas, dos quais César reclamava então dez milhões para fornecer o exército, depois de já antes ter remitido o restante aos filhos²⁵⁷. 9. Potino exortava-o a ir-se embora e entregar-se aos seus grandes

²⁵⁴ Em Alexandria.

²⁵⁵ Responsável pelo governo do reino, segundo César (*A Guerra Civil*, 3.108).

²⁵⁶ Por morte do pai, em 51 a.C., Cleópatra e Ptolemeu XIII tinham, por determinação do testamento, herdado o trono conjunto e casado, como se tornara costume nesta dinastia. Cleópatra, que se impôs, acabou por se tornar impopular e ser expulsa uns meses antes da chegada de César (César, *A Guerra Civil*, 3.103), talvez por prestar ajuda naval a Pompeio (embora a frota não tenha participado na batalha: cf. Apiano, *Guerras Civis*, 2.71). Refugiou-se então na Arábia e Palestina e, em 48, regressava com um exército para reclamar o trono.

²⁵⁷ O pai de Cleópatra, Ptolemeu XII, o Auletes ('tocador de *aulos*'), tinha contraído um empréstimo junto de César em 59 a.C., quando este, então o cônsul, o restaurara no trono (cf. Suetónio, *Júlio César*, 54.2). César pretendia agora cobrar essa dívida ao Egito. Mas a espoliação do tesouro dos templos estava a causar descontentamento (cf. Dión Cássio, 42.34.1-2).

feitos, que mais tarde seria reembolsado com agradecimentos, mas César respondeu que não precisava nada de conselheiros egípcios, e tratou secretamente de fazer Cleópatra regressar do campo.

XLIX. 1. Aquela, tomando consigo apenas um dos amigos, Apolodoro da Sicília, embarcou num pequeno barco e aproximou-se do palácio ao anoitecer. 2. Não havendo outra forma de passar despercebida, estendeu-se ao comprido num saco de roupa, e Apolodoro, depois de atar a trouxa com uma correia, transportou-a através das portas até junto de César. 3. E diz-se que ele foi conquistado por este primeiro artifício de Cleópatra, que se mostrava encantadora, e que, subjugado à subsequente conversação e graça dela, a reconciliou com o irmão para reinarem em conjunto²⁵⁸. 4. E quando, de seguida, todos estavam no banquete celebrativo da reconciliação, um criado de César, o barbeiro, que por causa da sua inquietação, na qual superava todos os homens, nada deixava por escrutinar, apercebeu-se, nas suas escutas e espionagens, de uma conjura contra César tramada pelo comandante militar Aquilas e pelo eunuco Potino. 5. Uma vez posto ao corrente, César colocou uma guarnição em volta da sala do banquete e mandou matar Potino. Quanto a Aquilas, fugiu para o acampamento e moveu-lhe uma violenta e complicada guerra de cerco²⁵⁹, uma vez que César se defendia com poucos soldados contra tão grande cidade e tão grande exército. 6. Então, o primeiro

²⁵⁸ Cf. César, *A Guerra Civil*, 3.107-108.

²⁵⁹ César (*A Guerra Civil*, 3.108) conta a sequência de modo diferente: diz que foram enviadas a Aquilas (que estava com o exército e não na corte) mensagens secretas de Potino; que este foi morto já depois do ataque de Aquilas a Alexandria (*A Guerra Civil*, 3.112). Aquilas usa em grande parte tropas romanas de Gabínio, procônsul da Síria, que tinham ficado no Egito, depois que os triúviro restabeleceram no trono Ptolemeu Auletes em 55 a.C. (César, *A Guerra Civil*, 3.103.5; 3.110.2).

perigo que correu foi ficar sem água, pois as condutas foram cortadas pelos inimigos²⁶⁰. O segundo foi quando, em risco de perder a frota, se viu obrigado a afastar o perigo por recurso ao fogo, que até destruiu a grande biblioteca, ao propagar-se a partir dos estaleiros navais²⁶¹. 7. O terceiro foi quando, durante o combate travado em Faros, ele saltou do cais para um bote e foi em ajuda dos combatentes: como os Egípcios navegavam contra ele de todos os lados, lançou-se ao mar e escapou por um triz a nado e com dificuldade. 8. Diz-se que nessa altura nem sequer lançou fora os libelos que segurava na mão, apesar de alvejado e imerso, mas que, mantendo os documentos levantados acima da água, nadava com a outra mão²⁶². Quanto ao bote, foi imediatamente afundado. 9. Por fim, tendo-se o rei ido juntar aos inimigos²⁶³, César avançou contra ele e, travada a batalha, venceu-o. Foram muitos os que tombaram e o próprio

²⁶⁰ Um estratégia do eunuco Ganimedes. Cf. *A Guerra de Alexandria*, 5-6 (obra de autor desconhecido, eventualmente de Hircio, o autor do livro oitavo de *A Guerra da Gália*).

²⁶¹ Quando César incendiou com projéteis a frota egípcia que lhe tentava bloquear o acesso por mar. A destruição da famosa biblioteca por inteiro parece exagero. Talvez se tratasse apenas de uns armazéns de livros (cf. Dión Cássio, 42.38.2), e o equívoco se instalasse entre antigos e modernos. Mas o assunto não é claro e, em qualquer dos casos, as perdas foram consideráveis. Vide Canfora 2000: 225-226; Pelling 2011: 387-8.

²⁶² Cf. *A Guerra de Alexandria*, 21.1-3. Suetónio (*Júlio César*, 64) diz que fugiu a nado para um navio, levando uns documentos na mão esquerda e o manto nos dentes. Apiano (*Guerras Civis*, 2.90) dirá que os Alexandrinos capturaram o manto e o exibiram como troféu. Dión Cássio (42.40.4) assegura que ele perdeu o manto, que os Alexandrinos exibiram, mas que salvou os documentos sem os molhar.

²⁶³ Enquanto o rei menino, Ptolemeu XIII, estava retido junto de César, o eunuco Ganimedes apresentara Arsínoe como rainha ao exército e Aquilas é morto (cf. *A Guerra de Alexandria*, 4). Então os Alexandrinos fingem-se descontentes com estes governantes e pedem que César lhes entregue o jovem rei a pretexto de negociações de paz. César, embora percebendo a tramóia, cede e entrega-lhes Ptolemeu, mas depois os ataques redobram de intensidade (cf. *A Guerra de Alexandria*, 23-24).

rei desapareceu²⁶⁴. 10. Deixou no trono do Egito Cleópatra²⁶⁵, que pouco depois deu à luz um filho dele a que os Alexandrinos chamaram Cesário²⁶⁶, e marchou para a Síria²⁶⁷.

L. 1. Dali dirigiu-se à Ásia²⁶⁸ e teve conhecimento de que Domício²⁶⁹, vencido por Fárnaces, filho de Mitridates²⁷⁰, havia fugido do Ponto com poucos companheiros; que Fárnaces tirava

²⁶⁴ Nessa altura Mitridates de Pérgamo chegava com um exército da Síria que incluía um contingente de Judeus (comandado por Antípatro, pai de Herodes o Grande). César logrou reunir-se aos reforços aliados e, juntos, derrotaram, em 27 de Março de 47 a.C., o exército de Ptolemeu. Este, ao fugir, afogou-se. Cf. Dión Cássio, 42.34-43; César, *A Guerra Civil*, 3.106-112; *A Guerra de Alexandria*, 26-31; Josefo, *Antiguidades Judaicas*, 14.127-136 e *A Guerra Judaica*, 1.187-192.

²⁶⁵ Cleópatra foi associada ao outro irmão mais novo, Ptolemeu XIV, no trono. Em vez de criar uma província, César reconhece o Egito como um reino independente, e 4 legiões ficam a assegurar a ordem, sob o comando, não de um legado, mas de Rúfio, filho de um liberto, o que parece antecipar a política de Augusto, que dada a importância do Egito, o confiava ao governo de um prefeito de origem equestre e proibia que um senador o visitasse sem autorização.

²⁶⁶ A paternidade deste suposto bastardo de César é objeto de disputa desde a antiguidade: cf. Plutarco, *António*, 44.3; Suetónio, *Júlio César*, 52.2; Cícero, *Cartas a Ático*, 14.20.2.

²⁶⁷ As fontes (Suetónio, *Júlio César*, 52.1; Apiano, *Guerras Civis*, 2.90) referem ainda um “cruzeiro” que César e Cleópatra teriam feito no Nilo, viagem que os críticos modernos têm discutido e por vezes posto em causa.

²⁶⁸ Sobre esta campanha, cf. Dión Cássio, 42.45-48. À ida, César detém-se na Síria para angariar as clientelas orientais (muitos tinham apoiado Pompeio) e colocar o primo Sexto Júlio César ao comando da Síria (este será assassinado em 46 pelos soldados). De caminho, recompensa os que o socorreram na guerra de Alexandria, estabelecendo na Judeia Hircano, sumo sacerdote, e Antípatro, pai de Herodes o Grande, nomeado procurador. Assim como, depois da vitória sobre Fárnaces, recompensa Mitridates de Pérgamo com o Bósforo pela ajuda prestada em Alexandria. Cf. Josefo, *Antiguidades Judaicas*, 14.137-144, 190-210, *A Guerra Judaica*, 1.194-200.

²⁶⁹ Gneu Domício Calvino, o que comandara o centro do exército de César em Farsalo, como disse atrás Plutarco (44.2), e que fora depois nomeado governador da Ásia. Foi vencido em Nicópolis, em dezembro de 48.

²⁷⁰ Fárnaces, filho de Mitridates, aproveitava a guerra civil romana para estender o seu reino, que Pompeio reduzira.

partido da vitória com avidez e que, embora estivesse já na posse da Bitínia e da Capadócia, cobiçava também a chamada Arménia Inferior e sublevava todos os reis e Tetrarcas. 2. Avançou então imediatamente sobre o sujeito com três legiões e, tendo travado uma grande batalha nas imediações da cidade de Zela, expulsou-o do Ponto como fugitivo e aniquilou completamente o exército dele²⁷¹. 3. E ao anunciar a Roma, a um dos amigos, Mácio²⁷², a acuidade e rapidez daquela batalha, escreveu três palavras: «Cheguei, vi, venci!»²⁷³. 4. Em latim²⁷⁴, estas palavras, que terminam da mesma forma, constituem um modo convincente de concisão.

LI. 1. De seguida, navegou para a Itália e chegou a Roma no fecho do ano para o qual foi nomeado ditador pela segunda vez, cargo que jamais fora anual²⁷⁵. Foi eleito cônsul para o ano seguinte²⁷⁶. 2. E era alvo de recriminações, porque, depois de uma revolta dos soldados, que até mataram dois homens ex-pretores, Coscónio e Galba, o castigo que lhes deu foi chamar-lhes cidadãos, em vez de soldados²⁷⁷, além de distribuir a cada um mil dracmas e

²⁷¹ Cf. Díon Cássio, 44.46.1-3.

²⁷² Amigo de Cícero e leal partidário de César, que o acompanhava desde a Gália.

²⁷³ Cf. Apiano, *Guerras Civis*, 2.91. Suetónio, *Júlio César*, 37.2, diz que César escreveu estas palavras num cartaz do triunfo por esta vitória.

²⁷⁴ *Veni, uidi, uici!*

²⁷⁵ Em 49, César tinha sido nomeado ditador para presidir às eleições (cf. atrás 37.2). Em 48 a.C., a seguir à batalha de Farsalo, na ausência de César, foi nomeado de novo ditador por um ano pelo cônsul Servílio, provavelmente para escrever as leis e reorganizar o estado (*legibus scribundis et rei publicae constituendae*), com António como comandante de cavalaria (*magister equitum*).

²⁷⁶ Em 47 a.C., César renuncia à ditadura e torna-se cônsul para o ano seguinte (46) junto com Marco Lépidio.

²⁷⁷ César enviou o historiador Salústio, que nada conseguiu e quase foi assassinado. Os revoltosos avançaram sobre Roma e reclamavam prémios e licenciamento. César demoveu-os, tratando-os astutamente por *quirites* («cidadãos»), em vez do habitual tratamento por «camaradas de armas», para salientar a nova condição de civis, e assegurando-lhes o pagamento prometido. Os amotinados, envergonhados, suplicaram que

sortear bastantes terras em Itália. 3. Era também motivo de censura para ele a loucura de Dolabela²⁷⁸, a avidez de Mácio²⁷⁹, a embriaguez de António e o facto de este meter obras e reconstruir de modo diferente a casa de Pompeio, como se não fosse suficiente²⁸⁰. Por tais desmandos, os Romanos estavam descontentes. 4. Mas César, embora não ignorasse e não quisesse, via-se forçado, por causa do programa político, a servir-se de tais agentes.

LII. 1. Uma vez que, depois da batalha de Farsalo, Catão e Cipião, com os seus satélites, fugiram para a África e aí, com a ajuda do rei Juba, reuniram forças consideráveis, César decidiu lançar uma campanha militar contra eles²⁸¹. 2. E, atravessando para a Sicília por volta do solstício de inverno, cortou logo cerce qualquer expectativa dos seus oficiais de adiamento e de delongas: montou a sua tenda à beira mar e, quando se levantou o vento, embarcou e fez-se ao mar com três mil infantes e uns poucos cavaleiros. 3. Depois de desembarcar estes²⁸², fez-se discretamente ao mar de novo, receando pelo grosso das forças, e, topando com estas já em alto mar, conduziu-as em conjunto para o acampamento. 4. Quando ficou a saber que os inimigos

os aceitasse de novo e os levasse com ele para a guerra em África, onde mostraram o seu valor, tal como mais tarde na Hispânia. Cf. Suetónio, *Júlio César*, 70; Apiano, *Guerras Civas*, 2.93-94; Díon Cássio, 42.52-55.

²⁷⁸ Em 48, Célio Rufo, descontente, tinha tentado abolir as dívidas, contra a legislação moderada de César. Dolabela, tribuno da plebe em 47 a.C., retomou a agitação em favor da abolição das dívidas o que levou à declaração do *senatusconsultum ultimum* e à repressão cruenta comandada por António.

²⁷⁹ O mesmo de 50.3.

²⁸⁰ António tinha ficado com os bens de Pompeio vendidos em hasta pública.

²⁸¹ César lutava agora não tanto contra pompeianos, mas contra os defensores da causa republicana, cujo principal ideólogo era Catão. O comandante supremo dos republicanos era Metelo Cipião, sogro de Pompeio, com menores capacidades militares. *Vide* Canfora 2000: 256-257.

²⁸² Desembarcou em Adrumeto. Cf. *A Guerra de África*, 3 (obra de autor desconhecido).

punham a sua confiança num antigo oráculo, segundo o qual era próprio da linhagem dos Cipiões vencer sempre em África²⁸³ – é difícil dizer se foi para com uma brincadeira desvalorizar Cipião, o comandante dos inimigos, 5. ou se para, seriamente, tornar o presságio favorável –, certo é que, como estava com ele também um fulano, além do mais, um pobre diabo e menosprezado, da casa dos Africanos, chamado Cipião Salvito²⁸⁴, colocou-o à frente nas batalhas, como se fosse o comandante do exército, uma vez que era amiúde forçado a entrar em contacto com os inimigos e a combater. 6. Não era suficiente nem o alimento para os homens, nem a forragem para os animais de tiro; antes eram forçados a dar algas marinhas aos cavalos²⁸⁵, às quais, retirado o sal, misturavam um pouco de erva como tempero. 7. Os Númidas, que apareciam frequentemente em grande número e com rapidez, eram os donos daquela terra. E certa vez em que os cavaleiros de César estavam em repouso (pois um homem líbio lhes oferecia por acaso uma exibição de dança, ao mesmo tempo que tocava flauta admiravelmente bem), enquanto eles estavam sentados a divertir-se, tendo confiado os cavalos aos criados, os inimigos, cercand-os subitamente, atacaram-nos e mataram alguns logo ali, e foram no encalço dos que cavalgaram em direção ao acampamento. 8. Se o próprio César, com a ajuda de Asínio Polião, não fosse em auxílio a partir da paliçada e não sustivesse a fuga, a guerra teria terminado ali. 9. Também certa vez em outra batalha, quando os inimigos ganhavam vantagem no recontro, diz-se que César,

²⁸³ Pela ligação do nome ao vencedor de Aníbal em Zama (em 202), Cipião Africano, e ao destruidor de Cartago (em 146), Cípião Emiliano.

²⁸⁴ Suetónio (*Júlio César*, 59) refere uma versão genérica do episódio como uma ressalva à habitual falta de escrúpulos religiosos por parte de César. De resto, o biógrafo dos Césares faz anteceder este relato da anedota (omitida por Plutarco) de que César, caindo ao desembarcar, exclamou, para reverter o presságio a seu favor: «África, apanhei-te!».

²⁸⁵ Cf. *A Guerra de África*, 24.4.

agarrando pelo pescoço o aquilífero que fugia, fê-lo voltar-se e disse: «é ali que estão os inimigos!»

LIII. 1. Cipião foi, portanto, encorajado por tais sucessos a decidir tudo numa batalha e, tendo deixado de um lado Afrânio e do outro Juba, acampados a curta distância, tratou ele de construir as fortificações do acampamento além do lago, junto da cidade de Tapso, para que esta fosse para todos uma base de operações da batalha e um ponto para a retirada²⁸⁶. 2. Trabalhava ele arduamente nestas tarefas, quando César, atravessando com invulgar rapidez locais arborizados e com acessos indescritíveis, cercou uns e atacou outros de frente. 3. Depois de pôr estes em fuga, aproveitou a ocasião e o impulso da sorte, pela qual, ao primeiro assalto, tomou o acampamento de Afrânio e, também ao primeiro assalto, tomou o dos Númidas, enquanto Juba se pôs em fuga. 4. E, numa pequena parte de um dia, tornou-se senhor de três acampamentos e matou cinquenta mil inimigos²⁸⁷, enquanto dos seus nem cinquenta perdeu. 5. Este é, de facto, o relato que alguns transmitem acerca daquela batalha; mas outros dizem que ele próprio não tomou parte na empresa, pois, quando punha o exército em ordem e o passava em revista, foi acometido da doença costumada²⁸⁸: 6. mas tendo a percepção imediata do começo dos sintomas, antes de ficar perturbado e de ser completamente tomado pela doença na capacidade de percepção já vacilante, fez-se transportar para uma das torres ali perto e ali permaneceu em repouso. 7. Quanto aos homens de categoria consular e pretória que escaparam da batalha, uns

²⁸⁶ Sobre a batalha de Tapso, cf. *A Guerra de África*, 79-86; Apiano, *Guerras Civis*, 2.97; Díon Cássio, 43.6-9.

²⁸⁷ Apenas 10 000 são referidos em *A Guerra de África*, 86.1.

²⁸⁸ Versão que não encontra eco em outras fontes e parece contrastar com *A Guerra de África*, 83.1, onde se diz que César, ao perceber que não conseguia conter o ímpeto dos seus soldados, se lançou ao ataque a cavalo.

mataram-se ao serem aprisionados, mas a maior parte mandou-os matar César depois de capturados²⁸⁹.

LIV. 1. Com a ambição de capturar Catão vivo, apressou-se a ir para Útica, pois este, para zelar pela defesa daquela cidade não tomara parte no combate. 2. Ao saber que ele tinha posto fim à própria vida, César ficou manifestamente atormentado, sem que se perceba porquê, e disse então: «Ó Catão, invejaste a morte, pois também tu me invejaste a possibilidade de te salvar!»²⁹⁰. 3. Mas, depois destes acontecimentos, o discurso por ele escrito contra o falecido Catão não parece ser sinal de quem é brando nem conciliador. Como iria então poupá-lo vivo, se destilou tanto fel contra ele depois de morto? 4. Mas, dada a sua moderação para com Cícero e Bruto e uma multidão de outros que combateram contra ele, estima-se que não foi redigido por ódio, mas por ambição política, por causa do que se segue. 5. Cícero escreveu um encómio de Catão, discurso a que pôs o título de *Catão*. O volume era apreciado por muitos, como é evidente, já que era obra do maior dos oradores sobre o mais belo dos temas. 6. Isso irritava César, que via como uma acusação contra si o panegírico daquele que ele levava à morte. Escreveu então um livro que reunia uma série de acusações contra Catão: o libelo intitula-se *Anticatão*²⁹¹; e cada um dos tratados tem bastantes partidários quer à conta de César quer de Catão.

LV. 1. Quando regressou, pois, da África a Roma, primeiro

²⁸⁹ Foi tal a ferocidade dos soldados que, desejosos de terminar a guerra, não pouparam os vencidos, pelo que é difícil discernir o que foi responsabilidade direta de César. Fausto Sula, Afrânio e Lúcio César, o jovem, foram executados; Juba e Petreio decidiram matar-se um ao outro. O comandante supremo, Cipião, foi morto quando o seu navio foi capturado na fuga para a Hispânia. Cf. *A Guerra de África*, 89.4, 95; Suetónio, *Júlio César*, 75.3; Dión Cássio, 43.12.

²⁹⁰ Cf. Plutarco, *Catão Menor*, 72.2; Apiano, *Guerras Civis*, 2.99; Dión Cássio, 43.12.1.

²⁹¹ *Anticato* ou *Anticatones* – a obra era constituída por dois volumes.

que tudo, exaltou diante do povo a sua vitória, por ter submetido tão grande terra, que iria fornecer por ano ao tesouro duzentos mil medimnos²⁹² áticos de cereal e três milhões de libras²⁹³ de azeite. 2. De seguida, celebrou o triunfo da Gália, do Egito, do Ponto e também o da África, não sobre Cipião, mas, fingia ele, sobre o rei Juba²⁹⁴. Nessa altura, desfilou também no triunfo Juba, o filho do anterior, uma simples criança, cuja captura foi a mais afortunada, pois de bárbaro e Númida acabou por ser contado no número dos mais eruditos historiadores de língua helénica²⁹⁵. 4. Depois dos triunfos, César fez grandes donativos aos soldados e ganhou o favor do povo com banquetes e espetáculos, recebendo toda a gente de uma assentada em vinte e dois mil triclinios. E os espetáculos de gladiadores e combates navais²⁹⁶ ofereceu-os em honra da filha Júlia, falecida havia

²⁹² Medida grega de capacidade para cereais: correspondia a 6 módios romanos, um pouco mais de 50 litros.

²⁹³ A libra romana corresponderia a c. 327 g.

²⁹⁴ Mas representações pictóricas das mortes de Cipião, comandante do exército de África, de Petreio e de Catão causaram descontentamento: cf. Apiano, *Guerras Civis*, 2.101; Suetónio, *Júlio César*, 37; Dión Cássio, 43.19-22.

²⁹⁵ Juba II desposará mais tarde Cleópatra Selene, filha de António e Cleópatra. Foi autor de livros de erudição e história de várias civilizações, entre as quais a romana, e citado por Plutarco como fonte doutra em diversos trabalhos.

²⁹⁶ Trata-se da primeira *naumachia* de que temos conhecimento em Roma, realizada, segundo Suetónio (*Júlio César*, 39.4), na Codeta Menor, região do Campo de Marte (Cf. Dión Cássio, 43.23.4) onde foi construído um lago artificial para o efeito. Nela combateram birremes, trirremes e quadrirremes da armada de Tiro e do Egito, diz Suetónio. Apiano (*Guerras Civis*, 2.102) diz que incluiu 4 000 remadores e 1 000 combatentes de cada lado. Foi tal a multidão que ocorreu a assistir que, nas palavras de Suetónio, «muitos pereceram amiúde esmagados ou sufocados e, entre estes, dois senadores». O tempo que César passou no Oriente, bem como a presença de Cleópatra em Roma, pode ter determinado o tema da *naumachia*: entre Tírios e Egípcios, conflito fictício ou de nós desconhecido.

bastante tempo²⁹⁷. 5. Depois dos espetáculos, fez-se um recenseamento, e, contra os trezentos e vinte mil anteriores, contou-se um total de cento e cinquenta mil, tal foi a ruína que a guerra civil fomentou, e tão grande a porção de povo que consumiu²⁹⁸, já para não falar das calamidades que assolaram a restante Itália e as províncias.

LVI. 1. Concluídos estes assuntos, e designado cônsul pela quarta vez, conduziu uma campanha na Ibéria contra os filhos de Pompeio²⁹⁹, que, sendo ainda jovens, tinham reunido um exército de espantosa dimensão e demonstravam uma audácia digna do comando³⁰⁰, ao ponto de colocarem César em enorme perigo. 2. A grande batalha teve lugar junto da cidade de Munda³⁰¹, na qual César, ao ver os seus homens pressionados e a oferecerem fraca resistência, gritou correndo ente as armas e as fileiras, se não tinham vergonha de consentirem entregá-lo nas mãos de rapazolas. 3. A custo, com bastante empenho, lá rechaçou os inimigos, matando para cima de trinta mil destes, ao passo que dos seus perdeu mil dos melhores. 4. Mas, ao partir,

²⁹⁷ Com efeito, Júlia morreu de parto em 54 a.C.: portanto, cerca de 8 anos antes. A celebração da memória da filha parece sugerir uma estratégia de conciliação com os partidários do falecido Pompeio, com quem ela era casada. De facto, Veleio Patérculo (2.56.1) integra o episódio no contexto do perdão dos vencidos. *Vide* Pelling 2011: 413-414.

²⁹⁸ Plutarco parece confundir. Não se trata de um recenseamento geral nem de redução causada pela guerra, mas de investigação que levou à redução dos cidadãos que auferiam da distribuição gratuita de cereais. Cf. Suetónio, *Júlio César*, 41.3; Díon Cássio, 43.21.4.

²⁹⁹ Gneu e Sexto.

³⁰⁰ Depois de vencer os comandantes de Pompeio na Hispânia (cf. atrás 36), César nomeou como governador Quinto Cássio Longino, cujo comportamento provocou a revolta; e nem o facto de César nomear outro governador, Gaio Trebónio, resolveu o problema. Gneu Pompeio foi reconhecido como comandante da Hispânia Ulterior, com 13 legiões, depois de o procônsul de César ser afastado.

³⁰¹ Perto de Córdoba. Sobre a batalha, cf. *A Guerra da Hispânia*, 27-31 (obra de autor desconhecido).

depois da batalha, disse para os amigos que tinha lutado muitas vezes pela vitória, mas que aquela fora a primeira vez que lutara pela vida³⁰². 5. Venceu esta batalha no festival dos *Liberalia*³⁰³, dia no qual se diz que também Pompeio Magno tinha partido para a guerra³⁰⁴: pelo meio ficara um período de quatro anos. 6. Quanto aos filhos de Pompeio, o mais novo fugiu³⁰⁵, e do mais velho trouxe Dídio a cabeça, decorridos alguns dias³⁰⁶. 7. Foi esta a derradeira batalha que César combateu³⁰⁷. O triunfo por ele celebrado agravou os Romanos como nenhum outro. 8. Pois não se tratava de uma vitória contra generais estrangeiros nem reis bárbaros, e não parecia belo que o destruidor dos filhos e de toda a estirpe do mais ilustre varão dos Romanos, vítima da fortuna, triunfasse sobre os infortúnios da pátria³⁰⁸, 9. vangloriando-se de feitos que, quer perante os deuses quer

³⁰² Suetónio (*Júlio César*, 36) afirma que ele ponderou mesmo matar-se.

³⁰³ Cerimónia em honra de Liber e Libera celebra-se a 17 de Março. Plutarco, como habitualmente, usa correspondentes gregos e refere-se às Dionísias, embora os festivais não correspondam.

³⁰⁴ Partiu de Brundísio a 17 de março de 49 a.C. De Roma tinha partido a 17 de janeiro.

³⁰⁵ Cf. *A Guerra da Hispânia*, 32.

³⁰⁶ Dídio comandava a frota de César. Destruiu os navios de Gneu Pompeio, que se encontrava ferido, e perseguiu-o até o apanhar. A cabeça foi trazida para Hispalis. Cf. *A Guerra da Hispânia*, 27-31. Apiano, *Guerras Civis*, 2.105.

³⁰⁷ César permanecerá na Hispânia até meados de 45 para a organização desta província. A ele se junta o sobrinho-neto, Gaio Octávio, que o acompanhará no regresso Roma. Funda uma série de colónias de novos cidadãos para veteranos e *proletarii*; algumas cidades e portos tornam-se colónias. Pela sua lealdade a César, Olisipo torna-se um *municipium* com a designação honorífica de *Felicitas Iulia*; e a colónia latina de Ébora recebeu o título de *Liberalitas Iulia*. No regresso, detém-se na Gália Narbonense para a organização das comunidades daquela província e a ele se junta M. António. César só regressará a Roma no final do verão para celebrar o triunfo.

³⁰⁸ Além disso, César permitiu que os seus legados Fábio e Pédio triunfassem nos meses seguintes, contra o costume. Cf. Díon Cássio, 43.42.1-2.

perante os homens, só tinham uma única justificação: o facto de terem sido realizados por força da necessidade. Acresce que anteriormente não tinha enviado nem mensageiro nem cartas oficiais sobre uma vitória nas guerras civis, pois por pudor tinha rejeitado a glória.

LVII. 1. No entanto, inclinados perante a fortuna do homem, aceitaram o freio e consideravam a monarquia como uma lufada de ar fresco depois das guerras civis e suas calamidades, pelo que o nomearam ditador para a vida³⁰⁹. Tal era igual a uma tirania³¹⁰, pois à falta de controlo da monarquia acrescentou-se a falta de limite temporal³¹¹. 2. E foi Cícero quem prescreveu ao senado as primeiras honras, cuja grandeza era, ao menos, adequada ao humano, por assim dizer. Outros, ao proporem exageros e ao competirem uns com os outros, fizeram com que o homem se tornasse detestável e insuportável até para os mais moderados devido ao carácter pretensioso e extraordinário das propostas³¹². 3. Nestas pensa-se que rivalizaram, não menos que os adutores, os detratores, de modo a terem o máximo de motivos e parecer que o atacavam com base em gravíssimas acusações³¹³. 4. Em relação ao resto, quando tiveram fim as guerras civis, mostrou-se irrepreensível. E não é a despropósito que se considera que o templo da Clemência foi votado em ação de graças pela moderação dele. 5. Com efeito, redimiu a muitos dos que tinham combatido contra ele e a alguns

³⁰⁹ César foi nomeado *dictator perpetuus* só em fevereiro de 44.

³¹⁰ *Vide* Introdução, 2.6.

³¹¹ Uma aplicação da doutrina de Platão, *República*, 562a-576b. *Vide* Duff 1999: 330; Pelling 2011: 420-425.

³¹² Para Suetónio (*Júlio César*, 76.1), César recebeu honras exageradas, que ultrapassavam os limites humanos e que, acompanhadas de abuso de poder patente em factos e em ditos, o tornavam merecedor da morte. O biógrafo latino faz de seguida o elenco das honras. Cf. Díon Cássio, 43.14.3-6, 43.42-46, 44.3-47; Apiano, *Guerras Civis*, 2.106. Para um resumo das honras concedidas entre 46 e 44 a.C., *vide* Brandão 2015: 418-419.

³¹³ A mesma ideia é expressa em Díon Cássio, 44.7.2.

até concedeu cargos e honras, como a Bruto e a Cássio, pois ambos foram pretores³¹⁴. 6. E não se mostrou indiferente perante as estátuas de Pompeio derrubadas, mas ergueu-as³¹⁵, pelo que até Cícero disse que César, ao manter de pé as estátuas de Pompeio, firmava as próprias³¹⁶. 7. Embora os amigos achassem melhor que ele tivesse guarda-costas, e muitos se oferecessem para tal serviço, ele não aceitou, dizendo que era melhor morrer de uma só vez que estar continuamente na expectativa³¹⁷. 8. Mas, cingindo-se de benevolência como a mais bela e mais sólida salvaguarda, de novo cativou o povo com banquetes e distribuições de cereais e a soldadesca com colônias, as mais famosas das quais eram Cartago e Corinto, às quais tocou partilharem ambas de uma assentada e no mesmo ano, quer outrora o extermínio, quer então a restauração³¹⁸.

LVIII. 1. Quanto aos mais influentes, prometia-lhes consulados e preturas para o futuro; a outros animava-os com alguns outros cargos e honras e a todos dava esperança, almejando um governo consensual³¹⁹. 2. Assim, quando morreu

³¹⁴ No ano de 44.

³¹⁵ Suetônio (*Júlio César*, 75.4) refere as estátuas de Pompeio e Sula.

³¹⁶ Cf. Plutarco, *Cícero*, 40.4-5.

³¹⁷ Dispensou até a guarda hispânica. Teria dito mesmo que a sua salvaguarda era mais do interesse do Estado do que dele, pois, se algo lhe acontecesse, as guerras civis voltariam (Suetônio, *Júlio César*, 86). E, interrogado sobre o género de morte que preferia, terá dito que preferia um fim rápido e inesperado (Suetônio, *Júlio César*, 87).

³¹⁸ Ambas tinham sido destruídas pelos exércitos de Roma no ano 146 a.C. O projeto de estabelecer uma colônia em Cartago tinha sido tentado em vão por Gaio Graco em 122. César estabeleceu outras colônias na Ásia Menor e na Hispânia, depois da guerra com Gneu Pompeio. Estabeleceu assim 80 000 cidadãos em colônias no ultramar.

³¹⁹ Em dezembro de 45, Lúcio António, eleito tribuno da plebe, faz passar uma lei que garantia a César o direito de recomendar metade dos magistrados de todas as magistraturas exceto os cônsules. As suas recomendações para os cargos permitiam atingir os objetivos de promover os seus candidatos sem suprimir a formalidade da eleição. Cf. Suetônio, *Júlio César*, 41.2; Dión Cássio, 43.51.3.

o cônsul Fábio Máximo³²⁰, nomeou Canínio Rebilo para o único dia que faltava para o final do consulado. 3. Como parece que muitos acorreram para se juntarem às congratulações e ao séquito dele, Cícero disse: «Despachemo-nos, antes que o tipo termine o consulado!»³²¹. 4. Megalómano e ambicioso por natureza, os muitos êxitos não o voltavam para a fruição dos trabalhos realizados, mas serviam de espoleta e incentivo para o porvir, suscitando nele projetos de grandes feitos e amor³²² de nova glória, como que já farto da que tinha³²³. 5. A paixão³²⁴ não era outra que ciúme de si mesmo como se fosse de outro e uma competição³²⁵ pelos feitos futuros contra os feitos realizados. 6. Tinha o projeto de preparar uma expedição contra os Partos³²⁶, e, depois de os subjugar, passando também através da Hircânia, junto ao Mar Cáspio, e do Cáucaso, dar a volta pelo Ponto, invadir a Cítia, 7. e, percorrendo as terras em redor dos Germanos³²⁷ e a própria Germânia, regressar a Itália através da Gália, fechando este circuito de um império delimitado

³²⁰ Nesse ano de 45, César tinha abdicado do consulado em proveito dos seus legados Fábio e Trebônio que são eleitos *suffecti* (substitutos) para os restantes 3 meses do ano. M. Antônio é cônsul designado para o ano seguinte, como colega de César.

³²¹ Trata-se da prática de escolher *suffecti*, mas tal tornava-se ridículo no último dia do ano, o que motivou ainda outra troça de Cícero (*Cartas aos Amigos*, 7.30.1-2): «ninguém almoçara durante o consulado de Canínio; e ele próprio, de tão vigilante não pregara olho!».

³²² *Eros*. Sobre o tema do amor no *César* de Plutarco, *vide* Introdução, 2.7.

³²³ Cf. Suetônio, *Júlio César*, 44, onde se dá conta dos imensos planos que a morte veio cercear.

³²⁴ *Pathos*.

³²⁵ *Philonikia*.

³²⁶ O plano seria vingar a derrota de Crasso em Carras e algum apoio dos Partos aos pompeianos na Síria em 45. A campanha tinha início previsto para 18 de março de 44 e apontava para uma duração de três anos. Cf. Apiano, *Guerras Cívicas*, 2.110; Díon Cássio, 43.51.1.

³²⁷ Dos Dácios, que assolavam o Ponto e a Dácia: cf. Suetônio, *Júlio César*, 44.3.

em todos os lados pelo Oceano. 8. E, no meio da expedição, ensaiaria a abertura do istmo de Corinto, tendo indicado Anieno para tal tarefa³²⁸; desviaria o Tibre logo a seguir à cidade para um canal profundo, e direcionava-o para Circeu, lançando-o no mar junto de Tarracina, de forma a arquitetar um seguro e fácil acesso a Roma para os que vinham fazer comércio. 9. A par disso, planeava transformar os pântanos ao redor de Pomécia e Sécia em planície de cultivo que daria trabalho a muitas dezenas de milhar de homens. 10. E, onde o mar estava mais perto de Roma, interpor-lhe barreiras através de molhes, bem como limpar os obstáculos escondidos e os maus acessos do litoral de Óstia, de modo a fazer portos e ancoradouros fiáveis para tamanha afluência de navios. E era isto que estava em preparação.

LIX. 1. Mas a reforma do calendário e a correção das anomalias do tempo, por ele bem estudadas e levadas a cabo, constituíram um serviço bastante útil. 2. É que, não só nos tempos antigos os Romanos usavam um ciclo dos meses tão irregular em relação ao ano, que os sacrifícios e festivais se deslocavam pouco a pouco até caírem nas estações opostas às suas, 3. mas, até naquela época, a generalidade dos cidadãos estava completamente perdida em relação aos tempos, e os sacerdotes, os únicos que sabiam, intercalavam, de improviso e sem aviso prévio, um mês, a que chamavam Mercedónio³²⁹. 4. Diz-se que foi o rei Numa o

³²⁸ Anieno é um nome incerto, certamente uma corruptela. Outros governantes tentaram na antiguidade abrir o Canal de Corinto, como o tirano Periandro, Calígula e Nero, mas o canal só foi aberto em 1893. Provavelmente terá relação com a recolonização de Corinto: *vide* Pelling 2011: 439.

³²⁹ Esta função era usada arbitrariamente para fins políticos (para aumentar ou encurtar o governo de um magistrado); e, por altura da guerra civil, o calendário oficial ia adiantado cerca de 3 meses em relação às estações do ano.

primeiro a introduzi-lo, tendo inventado esta emenda, pequena e de amplitude não longa, para a falta de harmonia no que toca ao ciclo dos astros, como já escrevi na biografia dele³³⁰. 5. César, tendo colocado o problema aos melhores filósofos e matemáticos, engendrou, a partir de métodos já existentes, uma reforma particular e mais rigorosa, pelo que os Romanos, que dela fazem uso até agora, erram menos que outros povos no que toca a tal discrepância³³¹. 6. Não obstante, também isto ofereceu aos invejosos e descontentes com o poder motivos de acusação. Pelo menos, o orador Cícero, segundo parece, perante a afirmação de alguém de que no dia seguinte iria aparecer a Lira, respondeu «Pois! Por decreto!», sugerindo que era à força que os homens aceitavam também esta medida.

LX. 1. Mas o ódio mais manifesto e que o levou à morte desencadeou-o o amor da realeza, que foi para muitos a causa principal e para os que há muito conspiravam o motivo oportuno. 2. Verdade é que os que apadrinhavam tal honra para César propagaram uma certa voz entre o povo de que, segundo os Livros Sibílicos, a possibilidade de conquistar os Partos se apresentaria aos Romanos se estivessem sob o comando de um rei, tornando-se impraticável de outra forma³³². 3. Pelo que, quando ele descia de Alba³³³ para a cidade, se atreveram a saudá-lo como rei. Tendo o povo entrado em confusão, ele, incomodado, disse que se não

³³⁰ Cf. Plutarco, *Numa*, 18.

³³¹ Para acertar o calendário pelo ano solar César teve de intercalar 66 dias entre novembro e dezembro, pelo que aquele ano de 66 a.C. contou com 445 dias ao todo. O ano juliano somava um total de 365 dias: a cada 4 anos se acrescentava um dia a seguir ao 23 de fevereiro. Cf. Suetónio, *Júlio César*, 40.

³³² E de que lhe iria ser proposto no Senado o título de *rex*. Cf. Suetónio, *Júlio César*, 79.3; Apiano, *Guerras Civis*, 2.110; Díon Cássio, 44.15.3-4.

³³³ Onde tinha ido celebrar as *Feriae Latinae* (26 de janeiro), uma antiga festividade em honra de Júpiter Laciár, no Monte Albano.

chamava rei, mas César³³⁴. E, como perante tais palavras se fez silêncio universal, ele passou adiante não muito alegre nem bem disposto. 4. Também depois de lhe terem sido votadas no senado honras extraordinárias, aconteceu que ele, estando sentado sobre os *rostra*, não se levantou quando se aproximaram os cônsules e os pretores, seguidos também de todo o senado, mas, como se estivesse a tratar com quaisquer privados, respondeu que tais honras precisavam mais de contração que de acrescento³³⁵. 5. Tal atitude ofendeu não só o senado, mas também o povo, como se no senado fosse ultrajada toda a cidade. E com grande abatimento foram-se logo embora aqueles que não eram obrigados a estar presentes. 6. De modo que ele, apercebendo-se, tornou imediatamente para casa e, enquanto afastava a toga do pescoço, gritava para os amigos que estava pronto para oferecer a garganta a quem o desejasse. Mais tarde, desculpou-se com a doença³³⁶. 7. Dizia que os sentidos de quem desta padece não podiam manter-se firmes enquanto falava de pé à multidão, mas começavam rapidamente a toldar-se e a andar à roda até se perder a consciência. 8. De facto, não foi assim. Ele queria muito levantar-se por respeito para com o senado, mas dizem que foi impedido por um dos amigos – ou melhor, dos aduladores, Cornélio Balbo³³⁷, – que lhe disse: «Não te lembras de que és César!? Não esperas que te cortejem a ti como superior?!»³³⁸.

³³⁴ Cf. Suetónio, *Júlio César*, 79.2; Díon Cássio, 44.10.1; Apiano, *Guerras Civis*, 2.108.

³³⁵ As outras fontes colocam-no, não no Foro Romano, mas no Foro Júlio, diante do templo de Vénus *Genetrix*: cf. Suetónio, *Júlio César*, 78.1; Díon Cássio, 44.8.1-3.

³³⁶ Epilepsia. Díon Cássio (44.8.3) refere uma desculpa com uma crise de diarreia.

³³⁷ Um dos satélites de César. Era natural de Gades, bastante rico e foi cônsul em 40 a.C.

³³⁸ Suetónio (*Júlio César*, 78.1) conta o mesmo episódio, acrescentando que, segundo outros, César até olhou com reprovação Gaio Trebácio

LXI. 1. Acresce a estas ofensas o ultraje aos tribunos da plebe. Era então a festa das Lupercais³³⁹, sobre a qual muitos escrevem que é um antigo ritual de pastores e que tem relação com as Liceias da Arcádia³⁴⁰. 2. Muitos jovens nobres e magistrados correm nus pela cidade, açoitando com um couro felpudo, na brincadeira e na risota, os que lhe aparecem pela frente. 3. Muitas das mulheres ilustres apresentam-se propositadamente para o encontro, tal como na escola se dá a mão às palmatoadas, convencidas de que tal é benéfico para facilitar o parto às grávidas e fazer conceber as estéreis. 4. César contemplava tais ritos, sentado sobre os *rostra* numa cadeira de ouro³⁴¹, ataviado de ornamentos triunfais³⁴². 5. Antônio era um dos que participavam na corrida sagrada, pois exercia também o consulado³⁴³. Quando irrompeu pelo foro, e a multidão se abriu diante dele, estendeu a César um diadema que trazia³⁴⁴, envolto por uma grinalda de louro. E eclodiu um aplauso orquestrado, não efusivo, mas tímido. 6. Mas, quando César

que o instava a levantar-se.

³³⁹ Antigo rito purificador ou relacionado com a fertilidade, realizado a 15 de fevereiro, também descrito por Plutarco na *Vida de Rômulo* (21). Era um ritual obscuro que implicava a imolação de um bode na gruta do *Lupercal* e a corrida dos jovens pela cidade. A divisão em *Luperci Quinctiales* e *Fabiani* é objeto de disputa: seriam povos? seriam *gentes*: *Quinctia* e *Fabia*? Junção de uma família do Quirinal e outra do Palatino? Em homenagem a César juntou-se um terceiro grupo: *Iulii*.

³⁴⁰ Ritual do culto de Pã executado no monte Liceu na Arcádia. A associação é legítima tendo em conta que uma das lendas ligadas à origem de Roma tem que ver com a chegada do rei arcádio Evandro.

³⁴¹ A cadeira de ouro foi uma das honras gravosas que, segundo Suetônio (*Júlio César*, 76.1), ultrapassavam os limites humanos e contribuía para justificar a morte.

³⁴² Entre as honras foi-lhe permitido usar permanentemente o título de *imperator*, transmissível à sua descendência, bem como ostentar sempre a coroa de louros e envergar trajes triunfais nos jogos. *Vide* Brandão 2011: 418-419.

³⁴³ Antônio participava na corrida como chefe do novo colégio de Lupercos: os *Iulii*.

³⁴⁴ Tira de pano símbolo da monarquia oriental.

o rejeitou, todo o povo aplaudiu. Quando António a ofereceu de novo, poucos aplaudiram; mas, quando César recusou, todos aplaudiram outra vez. 7. Refutada assim esta tentativa, César levantou-se e mandou levar a coroa ao Capitólio³⁴⁵. 8. Viram-se estátuas dele cingidas com diademas reais, e dois dos tribunos, Flávio e Márulo, foram lá retirá-las e, depois de descobrirem os primeiros que saudaram César como rei, conduziram-nos para a prisão. 9. O povo seguia-os com aplausos e chamava-lhes Brutos, porque fora Bruto a quebrar a sucessão dos reis e a passar o poder da monarquia para o senado e o povo³⁴⁶. 10. Irritado com isto, César exonerou Marulo e o colega do cargo e, na acusação, insultava também o povo, apelidando repetidamente os homens de Brutos³⁴⁷ e Cimeus³⁴⁸.

LXII. 1. Então, muitos voltaram-se para Marco Bruto, tido como descendente daquela linhagem³⁴⁹ pelo lado do pai, e dos Servílios pelo lado da mãe³⁵⁰, outra casa ilustre, além de ser genro³⁵¹ e sobrinho de Catão. 2. Impediam-no de se lançar por si próprio na destruição da monarquia as honras e favores que auferia junto de César. 3. Pois não só fora salvo em Farsalo depois

³⁴⁵ Cf. Suetónio, *Júlio César*, 79.2.

³⁴⁶ Plutarco parece amalgamar dois episódios distintos: o da coroação das estátuas com o da saudação de César como rei. Cf. Suetónio, *Júlio César*, 79.1; Díon Cássio, 44.9-10: estes autores situam a ofensa aos tribunos antes das Lupercais, aquando da chegada a Roma depois das Festas Latinas.

³⁴⁷ Suetónio (*Júlio César*, 79.1) dá duas possíveis razões para o ressentimento de César: ou porque a sugestão de realza teve escasso êxito ou porque os tribunos o tinham privado da *gloria recusandi*.

³⁴⁸ Naturais de Cime, na Ásia Menor, com proverbial fama de obtusos. Também *Brutus* significava ‘estúpido’ – este seria o nome supostamente dado ao famoso 1º cônsul da República por, para sobreviver no reinado de Tarquínio, se ter fingido de tolo (cf. Plutarco, *Publícola*, 3.4).

³⁴⁹ Dos Brutos, a que pertencia o Bruto fundador da República (cf. Plutarco, *Publícola*, 1.3; *Bruto*, 1.1, 1.6-8).

³⁵⁰ Servília, meia irmã do falecido Catão de Útica e conhecida amante de César.

³⁵¹ Bruto casou com Pórcia.

da fuga de Pompeio, e a seu pedido salvou muitos dos amigos, mas também gozava de grande confiança da parte de César. 4. Detinha nessa altura a mais distinta pretura³⁵² e preparava-se para assumir o consulado dentro de quatro anos³⁵³, tendo sido preferido a Cássio, seu rival³⁵⁴. 5. Diz-se que César afirmara que Cássio apresentava melhores argumentos, mas que, mesmo assim, não ultrapassaria Bruto. 6. E certa vez em que alguns acusavam o homem – estava já a conjura em andamento – César não prestou atenção, mas, tocando com a mão no corpo, disse para os acusadores: «Bruto vai esperar por esta pele», ou seja, que ele, sendo merecedor do poder pela sua virtude, não iria tornar-se um ingrato e criminoso. 7. Mas os que nutriam desejos de mudança voltavam os olhos só para ele, ou para ele em primeiro lugar; não se atreviam a dizer-lho, mas enchiam de inscrições a tribuna e a cadeira curul, sobre a qual deliberava enquanto pretor, muitas das quais eram deste género: «Andas a dormir, ó Bruto!» e «Não és um Bruto!». 8. Por isso, Cássio, apercebendo-se de que a ambição dele se agitava ligeiramente, instava-o mais que antes e provocava-o; ele próprio tinha um motivo pessoal de ódio contra César pelas razões que demonstrei na biografia de Bruto³⁵⁵. 9. Além disso, o próprio César tinha-o sob suspeita, ao ponto de dizer certa vez para os amigos: «Que vos parece que Cássio tem em mente? Pois a mim não me agrada lá muito, já que é demasiado pálido». 10. E diz-se que, numa outra ocasião, a propósito de uma acusação que lhe apresentaram de que António³⁵⁶ e Dolabela estariam a preparar uma revolução, ele disse:

³⁵² O cargo de pretor urbano.

³⁵³ Isto é, em 41 a.C.

³⁵⁴ Para a pretura, em 44.

³⁵⁵ Cf. Plutarco, *Bruto*, 8-9.

³⁵⁶ António tem uma atitude ambígua, pois que, tendo sido convidado por Trebónio em 45, na Gália, a integrar a conjura, não participa, mas também não a denuncia. Cf. Cícero, *Filípicas*, 2.34; Plutarco, *António*, 13.

«Não receio muito esses gordos e cabeludos, mas mais aqueles pálidos e magros», referindo-se a Cássio e a Bruto.

LXIII. 1. Ora parece que o que está fixado não é tão inesperado como é inevitável, já que também dizem que ocorreram sinais extraordinários e aparições³⁵⁷. 2. Então, luzes celestes e sons noturnos disseminados por variados lugares, bem como aves bravias que desciam ao Forum talvez não valha a pena recordar em relação com tamanha fatalidade. 3. Mas Estrabão, o filósofo, regista³⁵⁸ que foram vistos muitos homens precipitarem-se em chamas, e um criado de soldado que lançava grandes labaredas da mão, pelo que a quem via parecia que estava a arder. Mas, quando se apagou o fogo, o homem não apresentava nenhum dano. 4. E ao próprio César, que cumpria um sacrifício, aconteceu que não foi encontrado o coração da vítima, o que era um portento terrível, pois, na natureza, não poderia subsistir um animal sem coração. 5. E há ainda aquela história relatada por muitos, de que um certo adivinho³⁵⁹ lhe teria predito que se devia guardar de um grande perigo no dia de março a que os Romanos chamam idos³⁶⁰. 6. Chegado esse dia, César, ao entrar para a reunião do senado, saudou o adivinho e disse-lhe em tom de brincadeira: «Os idos de março já chegaram!», ao que o outro respondeu nas calmas: «Sim, chegaram, mas não passaram!». 7. No dia anterior, Marco Lépido convidou-o para jantar, e enquanto ele estava por acaso recclinado a acrescentar saudações pessoais³⁶¹ às cartas como era seu

³⁵⁷ Suetónio (*Júlio César*, 81) apresenta uma lista ainda mais extensa de acontecimentos pressagos. Cf. Díon Cássio, 44.17.

³⁵⁸ *FGrH* 91 F 19. Além da *Geografia*, Estrabão teria escrito também livros de história sobre o final da República.

³⁵⁹ O arúspice Espurina: cf. Suetónio, *Júlio César*, 81.2 e 4.

³⁶⁰ Suetónio (*Júlio César*, 81.2) e Valério Máximo (8.11.2) referem um período que terminaria nos idos de março e não um só dia. Cf. Apiano, *Guerras Cívicas*, 2.149.

³⁶¹ *Vide* Pelling 2011: 471.

hábito³⁶², a conversa recaiu sobre qual seria a melhor das mortes. Então ele antecipou-se a todos exclamando: «A inesperada!»³⁶³. 8. Depois disso, quando dormia, como de costume, com a mulher, todas as portas e janelas do quarto se abriram de uma assentada³⁶⁴. E ele, embora confundido ao mesmo tempo pelo barulho e pela luz da lua, que o iluminava, deu-se conta de que Calpúrnia dormia profundamente, mas emitia durante o sono palavras obscuras e gemidos inarticulados. 9. Com efeito, sonhava que se lamentava ao segurar o marido assassinado nos braços. Outros, porém, dizem que a mulher não teve esta visão. Mas existia na casa de César³⁶⁵ um pináculo, ali colocado a título de ornamento e de honra votada pelo senado. Segundo Lívio relata³⁶⁶, foi aquilo que Calpúrnia viu em sonhos a desabar, e, por isso, parecia gritar e chorar. 10. E quando se fez dia, suplicou a César que não fosse ao senado, e, se possível, adiasse a sessão; e, se fazia pouco caso dos sonhos dela, que indagasse através de outros oráculos e sacrifícios o que estava para acontecer. 11. Apoderou-se dele, ao que parece, uma certa apreensão e temor, pois anteriormente não tinha notado qualquer sinal de fraqueza feminina ou superstição em Calpúrnia, ao passo que naquele momento via-a intensamente perturbada. 12. Quando depois de vários sacrifícios, os sacerdotes lhe comunicaram que os sinais eram desfavoráveis³⁶⁷, decidiu enviar António a desconvocar o senado.

³⁶² César tinha o hábito de tratar a correspondência durante os jogos: cf. Suetónio, *Augusto*, 45.1.

³⁶³ Cf. Suetónio, *Júlio César*, 87; Apiano, *Guerras Civis*, 2.115.

³⁶⁴ Cf. Suetónio, *Júlio César*, 81.3; Díon Cássio, 44.17.1.

³⁶⁵ César habitava na residência oficial do Pontífice Máximo: a *domus publica* na Via Sacra.

³⁶⁶ Esta passagem de Lívio não chegou até nós.

³⁶⁷ Cf. Díon Cássio, 44.17.3. Suetónio (*Júlio César*, 81.4), Díon Cássio e Apiano (*Guerras Civis*, 2.116 e 153) colocam os sacrifícios com resultados desfavoráveis à entrada do senado. Suetónio acrescenta que César entra na cúria desprezando a *religio*.

LXIV. 1. Entretanto, Décimo Bruto, apelidado Albino, que gozava da confiança de César³⁶⁸, ao ponto de ser mencionado em segundo lugar como seu herdeiro³⁶⁹, mas que tomava parte na conjura do outro Bruto e de Cássio, 2. temendo que, se César evitasse aquele dia, a trama fosse descoberta, pôs-se a fazer troça dos adivinhos e a acometer César, por atrair sobre si as culpas e as queixas do senado, deixando parecer que andava a brincar com os senadores. 3. É que tinham ocorrido por sua ordem e vinham todos dispostos a votar que ele fosse proclamado rei das províncias fora de Itália e que cingisse um diadema ao percorrer terra ou mar estrangeiros³⁷⁰. 4. Se alguém lhes dissesse para irem embora, agora que estavam sentados, e para comparecerem de novo quando se desse o caso de Calpúrnia ter melhores sonhos, quais seriam as palavras dos invejosos? 5. Ou quem iria apoiar os amigos dele quando argumentassem que não se tratava de modo algum de escravidão ou tirania³⁷¹? Mas se, dizia ele, o dia parecia absolutamente interdito, era preferível que comparecesse ele próprio e de viva voz adiasse a reunião do senado. 6. Enquanto tal dizia, Bruto, tomando César pela mão, conduziu-o. E tinha-se ele afastado pouco da porta, quando um escravo alheio tentou encontrar-se com ele. Como foi afastado pelo impulso da multidão ao redor de César, forçou o avanço até à casa e confiou-se a Calpúrnia, exortando-a a guardá-lo até ao regresso de César, a pretexto de que tinha grandes assuntos a reportar-lhe³⁷².

³⁶⁸ Tinha sido um importante comandante na Gália, no combate com os Vénetos, e no assédio de Massília.

³⁶⁹ Cf. Suetónio, *Júlio César*, 83.2.

³⁷⁰ Por proposta de Lúcio Cota: cf. Suetónio, *Júlio César*, 79.3; Apiano, *Guerras Civis*, 2.110.

³⁷¹ Sobre a alegada ambição da tirania, *vide* Introdução, 2.6.

³⁷² Cf. Apiano, *Guerras Civis*, 2.116. Apiano diz que ele resolveu esperar pelo regresso de César porque não sabia os pormenores da conjura.

LXV. 1. Mas Artemidoro, natural de Cnidos³⁷³, que, sendo mestre de letras gregas, se tinha tornado íntimo de alguns dos que gravitavam em torno de Bruto, ao ponto de estar a par de grande parte do que eles preparavam, tinha chegado com um bilhete no qual constava o que se preparava para revelar. 2. Ao ver que César entregava cada um dos bilhetes que ia recebendo aos auxiliares em redor, chegou-se muito perto e disse: «Este, César, lê-o sozinho e rapidamente: pois trata-se aqui de grandes assuntos e que te dizem respeito a ti». 3. César recebeu-o então, mas foi impedido de o ler pela multidão dos que se lhe dirigiam, embora tenha tentado muitas vezes; e, guardando só aquele apertado na mão, entrou no senado. 4. Alguns, porém, dizem que foi um outro a entregar este libelo³⁷⁴ e que Artemidoro nem se aproximou de todo, pois que foi barrado ao longo de todo o caminho.

LXVI. 1. Ora até aqui tais eventos são em certa medida fruto do acaso. Mas o lugar que acolheu aquele homicídio e aquela contenda, o espaço no qual o senado então se reuniu, que continha uma estátua de Pompeio e era um ornamento oferecido por este ao teatro³⁷⁵, tornou patente que foi a obra de algum génio que encaminhou ou convocou a ação para ali. 2. Pois até se diz que Cássio, olhando então para a estátua, o invocou em silêncio antes de passar ao ato, embora não fosse estranho à doutrina de Epicuro. 3. Mas a iminência do terrível cometimento produzia, segundo parece, arroubo e emoção contrários à racionalidade anterior. 4. Quanto a António, homem da confiança de César

³⁷³ Filho de Teopompo, mencionado em 48.1,

³⁷⁴ Cf. Apiano, *Guerras Cívicas*, 2.116.

³⁷⁵ A Cúria de Pompeio era um espaço anexo ao teatro que o Magno mandara construir em 55 a.C. no Campo de Marte como primeiro teatro permanente de Roma. Estava associado ao templo de Vénus. Por ironia do destino, as estátuas de Pompeio foram levantadas por César: cf., *supra*, 57.6.

e forte, reteve-o então fora Bruto Albino³⁷⁶, entabulando de propósito uma conversa longa. 5. À entrada de César, o Senado levantou-se em sinal de reverência, e, dos homens de Bruto, uns colocaram-se em redor atrás da cadeira curul dele, outros foram ao encontro de César, como que para apoiarem Tílio Cimbro que suplicava pelo irmão exilado, e, acompanhando-o até à cadeira, puseram-se também a implorar. 6. Enquanto ele já sentado adiava as petições e se irritava deveras com cada um dos que insistiam com mais violência, Tílio agarrou-lhe a toga com as mãos ambas e puxou-lha do pescoço, o que era o sinal combinado para a agressão. 7. O primeiro foi Casca, que lhe desferiu com o punhal um golpe no pescoço, nem mortal nem profundo, pois, ao que parece, estava nervoso ao dar início a tamanho cometimento, de modo que César, virando-se, lhe agarrou a lâmina e a segurou³⁷⁷. 8. Ambos gritaram ao mesmo tempo; o visado disse em latim: «Maldito Casca, que estás a fazer?»; e o atacante em grego ao irmão: «Irmão, acode-me!» 9. Tal foi o começo; e a consternação e o terror perante o sucedido tomaram conta dos que não estavam a par, que nem se atreviam a fugir, nem a oferecer resistência, ou sequer a pronunciar palavra. 10. Mas quando cada um dos maquinadores do assassinio mostrou o punhal desembainhado, ele, cercado em redor, para onde quer que virasse o olhar, encontrava golpes e ferros dirigidos contra o rosto e contra os olhos, e era açoitado como uma fera, até ser enredado nas mãos de todos. 11. Era,

³⁷⁶ Ou Gaio Trebónio, como diz Plutarco *alibi* (*Bruto*, 17.1), Apiano (*Guerras Civis*, 2.117), Cícero (*Cartas aos Amigos*, 10.28) e Díon Cássio (44.19.1). Os conspiradores ponderaram assassinar também António, mas foram impedidos por Bruto: cf. Plutarco, *António*, 13.2, *Bruto*, 18.3-6.

³⁷⁷ Trata-se de P. Servílio Casca, tribuno da plebe em 43 a.C. Colocou-se por detrás de César e feriu-o pouco abaixo do pescoço: cf. Plutarco, *Bruto*, 17.4-5. Suetónio (*Júlio César*, 82.2) afirma que César lhe trespassou o braço com o estilete.

pois, preciso que todos ferissem e provassem do crime, pelo que até Bruto lhe deu um golpe nas virilhas. 12. Diz-se, segundo alguns, que enquanto lutava contra os outros, lançava o corpo de um lado para o outro e gritava, mas, quando viu Bruto de punhal em riste, lançou o manto sobre a cabeça e deixou-se cair³⁷⁸. Fosse por acaso ou fosse empurrado pelos assassinos, foi cair junto da peanha sobre a qual se levantava a estátua de Pompeio. 13. E encheu-a de sangue, de modo que parecia que era o próprio Pompeio a presidir à vingança sobre o inimigo, que jazia a seus pés e agonizava pela quantidade de golpes. 14. Diz-se que recebeu vinte e três³⁷⁹; e muitos até se feriram uns aos outros, ao desferirem tantos golpes num só corpo³⁸⁰.

LXVII. 1. Morto César, e embora Bruto tivesse avançado para o meio a fim de dizer algo sobre o facto consumado, o senado em vez de se manter no lugar, precipitou-se através da porta e, na fuga, encheu o povo de confusão e de um medo irreparável, ao ponto de uns fecharem as casas, outros abandonarem as bancas e locais de comércio, numa correria, ora em direcção ao local, para verem o que tinha acontecido, ora em sentido contrário, depois

³⁷⁸ Suetónio (*Júlio César*, 82.3) acrescenta a célebre exclamação, καὶ σὺ τέκνον; («Também tu, meu filho»). Também Dión Cássio (44.19.5) refere estas palavras. O facto de Plutarco, que até refere exclamações em grego neste contexto, não registar esta versão nem aqui nem na *Vida de Bruto* pode ser significativo de que não a conhecia ou não reconhecia. Ver mais informações na Introdução, 3. Vide Dubuisson 1980: 881-890; Butler & Cary 1927/1982: 110 e 159-160; Pelling 2011: 482-483.

³⁷⁹ Suetónio (*Júlio César*, 82.3) refere o relatório do médico Antístio, segundo o qual só uma punhalada foi fatal: a que recebeu em segundo lugar no peito.

³⁸⁰ Suetónio (*Júlio César*, 82.3) e Apiano (*Guerras Civis*, 2.118) salientam o abandono a que é votado César perante o pânico que se gerou. Diz o biógrafo latino: «Perante a debandada geral, ele ali ficou tombado, exangue, durante algum tempo, até que três simples escravos, colocando-o numa liteira, com um braço de fora, o reconduziram a casa».

de terem visto³⁸¹. 2. Quanto a António e Lépido, os principais amigos de César, depois de escaparem, foram refugiar-se nas casas de outrem³⁸². 3. Bruto e seus comparsas, como estavam ainda em ebulição por causa do homicídio, exibindo os punhais desembainhados, do senado dirigiram-se todos em grupo para o Capitólio, não com o ar de quem foge, mas assaz joviais e confiantes, convocando a multidão para a liberdade e acolhendo entre eles os ilustres que iam encontrando³⁸³. 4. Alguns até subiam com eles e misturavam-se, como se tivessem participado da obra, e reclamavam a glória, como era o caso de Gaio Octávio e Lêntulo Espínter³⁸⁴. 5. Estes foram mais tarde punidos pela sua fanfarronice, quando foram mortos por António e pelo jovem César³⁸⁵; e nem sequer gozaram a fama pela qual morreram, já que os outros não acreditaram. 6. É que também os que os puniram não foi pelo ato, mas foi pela intenção que os castigaram.

³⁸¹ Para uma versão mais completa da confusão que se seguiu, cf. Plutarco, *Bruto*, 18.

³⁸² Segundo Apiano (*Guerras Civis*, 2.118), António barricou-se em casa, e Lépido refugiou-se na Ilha Tiberina, junto das tropas, que depois transferiu para o Campo de Marte, de modo a executar prontamente as ordens de António.

³⁸³ O pretexto da subida ao Capitólio era orar aos deuses, mas seria mais para se fortificarem: cf. Díon Cássio, 44.21.2. Os conjurados tinham razões para temer (cf. Apiano, *Guerras Civis*, 2.119-120), pois, além dos apoiantes de César, havia soldados e veteranos dele na cidade, Lépido detinha o cargo de mestre de cavalaria do ditador César e António era o cônsul daquele ano. Os conjurados contam com a presença dissuasora de gladiadores facultados por Décimo Júnio Bruto. Segundo Suetónio (*Júlio César*, 82.4), «Os conjurados tinham em mente arrastar o corpo para o Tibre, confiscar os bens, abolir as suas decisões, mas desistiram por medo do cônsul Marco António e de Lépido, mestre de cavalaria».

³⁸⁴ Gaio Octávio Balbo foi morto nas proscricções de 43 a.C., e P. Cornélio Espínter morreu depois da batalha de Filipos em 42: fora cônsul em 57. Apiano (*Guerras Civis*, 2.119) menciona outros usurpadores da glória dos tiranicidas: Favónio, Aquino, Dolabela, Murco e Patisco.

³⁸⁵ Octávio, o futuro augusto, que, depois de adotado, passou a usar o nome de Gaio Júlio César.

7. Quando, no dia seguinte, Bruto desceu com os comparsas e fez um discurso³⁸⁶, o povo seguia com atenção as palavras, sem mostrar desagrado nem aprovação em relação ao feito. Antes mostrava com o profundo silêncio que, por um lado, tinha compaixão de César e, por outro, respeitava Bruto³⁸⁷. 8. O senado, negociando uma amnistia e um acordo geral, votou honrar César como um deus³⁸⁸ e não mudar absolutamente nada do que ele tinha deliberado como governante. 9. A Bruto e companhia distribuiu províncias e distintas honras, de modo que todos consideraram que a situação estava restabelecida e tinha recebido o melhor temperamento³⁸⁹.

LXVIII. 1. Mas quando, depois de aberto o testamento de César³⁹⁰, se descobriu que concedia um assinalável donativo a cada romano³⁹¹, e quando viram ser carregado através do foro o corpo desfigurado pelos golpes, a emoção³⁹² não mais deixou

³⁸⁶ Antes disso, segundo diz Plutarco na *Vida de Bruto* (18.9-11), os senadores terão subido com muitos cidadãos comuns ao Capitólio, onde Bruto fez um discurso para conciliar a multidão; e só depois desceu ao fórum.

³⁸⁷ Mas um discurso contra César proferido por Lúcio Cornélio Cina provocou a fúria da multidão, e os conjurados tiveram de se retirar de novo para o Capitólio: cf. Plutarco, *Bruto*, 18.13-14. Este discurso ditou o linchamento de um homónimo inocente mais à frente, em 68.6. Apiano (*Guerras Civis*, 2.121-123) apresenta uma sequência diferente. *Vide* Pelling 2011: 488-489.

³⁸⁸ Não é bem assim: a apoteose de César será posterior.

³⁸⁹ A solução foi encontrada na sessão do senado de 17 de março, reunido no templo de *Tellus*: cf. Plutarco, *Bruto*, 19, *António*, 14.2-3. Apiano (*Guerras Civis*, 2.128-129) relata os pormenores da proposta conciliadora de António, incluindo um discurso do próprio. O longo relato de Díon Cássio (44.22-34) apresenta o discurso de Cícero. António colhe os louros da reconciliação.

³⁹⁰ Cássio opunha-se, mas Bruto consentiu na leitura pública do testamento e nas exéquias de César - mais um erro fatal de Bruto, segundo Plutarco (*Bruto*, 20.1-2), a somar à falha de terem deixado escapar António com vida.

³⁹¹ Cf. Suetónio, *Júlio César*, 83.2.

³⁹² *Pathos*. Outras edições têm *plethos* 'multidão'. O funeral teve lugar a 20 de março.

manter a boa ordem e a compostura, pelo que, empilhando em redor do cadáver assentos, barreiras e mesas do foro, chegaram-lhe fogo e cremaram-no³⁹³. 2. Depois agarravam em tições a arder e corriam em direção às casas dos assassinos para as queimarem; outros percorriam a cidade de um lado para o outro na tentativa de apanharem e lincharem os fulanos. Ninguém encontrou nenhum deles, pois estavam bem protegidos. 3. Ora um tal Cina, um dos amigos de César, tinha por acaso tido, segundo dizem, na noite anterior um sonho estranho. Afigurava-se-lhe pois, que, tendo declinado um convite de César para jantar, era conduzido pela mão do próprio, contra a sua vontade e apesar de resistir. 4. Ao ouvir dizer que se estava a cremar o corpo de César no foro, levantou-se e pôs-se a andar para lhe prestar as honras, apesar de estar apreensivo em relação ao sonho e de ao mesmo tempo ter febre. 5. Tendo ele sido avistado, um tipo da turba disse o nome dele a outro que perguntava quem era, e este a outro, e propagou-se por toda a gente o rumor de que aquele homem era um dos assassinos de César. 6. É que existia de facto um Cina homónimo dele entre os conjurados e, partindo do princípio de que era este, lançaram-se imediatamente sobre ele e trucidaram-no ali mesmo³⁹⁴. 7. Sobretudo receosos de tal fim,

³⁹³ O discurso de António terá inflamado a multidão, segundo Plutarco (*Bruto*, 20.4-6; *António*, 14.3-6). Também Díon Cássio (44.36-50) põe na boca de António um “brilhante discurso” com o mesmo efeito. Mas Suetónio (*Júlio César*, 84.2) afirma que António, depois da leitura dos documentos oficiais com as honras concedidas a César, acrescentou apenas breves palavras. E Cícero (*Filípicas*, 1.31-32, e *Cartas a Ático*, 14.10.1) louva-o pela sua moderação no discurso. Cf. Apiano, *Guerras Civis*, 2.147-148.

³⁹⁴ Trata-se de Hélvio Cina, poeta (Plutarco, *Bruto*, 20.8-11) e tribuno da plebe (Díon Cássio, 44.50.4; Apiano, *Guerras Civis*, 2.147), confundido pela multidão com o referido Cornélio Cina (na n. a 67.7), o pretor que preferira um discurso contra César. Suetónio (*Júlio César*, 85) acrescenta a informação macabra de que a multidão transportou a cabeça dele na ponta de uma vara pela cidade.

Bruto e Cássio com os companheiros, passados não muitos dias, retiraram-se da cidade³⁹⁵. O que eles fizeram e sofreram no fim da vida está exposto na biografia de Bruto³⁹⁶.

LXIX. 1. César morre com cinquenta e seis anos completos³⁹⁷, tendo sobrevivido a Pompeio não muito mais de quatro anos. Mas daquele poder e soberania que a custo ganhou, depois de os buscar toda a vida através de tantos perigos, não colheu senão o nome e a honra invejada entre os cidadãos. 2. O certo é que o seu grande génio, do qual gozou em vida, o acompanhou também depois de morto como vingador do crime, lançando-se no encalço dos assassinos, através de toda e terra e de todo o mar, até não restar nenhum, já que puniu quer os que deitaram mão à obra, quer os que participaram na trama. 3. O mais admirável dos acontecimentos humanos diz respeito a Cássio, que, vencido em Filipos, se matou com o punhal que usara contra César³⁹⁸. 4. Quanto a factos divinos, temos o grande cometa (que se manifestou claramente visível durante sete noites depois do assassinio de César e, de seguida, desapareceu) e o relativo ao obscurecimento da luz do sol³⁹⁹. 5. É que o disco solar ergueu-se pálido e sem fulgor durante todo o ano, e dele irradiava um calor inútil e débil, ao ponto de o ar sobrevir escuro e pesado por causa da fraqueza do calor que o atravessava, e os

³⁹⁵ E passaram algum tempo em Âncio: cf. Plutarco, *Bruto*, 21.1, *António*, 15.1; Apiano, *Guerras Civis*, 2.148.

³⁹⁶ *Bruto*, 21-53.

³⁹⁷ Na verdade, apenas faria 56 no mês de julho.

³⁹⁸ Suetónio (*Júlio César*, 89) faz a síntese generalizando: «Dos assassinos quase nenhum lhe sobreviveu mais de três anos ou morreu de morte natural. Tendo sido todos desterrados, cada qual teve o seu fim trágico: uns por naufrágio, outros em combate e alguns até se mataram com o mesmo punhal com que profanaram César».

³⁹⁹ O cometa apareceu durante os primeiros jogos que Octávio deu pela apoteose do pai adotivo em Julho de 44: cf. Suetónio, *Júlio César*, 88. Este cometa vai mais tarde figurar na cunhagem de Octávio, que se apresenta como *Diui filius*.

frutos resultarem meio maduros e imperfeitos e degenerarem devido ao frio do ambiente⁴⁰⁰. 6. Acima de tudo, o fantasma que apareceu a Bruto mostrava que o assassinio de César não fora bem aceite pelos deuses⁴⁰¹. E passou-se do seguinte modo. 7. Quanto se preparava para fazer atravessar o exército de Abido para o outro lado, estava a descansar de noite como era costume na tenda, sem dormir, mas a pensar no que estava para vir⁴⁰². 8. Com efeito, diz-se que este varão dos generais era o menos sonolento, e por natureza passava mais tempo acordado. 9. Pareceu-lhe ouvir um ruído junto à porta e, inspecionando à luz já fraca da lanterna, teve uma visão terrífica de um homem de tamanho descomunal e aspeto feroz. 10. Primeiro ficou em choque, mas quando viu que aquele não fazia nem dizia nada, antes se mantinha especado em silêncio junto ao leito, perguntou-lhe quem era. 11. Responde-lhe o fantasma: «Sou o teu mau génio, Bruto! Hás-de ver-me em Filipos!». Naquele momento, Bruto, cheio de coragem, retorquiu-lhe: «Hei-de ver-te!». E o espírito desapareceu-lhe logo da vista. 12. Chegada a ocasião, quando se bateu em Filipos contra António e César, na primeira batalha⁴⁰³, tendo levado de vencida o seu adversário, pô-lo em fuga e prosseguiu para saquear o acampamento de César. 13. Mas quando estava para travar a segunda batalha,

⁴⁰⁰ Virgílio (*Geórgicas*, 1.466-468) explora o efeito psicológico do fenómeno: *impiaque aeternam timuerunt saecula noctem* («pelo que as gerações ímpias temeram uma noite perpétua»).

⁴⁰¹ Cf. Plutarco, *Bruto*, 36-37.

⁴⁰² A primeira aparição está relatada em *Bruto*, 36-37, onde Cássio procura acalmar Bruto com uma explicação racionalista sobre o poder da mente.

⁴⁰³ Em Outubro de 42 a.C. Bruto, que comandava a ala direita, levou de vencida o inimigo e saqueou mesmo o acampamento de Octávio. Cássio na ala esquerda, pelo contrário, foi derrotado. Julgando que igual sorte acontecera a Bruto, suicidou-se. Cf. Plutarco, *Bruto*, 40-43.

visita-o de novo o mesmo fantasma de noite⁴⁰⁴: não disse nada, mas Bruto, ciente do destino, precipitou-se diretamente no perigo. 14. Não caiu, contudo, em combate, mas quando se deu a debandada, foi refugiar-se numa escarpa e, lançando o peito contra uma espada nua — enquanto um amigo o ajudava, segundo dizem⁴⁰⁵, a firmar o golpe —, expirou.

⁴⁰⁴ Cf. Plutarco, *Bruto*, 48.1.

⁴⁰⁵ Esta é uma das versões (a outra não inclui ajuda), e o amigo era Estratão. Cf. Plutarco, *Bruto*, 51-52.

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE DE AUTORES E PASSOS CITADOS

Adcock, F. E. – 75n81	2.65-82 – 281n229
Agazzi, R. – 257n145	2.67 – 281n227
Amiano Marcelino – 97n135	2.68 – 283n232
22.16 – 162n289	2.71 – 289n256
22.16.7 – 97n135, 162n289	2.82 – 284n237
Anaxarco de Abdera – 30, 35, 64, 64n38, 100, 100n143, 135, 135n217, 136, 136n220	2.84 – 288n251 2.90 – 203n66, 291n262, 292n267
Anticlides – 14, 126, 126n203	2.91 – 293n273
<i>FGrHist</i> 140 F 12 – 126n203	2.93-94 – 293n277
Antígenes – 14, 126, 126n203	2.97 – 296n286
<i>FGrHist</i> 141 F 1 – 126n203	2.99 – 297n290
Apiano	2.101 – 298n294
<i>Guerras Civis</i>	2.102 – 298n296
2.25 – 262n158, 264n168	2.105 – 300n306
2.26 – 263n162 e 164	2.106 – 199n58, 301n312
2.32-33 – 266n177	2.108 – 306n334
2.35 – 195	2.110 – 303n326, 305n332, 312n370
2.36 – 195n45, 268n184	2.115 – 311n363
2.36-37 – 271n192	2.116 – 311n367, 312n372, 313n374
2.38 – 272n196	2.117 – 206n72, 314n376
2.39-40 – 273n201	2.118 – 315n380, 316n382
2.41 – 273n203	2.119 – 316n384
2.44-47 – 275n210	2.119-120 – 316n383
2.48 – 275n212 e 214	2.121-123 – 317n387
2.56-58 – 278n222	2.128-129 – 317n389
2.62 – 279n224	2.144-145 – 209n80
2.64 – 281n228	
2.65 – 280n226	

- 2.147 – 318n394
- 2.147-148 – 318n393
- 2.148 – 319n395
- 2.149 – 310n360
- 2.149-153 – 212n87
- 2.153 – 311n367
- 3.26 – 210n83
- 3.98 – 210n83
- 3.105 – 288n247
- 4.135 – 210n83
- 5.4.19 – 288n249
- História Romana*
- Pref.* 6 – 173n1
- Apolónio de Rodes – 55n16
- Aristandro de Telmesso – 53, 53n10
- Aristobulo de Cassandreia – 14, 75, 75n82, 79, 81, 82n106, 87, 126, 126n203, 166
- FGrHist* 139F 4 – 75n82
- FGrHist* 139 F 21 – 126n203
- FGrHist* 139F 47 – 100n144
- FGrHist* 139F 59 – 166n302
- FGrHist* 139F 75 – 81n103
- História de Alexandre* - 75n82
- Aristófanes
- Acarnenses*
- 215-216 – 110n163
- Aves* – 69n61
- Cavaleiros* – 53n9
- 1037 – 53n9
- Pluto* - 63n36
- 290 sqq. – 63n36
- Vespas*
- 1206 - 110n163
- Aristóteles – 30, 31, 33-35, 56n24, 57n25, 61-64, 80n100, 81, 135, 135n217, 138, 138n228, 140, 140n232, 165, 168
- Constituição dos Atenienses*
- 14.4 – 197n53, 269n185
- Aristóxeno de Tarento – 14, 56, 56-57n24
- Memórias* - 56
- Arquitas - 63n36
- Arriano – 14
- Anábase de Alexandre* – 14
- 1.1.1-2 – 70n63
- 1.2 – 69n61
- 1.8 sqq. – 73n74
- 1.9.10 – 71n67
- 1.10.2 – 72n70
- 1.11.3 – 74n81
- 1.11.8 – 52n5
- 1.12.1-2 – 76n88
- 1.13.16 – 76n91
- 1.16.4 - 79n96
- 1.23.7-8 – 89n113
- 1.23.8 – 89n113
- 2.3 - 81n103
- 2.3.3 – 53n10
- 2.4.7 – 82n106
- 2.14.5 – 68n56
- 3.1-2 – 95n127
- 3.1.5 – 96n131
- 3.2.1-2 – 97n135
- 3.2.2 – 53n10

- 3.3 - 97n136
 3.3.5 sq. - 98n138
 3.6.5 - 65n45
 3.30.4-5 - 123n198
 4.7.3 sqq. - 123n198
 4.8 - 72n71
 4.8.2 - 90n115
 4.11.6 - 52n5
 4.13.2 - 139n231
 4.20 - 104n149
 5.19.1 - 147n248
 6.19.3 - 153n264
 7.4.1-8 - 159n282
 7.4.4 - 87n111, 158n282
 7.4.6 - 87n111
 7.8 - 161n285
 7.12.5 - 119n185
- Artemidoro
 1.79 - 195n45
- Asheri, D. - 124n199
- Ateneu - 90n115, 100n144
 250f-251^a - 100n144
 434b - 90n115
 538b-539^a - 159n282
- Baldwin, B. - 221n11
- Bendinelli, G. - 165n298
- Beneker, J. - 20, 21n5, 23, 182n19,
 183n23, 197n50, 197n51,
 198n54, 203, 203n67, 220n9
- Bickel, E. - 198n54, 269n186
- Bosworth, A. B. - 87n111,
 89n113, 159n282,
- Bradford Welles, C. - 95n127
- Brunt, P. A. - 87n111
- Burn, A. R. - 159n282
- Bury, J. B. - 75n81
- Buszard, B. - 181, 181n17,
 196, 201n63, 204n70, 205,
 268n185
- Butler, H.E. & Cary, M. -
 188n31, 207n74, 220n7,
 221n11, 315n378
- Calano - 35, 36, 64, 153, 157,
 157n276
- Calímaco - 137n225, 138n226
- Calístenes de Olinto - 14, 28, 29,
 30, 34, 44, 98, 108, 109, 135-
 140
FGrHist 124 F 14b - 98n139
FGrHist 124 F 36 - 108n160,
 109n161
- Canfora, L. 188n31, 197n53;
 198n55, 207n76, 221n11,
 264n168, 268n182, 269n185,
 291n.261
- Carcopino, J. - 187n31.
- Cares de Mitilene - 14, 84,
 84n109, 94, 126, 126n203,
 138, 140, 158
FGrHist 125F 6 - 84n109
FGrHist 125F 7 - 94n123
FGrHist 125 F 12 - 126n203
FGrHist 125F 15 - 140n233
FGrHist 125 F 18a - 138n230
FGrHist 125 F 19b - 158n280
História de Alexandre - 84n109
- Carney, E. D. - 19n4, 89n113
- Cavero, J. B. - 62n34, 75n84

César	3.103 – 289n256
<i>A Guerra Civil</i> – 277n222	3.103.5 – 290n259
1.1-5 – 266n177	3.105 – 287n245
1.2 – 266n177	3.106 – 288n250
1.2.6 – 265n174	3.106-112 – 292n264
1.9 – 264n169	3.107-108 – 290n258
1.16-23 – 272n196	3.108 – 289n255, 290n259
1.17-19 – 271n195	3.110.2 – 290n259
1.25-30 – 273n201	3.112 – 290n259
1.32 – 273n202	<i>A Guerra da Gália</i> – 291n260
1.34-86 – 274n205	7.20 – 257n145
1.34-2.22 – 274n208	7.28 – 258n148
2.13-44 – 275n210	7.44-51 – 258n148
2.21-22 – 275n210	7.56-62 – 258n148
2.32.5 – 274n208	7.71 – 259n152
2.48 – 275n214	7.74 – 259n153
2.80-81 – 281n228	7.75-76 – 259n151
3.6.2 – 276n215	7.89 – 260n154
3.10 – 277n220	VIII – 260n154
3.11-12 – 276n218	8.54 – 256n142
3.18.3-5 – 277n220	<i>Anticatão</i> – 222n16, 297, 297n291
3.19 – 277n220	(Pseudo-César) <i>A Guerra de</i> <i>África</i>
3.48 – 277n223	3 – 294n282
3.70 – 279n224	24.4 – 295n285
3.71 – 279n224	79-86 – 296n286
3.78 – 280n226	83.1 – 296n288
3.82-83 – 281n229	83.1 – 296n287
3.82-89 – 282n231	89.4 – 297n289
3.85 – 283n232	(Pseudo-César) <i>A Guerra de</i> <i>Alexandria</i>
3.88 – 256n142, 284n235	4 – 291n263
3.91 – 284n237	
3.92 – 284n236	
3.99 – 286n242, 287n243	

- 5-6 – 291n260
 21.1-3 – 291n262
 23-24 – 291n263
 (Pseudo-César) *A Guerra da Hispânia*
 27-31 – 299n301, 300n306
 32 – 300n305
 Cícero – 177, 182, 184, 199, 223n19, 317n389
Bruto
 261 – 177 n9, 222n15
Cartas a Ático
 1.19.10 – 230n48
 7.11.3-4 – 271n192
 8.13 – 272n197
 10.8.4 – 271n192
 14.10.1 – 209n81, 318n393
 14.20.2 – 292n266
Cartas aos Amigos
 7.3.2 – 282n231
 7.30.1-2 – 303n321
 10.8 – 314n376
Catóo – 297
Filípicas
 1.31-32 – 209n81, 318n393
 2.34 – 309n356
República
 2.53 – 263n163
Sobre o seu consulado – 230n48
 Clitarco – 14, 125, 126n203
FGrHist 137 F 15 – 126n203
 Cook, B. L. - 159n282
 Cook, S. A. - 75n81
 Cornélio Nepos – 177 n9, 222n15
 Dândamis – 35, 64, 153
 De Blois, L. – 175n4,
 Della Corte, F. – 195n45, 197n53, 235n62, 269n185
 Demócrito - 100n143
 Demóstenes – 69, 69-70n62
Filípicas – 70n62
 Dínon – 14, 113
FGrHist 690F 23b – 113n170
 Diodoro Sículo – 14, 72n70, 94n126, 166n301
Biblioteca Histórica
 16.45.7 - 89n113
 16.69.2 - 89n113
 16.74.2 - 89n113
 XVII – 14
 17.1.5 – 52n5
 17.18.4 - 76n91
 17.21.6 – 79n95
 17.50-52 - 97n136
 17.52 - 95n127
 17.67.1 – 158n282
 17.77.1-3 – 126n203
 17.88.4-5 – 147n248
 17.107.6 - 159n282
 17.117 – 166n301
 17.118.1 – 119n185
 18.17 - 74n81
 18.23.1 – 95n126
 20.37.3 – 95n126
 Diógenes de Sinope – 36, 73, 73n76, 74, 153

Díon Cássio – 193, 194, 195	42.52-55 – 293n277
37.37 – 227n36	43.6-9 – 296n286
37.45.2 – 233n59	43.12 – 297n289
37.52.1 – 235n64	43.12.1 – 297n290
37.52.2 – 193, 194 n43, 234n62, 269n188	43.14.3-6 – 301n312
37.52.3 – 235n64	43.19.12 – 298n294
37.54.1 – 235n65	43.21.4 – 299n293
37.58.1 – 187 n31	43.23.4 – 298n296
40.38.1 – 258n148	43.42-46 – 301n312
40.41 – 260n154	43.42.1-2 – 300n308
40.59.1 – 262n159	43.51.1 – 303n326
41.1-3 – 266n177	43.51.3 – 302n319
41.2.2 – 266n177	44.3-47 – 301n312
41.3.3 – 271n191	44.3.3 – 200n59
41.6.1-2 – 271n192	44.7.2 – 200, 301n313
41.12 – 273n201	44.8.1-3 – 306n335
41.17.1-2 – 273n204	44.8.3 – 306n336
41.26-36 – 275n210	44.9-10 – 308n346
41.40-42 – 275n210	44.10.1 – 306n334
41.37-38 – 275n214	44.15 – 201n62
41.52.1 – 279n224	44.15.3-4 – 305n332
41.52.2-3 – 280n226	44.17 – 310n357
41.53-60 – 281n229	44.17.1 – 311n364
41.53.2-54.3 – 277n220	44.17.3 – 311n367
42.6.2 – 288n247	44.19.1 – 314n376
42.6.3 – 288n249	44.19.4 – 206
42.34-43 – 292n264	44.19.5 – 207, 315n378
42.34.1-2 – 289n257	44.21.2 – 316n383
42.34.3-35.1 – 203n66	44.22-34 – 317n389
42.38.2 – 291n261	44.36-49 – 209n80
42.40.4 – 291n262	44.36-50 – 318n393
42.45-48 – 292n268	44.50.4 – 318n394
	44.46.1-2 – 292n268

- 44.46.1-3 – 293n271
 46.43.4 – 264n168
 75(74) 6.2a. – 264n168
- Dubuisson, M. – 198n54, 207n75, 269n186, 315n378
- Duff, T. – 175n5, 184n24, 190n36, 196n47, 199n57, 202n.64, 205n71, 212n87, 219 n2, 301n311
- Dúris de Samos – 14, 75, 75n83, 126, 126n203
FGrHist 76F 40 - 75n83
FGrHist 76 F 46 – 126n203
- Eliano - 90n115
História Verdadeira - 90n115
 3.23 - 90n115
- Eratóstenes de Cirene – 14, 55, 55n16, 105
Cronografia - 55n16
Geografia – 55n16
Sobre a medida da Terra - 55n16
FGrHist 241F 29 – 105n151
- Espeusipo - 64n38
- Ésquilo – 54n11, 63
Bassárides – 54n11
Edónios – 54n11
Jovens - 54n11
Licurgia – 54n11
Licurgo - 54n11
- Estrabão - 89n113
 656-657 - 89n113
 14.1.23 – 162n289
 16.1.3 – 105n153
 17.1.6 - 96n132, 97n135
- 17.1.6-7 - 95n127
 17.1.43 - 97n136
FGrH 91 F 19 – 310n358
- Eurípides – 54n11, 63, 137
Andrômaca – 134
 693 – 134, 134n216
Bacantes - 54n11
 267 – 137n224
 1139 – 210
Medeia – 68
 288 – 68n57
 1156-1221 – 112n165
 Fr. 905 N² – 137n223
- Filipe da Calcídica – 14, 126, 126n203
FGrHist 741 F 4 – 126n203
- Filipe de Teângela – 14, 126, 126n203
FGrHist 741 F 4 – 126n203
- Filisto – 63, 63n36
História da Sicília - 63n36
- Fílon de Tebas – 14, 126, 126n203
FHG 3. 560 not. – 126n203
- Filóxeno de Citera – 63, 63n36
Ciclope - 63n36
- Flacelière, R., Chambry, E – 286n241
- Floro
 1.45.26 – 260n154
- Fraschetti, A. – 52n7
- Frontino – 146n246
 1.4.9 – 146n246
- Foucher, A. – 208n78

- Gascou, J. – 181n16, 196n48,
197n52, 198n54, 198n55,
209n80, 268n184, 269n186
- Gelzer, M. – 264n168, 274n208,
277n220
- Graves, R. – 52n5
- Griffith, G. T. – 65n46
- Gugel, J. – 206n73
- Gusmán Guerra, A. – 72n70,
91n118
- Hammond, N. G. L. – 100n141
- Hecateu de Erétria – 14, 126,
126n203
Scr. Rer. Alex. M. 49 M –
126n203
- Hecateu de Mileto – 124n199
- Hegésias de Magnésia – 14, 55
FGrHist 142F 3 – 55n18
- Heraclides – 14, 95
- Hermida, J. M. – 62n34, 75n84
- Hermipo de Esmirna – 14, 138,
138n226
FHG 3. 47 – 138n226
- Heródoto – 15, 28, 37, 104n148,
124n199, 125nn201-202
1.29-32 – 36
1.60 – 197n53, 269n185
1.95-216 – 104n148
1.107-8 – 53n9
1.120-132 – 55n19
1.202-203 – 124n199
2.51 – 52n7
3.26.3 – 97n137
3.31 – 135n218
- 4.1-144 – 125n202
4.57 – 125n201
6.107 – 195n45
6.131 – 53n9
8.47 – 110n163
8.53 – 115n179
- Hershbell, J. P. – 175n3 e 4,
176n6
- Hesíquio – 80n100
- Hohl, E. 197n52
- Homero – 34, 63n34, 95, 96
Iliada – 17n3, 33-34, 59n26,
61n32, 62, 95, 107n158
5.340 – 100n142
IX – 17n3
9.432-496 – 59n26
9.437 – 207n75
11.16-44 – 107n158
15.119 – 105n155
XVIII – 17n3
21.107 – 138n227
23.175 sqq. – 17n3
- Odisseia* – 96n128
4.354-355 – 96n128
4.611 – 207n75
- Isócrates – 35, 80n100
- Istro – 14, 126, 126n203
FGrHist 334 F 26 – 126n203
- Josefo, Flávio
A Guerra Judaica
1.187-192 – 292n264
1.194-200
Antiguidades Judaicas

- 14.127-136 – 292n264
 14.137-144 – 292n268
 14.190-210 – 292n268
- Justino – 14
 11.11.13 - 97n136
 12.10.9-10 - 159n282
- King, C. J. – 53n10
- Lesky, A. - 63n36, 80n100
- Lloyd, A. B. – 52n7
- Lucano
 1.185-190 – 197n51
 10.72-76 – 203n66
- Lundon, J. – 219 n2,
- Lyons, M. & Montgomery, H. C.
 – 207n76, 209n81
- Magnino, D. – 13, 162n289
- Marshall, J. – 144n242
- Menandro – 80, 115n177
Táis - 115n177
 Fr. 751 Kock – 80n99
- Morillo, S. B. - 62n34, 75n84
- Mossman, J. M. – 16n3, 21n5,
 59n26, 63n34
- Nearco – 67n55, 75n85, 149n256,
 154, 154n265, 155-156, 163,
 166, 167
- Nicocreonte de Salamina - 101
- Onesícrito – 14, 62, 62-63n34,
 75, 75n84, 126, 126n203,
 146, 148, 152, 154
- A educação de Alexandre* –
 62n34, 75n84
FGrHist 134 F 1 – 126n203
FGrHist 134F 2 – 75n84
- FGrHist* 134 F 17b – 153n261
FGrHist 134 F 19 – 146n247
FGrHist 134 F 20 – 148n250
- Orfeu – 37, 74, 74n79
- Pasícrates de Solos - 101
- Pausânias – 68n58
 6.26.6 – 195n45
 8.7 - 68n58
 9.7.2 - 87n111
 10.9.2 - 110n163
- Pelling, C. – 174, 175n5, 179n12,
 181, 182n 20, 184n25,
 186n26 e 28, 187n29 e 30,
 188n31 e 32, 189n34 e 35,
 192n40 e 41, 194, 194n44,
 198n54, 200n60, 201n61,
 204, 204n70, 207n76,
 210n83, 211, 211n86, 212n87,
 219 n2, 220n7, 221n11,
 222n13, 228n39, 229n44,
 232n57, 233n58, 235n62 e 63,
 256n142, 258n148, 260n154,
 261n157, 262n158, 264n168,
 265n171, 172 e 175, 266n177,
 269n186, 281n229, 301n311,
 304n329, 310n361, 315n378,
 317n387
- Penna, A. la – 13, 208n78, 173n1,
 175n5, 178n10 e 11, 179,
 179n13, 208n79, 212n87,
 212n88, 235n62, 274n208,
 284n235, 288n247 e 250,
 291n.261, 299n297
- Pérez Jiménez, A. – 194n44,
 204n70, 212n87
- Piérion (cf. Pránico) – 132
- Píndaro – 35, 70, 71n67

- Olímpicas*
 8.21-23 – 136n219
- Pinheiro, J. – 181n17, 183n22,
 190n37, 191n38, 199n57, 204,
 212n87
- Pitágoras - 63n36, 153
- Platão - 63n36, 64n38
- República*
 562a-576b – 182n21, 301n311
 571c – 195n45
- Plínio o Velho
História Natural
 5.62 – 162n289
- Plínio o Moço
Cartas
 5.3.5 – 173n1
- Plutarco – *passim*
Moralia
 65f – 88n112
 259d-260d – 72n69
 327f-328^a – 14, 63n34
 331e - 64n38
 479^a – 137n225
 623d - 90n116
 717f – 88n112
- Vida de Agis e Cleómenes* –
 105n155
 30.4-5 – 105n155
- Vida de Antônio*
 12 – 201n63
 13 – 309n356
 13.2 – 314n376
 14.6-7 – 209n80
- 14.2-3 – 317n389
 14.3-6 – 318n393
 15.1 – 319n395
 44.3 – 292n266
- Vida de Artaxerxes* – 157n274
 26.1-2 – 157n274
- Vida de Bruto*
 – 308n349
 1.6-8 – 308n349
 4 – 209n80
 5 – 202
 8-9 – 309n356
 17.1 – 314n376
 17.4-5 – 314n377
 18 – 316n381
 18.3-6 – 314n376
 18.9-11 – 317n386
 18.13-14 – 317n387
 19 – 317n389
 20.1-2 – 317n390
 20.4-6 – 318n393
 20.8-11 – 318n394
 21.1 – 319n395
 21-53 – 319n396
 36-37 – 320n401
 40-43 – 320n403
 48.1 – 321n404
 51-52 – 321n405
- Vida de Catão Menor*
 22-24 – 228n39
 24 – 202
 26.1 – 230n49
 72.2 – 297n290

<i>Vida de Cícero</i>	1-2 – 211
10-24 – 228n39	1.4 – 175
20.6 – 233n60	2.2-4 –175
28-29 – 231n52	<i>Vida de Pompeio</i> – 188 n33
29.9 – 233n59	56.1 – 262n158
40.4-5 – 302n316	56.2 – 262n158
<i>Vida de Címon</i> – 51n3	57.5 – 270n190
2 – 51n3	60.1-3 – 269n187
<i>Vida de Crasso</i>	60.2 – 269n186
13.3-5 – 228n39	61 – 271n192
16-33 – 260n155	62.2-6 – 272n200
<i>Vida de Demóstenes</i> – 63n35	63 – 271n192
25-26 – 63n35	65.3-4 – 277n220
<i>Vida de Emílio Paulo</i>	65.5 – 279n224
1.1 – 175	66 – 280n226
<i>Vida de Êumenés</i> – 87n111	67-73 – 281n229
1.7 - 87n111	67.3 –281n227
<i>Vida de Fócion</i> – 116n182	68.2-3 – 283n232
18 – 116n182	69.1 – 284n235
<i>Vida de Gaio Graco</i>	77-80 – 286n239, 288n252
10.2 – 187n29	<i>Vida de Públicola</i>
11.1 – 187n29	1.3 – 308n349
13.1 – 187n29	3.4 – 308n348
<i>Vida de Galba</i> – 175	<i>Vida de Rómulo</i>
2.5 – 174	21 – 307n339
<i>Vida de Mário</i>	Policlito – 14, 126, 126n203
2.2-4 – 205	<i>FGrHist</i> 128 F 8 – 126n203
<i>Vida de Nícias</i> – 137n225	Pompeu Trogo - 14
11.3 – 137n225	<i>Histórias de Filipe</i> - 14
<i>Vida de Numa</i>	Prandi, L. – 84n108
18 – 305n330	Pranico (cf. Piérion) – 132
<i>Vida de Otão</i> - 175	Pótamon de Lesbos – 148,
<i>Vida de Péricles</i>	148n251

- Psámon – 35, 99
- Pseudo-Calístenes - 95n127, 97n136
- Vida e feitos de Alexandre da Macedónia* - 95n127
- 1.30-31 - 97n136
- 1.31-32 - 95n127
- 1.32 - 96n133
- 3.35 - 95n127
- Ptolemeu – 14, 67, 67n55, 75n85, 115, 115n178, 126, 126n203
- FGrHist* 138 F 28a – 126n203
- História de Alexandre* – 67n55
- Quinto Cúrcio Rufo - 14
- História de Alexandre Magno* - 14
- 4.8.1 - 97n136
- 4.8.1-2 - 95n127
- 4.8.6 – 96n133
- 10.4 – 166n301
- Rocha Pereira, M. H. – 56n22
- Salústio
- A conjura de Catilina*
- 49.1 – 228n38
- 51 – 229n44
- 52 – 229n45
- Scanlan, T. M. – 207n76
- Scott-Kilvert, I. – 65n46
- Sócrates - 63n36, 153
- Sófocles – 61, 63
- Antígona*
- 666-667 – 135n218
- Édipo em Colono*
- 1380-1382 – 136n219
- Fr. 785N² - 61n28
- Édipo Rei*
- 981-982 – 195n45
- Sólon - 36
- Stadter, Ph. – 17n3
- Suetónio – 174-181, 193-195, 197, 197n52, 198, 198n54, 199, 201, 202, 204, 205, 206, 206n72, 206n73, 207, 208, 209, 210, 212n89, 219 n2
- Augusto* – 177
- 26.1 – 264n168
- 45.1 – 311n362
- Júlio César* – 176, 177
- 1.1 – 219n3 e 4, 220n7
- 1.3 – 220n8
- 2 – 202, 220n9
- 4.1 – 220n11, 221n12, 222n13, 223n18
- 6.1 – 224n23
- 7.1-2 – 193, 234n62
- 7.2 – 269n188
- 8 – 262-262n161
- 11 – 226n31
- 13 – 227n36
- 14 – 229n44
- 15-16 – 230n51
- 17.2-3 – 201n62
- 18.1 – 178, 235n65
- 19.2 – 187 n31
- 25 – 178
- 26.1 – 262n158
- 28.2 – 262n159
- 28.3 – 262n158

29.1 – 264n168	52 – 203n66
29.2 – 264n169, 266n177	52.1 – 202, 292n267
30 – 286n240	52.2 – 292n266
31.1 – 266n177, 267n182	52.3 – 202
31.2 – 268n184	53 – 176
32 – 269n185 e 186	54 – 176
33 – 198	54.1 – 211n85
34-36 – 178	54.2 – 289n257
34.2 – 274n207	55 – 177, 222n15
36 – 277n220, 300n302	55.1 – 180
37 – 298n294	55-56 – 176
37.2 – 293n273	57-70 – 176, 180
39.4 – 298n296	59 – 295n284
40 – 305n331	59.1 – 208n78
41.2 – 302n319	63 – 288n247
41.3 – 299n293	64 – 291n262
42.2 – 279n224	69 – 275n210
44 – 204, 303n323	70 – 293n277
44.3 – 303n327	72 – 176
44.4 – 176	73 – 176
45 – 206n73	74 – 176
45.1-2 – 176	74.2 – 233n59
45.2-3 – 180	74.4 – 222n13
45.3 – 176	75 – 177
46 – 176	75.1 – 211n85
47 – 176	75.3 – 297n289
48 – 176	75.4 – 302n315
49 – 176	76.1 – 199n58, 211n85, 301n312, 307n341
49.1 – 202	77 – 211n85
49-52 – 181	78.1 – 306n335 e 338
50.1 – 202	79 – 212n89
50-52 – 176	79.1 – 201, 308n346 e 347
51 – 202	

- 79.2 – 211n85, 306n334, 308n345
 Tito Lívio – 311 e 311n366
 22.31.8 – 275n212
- 79.3 – 305n332, 312n370
 27.5.16 – 275n212
- 81 – 310n357
 Townend, G. B. – 198n54,
 269n186
- 81.2 – 310n359 e 360
 Valério Máximo – 162n289
- 81.3 – 311n364
 1.4.7 – 162n289
- 81.4 – 208, 310n359, 311n367
 8.11.2 – 310n360
- 82.2 – 314n377
 Van der Stockt, L. – 84n108
- 82.3 – 315n379 e 380
 Veleio Patérculo
- 82.3 – 207
 2.42.3 – 220n11
- 82.4 – 316n383
 2.43.1 – 220n7
- 83.2 – 312n369, 317n391
 2.43.4 – 226n31
- 84.2 – 318n393
 2.49.3-4 – 266n177
- 85 – 209n82, 318n394
 2.49.4 – 269n187
- 86 – 302n317
 2.52.2 – 280n226
- 87 – 302n317, 311n363
 2.56.1 – 299n297
- 87.1 – 205
 Virgílio
- 88 – 319n399
Bucólicas
- 89 – 210n84, 319n398
 IV - 268n183
- Nero*
Geórgicas
 2.3 – 272n197
 1.466-468 – 320n400
- Tácito
 Vitruvius – 162n289
- Anais*
 II Pref. 1 – 162n289
- 13.3 - 133 n1
 II Pref. 4 – 162n289
- Tagliasachi, A. M. – 176n6,
 Xenócrates de Calcedónia – 35,
 64, 64n38
- Telestes de Selinunte – 63, 63n36
 Xenofonte – 62n34, 75n84
- Sobre os auletas* - 63n36
Ciropedia – 62n34, 75n84
- Sobre os poetas trágicos* - 63n36
- Teodectes de Fasélis – 35, 80-81
 Whitmarsh, T. – 27n8, 54n13,
 57n25, 151n258
- Teofrasto – 57, 57nn24-25
 Ziegler, K. – 219n1,
- Carateres* – 57n25
- Teopompo – 52n4

ÍNDICE TEMÁTICO

- Alexandre
Armas e traje – 17n3, 21, 77-78, 82, 107-108, 124-125, 134
Ascendente mítico – 16, 16-17nn2-3, 17-19, 22, 33n9, 52, 52nn4-5, 99-100, 108, 133
Bárbaros – 15, 18, 27, 28, 40, 43, 44, 64, 67, 68, 69, 78, 79, 81, 84, 85, 92, 93, 99, 105, 108, 111, 115, 116n181, 124-125, 127, 128, 133, 134, 138, 138n229, 141, 145, 150, 164, 221, 242, 246, 248, 250, 252, 257, 258, 298, 300
Campanhas – 20-21, 26, 34-47, 55, 64, 69-71, 74-82, 84-85, 92-94, 104-110, 121n194, 123-124, 127-128, 142-150
Cavalos – 24, 46, 59-60, 78, 108, 124, 147-148
Companheiros – 17n3, 20-21, 23, 27-31, 37-38, 44-45, 62, 67n52, 75, 75nn85-86, 76, 78n94, 79n96, 83, 91, 93, 101, 104, 105, 112n167, 114, 115, 117-121, 123, 127-142, 145, 147, 149, 154-155, 158, 161, 167
Correspondência – 13, 62, 80, 83, 85, 88, 99-110, 100n141, 101, 116, 117-121, 126, 127, 140, 142, 145, 147, 159n282, 168
Educação e cultura – 23, 31-36, 58, 60-64, 101, 155, 161
Elementos de maravilhoso – 15, 16n2, 17, 18, 37, 39-41, 45, 52-55, 74, 80, 82, 92-94, 96-98, 104, 105, 108, 113, 120, 132, 135, 142, 150, 163, 164, 165
Fontes – 14
Fundador de cidades – 34, 36, 40, 59n27, 64, 64n41, 95-97, 148, 162n290
Matrimónios – 25, 44, 47, 86-87, 127, 127n205, 158-159
Morte – 16n2, 19, 22, 34, 35
César
Ambição (*philotimia*) – 174, 181-182, 183, 184, 188, 190, 193, 194, 196, 199, 200, 201, 203-205, 212, 222, 224n21, 226, 226n32, 227, 234n62, 243, 247n111, 265n170, 271n193, 297, 309, 312n371
Alianças – 187-189, 236, 236-237n67 e 70, 252n123, 263
Alimentação – 176, 212n89, 244n99, 280
Armas – 173, 177, 182, 186, 187, 190-192, 197n49, 205, 206, 222, 222n15, 238, 239, 241, 242, 249,

- 256, 259, 260, 260n154,
264, 264n168, 265, 267,
268n184, 273, 279, 282,
299
- Campanhas – 178, 179,
235, 240, 242, 244,
247, 249, 251n122, 252,
253, 256n141, 260n154,
264, 274, 274n208, 276,
292n268, 294, 299,
303n326
- Caráter (*ethos*)– 174, 177, 181,
181n16, 194, 205, 206,
209, 211, 212, 224
- Comandante – 179, 182, 190,
196-197, 240, 248; relação
com os soldados – 175,
178, 179, 182, 186, 190,
235, 242-243, 246n108,
247n111, 264, 276-277,
278, 279, 281n228, 282,
284-285, 293-294, 298
- Educação e cultura – 190n37,
195n45, 205, 235n62;
oratória – 177, 182, 190,
196, 205, 222, 222n14,
267n180, 268n185
- Morte – 174, 176n7, 177n8, 187,
200, 204, 205-212, 220,
301n312, 302, 302n318,
305, 307n341, 310-315,
315n378 e 379
- Orientação política – 173, 176,
177, 181, 182, 182-187,
190, 199, 222-227, 228,
234, 237-240, 247n111,
249, 261, 264, 288n253,
292n265, 297
- Retrato físico e traje – 176,
176n7, 180, 180n15,
181n16, 190, 243n97,
244n97
- Tiranía – 181n16, 182, 183,
186, 199-202, 202, 211,
212, 212n89, 224, 226,
265, 271, 301, 312,
- Vida amorosa e sexual – 174n2,
176, 181, 202-203, 203n67,
220n9, 289, 303n322
- Domínio do mundo – 39, 81,
99n140, 127, 135, 160,
165n298, 178, 193-195,
194n43, 211, 233-234, 253-
254
- Gênero biográfico – 14, 15, 31, 51,
51n2, 174-181, 195, 211, 243,
243n97
- Império – 15, 21, 28, 36, 39, 43,
47, 63n35, 80, 87n111, 110,
113n168, 115n178, 143n238,
157, 158n281, 168n309, 204,
231n53, 269n189, 303-304;
- Império Romano – 176, 211

VOLUMES PUBLICADOS NA COLEÇÃO AUTORES
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).

21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
29. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IX*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
30. Reina Marisol Troca Pereira: *Hiérocles e Filágrio. Philogelos (O Gracejador)*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
31. J. A. Segurado e Campos: *Iseu. Discursos. VI. A herança de Filoctémon*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
32. Nelson Henrique da Silva Ferreira: *Aesopica: a fábula esópica e a tradição fabular grega*. Estudo, tradução do grego e notas. (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

33. Carlos A. Martins de Jesus: *Baquíledes. Odes e Fragmentos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
34. Alessandra Jonas Neves de Oliveira: *Eurípides. Helena*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
35. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. Rãs*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
36. Nuno Simões Rodrigues: *Eurípides. Ifigénia entre os tauros*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
37. Aldo Dinucci & Alfredo Julien: *Epicteto. Encheiridion*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
38. Maria de Fátima Silva: *Teofrasto. Caracteres*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
39. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. O Dinheiro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
40. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega, Epigramas Ecífrásticos (Livros II e III)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
41. Reina Marisol Troca Pereira: *Parténio. Sofrimentos de Amor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).

42. Marta Várzeas: *Dionísio Longino. Do Sublime*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
43. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. A Musa dos Rapazes (livro XII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
44. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. Apêndice de Planudes (livro XVI)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
45. Ana Maria César Pompeu, Maria Aparecida de Oliveira Silva & Maria de Fátima Silva: *Plutarco. Epítome da Comparação de Aristófanes e Menandro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
46. Reina Marisol Troca Pereira: *Antonino Liberal. Metamorfoses (Μεταμορφώσεων Συναγωγή)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
47. Renan Marques Liparotti: *Plutarco. A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
48. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas Vários (livros IV, XIII, XIV, XV)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
49. Maria de Fátima Silva: *Cáriton. Quéreas e Calírroe*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).

50. Ana Alexandra Alves de Sousa (coord.): *Juramento. Dos fetos de oito meses. Das mulheres inférteis. Das doenças das jovens. Da superfetação. Da fetotomia*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).
51. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas de autores cristãos (livros I e VIII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).
52. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas eróticos (Livro V)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).
53. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas votivos e morais (livros VI e X)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).
55. Maria de Fátima Silva: *Pseudo-Eurípides. Reso*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).
55. Maria de Fátima Silva: *Pseudo-Eurípides. Reso*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).
56. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epitáfios (livro VII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019).
57. Maria de Fátima Silva & José Luís Brandão: *Plutarco. Vidas Paralelas – Alexandre e César*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019).

Alexandre da Macedónia merece a Plutarco a atenção devida a um génio da arte militar e da diplomacia na consolidação do poder. Num trajeto de vida que pouco ultrapassou os 30 anos, o jovem rei macedónio alterou o mapa político e cultural da época: colocou território europeu, africano e asiático sob a sua autoridade, promoveu uma globalização intercultural de modo a unificar um xadrez de povos dentro das fronteiras de um enorme império, deslocou o centro intelectual do mundo, de Atenas, para outras cidades do Oriente. Não sem que uma ambição crescente e desmesurada tivesse vindo, por fim, pôr em causa o sucesso de um projeto e a própria vida do seu autor.

Ao emparelhar César com Alexandre, Plutarco põe em relevo a fama de grande conquistador, o aspeto da personalidade que o biógrafo mais admira neste estadista romano. Mas a ambição (*philotimia*) que reiteradamente move César representa o lado negro que o conduzirá à morte, antes que ele possa colher os frutos do seu afã. Embora não transforme cabalmente César num tirano cruel (que ele não foi), esta *Vida* ilustra, contudo, uma crítica à ambição exacerbada e irracional de poder.

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

